UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

A TRADIÇÃO TUPIGUARANI NA PORÇÃO CENTRAL DA PLANÍCIE COSTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

MARLON BORGES PESTANA

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz

Dissertação apresentada como requisito parcial e último para obtenção do grau de Mestre em História na área de Estudos Históricos Latino-Americanos

São Leopoldo, março de 2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

SUMÁRIO

Resumo 04

Introdução 05

Parte I - DO HISTÓRICO DA PESQUISA, MÉTODO E AMBIENTE

Capítulo I. Histórico e metodologia de pesquisa 08

Capítulo II. Do ambiente da Planície Costeira Central em que estão inseridos os sítios da Tradição Tupiguarani 18

Parte II - DOS SÍTIOS DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI

Capítulo III. Os sítios que parecem aldeias 27

Capítulo IV. Os sítios isolados puros 41

Capítulo VI. Os sítios híbridos 73

Parte III - DA ANÁLISE DO MATERIAL

Capítulo VII. O material arqueológico 89

Capítulo VIII. As práticas funerárias 112

Capítulo IX. Comparando os sítios 127

CONCLUSÃO

O povoamento pré-histórico da área 135

Referências Bibliográficas 147

RESUMO

A posição geográfica da Planície Costeira Central é dos 30º 15' aos 32º 15' e 50º 15' a 52º 05', de formação Quaternária, solo arenoso, vegetação rasteira sobre dunas e matas litorâneas, hidrografia composta de lagoas, laguna e arroios.

Os sítios arqueológicos da tradição cerâmica Tupiguarani encontram-se, na sua maioria, erodidos sobre dunas (31), bem como nos "cerritos" (01), sambaquis marinhos (03) e lacustres (04), além dos de campo aberto (09) (Mentz Ribeiro, 1994-1998). Ao estabelecermos um quadro comparativo, obtivemos os seguintes resultados: 1. O material encontrado na planície costeira central assemelha-se nas técnicas de confecção ao material encontrado no restante do Estado do Rio Grande do Sul, o material cerâmico tem como características principais a decoração predominante do corrugado. Além destes aspectos, existe a ocorrência de fragmentos com pintura interna, externa e em ambas as faces, predominando o vermelho sobre branco; outros tipos de decoração: raspada, riscada, impressão de cestaria, escovada, simples e técnicas associadas; tem como aspectos gerais o antiplástico fino e médio; técnica de manufatura acordelada (positivo e negativo facilmente identificáveis); a forma predominante das vasilhas é a esferóide (alguns casos ovóides); o contorno predominante é o simples (ocorrem em menor número o inflectido e composto). 2. Entre o material cerâmico ocorrem afiadores-em-canaleta em cerâmica devido à escassez de matéria-prima lítica na região; fragmentos de cachimbo (fornilho e angular de porta-boquilha). O material lítico é representado pelas lâminas de machado petalóides, adorno peitoral (placa), lascas e núcleos de calcedônia. O material ósseo encontrado são contas-de-colar, pingente (dente perfurado), pontas de osso e restos faunísticos. O material conchífero apresenta apenas contas-de-colar. 3. Foram localizados sítios com sepultamentos na região (04 sítios), em urnas funerárias (principalmente pintadas); em duas urnas corrugada-ungulada, e um enterramento secundário apenas do crânio, também em uma urna pintada externamente de vermelho sobre branco.

Em recente estudo construíram-se três fases para a região, dentro da sub-tradição Corrugada, tradição Tupiguarani, são elas Capivaras, Caporoca e Bacopari. Foi identificado um núcleo de povoamento ao redor da lagoa do Peixe, indicando um sistema complexo de instalação das aldeias que se estende da vila de Bojuru até o limite norte do município de Mostardas. A datação relativa (seriação), a partir do elemento mais recente (decoração escovada) indica uma ocupação entre o ano 800 de nossa era até 200 A.P.

Palavras-chave: Arqueologia, Tupiguarani, povoamento, planície costeira central.

INTRODUÇÃO

A pesquisa apresenta o resultado dos estudos de sítios arqueológicos da tradição Tupiguarani localizados na planície costeira central do Rio Grande do Sul. Estes foram cadastrados e registrados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional pelo Prof. Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro, entre maio de 1994 e novembro de 2001. Além do registro, os sítios são visitados periodicamente pelos pesquisadores interessados na região. A destruição dos sítios foi intensificada de 2000 a 2006. A instalação de empresas interessadas na plantação desenfreada de pinus e eucaliptos são, em parte, responsáveis pela destruição do patrimônio pré-colonial. Aproximadamente 35,0% dos sítios descritos no presente estudo não existem mais. Alguns sítios estão fora das áreas de risco, como aqueles que se localizam no Parque Nacional da Lagoa do Peixe – PARNA (onde, mesmo assim, existem plantações de pinus), outros já foram totalmente destruídos e ainda são constantemente ameaçados por jipeiros e motoqueiros que se aventuram nas dunas.

Algumas informações foram extraídas do caderno de catálogo, das fichas de sítios arqueológicos da planície costeira central, pertencentes ao LEPAN[1] e do Diário de Campo do Prof. Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro[2].

Vários elementos contribuíram para que o tema fosse escolhido e que o texto fosse concluído. Entre eles a necessidade de deixar registrada uma História do Povoamento das Populações Indígenas Pré-Coloniais na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul. Por isso, nesta Dissertação, reunimos os dados pertinentes ao tema e ao estudo daquela área. Apresentamos as informações com enfoque histórico-cultural que nos possibilite entender os processos de ocupação do grupo da tradição cerâmica Tupiguarani.

O objetivo do trabalho é compreender o processo de instalação desse grupo em ambiente delimitado, isolado e periférico, na planície costeira central, com escassas matas de restinga e nenhum rio de tamanho significativo. Nas diversas formas de manifestação cultural, foi na instalação das aldeias e na constituição do material arqueológico, que encontramos elementos significativos para desvelar o antigo modo de vida, revelando como os portadores da tradição Tupiguarani teriam povoado a área.

O texto foi dividido em três partes, a primeira referente ao Histórico, Método da Pesquisa e ao Ambiente; a segunda parte é exclusiva da descrição dos sítios da tradição Tupiguarani**,** onde caracterizamos e descrevemos os sítios, separando-os nas seguintes categorias empíricas: os que parecem aldeias, isolados puros, reocupados e híbridos; a terceira parte diz respeito à análise do material arqueológico.

Na Parte I, Capítulo I, explicamos a trajetória e o método da pesquisa, narrando os eventos relacionados com a coleta de dados: o trabalho de campo, de laboratório e de gabinete. É nessa primeira parte que descrevemos os antecedentes da pesquisa na região, comentando brevemente as pesquisas realizadas anteriormente e, também, nas áreas adjacentes: planície litorânea norte e sul. Procuramos definir os conceitos usados tais como "bloco testemunho", "corte experimental", etc. Aproveitamos este capítulo para expor nosso enfoque histórico-cultural, através de citações e referências bibliográficas. No texto delimitamos o recorte espacial de estudo, identificando detalhadamente quais sítios foram pesquisados e usados no texto dissertativo.

O Capítulo II é referente ao cenário e paisagem que os horticultores da tradição Tupiguarani teriam encontrado, isto é, a inserção e a relação dos sítios arqueológicos com o ambiente. Concentramos as descrições geográficas na área de interesse, isto é, os arredores da Lagoa do Peixe e espaços contíguos. Com este objetivo, procuramos destacar fatores da hidrografia, do clima, da flora e da fauna mais representativa e que justificasse, de uma forma ou outra, a concentração dos grupos horticultores pré-coloniais naquele território. Neste capítulo indicamos áreas prováveis de unidades de captação de recursos orgânicos e inorgânicos.

A Parte II é correspondente aos sítios arqueológicos, que foram descritos separadamente e classificados de acordo com a tipologia do material e morfologia. Associamos à descrição dos sítios a análise do material, principalmente aos resultados da observação e da pesquisa. Os sítios foram classificados por tipos e assim estão separados no texto: Capítulo III - os que parecem aldeias, Capítulo IV - isolados puros, Capítulo V -reocupados e Capítulo VI - híbridos. Junto a cada sítio descrito encontra-se uma tabela com a quantificação do material arqueológico.

Na Parte III, o Capítulo VII, é exclusivamente dedicado aos resultados do estudo do material arqueológico. Descrevemos os aspectos gerais da cerâmica, indicando quantidades e porcentagens e correlacionando-as com as formas e os tipos de vasilhas encontradas. Inicialmente observamos o material arqueológico nos diferentes tipos de sítios e, posteriormente, analisamos a relação de alguns aspectos da

---

[1] Os pesquisadores responsáveis pelos registros foram: Pedro Augusto Mentz Ribeiro; Eunice Helena Gomes Menestrino; Catharina Torrano Ribeiro; Flávio Ricci Calippo; Inês Ferreira; Vladimir Terra Rosa, Dejair Nunes e Marlon Borges Pestana, todos da equipe do LEPAN.

[2] MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo: 1994 a 2001.

cerâmica com a nossa proposta de classificação. Neste capítulo estão os desenhos das formas e da decoração das vasilhas, as fotos, as tabelas e os gráficos representativos do material arqueológico na porção central da planície costeira.

No Capítulo VIII descrevemos as práticas funerárias daqueles grupos horticultores, indicando com detalhe a situação das evidências encontradas *in situ*. A importância deste capítulo encontra-se na descrição de formas regionais de sepultar os mortos, que eram desconhecidas da Arqueologia sul-rio-grandense e brasileira. Existem também fotos das escavações, mapas e tabelas.

O Capítulo IX apresenta a seriação do material cerâmico segundo o Método Ford, que nos proporcionou uma datação relativa e resultou em três séries: Capororoca, Capivaras e Bacopari. Neste exercício estatístico observamos, além de alguns aspectos fundamentais da cultura, os deslocamentos migratórios relacionados a cada série, permitindo entender o tipo de instalação das aldeias e a lógica de povoamento da tradição Tupiguarani na área. O capítulo possui mapas indicando os sítios arqueológicos, que são fundamentais para a compreensão do sistema de assentamento, acompanhados dos gráficos da seriação e dos respectivos desenhos dos supostos movimentos migratórios. No final comparamos os nossos resultados com aqueles do vale do rio Pardo e do Médio e Alto Jacuí, onde a instalação Tupiguarani parece mais típica.

Na conclusão reunimos os dados estruturados para narrar parte do Povoamento pré-colonial da área. Inicialmente, comentando a situação dos que chegaram primeiro na região (tradição Umbu e Vieira) e, em outra parte, dividindo o território em três diferentes áreas de domínio paleo-étnico: Área I (presença de sítios Umbu, Vieira e Tupiguarani), Área II (sítios Tupiguarani) e Área III (presença de sítios Umbu, Vieira e Tupiguarani). Por fim procuramos agrupar os resultados e contribuir com algumas informações específicas e particularidades regionais da tradição Tupiguarani no Rio Grande do Sul.

Alcançamos algumas conclusões que nos permitem resolver o problema proposto.

A composição e proximidade de variados ecossistemas permitiu a instalação de um grupo horticultor. Encontramos abundantes vestígios da tradição Tupiguarani neste lugar. Nas zonas de campo e banhado da periferia as evidências desta tradição são bastante raras ou inexistentes.

Em termos de faixa costeira, isto é, zona de praia e restinga, acreditamos que foi no litoral centro e no estuário da Lagoa dos Patos que a tradição Tupiguarani encontrou sua fronteira ambiental. Os campos de dunas, bem como as plataformas geológicas, são espaços bastante específicos, onde ocorrem caça e pesca diversificadas o que propiciaria a instalação de bandos de caçadores e pescadores especializados, impedindo o avanço de grupos da tradição Tupiguarani.

Foi possível observar especificamente, de acordo com a organização das lentes de ocupação, o processo e o sistema de assentamento, bem como o modo de instalação das aldeias e assentamentos periféricos. Conseguimos entender que a aldeia típica ocuparia uma linha na encosta oeste das dunas, acompanhando o paralelismo da geografia. Foi possível identificar o movimento das aldeias ao redor da Lagoa do Peixe, que passou a ser entendida como um núcleo de povoamento dos portadores da tradição Tupiguarani.

Neste espaço delimitado e isolado entre o Oceano, a Lagoa dos Patos e grandes banhados, contando com mais de cinqüenta sítios estudados, identificamos o que seria um típico *tekohá*.

A seriação nos forneceu elementos que nos permitiram reconstituir os movimentos migratórios e parte da História do Povoamento Pré-Colonial da planície costeira do Rio Grande do Sul. Com isso nos aproximamos do problema que originalmente gostaríamos de resolver: como se deu o Povoamento da tradição Tupiguarani na restinga da Lagoa dos Patos.

O nosso objetivo incluiu também identificar as relações de territorialidade dos horticultores da tradição Tupiguarani. As influências em diferentes direções, isto é, a existência de fronteiras ao sul e ao norte, no anel periférico, onde aparece um significativo número de sítios da tradição Vieira, contendo cerâmica com características híbridas (Tupiguarani + Vieira).

Hipoteticamente poderíamos dizer que o povoamento teria começado no século X de nossa era, atingido o *clímax* durante os séculos XIV e XVI e conhecido seus últimos anos por volta do final do século XVIII. Mas infelizmente não temos datas absolutas para testar esta hipótese.

Os campos estavam próximos e cada vez mais constantes e, com eles, aumentava a presença dos bandos de caçadores, impedindo o avanço das tribos portadoras da tradição Tupiguarani, que teriam encontrado na planície costeira central uma fronteira étnica e ecológica, não conseguindo ocupar a área seguinte, os campos e banhados abaixo do Taim, litoral sul do Rio Grande do Sul.

O modelo de ocupação e o núcleo de povoamento da porção central da planície costeira são diferentes dos modelos das regiões centrais do Estado, não no que diz respeito ao conteúdo cultural dos sítios, mas ao comportamento dos grupos com relação à estrutura física e geográfica da planície sedimentar de origem quaternária. A falta de rochas talháveis e de estruturas montanhosas fez que os portadores da tradição cerâmica Tupiguarani se adaptassem a um sistema vivo de sedimentos, organizando suas habitações na linha

das dunas pleistocênicas. A abundância de lagoas, a presença do mar e uma mastofauna variada de pequeno e médio porte teriam influenciado diretamente na confecção e no tamanho das vasilhas, reflexo também dos tipos de assentamento e da estrutura social do grupo, bem como do contingente demográfico reduzido.

PARTE I - DO HISTÓRICO DA PESQUISA, MÉTODO E AMBIENTE

Capítulo I. HISTÓRICO E METODOLOGIA DE PESQUISA

Para estudar o litoral central foram feitos o levantamento bibliográfico, localização, estudos de sítios e análise do material com fins de Dissertação.

O histórico da pesquisa estende-se de novembro de 1994 a abril de 2004. No período de 10 anos foram registrados, localizados e estudados 64 sítios, mais da metade deles pertencentes à tradição Tupiguarani. O trabalho de campo contou com a ajuda de estudantes dos cursos de História, Biologia e Oceanologia da FURG.

Breve revisão das pesquisas arqueológicas realizadas na planície litorânea do Rio Grande do Sul

Litoral Norte

Dentre os trabalhos mais significativos sobre tradição Tupiguarani no litoral Norte destacam-se os de Eurico Miller[3], Jussara Ferrari[4] e, mais recentemente, Gustavo Wagner[5]. Houve outras pesquisas nesta porção do litoral, principalmente com o objetivo de localizar e registrar os sítios. Neste sentido destacaram-se Schmitz, Mentz Ribeiro, Kern[6] e outros.

As atividades de pesquisa revelaram que, na região, os sambaquis existem em maior número e são relativamente maiores. Aparentemente, a tradição Taquara visitava o litoral no verão interagindo com a tradição Tupiguarani naquele espaço, resultando significativa quantidade de sítios com elementos das duas tradições[7].

Litoral Centro

Na porção central da planície costeira foram realizados trabalhos sistemáticos nas regiões de Bojuru e Estreito, coordenados pelo Prof. Guilherme Naue (Irmão Valeriano), que através do colégio marista São Francisco, Rio Grande, conseguiu levantar um número significativo de sítios. As informações reunidas pelo Prof. Guilherme Naue na década de 1970 e 1980 foram repassadas ao Prof. Pedro Augusto Mentz Ribeiro, do Laboratório de Arqueologia da Fundação Universidade Federal do Rio Grande e estão sendo utilizadas pela primeira vez nesta Dissertação.

Posteriormente começaram as atividades coordenadas pelo professor responsável pelo laboratório de Arqueologia da FURG, resultando no até então único artigo[8] de pesquisa arqueológica entre os municípios de Mostradas e São José do Norte. A última publicação sobre a planície costeira central, particularmente a porção norte da restinga (Palmares do Sul, Capivari), foi editada por Schmitz[9] (Coord.) como resultado das pesquisas realizadas no Balneário Quintão e arredores.

Litoral Sul

Na porção meridional da costa sul-rio-grandense destacam-se os trabalhos de Schmitz[10] e Osvaldo André de Oliveira. Foram localizados, registrados e pesquisados os sítios, reunindo dados, com colaboradores como Sara Donato, Sílvio Marchiori e Emígdio P. Martino. As pesquisas de Osvaldo de Oliveira estão começando a serem publicadas. Foram realizadas pesquisas no Saco da Mangueira[11], Reserva Ecológica do Taim, Lagoa do Nicola, Lagoa Caiubá, Lagoa das Flores e Lagoa do Jacaré, todas regiões pertencentes a Rio Grande; as pesquisas foram efetuadas por Mentz Ribeiro[12] e Érico Brasil Ferreira Costa[13]. Ocorreram também estudos efetuados pelo Prof. Guilherme Naue e Naue & outros[14], estes trabalhos tiveram a finalidade de localizar e estudar os sítios arqueológicos no estuário da Lagoa dos Patos. São fundamentais para o entendimento desta Dissertação, pois muitos daqueles sítios mapeados não existem mais, principalmente os sítios erodidos sobre dunas.

---

[3] MILLER, 1967.
[4] FERRARI, 1985.
[5] WAGNER, 2004.
[6] KERN, 1970.
[7] ROGGE, 2005.
[8] MENTZ RIBEIRO & CALIPPO, 2000.
[9] SCHMITZ, 2006.
[10] SCHMITZ, GIRELLI & ROSA, 1997; SCHMITZ, 1976; SCHMITZ & BASILE BECKER, 1970; SCHMITZ, NAUE & BASILE BECKER, 1991.
[11] MENTZ RIBEIRO, 2001.
[12] MENTZ RIBEIRO & VANZ, 1999. MENTZ RIBEIRO, 2001.
[13] FERREIRA COSTA, 1997.
[14] NAUE, 1973. NAUE, SCHMITZ & BASILE BECKER, 1968; NAUE, *et al.*, 1971.

Os sítios arqueológicos na planície costeira central do Rio Grande do Sul

Os sítios podem sem divididos em assentamentos com cerâmica Tupiguarani e sítios sem esta cerâmica.

A maioria dos sítios arqueológicos com cerâmica Tupiguarani localiza-se sobre a Barreira III, limite com a IV, onde o solo é apropriado para o plantio de espécies do seco, tais como a mandioca e o milho; oscilam entre 2,0 e 6,0km de distância do oceano Atlântico.

Alguns sítios formam grupos de lentes de ocupação sugerindo aldeias, outras vezes estão isolados; outros apresentam também elementos estranhos à tradição Tupiguarani e alguns representam reocupações. A ocupação se estende de São Simão, Mostardas, até a cidade de São José do Norte, mais precisamente nas dunas que acompanham o mar. As lentes de ocupação tomam formas distintas pela ação erosiva do vento, da chuva e dos animais. Os sítios da tradição Tupiguarani na cidade do Rio Grande ocorrem nos territórios ao redor do estuário da Lagoa dos Patos e da Barra, todavia à medida que a planície escorre ao sul, em direção ao município de Santa Vitória do Palmar, os sítios vão escasseando, tornando-se mais raros ou inexistentes[15]. Os sítios Tupiguarani mais meridionais são encontrados nas margens da Lagoa Caiubá, Taim e representam pequenas aldeias. Em Santa Vitória do Palmar, em pesquisa publicada, não há evidências significativas de sítios Tupiguarani[16]. A proliferação dos campos e banhados a ausência de qualquer espécie de mata no extremo sul, formam uma paisagem favorável às tradições Umbu e Vieira. Provavelmente, a densidade de grupos étnicos portadores destas tradições tenha sido maior que a dos portadores da tradição Tupiguarani, evitando e impedindo, assim, as migrações para aquele espaço.

Na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul, os fenômenos mais característicos são assentamentos de instalação das aldeias ao redor das lagoas; são raros os assentamentos marinhos; são comuns ainda os sítios de pesca lacustre na foz da Lagoa dos Patos. Estes assentamentos tendem a ocupar a porção intermediária, entre as duas plataformas geológicas da região, ou seja, a holocênica e a pleistocênica. Esta zona, formada por campos na plataforma superior e banhados na inferior, é mais vegetada e arbórea (mata de restinga) sobre as dunas consolidadas do Pleistoceno. As lagoas em linha estão entre o mar e o limite da Barreira III, próximas aos sítios.

RS-LC:	Nome do sítio	Posição Geológica	Localidade	Tipo de sítio
01	Aldeia Nossa Senhora da conceição do Estreito	Barreira III	Estreito SJN	Histórico
03	Capivaras I	Limite da Barreira III/IV	Capivaras SJN	TG* + VI***
04	Capivaras II	Barreira III	Capivaras SJN	TG + VI
05	Mário Boeira Martins	Barreira III	Praia de Bacopari SJN	TG
07	Capivaras III	Barreira III	Capivaras SJN	TG
08	Passinhos I	Barreira III	Passinhos SJN	TG + UM**
09	Manoel Mariano Machado	Plataforma da Barreira III	Capão Comprido Tavares	TG (Cemitério)
11	Sambaqui Chico Bóis "A"	Barreira IV	Pontal do Cristóvão Pereira Mostardas	TG + VI
12	Chico Bóis	Barreira IV	Pontal do Cristóvão Pereira Mostardas	TG + VI
14	Capão da Marca "A"	Barreira IV	Capão da Marca Tavares	TG + VI
18	José Rosa da Silva	Barreira III	Guarita Tavares	TG
24	Sermi Machado Miguel	Barreira IV	Curral Velho SJN	TG + VI
26	Romeu Antonio da Costa	Barreira IV	Curral Velho SJN	TG
27	Dilmo Martins / José Érico Weber	Limite da Barreira III/IV	Capão da Areia SJN	TG
28	Dilmo Martins	Barreira IV	Capão da Areia SJN	TG + UM
29	Antenor Paiva	Barreira III	Capivaras SJN	TG
30	Areias Gordas "A"	Barreira III	Capivaras SJN	TG
31	Barranco "A"	Limite da Barreira III/IV	Bojuru SJN	TG

[15] Osvaldo André de Oliveira (Comunicação Pessoal).
[16] SCHMITZ, GIRELLI & ROSA, 1997.

32	Barranco “B”	Limite da Barreira III/IV	Bojuru SJN	TG
33	Barranco “C”	Limite da Barreira III/IV	Bojuru SJN	TG + VI
34	Barranco “D”	Limite da Barreira III/IV	Bojuru SJN	TG
35	Barranco “E”	Limite da Barreira III/IV	Bojuru SJN	TG
36	Barranco “F”	Limite da Barreira III/IV	Bojuru SJN	TG + Histórico
37	Bojuru Velho “A”	Barreira IV	Bojuru SJN	TG
38	Bojuru Velho “B”	Barreira IV	Bojuru SJN	TG
40	Passinho II “A” e “B”	Plataforma da Barreira III	Passinho SJN	TG
41	Passinho III	Plataforma da Barreira III	Passinho SJN	TG + UM
43	Ildefonso Braga “A”	Barreira III	Mostardas	TG + UM + Histórico
44	Ildefonso Braga “B”	Limite das Barreiras III/IV	Mostardas	TG
45	Lino Azevedo Pires de Lima	Plataforma da Barreira III	Costa de Cima Tavares	TG
49	Bacopari I	Barreira III	Bacopari Mostardas	TG
51	João Emílio V. de Souza	Barreira IV	Aguapé Mostardas	TG + VI + Histórico
52	Carambola	Barreira III	PARNA Mostardas	TG + Histórico
53	Parna I	Barreira III	PARNA Mostardas	TG
54	Parna II	Barreira III	PARNA Mostardas	TG
55	A. Adolfo de Araújo “A”	Barreira III	PARNA Mostardas	TG
56	Estevaldino Rodrigues	Barreira III	Capão Comprido Tavares	TG
57	Sidnei da Silva Machado	Plataforma da Barreira III	Capão Comprido Tavares	TG + UM
58	Levi Faria dos Santos	Barreira III	Capão Comprido Tavares	TG
59	Sambaqui Capão da Areia	Barreira IV	Capão da Areia SJN	TG + VI
60	Capororoca II	Barreira III	Capororoca Tavares	TG
61	Parna III	Barreira III	PARNA Mostardas	TG
62	Capororoca I	Limites das Barreiras III/IV	PARNA Mostardas	TG
63	Parna V	Barreira III	PARNA Tavares	TG
64	Estevaldino Luis Rodrigues II	Barreira III	Capão Comprido Tavares	TG
65	Napoleão Araújo Brum	Barreira III	Capão Comprido Tavares	TG +VI
66	Parna V	Barreira III	PARNA Tavares	TG
67	Parna VI	Barreira III	Guarita SJN	TG
68	Ângela Waise	Barreira III	Capivaras SJN	TG

* TG – Tradição Tupiguarani; ** UM – Tradição Umbu; *** VI – Tradição Vieira.

Tabela 01. Relação dos Sítios arqueológicos da tradição cerâmica Tupiguarani na porção central da planície costeira.

Na mesma área também existem sítios sem esta cerâmica, conforme a lista abaixo.

RS-LC	Nome do sítio	Localidade	Tipo	Tradição
02	Sambaqui da Casca	Casca Mostardas	Sambaqui	Sem cerâmica
06	Jardelino B. Silva	Barranco São José do Norte	Histórico	Neobrasileira Ibero-indígena
10	Farol do Cristóvão Pereira	Farol	Histórico	Século XIX
13	Flopal	Pontal do Cristóvão Pereira	Sobre dunas	Vieira
15	Capão da Marca “B”	Tavares	Sambaqui lacustre	Sem cerâmica

16	Farol da Marca "A"	Tavares	Sambaqui lacustre	Vieira
17	Farol da Marca "B"	Tavares	Sobre dunas	Histórico
19	Campo da Honra "A"	Tavares	Sambaqui lacustre	Vieira
20	Campo da Honra "B"	Tavares	Sambaqui lacustre	Sem cerâmica Vieira
21	Ondina Brasil	Mina Mostardas	Cerrito	Vieira
22	Matias e Mauro Lemos Velho "A"	Rincão do Coati Mostardas	Cerrito	Vieira
23	Matias e Mauro Lemos Velho "B"	Rincão do Coati Mostardas	Cerrito	Vieira
39	José Pereira Leandro	Curral Falso Mostardas	Cerrito	Vieira
42	Nilton Dutra	São Simão Mostardas	Cerrito	Sem cerâmica
50	Antônio Bernardino Pereira	Aguapé Mostardas	Cerrito	Sem cerâmica

Tabela 02. Relação dos sítios arqueológicos da porção central da planície costeira que não continham elementos da tradição cerâmica Tupiguarani.

Histórico da Pesquisa

No mês de junho de 1994 foi redigido e elaborado um projeto com o objetivo de localização e registro de sítios arqueológicos na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul. Entre os meses de novembro de 1994 e janeiro de 1995, foram realizados os primeiros trabalhos de campo que contaram com o apoio das prefeituras locais da cidade de Mostardas, na pessoa do Sr. Vilmar José da Silva – então Secretário de Obras e Saneamento da Prefeitura de Mostardas; das Secretarias Municipais de Tavares e São José do Norte. Obtiveram apoio do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis – IBAMA, nas pessoas dos Srs. João Carlos Fonseca Andréia, Elves Ismar Martins, Luis Oracil de Medeiros Franco e Ireno Alberto Lopes da Costa, que ajudaram com viaturas e dormitórios.

Foram utilizados, também, veículos disponibilizados pela FURG, que foram conduzidos pelos Srs. José Candido Klein (Candinho), Valdir Marques Ponciano, Tamaragiba Garcia Pereira (Giba) e Gilnei Alves da Costa (Santa Casa). No início dos trabalhos de campo, acompanharam as atividades a esposa e o filho do Prof. Pedro Augusto Mentz Ribeiro, a Profa. Catharina Torrano Ribeiro e o Sr. Pedro Augusto Torrano Ribeiro; o último utilizou seu automóvel para a locomoção. O Sr. Pedro Augusto possui uma casa na localidade de Praia Nova, Mostardas, e colaborava com a estadia e alimentação dos pesquisadores.

A equipe foi composta por alunos e pesquisadores dos Cursos de História, Biologia e Oceanologia da FURG, entre eles: Vladimir Terra Rosa, Dejair Vaz Muniz, Flávio Ricci Calippo, Hilton R. D'Lima, Jorge Darlã Manzoni de Manzoni, Eunice Gomes Menestrino, além destes, a Sra. Inês, Sr. Celso, Sr. Leopoldo, Sr. Osvaldo (filho) e o Prof. Ms. Érico Brasil Ferreira Costa. Durante o ano de 1995 a equipe, coordenada pelo Prof. Pedro Augusto Mentz Ribeiro, estabeleceu parâmetros metodológicos próprios e adaptados para pesquisar a planície costeira central. Foi decidido então o tráfego pelo caminho da praia, que apresentava as melhores e mais fáceis condições de deslocamento das viaturas, ao invés da estrada RST(BR)-101, que estava sendo asfaltada e era chamada de "estrada do inferno" por ter precárias condições de pavimentação e pelo fato de os veículos atolarem facilmente devido à areia solta; quando chovia se tornava intransitável.

As porções meridionais da planície costeira central foram vistoriadas após apresentação e conversas com os proprietários e, na oportunidade, o pedido de permissão para pesquisar nos seus terrenos. Os agricultores receberam as equipes e gentilmente conduziram as mesmas ao campo, onde indicavam caminhos e rotas mais acessíveis, facilitando a locomoção. Os proprietários rurais também indicavam a presença ou não de material arqueológico em suas terras e, quando não, indicavam vizinhos que já o tivessem visto. Mesmo com indicações dos sítios, foi decidido "palmilhar" a área, caminhando sobre e ao lado das dunas, no alinhamento do limite entre as Barreiras III e IV.

Foram fixados pontos de apoio, tanto para estadia como para alimentação e abastecimento de água, em São José do Norte; na localidade de Bojuru foram feitas as refeições na "Dona Lelé", pernoitando no hotel ao lado da rodoviária local. No município de Tavares a alimentação era feita no restaurante Arco-Íris, ao lado da rodoviária de Tavares, e pernoitava-se em Mostardas, no Hotel Schaeffer ou no Hotel Mostardense.

As atividades de campo foram desenvolvidas nos meses de primavera e verão, devido ao bom tempo; nos meses de inverno não foi possível dar continuidade aos trabalhos pelo fato da praia estar "alta", ou seja, sem condições de tráfego para os veículos. Quando ocorriam tempestades e muita precipitação, as barras das lagoas (Bojuru, Estreito e Peixe) se abriam, escoando o excesso de água para o mar, criando profundos canais que agiam como obstáculos para as viaturas. Em algumas ocasiões foi necessário contornar a Lagoa dos Patos pelo outro lado, isto é, através da BR-116, via Porto Alegre, até Mostardas. O vento foi um dos principais

aliados ou inimigos da pesquisa; dependendo de sua velocidade e direção, permitia ou não transitar pela beira da praia. O vento nordeste mantinha a praia "baixa" consolidando a areia e permitindo um bom fluxo dos automóveis, já o vento sul propiciava o contrário, isto é "praia alta", maré violenta e ressaca, resultando em viaturas atoladas e motores fundidos, como aconteceu no dia 23 de abril de 2001, quando a toyota conduzida pelo Sr. Elves Ismar Martins do IBAMA, que conduzia a equipe do LEPAN, diante de forte chuva, fundiu o motor nas proximidades da barra "fechada" da Lagoa do Peixe.

Nos anos entre 1994 e 1998 foram registrados 64 sítios arqueológicos na planície costeira central, sendo que 31 são somente da tradição Tupiguarani, 18 apresentam cerâmica Tupiguarani associada às tradições Umbu, Vieira e material histórico e 15 pertencem a outras tradições culturais sem cerâmica Tupiguarani. Foram realizadas coletas sistemáticas e assistemáticas nos sítios erodidos sobre dunas. Nos que apresentavam profundidade foram realizados cortes experimentais. A maioria dos sítios, aproximadamente 65%, está descaracterizada do seu estado original, os processos de erosão descontextualizaram o material que em alguns casos, devido à ação do vento e das chuvas, é rolado.

Em 1995 foram feitos os primeiros cortes experimentais na planície costeira central: em abril no sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima, seguido pelo cerrito RS-LC-21: Ondina Brasil, no mesmo mês. Com o começo da estação chuvosa, os trabalhos de campo pararam e continuaram a partir de novembro de 1995, término dos cortes no sítio RS-LC-21: Ondina Brasil e início, no mesmo mês, de um corte experimental no cerrito RS-LC-39: José Pereira Leandro, Curral Falso. Em janeiro de 2006 foram realizados cortes experimentais no cerrito RS-LC-42: Nilton Dutra e, nos meses de março e abril, realizados cortes nos sítios RS-LC-02: sambaqui da Casca, RS-LC-14 e 15: Capão da Marca "A" e "B" e posteriormente, em janeiro de 1998, foram efetuados os últimos cortes experimentais no sambaqui RS-LC-59: Capão da Areia.

Recomeçando as atividades de coleta superficial sistemática em novembro de 1996, concentradas agora no entorno do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, PARNA, avançando até dezembro de 1996, observou-se dispersão e maiores concentrações de material arqueológico da tradição Tupiguarani, o que exigiu esforço e tempo da equipe, mesmo contando com o apoio das viaturas do IBAMA.

A partir de 1998 as atividades de campo ficaram restritas a visitas esporádicas a indicações de sítios. As atividades do trabalho de laboratório, entre 1998 e 2000, tiveram como objetivo a limpeza do material recolhido em campo, o registro, a catalogação, a classificação, a análise, o desenho e a fotografia das peças mais significativas, em diapositivo colorido (*slide*) e negativo preto e branco. Como resultado dos trabalhos de campo, laboratório e gabinete, após a arte final e confecção de gráficos e tabelas, foi publicado em 2000, pela editora da FURG, o primeiro capítulo intitulado "Arqueologia e História pré-colonial" do Prof. Pedro Augusto Mentz Ribeiro e do Oc. Flávio Ricci Calippo, no livro "Arqueologia, História e Socioeconomia da Restinga da Lagoa dos Patos", de autoria dos Profs. Paulo Roberto Tagliani, Pedro Augusto Mentz Ribeiro, Luiz Henrique Torres e Francisco das Neves Alves[17].

Para a publicação do artigo, exigiu-se em laboratório uma disciplina de quatro horas matutinas diárias, para que fossem feitas as classificações, os desenhos das bordas da cerâmica, para reconstituição, a análise da cerâmica e do antiplástico, análise de dureza do material cerâmico e análise dos vestígios faunísticos. O trabalho de laboratório contou com a colaboração dos alunos[18] de História: Vladimir Terra Rosa, Dejair Vaz Munis, Maria Angélica Pereira Penha, Graziela Fernanda Bonato e Marlon Borges Pestana; Biologia: Jorge Darlã Manzoni de Manzoni[19]; Oceanologia: Flávio Ricci Calippo[20].

Com as obras de asfaltamento da BR-101, entre os meses de dezembro de 2000 e maio de 2001, foi preciso vistoriar regularmente os sítios.

Método da Pesquisa

A metodologia aplicada nas atividades de pesquisa encontra-se publicada[21]. Os métodos foram adaptados, em alguns aspectos de Heizer & Graham[22], e aplicados nas atividades do trabalho de campo. Foram estudadas alternativas metodológicas no caso da inaplicabilidade do método, tais quais as obras de Willey & Phillips[23] e Renfrew & Bahn[24]. Devido à especificidade geográfica, às adversidades do clima, à mobilidade das areias e propriedades abandonadas, o método teve de ser flexível, para que pudesse abarcar todas as situações geradas em campo. No laboratório, a troca de bolsistas e a escassez de financiamento

[17] MENTZ RIBEIRO & CALIPPO, 2000.
[18] Outros pesquisadores trabalharam no projeto paralelo: "Levantamentos Arqueológicos no Litoral Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.", também coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro.
[19] redigiu o subprojeto : "Estudos dos vestígios fitofaunísticos", no ano de 1995 (ms), 29 páginas.
[20] efetuou estudo sobre otólitos de peixes marinhos e lacustres que ocorriam nos sítios da planície costeira central.
[21] MENTZ RIBEIRO, 2004.
[22] HEIZER & GRAHAM, 1968.
[23] WILLEY & PHILLIPS, 1958.
[24] RENFREW & BAHN, 1991.

limitaram a velocidade dos trabalhos. Em gabinete, a digitação do trabalho e preparação final contou com a concorrência de outras atividades paralelas, impedindo uma dedicação total ao assunto.

A terminologia arqueológica utilizada no estudo do material cerâmico provém dos textos publicados no Seminário de Ensino e Pesquisas em Sítios Cerâmicos[25] e, a terminologia para o estudo do material lítico, obteve-se em André Prous[26]. No entanto a maior parte da redação dos trabalhos contou com um aparato terminológico próprio, resultado da descrição de sítios e peças distintas, como aquelas registradas em sítios de contato. A terminologia dos sítios de contato foi encontrada em Mentz Ribeiro[27], Albuquerque[28] e Rogge[29]; nas obras foi encontrada também, uma abordagem específica para sítios de contato interétnico no litoral.

O arcabouço conceitual da pesquisa fundamenta-se em três bases: Brochado[30], Schmitz[31] e Mentz Ribeiro[32]. Foram extraídos das pesquisas destes autores fundamentos teóricos e, principalmente conceituais, aplicados a uma situação particular e regional.

A coleta dos dados é proveniente de consulta bibliográfica e visitas a instituições especializadas nas áreas tratadas, que foram o Herbário Porto Alegre Colégio Anchieta – PACA, do Instituto Anchietano de Pesquisas - IAP, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS; o Laboratório de Oceanografia Geológica; (LOG) da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG; o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis – IBAMA/TAIM; o Laboratório de Crustáceos Decápodes, da FURG; o Laboratório de Ensinos e Pesquisas em Antropologia e Arqueologia – LEPAN; da FURG; o Núcleo de Pesquisas Arqueológicas – NPA, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Rio Grande – SMEC; o Instituto Histórico e Geográfico de São José do Norte – IHGSJN; a Associação dos Moradores do Estreito e Sub-Prefeitura de Bojuru.

Trabalho de Campo

Segundo a metodologia empregada, o trabalho de campo é "*a coleta de dados baseada na técnica estatística da amostragem. Sua importância encontra-se no fato de que se for mal realizada, os resultados o serão, também. Lembrando, ainda, que cada sítio é uma página* ***única*** *da nossa História.*"[33] Portanto, a perspectiva da estatística foi de fundamental importância na visão geral, tanto das coletas como dos cortes estratigráficos. Os trabalhos de campo, na planície costeira central, caracterizaram-se basicamente pelas **coletas superficiais sistemáticas** (e assistemáticas) e cortes experimentais.

No princípio a área de estudo foi percorrida pelos pesquisadores da seguinte maneira: a viatura deixava dois estudantes no início da área a ser vasculhada, adiantava-se por mais 6,0 km e desembarcava outra dupla; os primeiros caminhavam, investigando a área, no sentido sul-norte e a segunda dupla fazia o caminho inverso, retornando no sentido norte-sul; cada dupla caminhava 3,0 km e encontravam-se no meio do trajeto. Assim foram realizados os trabalhos de levantamento na planície, tendo como objetivo percorrer as áreas restantes de dunas e matas de restinga. A cada seis quilômetros, o motorista da viatura repetia o processo, deixando uma dupla de pesquisadores no começo da caminhada e, 6,0 km depois, outra dupla no final. A linha que seguiam era o limite da Barreira III com a IV, costeando as dunas. Observavam, também, as fontes de água potável mais próximas da duna e a relativa distância da margem da Lagoa dos Patos e do oceano. Evitava-se caminhar no cume das dunas de areia, pois se sabia previamente da ausência de material naquele espaço e, por se tratar de dunas móveis, preferiu-se costeá-las.

Ao encontrar um sítio, concentração de material ou bloco testemunho, a dupla de pesquisadores, ao chegar ao centro da caminhada e encontrar a outra dupla, comunicava a posição do sítio encontrado aos colegas e ao Professor que estava presente numa das duplas. Depois de relatados os locais onde havia indícios, retornava-se ao mesmo espaço e registravam-se as concentrações mediante ficha de sítio e Diário de Campo; eram também medidas e georeferenciadas. Dependendo das dimensões do sítio, a coleta superficial sistemática era feita no mesmo dia, no caso de sítios maiores a coleta era adiada.

Em áreas maiores e abertas, utilizavam-se três duplas, e aumentava-se para 9,0 km a distância percorrida por etapa. Os pesquisadores levavam em suas mochilas os equipamentos necessários para efetuarem a coleta: sacos de algodão pequenos, médios e grandes, para acondicionar o material cerâmico, lítico, ósseo e conchífero separadamente, que imediatamente era depositado na viatura; metro de carpinteiro e trena de 20, 30 e 50 m; bússola e GPS; binóculo para melhor visualização das margens da lagoa e da praia, no

[25] SEMINÁRIO DE ENSINO E PESQUISAS EM SÍTIOS CERÂMICOS, 1966; SEMINÁRIO DE ENSINO E PESQUISAS EM SÍTIOS CERÂMICOS, 1976.
[26] PROUS, 1992.
[27] MENTZ RIBEIRO, RIBEIRO & SILVEIRA, 1988.
[28] ALBUQUERQUE, 1982.
[29] ROGGE, 2005.
[30] BROCHADO, 1980.
[31] SCHMITZ, 1991.
[32] MENTZ RIBEIRO, 1981.
[33] MENTZ RIBEIRO, 2004.

caso de ocorrência de sambaqui e cerrito. Cada pesquisador contava com o seu Diário de Campo, onde fazia as anotações que eram repassadas, ao final da atividade ao coordenador do projeto.

Ao se constatar a dimensão em diâmetro do sítio, de acordo com o tamanho da mancha de terra escura e da concentração, era demarcada uma área que variou de 1x1 m até 3x3 m e coletava-se o material arqueológico do interior do quadrado delimitado. As quadrículas e as demarcações nas coletas superficiais sistemáticas permitiram que o pesquisador coletasse o material do interior, ou seja, "*trata-se de coletar, sem escolher o que se encontra na superfície do sítio.*"[34] Em seguida, após a demarcação da área de coleta, a estaca "a" era "amarrada" pela distância a uma construção, lagoa, rio, arroio ou acidente geográfico (limite das barreiras, dunas fixas, morro, etc.) A partir da estaca "a", que foi orientada ao norte, tomava-se o sentido anti-horário para denominar as estacas restantes, isto é, "b", "c" e "d". Nas concentrações menores, usava-se uma demarcação de 1x1m e coletava-se tudo de seu interior. As coletas superficiais sistemáticas eram realizadas no ponto central da concentração de material, ou seja, na área central do diâmetro do sítio.

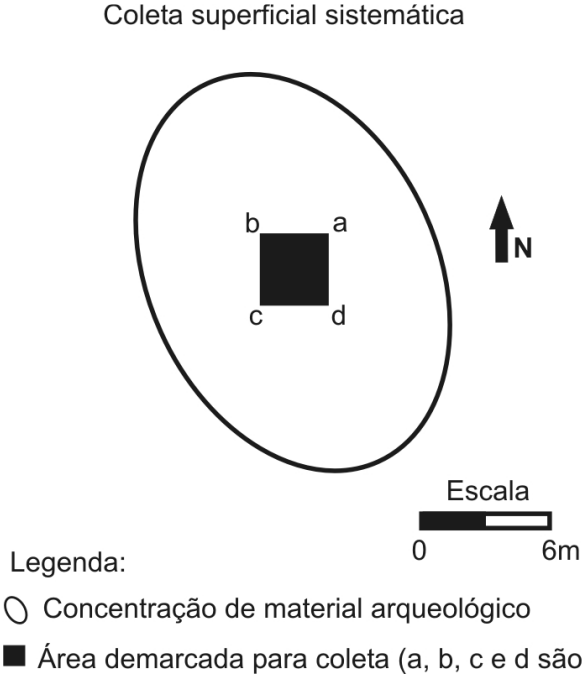


Figura 01. Esquema do método empregado na coleta superficial sistemática.

As concentrações apresentaram formas variadas, tipo elipsóide, circular, triangulóide, quadrangulóide, etc. As demarcações acabaram se adaptando ao formato das manchas e, na maioria dos casos, ao tamanho da concentração. Como exemplo, as concentrações do sítio Parna II, onde algumas delas apresentavam 5,0 m de diâmetro e outras 15,0 m, sofreram diferentes abordagens de coleta sistemática, em algumas concentrações a área demarcada foi maior que em outras de menor diâmetro.

O material arqueológico coletado foi separado de acordo com a matéria-prima, etiquetado e acondicionado em sacos de pano (bolsas de coleta - algodão). No interior dos sacos, lacrados com filetes[35] de tecido atados ao próprio saco, acompanhava o material um tubo de filme fotográfico com o canhoto da etiqueta de catálogo, existindo então uma etiqueta dentro e outra fora do saco de coleta. No caso das demarcações com mais de uma quadrícula, o material seguia com a etiqueta identificadora da mesma. Normalmente, antes de começar a coleta em sítios relativamente conservados, faziam-se desenhos da localização das peças e fotos da quadrícula demarcada.

Os sítios que sofreram coletas superficiais assistemáticas são, em mais de 85,0% dos casos, erodidos sobre dunas. As coletas superficiais sistemáticas foram realizadas nos sítios:

Sítio	Área demarcada (m)	Tempo(h)	Data
Passinho II	3,0 x 3,0	1,5	15/10/1994
Aldeia N. S. da Conceição do Estreito	3,0 x 1,5	tarde	15/10/1994
José Rosa da Silva	2,0 x 2,0	0,5	25/10/1994
Bojuru Velho "A"	3,0 x 3,0	1,0	16/12/1994
Dilmo Martins & José Érico Weber	Pente fino (10,0 x 100)	15 min	17/12/1994
Dilmo Martins	Pente fino (50,0 x 300)	1,0	17/12/1994
Sermi Machado Miguel	Pente fino (10,0 x 50,0)	15 min	17/12/1994
Romeu Antônio da Costa	Pente fino (5,0 x 50,0)	0,5	17/12/1994
Barranco "A, B, C, D, E e F"	Pente fino (50,0 x 400)	1,5/manhã	18-19/12/1994

[34] MENTZ RIBEIRO, 2004, p. 12.

[35] Nos filetes de pano que são costurados junto à boca do saco foram atadas as etiquetas maiores contendo: nome do sítio, município, localidade, coordenadas geográficas, tipo de material arqueológico coletado, tipo de coleta (sistemática ou assistemática), pesquisador responsável pela coleta e registro e data.

Ildefonso Braga	Pente fino (50,0 x 400)	2,0	18/01/1995
Lino de Azevedo Pires de Lima[36]	Pente fino (10,0 x 50,0)	tarde	28/04/1995
Mário Boeira Martins	Pente fino (10,0 x 200)	3,0	15/03/1995
Carambola	Pente fino (10,0 x 100)	1,5	02/11/1996
Parna I	Pente fino (10,0 x 50,0)	15 min	03/11/1996
Parna II	Pente fino (10,0 x 200)	dia	04/11/1996
Sidnei da Silva Machado	3,0 x 3,0	15 min	06/12/1996
Levi Farias dos Santos	5,0 x 20,0	0,5	06/12/1996
Estevaldino Luis Rodrigues I	Pente fino 50,0 x 500	1,0	06/12/1996
Parna III	5,0 x 5,0	2,5	07/12/1996
Adolfo de Araújo "A, B, C e D"	Pente fino (5,0 x 100)	1,0	07/12/1996
Sambaqui Capão da Areia	Corte (1,5 x 1,5 x 0,9)	1,0	09/12/1996
Parna IV	1,0 x 1,0	15 min	12/01/1998
Capororoca I e II	3,0 x 3,0	1,5	12/01/1998
Napoleão Araújo Brum	Pente fino (5,0 x 50,0)	0,5	12/01/1998
Parna V	5,0 x 20,0	1,0	13/01/1998
Parna IV	5,0 x 5,0	1,5	13/01/1998
Estevaldino Luis Rodrigues II	Pente fino (2,0 x 50,0)	0,5	13/01/1998
Ângela Waise	Pente fino (10,0 x 100)	2,0	19/10/1999

Tabela 03. Relação dos sítios indicando o método e o tempo de coleta aplicado e data.

Para ilustrar como foram realizadas as caminhadas e a necessidade da flexibilidade e adaptabilidade do método, segue abaixo um trecho do Diário de Campo de Mentz Ribeiro:

> Percorremos uma distância de mais ou menos 800m no patamar (barreia 3). Depois este era coberto por areia. Pedro e Celso foram adiante uns 2km além; disseram que continuava o mesmo processo: a barreira com conchas concentradas esporádicas e algum material (amostra) de uma concentração no final da *caminhada*: um "quebra-coco" em calcedônia rosa, fragmentos de cerâmica (2 ou 3), fragmento de pendente (base ou parte inferior), sem perfurações em basalto negro, fragmento de machado polido em basalto cinza, etc. Levou o nome de Barranco "C". Retornamos via praia (2,5km até o mar, pelas areias e baixadas úmidas; depois 13km pela beira do mar até a praia de Bojuru; daí mais 4km até a estrada e mais 2km até a casa do Sr. José Carlos.[37]

Nas **coletas superficiais assistemáticas** o material encontrado esporadicamente foi acondicionado em sacos de pano separados daqueles das coletas sistemáticas. Junto ao material acompanhava uma etiqueta identificando a distância da peça em metros em relação ao sítio mais próximo, bem como as coordenadas geográficas. As peças que estavam dentro da concentração e fora da demarcação da área de coleta foram consideradas de coleta *assistemática*, todavia, somente foram coletadas as peças mais significativas e importantes para a interpretação dos dados.

Posteriormente, as peças, frutos da coleta assistemática, serviram como comparação e para exposição, foram pesquisadas em laboratório e, no entanto, foram computadas na pesquisa. A coleta superficial assistemática foi bastante útil na hora do recolhimento e identificação de peças que eram encontradas ao longo das caminhadas de levantamento. As mais comuns encontradas fora das áreas de sítio foram: bola de boleadeira, quebra-coquinho e ponta-de-projétil, nesta ordem de freqüência.

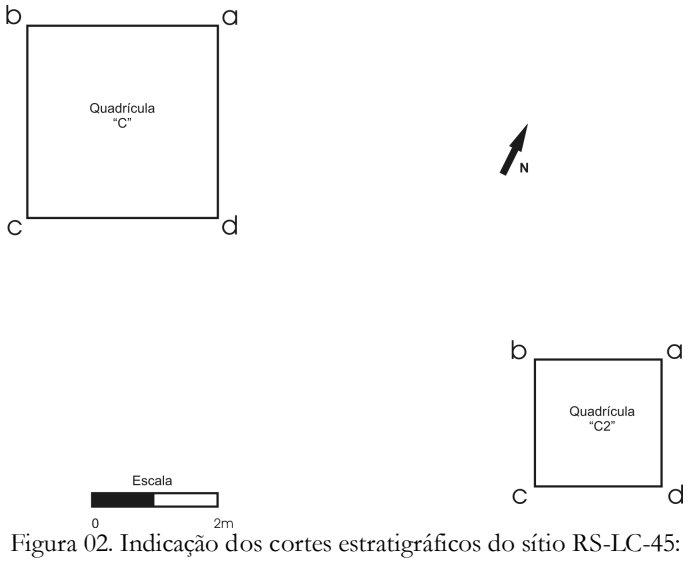


Figura 02. Indicação dos cortes estratigráficos do sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima.

Os **cortes experimentais** tem a "*finalidade de verificar a extensão do sítio em*

[36] Além da coleta superficial foram realizados dois cortes de 3,0 x 3,0 m e 1,0 x 1,0 m, no local onde foram extraídas as urnas funerárias. (MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo. Dia 29/04/1995).

[37] MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Diário de Campo: aspectos gerais das coletas no sítio Barranco, concentração "C". Dia 18/12/1994.

profundidade ou tempo. Praticado em vários sítios de uma região, fornecerá uma ordem de preferência ou importância para a realização de escavações maiores e, ao mesmo tempo, indicará se compensa uma escavação ampla. Todo o planejamento de uma escavação ampla dependerá do corte experimental."[38]. Os cortes foram praticados, na maioria das ocasiões, em sítios característicos da tradição Umbu e Vieira, em cerritos e sambaquis; em sítios Tupiguarani foram realizados apenas dois cortes no sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima. O resultado revelou uma estratigrafia de 20,0 cm de espessura e a 20,0 cm de profundidade da superfície do solo. O sedimento foi extraído, de 10 em 10 cm, primeiramente com uma enxada leve, posteriormente, quando apareceu material, usaram-se colheres de pedreiro e pincéis de cabelo, em seguida foi recolhido em baldes de metal era levado até as peneiras manuais com malhas de 0,3 e 0,5 cm; no entanto, devido ao sedimento muito fino, usaram-se peneiras de até 0,1 cm.

Observou-se que, para sítios da tradição Tupiguarani, encontravam-se três níveis distintos de sedimentos. O primeiro, de origem natural, ocorre entre 20,0 e 60,0 cm, e é composto de areia com húmus e raízes e, ao tornar-se claro, começa subitamente a segunda camada, de origem antrópica, compacta, mais escura, quase negra, contendo grânulos de carvão e fragmentos de cerâmica. Este nível possui espessuras entre 15,0 e 60,0 cm. A partir deste nível, segue uma camada estéril, natural, composta de areia clara e algumas infiltrações da camada anterior.

Foram raros os cortes experimentais realizados em sítios da tradição Tupiguarani, isto porque 88,9% dos sítios estavam erodidos sobre dunas. O processo de erosão foi o fator que permitiu a localização; sem o derrame das areias, provavelmente os sítios ainda estariam cobertos por vegetação e vários centímetros de sedimento.

Nos *blocos testemunhos* foi possível visualizar o que restou preservado numa área de no máximo 5,0 m², onde, receava-se acelerar a erosão com cortes experimentais, destruindo o bloco. A destruição dos blocos testemunho, além da chuva e vento, é avançada com o pisoteio e atividade humana, isto é: aventureiros de motocicleta, crianças brincando, pesquisadores desavisados, etc. gerando pressão sobre as camadas de ocupação expostas que já se encontram frágeis pelas intempéries climáticas. Existiam aproximadamente 25 blocos testemunhos pertencentes à tradição Tupiguarani na planície costeira central, a maioria deles localizados nas proximidades ou no cordão de dunas. Na base destes, formavam-se baixios, aonde a cerâmica erodida ou "rolada" concentrava-se. Os blocos testemunhos mais consistentes tendem a despejar uma quantidade maior de fragmentos no solo ao seu redor, na sua base. Todavia, os mais altos estão mais vulneráveis aos ataques do clima, bem como da ação humana. No desenho abaixo se pode observar o desgaste da duna e a exposição da camada de ocupação:

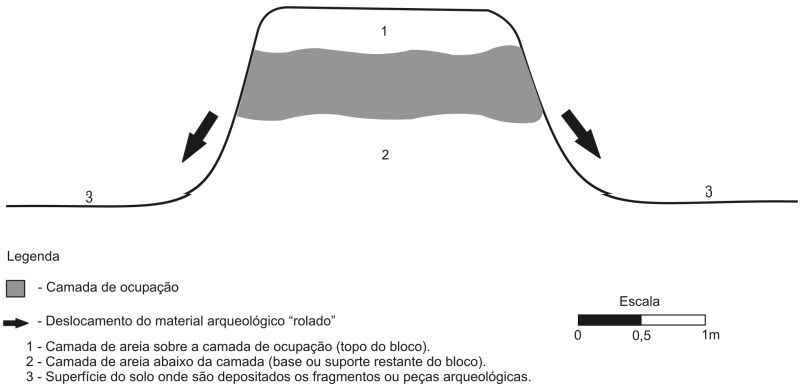


Figura 03. Perfil esquemático do bloco testemunho do sítio RS-LC-54: Parna II.

No sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima, o único sítio Tupiguarani com cortes experimentais, pode-se visualizar uma camada de ocupação relativamente densa. O solo estava, até 15 cm profundidade, remexido pela enxada. O arrendatário já havia observado a mancha preta no solo, mas não associava o material da superfície com a mesma. Antes de alcançar o nível da ocupação, foram encontrados fragmentos de cerâmica corrugada com sinais de fratura recente. Em comparação com a camada de ocupação do sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima, relativamente fina, os blocos testemunhos possuíam até 60cm de espessura, apresentando-se densos, compactos e com faixas escuras.

A constante mudança na geologia e hidrografia da planície costeira central proporcionou a criação de um método sistemático para compreender o povoamento daquela região[39].

Trabalho de Laboratório

O material coletado foi recolhido ao Laboratório de Ensino e Pesquisas em Antropologia e Arqueologia, LEPAN da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Ainda em campo o material foi separado conforme a matéria-prima e realizada a identificação do mesmo em relação à sua posição nos sítios. As peças foram depositadas em sacos de algodão evitando o acúmulo de umidade, pois permitiam a

[38] MENTZ RIBEIRO, 1994, p. 13.
[39] MENTZ RIBEIRO, 1977.

respiração das peças; os mesmos eram fechados e acompanhados de etiqueta identificadora no lado interno e externo. O material arqueológico, separado conforme a matéria-prima, foi conduzido ao LEPAN pelas caminhonetes da FURG, em bases firmes que impediam o deslocamento dos sacos.

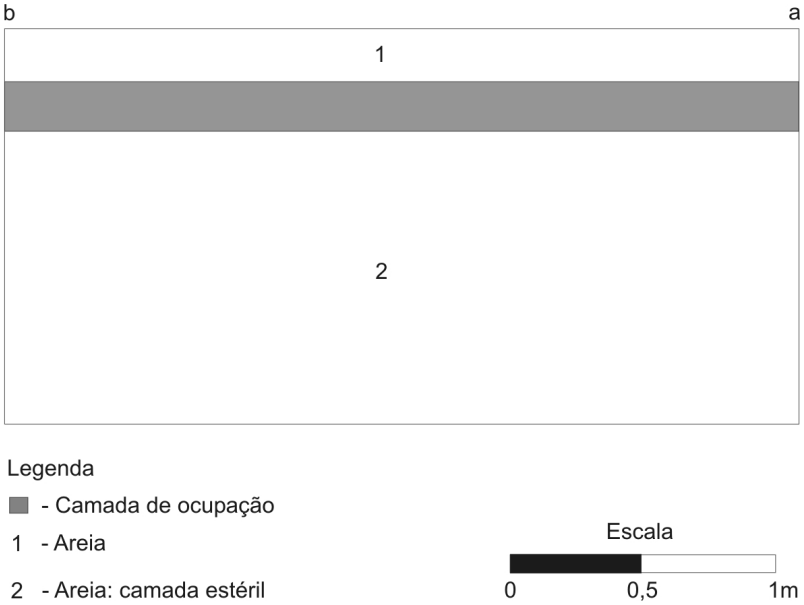


Figura 04. Perfil estratigráfico do sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima.

À medida que os sacos de coleta chegavam ao laboratório, o material de seu interior ia recebendo números de catálogo, que ocorreram do 209 ao 544, uma fez que os sítios já vinham sendo registrados, com as siglas LC-01 ao LC-68, ao longo das atividades de campo. Primeiramente constaram os sítios no livro de registros e depois, em livro separado, os números de catálogo.

O material foi sendo retirado dos sacos a partir do primeiro coletado até o último. As peças foram limpas com água corrente em pia de metal e louça, usando escovas adequadas ao material lítico e cerâmico. Os fragmentos de cerâmica pintada foram lavados com a utilização de uma fina esponja e a polpa dos dedos, evitando o desgaste da pintura. Os fragmentos ósseos e conchíferos foram apenas escovados a seco para a extração do excesso de areia e pó. Foi utilizada uma estante com esteiras de tela para a secagem do material em temperatura ambiente, facilitando a separação dos fragmentos e impedindo a mistura das peças antes da numeração. Depois de seco, o material era conduzido às mesas de classificação onde recebia uma fina camada de esmalte num canto discreto e, posteriormente sobre ela, era escrito com nanquim preto o número de catálogo.

Depois de realizado o registro e a numeração das peças, os fragmentos eram agrupados por sítio e, a partir desse momento, passavam a ser classificados, primeiramente de acordo com a matéria-prima e, posteriormente, segundo a decoração ou o tipo. Os fragmentos classificados foram acondicionados em envelopes de jornal para absorver umidade e depositados em sacos transparentes de plástico que permitem a observação das etiquetas e evitar a circulação de ar entre os fragmentos, deixando-os praticamente no vácuo. As peças foram colocadas em caixas de arquivo morto antes da análise, retomando, posteriormente, a primeira caixa no arquivo, isto é, as primeiras peças limpas e classificadas.

As atividades de análise contaram com medidas das espessuras das paredes dos fragmentos de cerâmica, os comprimentos, larguras e espessuras das peças líticas. As cores foram obtidas através da comparação com o guia de cores Schwaneberger[40], em luminosidade natural. A dureza dos fragmentos de cerâmica foi medida de acordo com a escala de Mohs. Para análise do antiplástico usaram-se as escalas de Hargrave & Smith e a de Wentworth; usaram-se as duas, devido a particularidades granulométricas dos fragmentos triturados na análise. Outras informações coletadas estão relacionadas aos ângulos dos gumes das peças no material lítico; abertura da boca das vasilhas e desenho das mesmas; peso de bolas de boleadeira, pesos de rede e lâminas de machado. O material lítico e os minerais que compõe o antiplástico foram identificados pelo geólogo Prof. Dr. Carlos Roberto Tagliani, do Departamento de Geociências, DEGeo da FURG.

Terminada a análise das peças, foram desenhadas as bordas de cerâmica resultando na reconstituição da forma das 463 vasilhas mediante 316 desenhos técnicos. As peças mais significativas foram fotografadas em diapositivo colorido e negativo preto e branco.

Trabalho de Gabinete

De posse dos dados da classificação e dos resultados da análise do material, passou-se para as confecções de tabelas, gráficos e textos. Inicialmente foi confeccionada uma tabela única que apresentava as quantidades em fragmentos dos diversos tipos de cerâmica e material lítico. A partir desses dados, foi confeccionada uma tabela contendo o registro e as porcentagens para cada sítio. Os gráficos confeccionados

[40] SCHANEBERGER, 1963.

representam de maneira ilustrativa, as informações colhidas da análise do material. Por exemplo, a variação do antiplástico na pasta e as porcentagens de cada espécie de pasta por fragmento. As porcentagens dos elementos materiais, sua relação com o sítio e a classificação dos tipos de sítios.

Foram elaboradas em gabinete as digitalizações dos diapositivos coloridos fotografados em campo; além deles, foram digitalizados os desenhos das vasilhas, os croquis e os mapas da região. Os sítios arqueológicos foram inseridos nos mapas indicando a posição e a relação entre eles.

Em síntese, com os dados reunidos em campo e estudados em laboratório foi possível identificar áreas mais densas de povoamento. Os portadores da tradição Tupiguarani difundiram a sua cultura em um espaço de restinga. Concentraram-se em áreas favoráveis e preferenciais e, em laboratório, pode-se observar que havia melhor qualidade nas peças provindas destes espaços. A seriação, por comparação entre amostras, pode identificar três subgrupos distintos que ocuparam e povoaram uma mesma região, a Lagoa do Peixe.

Quando da coleta, já era possível observar distintos momentos e reocupações. Os tipos de materiais se alternavam muitas vezes em estilos e, em outras, em técnicas de confecção.

Capítulo II. DO AMBIENTE DA PLANÍCIE COSTEIRA CENTRAL EM QUE ESTÃO INSERIDOS OS SÍTIOS DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI

Os grupos portadores da tradição cerâmica Tupiguarani povoaram terrenos planos, arenosos e com escassos rios, riachos ou arroios. Acamparam em platôs areno-argilosos altos e secos, com vista para os platôs sedimentares mais baixos e preenchidos com banhados. Nas proximidades e nos assentamentos do grupo existia uma cobertura de mato, mais ou menos fechado, composto de vegetação arbustiva e arbórea. A disponibilidade alimentar era abundante. Poderiam explorar diferentes ambientes geofísicos no mesmo período anual. A coleta de frutos (araçá, butiá, goiaba, ananás, etc.) e a caça se podia completar com a abundância de pescado do mar na primavera-verão e da lagoa no outono-inverno. As situações estuarinas possibilitavam mais acesso à exploração de larvas de moluscos e crustáceos decápodes.

O recurso escasso seria a argila, e a pedra é inexistente. Os grupos deveriam efetuar deslocamentos periódicos para abastecer e estarem providos destas matérias-prima. Cercados por campos e banhados tanto a leste como a oeste, onde inclusive predominam o ambiente de outras culturas, os grupos da tradição Tupiguarani tiveram que buscar um local capaz de sustentar aldeias, com matas em abundância e curso d'água em forma de rio (Lagoa do Peixe), concentrando-se naquele espaço.

Aspectos gerais da geografia e sua relação com os sítios da tradição Tupiguarani

O litoral do Rio Grande do Sul é formado, na sua extensão, pela planície costeira, que *"estende-se desde a barra do Chuí, ao sul, até a desembocadura do Mampituba, ao norte. Seu comprimento é de 620 km. Oferece o aspecto de uma linha inarticulada, pouco sinuosa, formando seu conjunto de grande curvatura de convexidade voltada para o sudeste. [...] Superfície terrestre de cerca de 15.000 km², ajustando-se à área lacustre, situada toda ela na região litorânea [...], ou seja, 9,5% da água total do Estado."*[41] Os sítios arqueológicos e o sistema de instalação das aldeias distribuem-se por toda extensão do terreno da planície costeira central, dividindo-se entre as dunas, as margens das lagoas e dos banhado, concentrado-se na Lagoa do Peixe. Essas caracterizações estendem-se entre os 30°15' aos 32°15'S e 50°15' aos 52°05W.

O litoral do Rio Grande do Sul é dividido em três subzonas: sul, centro e norte. O litoral centro, onde estão localizados os sítios arqueológicos da tradição Tupiguarani desta pesquisa, é compreendido entre os municípios de São José do Norte e Palmares do Sul, tendo a fixação do núcleo de povoamento entre os territórios de Bojuru e São Simão ao limite norte do município de Mostardas. Fisicamente, salvo as elevações arenosas (dunas), o litoral centro não possui nenhuma elevação significativa e a altitude relativa oscila entre 1,0 e 28,0 m. Os sítios da tradição Tupiguarani estão em platôs dunares, elevados, com aproximadamente 15,0 m de altura. O vento e a areia são os principais responsáveis pela erosão e o soterramento dos sítios, principalmente no inverno e nas estações chuvosas.

[41] RAMBO, 1956.

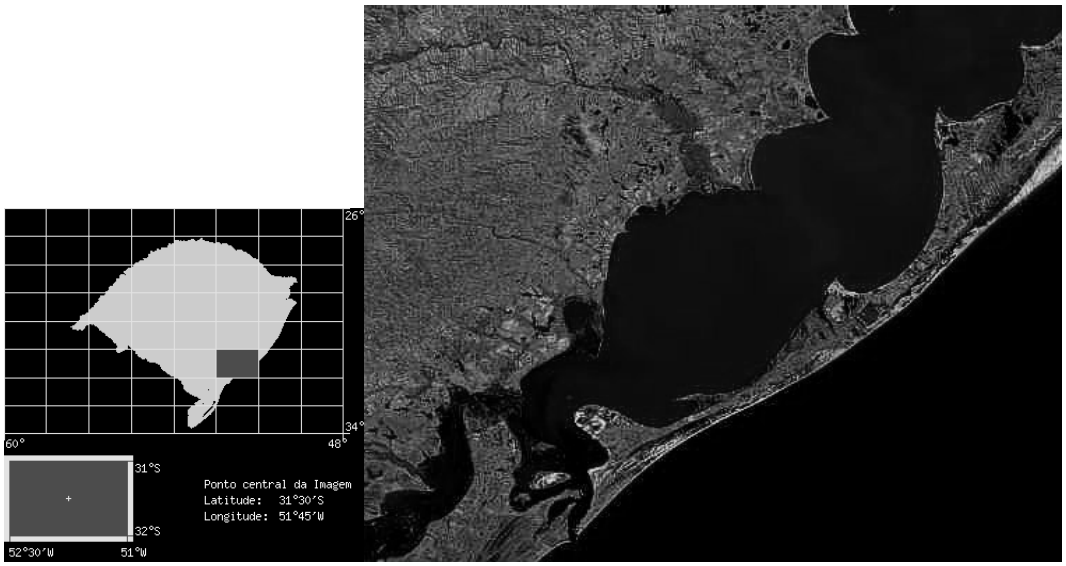


Figura 05. Mapa do Rio Grande do Sul indicando a posição da porção central da planície costeira e, ao lado, a imagem de satélite da planície.

O vento colabora expressivamente na formação dunar litorânea. No local onde estão depositadas as concentrações de material arqueológico, os ventos "*na maior parte do ano sopram do quadrante sul até leste, quer dizer, com um ângulo de incidência sobre o nosso litoral igual ou superior a 45°.*"[42] Ainda hoje, "*os grandes campos de dunas, ao longo da praia, estão extremamente bem desenvolvidos, estando o maior localizado próximo a Mostardas, onde possui 12 km de largura, Entretanto, normalmente, varia de 0,5 a 6,0 km em largura, sendo geralmente mais estreito no norte e mais largo na porção sul da Planície Costeira.*"[43] Nas proximidades de Mostardas, junto da margem interna do campo de dunas estão os limites do núcleo de povoamento da tradição Tupiguarani, que freqüentemente tem alguns de seus sítios soterrados parcialmente por dunas de areia. Segundo Delaney são "*as dunas migrantes movimentadas sobre o terraço arenoso mais antigo, que atua como plataforma [...] o mais importante fato físico que influencia a morfologia da planície costeira é o vento.*"[44]

A importância do vento se refere, também, à posição da lente de ocupação e da mancha de terra escura (habitação), pois era abrigando-se do vento que os portadores da tradição Tupiguarani escolhiam os locais para morar, isto é, a oeste, atrás das dunas consolidadas. Fenômeno encontrado com mais freqüência entre os municípios de Tavares e Mostardas.

As oscilações marinhas formaram os sistemas de laguna/barreira que é compreendido como o "*esquema que procura explicar a evolução da província costeira a partir do desenvolvimento de vários sistemas deposicionais do tipo* ***laguna/barreira****, sob o controle das flutuações do nível do mar nela ocorridas durante o quaternário.*"[45] É sobre os sistemas deposicionais, particularmente o laguna/barreira III, que foram encontrados os sítios da tradição Tupiguarani, precisamente no limite entre as barreiras, no entorno da Lagoa do Peixe e Lagoa do Bojuru. Além do perfil recurvado da planície costeira central, a Lagoa dos Patos "prensa" uma porção de terra contra o mar, incluindo o espaço onde estão inseridos os sítios.

O Sistema Deposicional Laguna-Barreira III, onde estão instalados os sítios da tradição Tupiguarani, está "*associado ao terceiro evento transgressivo-regressivo pleistocênico, se encontra muito bem preservado no presente e seu desenvolvimento, responsável pela implantação final do Sistema Lagunar Patos-Mirim, foi de fundamental importância na evolução geológica da Planície Costeira do Rio Grande do Sul.*"[46] A outra formação é o Sistema Deposicional Laguna Barreira IV: "*o mais recente sistema deposicional do tipo laguna-barreira da planície costeira do Rio Grande do Sul desenvolveu-se durante o Holoceno, como conseqüência da última grande transgressão pós-glacial.*" Na Barreira IV são encontrados os cerritos da tradição Vieira, por apresentar ambiente favorável a esta cultura.

No que diz respeito à pedologia da região "*existem três tipos de solos da Planície Costeira: planosolo, podsol húmico-férrico e aluviões. Freqüentemente os planosolos estão desenvolvidos em antigas formações pleistocênicas (Itapoã e Graxaim); podsol húmico-férrico no Pleistoceno mais jovem (Chuí) e aluviões no Recente.*"[47] Os sítios instalados nas formações pleistocênicas, particularmente os das proximidades da Lagoa do Peixe, estão sobre bases areno-argilosas, com grânulos de hematita e minério de ferro espalhados pela superfície.

---

[42] RAMBO, 1956, p. 5.
[43] DELANEY, 1965, p. 32.
[44] DELANEY, 1965, p. 24; 31.
[45] TOMAZELLI,VILWOCK, LOSS & DEHNHARDT. 1987, p. 135.
[46] VILWOCK & TOMAZELLI, 1995, p. 27.
[47] DELANEY, 1965, p. 65.

Os sedimentos na base dos sítios, de idade pleistocênica, morfologicamente constituem terraços elevados em relação aos sedimentos holocênicos litorâneos e lagunares, com os quais se limitam normalmente através de uma falésia bastante expressiva (corresponde à transição das barreiras geológicas em Villwock (1983) e à formação Chuí de Delaney (1965)). A superfície destes terraços é, normalmente, plana, sendo raros os sítios da tradição Tupiguarani, pela ausência de área arborizada.

Os sedimentos costeiros de idade holocênica correspondem a zonas de transição entre as unidades sedimentares mais antigas e os ambientes sub-aquosos atuais; no limite entre eles foram registrados cerritos, no norte de Mostardas.

Nos terrenos holocênicos encontram-se os feixes de cordões litorâneos, que estão próximos aos terraços pleistocênicos, lagunares, fluviais e os depósitos eólicos (dunas); são nos feixes de cordões litorâneos que ocasionalmente foram encontradas concentrações de cerâmica Vieira. Os terraços lagunares onde estão agrupados os sítios, possuem nas oposições as formações eólicas - dunas (mar), e os feixes de cordões litorâneos próximos ao início do barranco eólico (paleodunas).[48]

A Lagoa do Peixe e o que está depositado nas proximidades dela é o depósito quaternário mais significante para a pesquisa.

Os sítios do núcleo de povoamento Tupiguarani tinham à disposição recursos lacustres, ocorrendo ocasionalmente a exploração de outros ambientes, facilitada pelo paralelismo da paisagem.

Nos feixes de cordões litorâneos, na planície costeira central, a densidade de ocupação humana é baixa. Nas zonas de intensa ação eólica e nas áreas cobertas por sedimentação, a densidade humana é inexpressiva. A área com maior densidade populacional são os limites dos terraços lagunares onde estão localizados os sítios que, por serem terrenos utilizados na economia agro-pastoril, servem de moradia para a população que também vive da pesca e da agricultura, ainda nos dias atuais.

Quando as populações pré-coloniais chegaram à região a planície estaria relativamente consolidada, compondo variavelmente a mesma paisagem atual. Mesmo nos sítios da península de Areias Gordas, onde a paisagem é mais mutante, se mantém ainda o traço paisagístico do início do Holoceno.

Hidrografia

Na bacia do Atlântico interessam, particularmente suas lagoas, a Lagoa do Peixe e do Bojuru, nos municípios de Mostardas, Tavares e São José do Norte. A Lagoa do Peixe e seus sangradouros tornaram-se num dos recuos marinhos, ainda não suficientemente compreendidos.

A Lagoa do Peixe, centro do povoamento Tupiguarani, bem como as lagoas litorâneas, consolidou-se num período de transição, entre o Holoceno e o Pleistoceno, em um processo de colmatação que dura de 6.000 a 5.000 A.P., segundo os estudos polínicos.

No centro estendem-se as Lagoas do Peixe e do Bojuru, a primeira delas com aproximadamente 50,0 km², a segunda com menos de 1000m² de extensão.

A Lagoa do Peixe deveria dar continuidade às lagoas isoladas em rosário, do litoral norte, mas ainda de forma linear, ela encontra-se unida, nas encostas da Barreira III. As lagoas são rasas; mesmo a maior a dos Patos, é proporcionalmente rasa em relação a sua extensão. A salinidade das águas das lagoas oscila de acordo com as precipitações anuais e/ou época do ano. A erosão destas lagoas litorâneas, "*nestes casos é por solapamento basal das ribanceiras (bank caving). A lagoa do Peixe é a maior deste tipo, possuindo 30km de comprimento e ocupando uma área de 50,0 km²*"[49].

Os processos de estofa e floculação podem alterar a posição dos sítios arqueológicos submersos nas margens das lagoas. Os autores lembram que a composição mecânica que forma o corpo lagunar recebe, na sua maioria, materiais em suspensão, e que assim sendo, sua composição mineralógica é peculiar em distintas regiões da borda da lagoa.

Uma laguna, que é o caso da Lagoa do Peixe e dos Patos, pode ser definida "*como um corpo d'água salgada ou salobra, protegida do mar por uma barreira ou restinga.*"[50] Os lagos, segundo Rambo, são divididos em dois grupos: lagoas costeiras inteiramente incluídas nas zonas das areias movediças, e lagoas maiores encostadas nos sistemas orográficos. Nomeando de lagoas da praia o primeiro grupo e lagoas internas o segundo, entre elas encontram-se os sítios. As lagoas internas são de tamanho superior às da praia.[51]

Formam-se, ainda, em épocas de chuvas, sangradouros na praia. *"Pequenos canais aparecem porque o filete de rolamento acumula-se nas áreas baixas, dentro de campos de dunas e, ao atingir a praia, sulca a areia, transportando-a para o oceano deixando, assim, um pequeno canal, com um metro de profundidade e algumas dezenas de metros de largura exibindo um distinto padrão anastomosado.*"[52]

---

[48] PAIM, LONG & ASMUS, 1987, p. 253-254.
[49] DELANEY, 1965. p. 57.
[50] MABESOONE, 1983. p. 259.
[51] RAMBO, 1956, p. 2.
[52] DELANEY, 1965, p. 30.

Ao longo de toda a linha costeira, as praias apresentam-se com diferentes níveis de arrebentação. As praias seriam uma das bases de captação de recursos alimentares do litoral centro, seja no fornecimento de elementos piscosos como de fauna mamífera marinha, tais como cetáceos e penípedes, mesmo que seja raro encontrar em sítios da tradição Tupiguarani vestígios desta espécie. Nos sítios do Parque Nacional da Lagoa do Peixe foram registrados fragmentos calcinados de ossos de mamífero marinho. Entretanto são nos sambaquis marinhos que foram registradas significativas quantidades de ossos de fauna marinha descartada.

A tradição Tupiguarani deveria captar água potável das lagoas, próximas de suas habitações e longe dos banhados, território ocupado pela tradição Vieira.

Os banhados se formaram a partir de depressões sedimentares pleistocênicas, geradas pelos cursos d'água inativos e abandonados. Como estes antigos rios estão sobre o terraço pleistocênico, é possível que sítios arqueológicos mais antigos estejam submersos pelos banhados. Os banhados apresentam-se ao redor das lagoas e lagunas, particularmente da Lagoa do Peixe e na Lagoa do Bojuru.

O lençol freático na planície costeira pode oscilar entre 1,5 m a 6,0 m de profundidade, raso, portanto. Existem ainda, no meio do sistema de cordão dunar, afloramentos do lençol freático, que se caracteriza pela água cristalina de excelente qualidade[53].

Clima

Os ventos "*são fatores fundamentais para a compreensão da paisagem geomórfica da área. A direção do vento mais predominante na planície costeira é o nordeste.*"[54] Existem ainda o vento Minuano que "*é um vento oeste, frio, seco, continental, causado pela invasão de massas de ar polares no Rio Grande do Sul. Tem seu nome derivado de uma antiga tribo de índios que viveu a oeste da planície costeira*", e o vento Carpinteiro da Costa[55] que se caracteriza por "*ser um vento praiano sudeste, ou sul-sudeste [...] e recebeu este nome devido ao fato de que o tráfego ao longo da costa bem como a navegação costeira tornam-se perigosos devido ao deslocamento de* ***grande quantidade de areia***"[56] Esta areia deslocada é a mesma que soterra as lentes de ocupação, as concentrações de material e os sítios arqueológicos como um todo. O processo de soterramento do sítio é mais freqüente em assentamentos nos campos de dunas eólicas.

No núcleo de povoamento da Lagoa do Peixe, existem inúmeros casos de sítios que desaparecem, encobertos pelas dunas e não são encontrados e, em tempos mais secos e menos ventosos, voltam a aparecer.

Sobre o clima Delaney esclarece que:

> Geralmente o clima da Planície Costeira é úmido, quente e chuvoso. A temperatura média anual é de 17,5° C, sendo a precipitação pluviométrica de 1.300mm anuais distribuindo-se de 92 a 110 dias. A temperatura do ar na Planície Costeira é bastante variável, possuindo uma média anual de 17,5°C no sul e 17,9° no norte, máximas absolutas de 42° no sul e 36° no norte e valores absolutos extremos de 42,6°C e – 5,2°C.[57]

No litoral centro o clima se configura de forma diferente daquele do centro do Estado, sendo ele "ventoso-frio" no inverno e ventoso-quente no verão. Predomina quase sempre o vento nordeste.

O clima da planície costeira central, naquela região do núcleo de povoamento da Lagoa do Peixe, foi classificado, de acordo com Nimer[58] como "*um clima mesotérmico brando, superúmido, sem estação seca. A temperatura média anual oscila entre 16 e 20° C. A média do mês mais quente fica entre 22 e 26° C e a média do mês mais frio entre 10 e 15° C. A precipitação pluviométrica anual varia entre 1000 e 1500mm e o número de geadas varia desde um em Torres até mais de quinze em Santa Vitória do Palmar*".[59]

A tradição Tupiguarani, quando chegou por volta de 1.100 A.P., se estabeleceu sobre o ciclo climático quente e úmido.

Flora

Na zona de dunas consolidadas, principalmente nas porções atualmente erodidas e sem vegetação, encontram-se as ocupações da tradição Tupiguarani.

Na zona das dunas vegetadas, onde as concentrações de material alternam-se, a presença marcante é a da família das xerófilas, especialmente as espécies mirtáceas tipo arbustos litorâneos conhecidos como camboin. Nos lagos predomina a vegetação inteiramente flutuante, como os aguapés (*Eichhornia crassipes,*

---

[53] Informação obtida através do Sr. Abílio Mendes Ruas, presidente da Associação dos Moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande.
[54] DELANEY, 1965, p. 64.
[55] Segundo os moradores do litoral o nome correto seria Carpinteiro da Praia, pelo fato de após a ação do vento, vir parar na beira da praia grande número de madeira despedaçada.
[56] DELANEY, 1965, p. 64. (sem grifo no original)
[57] MACHADO, 1950 *apud* DELANEY, 1965, p. 60.
[58] NIMER, 1977.
[59] NIMER *apud* VILLWOCK & TOMAZELLI, 1995, p. 6.

Salvinia articulata, Azolla fuliculaoides). Na "*zona rasteira, próxima às lagoas, encontram-se o Lycopodium inundatum, Ranunculus, além de verbenáceas e leguminosas rastejantes".* As matas mais significativas das proximidades dos sítios "*são os capões mirtáceos, entremeados de gerivás, cristas de galo e figueiras. Caracterizadas como matinhas ciliares ou de anteparo, formam estreitas faixas arbustivas ao longo dos cursos d'água.*"[60] As mirtáceas ofereciam além de frutos, proteção contra o vento. O ambiente desta densa vegetação está sobre o limite da Barreira III com a IV e era bastante favorável para a tradição Tupiguarani, que ocupou espaços entre as dunas vegetadas, preenchendo as galerias no interior das matas de restinga.

Na borda das lagoas, paisagem característica dos sítios de maior porte, desenvolvem-se matas brejais ou mirtáceas, sobressaem-se as copas baixas os gerivás (*Syagrus romanzoffiana*) e as figueiras (*Fícus subtriplinervia*). No terreno pantanoso, desenvolvem-se exemplares de cristas de galo, touceiras de gravatá (*Bromelia fastuosa*). As espécies com folhagens mais vistosas estão junto aos pântanos. Existem ainda, exemplares de louro (*Cordia trichotoma*) e cedro (*Cedrela fissilis*).[61] A vegetação é heterogênea, bastante diversificada e composta por elementos associados à iluminação junto às matas das lagoas.

Segundo Waechter[62], a vegetação que freqüentemente se encontra sobre ou nas proximidades dos sítios da tradição Tupiguarani são as comunidades arbóreas, matas de restinga.

Para o autor, de modo geral, as comunidades herbáceas, campestres e pioneiras predominam nas restingas que cobrem a Lagoa do Peixe, sendo as ilhas de mato interrompidas por formações aquosas ou arenosas que é a paisagem vegetal do litoral centro sul-rio-grandense.

As espécies que estão destacadas referem-se àquelas que têm maior significância fito-histórica para o núcleo de povoamento da tradição Tupiguarani, sendo que todas representam valor para a comunidade, seja de abastecimento de combustível (lenha), seja de potencial fitoterápico (chás) ou alimentícios (coleta de bolotas tipo o araçá, a pitanga e o butiá).

Dentre as árvores, as mais importantes são: Figueira-do-mato – *Ficus organensis,* Butiá – *Butia capitata, Butia eriosphata,* Pitanga – *Eugenia uniflora,* Araçá – *Psidium cattleyanum* e Embira – *Daphnopsis recemosa.*[63]

É possível que as mirtáceas tenham sido espalhadas com mais velocidade pela ação do homem. Encontram-se com facilidade grupos da família das mirtáceas nas proximidades dos sítios arqueológicos da planície costeira central.

Outros componentes relevantes da flora alimentar, tais como tunas (*Opuntia vulgaris*), cacto de árvore ou mandacuru (*Cereus* sp.), taleira (*Celtis sellowiana* Miq.), amora negra (*Morus nigra*), araçá vermelho (*Psidium variabile*), tarumã (*Vitex megapotamicus*), ananás (*Ananas nativus*), gravatá (*Eryngium* sp.), guabiroba-do-litoral (*Campomanesia littoralis*), goiaba (*Psidium gayava*), amora-preta (*Rubus sellowii*), banana-do-mato (*Bromelia antiacantha*) e carqueja (*Baccharis*), podem ser observados em toda a flora nativa nas áreas de restinga povoadas pela tradição Tupiguarani na porção central da planície costeira.

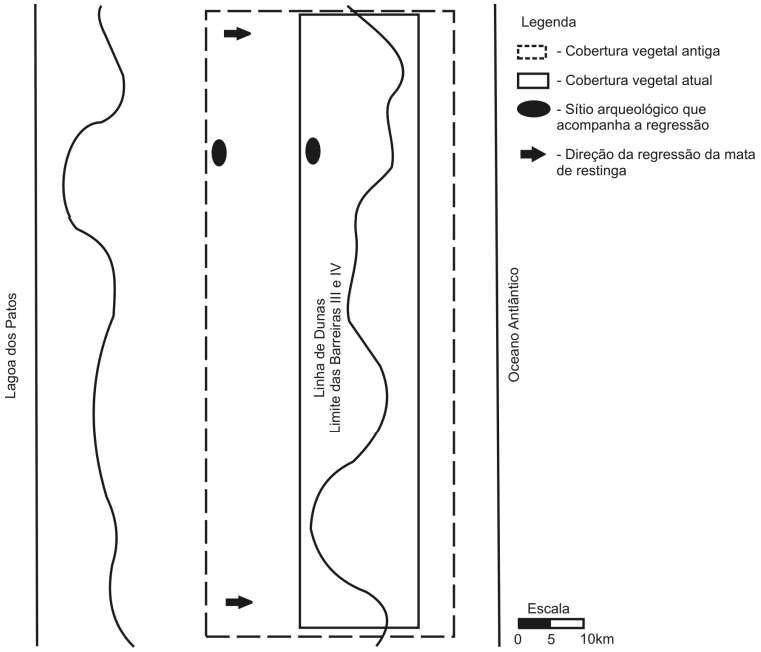


Figura 06. Regressão da área coberta de vegetação arbórea da mata de restinga e respectivo acompanhamento dos grupos da tradição Tupiguarani.

Cabe salientar que há diferença entre a cobertura vegetal sobre os sedimentos pleistocênicos (sistema deposicional laguna-barreira III) e holocênicos (sistema deposicional laguna-barreira IV) e, no limite entre eles, a mata de restinga sustentou o núcleo de povoamento. Outras plantas e fungos comestíveis são encontrados com facilidade na planície costeira central. São eles *Agaricus* sp.; *Macrolepidota* sp.; *Auricularia* sp.; *Pletorus* sp.; *Polyporus* sp.; e *Lycoperdon peraltun.*[64]

[60] RAMBO, 1956, p. 22-23.
[61] RAMBO, 1956, p. 23.
[62] WAECHTER, 1990, p. 231
[63] Extraído de MORETTO & MONDIN, 2002. p. 121; e MORAES & MONDIN, 2001. p. 93-94.
[64] NOELLI, 1993. p. 340.

Sobre a regressão da mata a hipótese mais provável é de que a cobertura arbórea da restinga, nos limites das Barreiras III e IV, era mais larga entre os anos 1100 e 1400 d.C, cobrindo uma área de 4,0 a 6,0 km de extensão no sentido leste-oeste. Com a chegada do homem na região, por volta do ano 1000 d.C., a mata teria começado a regredir de dezenas de quilômetros a poucos metros. Os grupos assentados próximos da margem do mato teriam acompanhado o recuo da vegetação, habitando o seu interior. Por este motivo existem sítios afastados em até 2,0 km da cobertura vegetal sobre o limite da Barreira III e IV.

Fauna

Segundo Rambo é possível dividir o litoral em diferentes zonas zoológicas: mar, praia úmida, as dunas, os campos, as lagoas e as matas. No entanto, observam-se apenas três grupos bem definidos de animais: os exclusivamente marinhos, animais exclusivamente de água doce e animais exclusivamente terrestres[65].

A fauna marítima é composta de peixes, cetáceos, bentos, quelônios marinhos, invertebrados, crustáceos e moluscos, distante do núcleo de povoamento em distâncias que variam de 500 a 4,0 km. Entre os peixes de água salgada destacam-se: corvina (*Micropogon opercularis*), miragaia (*Pogonias chromis*), burriquete ou miragaia jovem (*Pogonias chromis* L.), papa-terra (*Menticirrus martinicensis*), linguado (*Paralichtys orbignyana*), abrótea, cabrinha, castanha, pescada, pescadinha, Maria-luiza, anchova (*Chelodipterus saltator* L.), merluza, pargo-rosa, peixe-porco, arraia, espada, tira-vira, mamanga, barba-ruça, peixe-rei (*Odonthestes ihering*), tainha (*Mugil brasiliensis*), cascuda, anjo, pejereba, bagre (Siluridae fam.), viola (*Hinobatus horkelli*) e cação mangona[66]. As famílias de peixe mais significativas como recurso alimentar no litoral são: *Ariidae, Engraulididae, Atherinopsidae, Pomatomidae, Sciaenidae, Mugilidae, Trichiuridae* e *Bothidae*[67]. As espécies desta última família, os linguados, são, atualmente pescados com fisga (arpão) na Lagoa do Peixe; os da família *Mugilidae* (tainha) são capturados com rede (feiticeira) nos canais de escoamento da água da lagoa para o mar; os da família *Sciaenidae* (papa-terra) são pescados com linha de pesca e anzol.

Da fauna bentônica, marinha e lacustre, os componentes de maior importância são o camarão (*Penaeus paulensis*, *Pleoticus muelleri, Artemesia longinaris*) e o siri azul (*Callinectes sapitus*); existem também o caranguejo vermelho e o caranguejo preto, que podem ser apanhados a mão. O camarão é capturado com maior abundância no seu período de maturação e reprodução, quando entra na Lagoa dos Patos e Lagoa do Peixe para reproduzir. Pode ser pescado com redes de malha fina e com armadilhas de preparo artesanal.

Quando mamíferos marinhos, cetáceos e penípedes, entre eles o leão marinho, lobo-marinho, baleia franca e jubarte, vêm dar à praia, mortos, atraem animais carnívoros necrófagos, de médio e grande porte, bem como aves de rapina e carniceiras. Outros recursos alimentares que podem ser encontrados com facilidade à beira mar: tatuíra, mariscos (*Mesodesma mactroides*[68]), siri azul (*Callinectes sapitus*), aranha do mar, caranguejo espinhoso e caranguejo eremita[69].

Na zona de campos e nas áreas costeiras, as aves mais comuns são: socó, biguá, gaivotão (*Larus maculipenis*), gaivota rapineira, gaivota branca, cara-cará (*Aramus scolopaceus carau*), chimango do campo, fragata ou tesourão, trinta-réis ou andorinhas do mar, pingüim e talha-mar. Importantes, ainda, a caturrita (*Myiopsitta monachus monachus*), colhereiro (*Ajaja ajaja*), ema (*Rhea americana*), frango d'água (Rallidae e Javanidae – família), garça-branca (*Casmerodius albus egretta*), joão grande (*Eucenura maguari*), juriti (*Leptoptila verreauxi chlorauchenia*), maçarico (*Tringa flavipes*), marrecão (*Metopiana peposaca*), marreco (*Dendrocigna viduata*), narceja (*Capella paraguaiae paraguaiae*), pato cabororoca (*Coscoroba coscoroba*), pato de pescoço preto ou arminho (*Cygnus elancoryphus*), perdiz (*Rhynchotus rufescens rufescens*), pomba (*Columba cayennensis sylvestris*), quero-quero (*Belonopterus chilensis lampronotus*) e saracura (*Artygonaz sanguinolentus sanguinolentus*).

Segundo Rambo, na zona das areias movediças e das lagoas, a fauna é composta basicamente por indivíduos pequenos, principalmente insetos, répteis (pequenos lagartos) e invertebrados. São exemplos desta fauna: cascudos (coleópteros), sapo cururu, lagartixa das dunas, lagarta cabeluda da borboleta bruxa, lacraia da areia, siri das dunas. Diferencia-se um pouco da fauna das zonas de campo, que é composta de mamíferos de maior porte, por exemplo: veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), veado mateiro (*Mazama americana*), capivara (*Hidrochaeris hidrochaeris*), guaraxaim (*Dusicyon gymnocercus gymnocercus*) e mão pelada (*Procyon cancrivorus nigripes*) [70].

Os mamíferos estão associados a pequenos capões de mato, ou resquícios da mata de restinga no litoral. No entanto, os indivíduos mais abundantes dos campos (e por sua vez do litoral) são as capivaras

---

[65] RAMBO, 1956, p. 27.
[66] HAIMOVICI & MENDONÇA, 1996.
[67] PEREIRA, RAMOS & PONTES, 1998.
[68] Os sambaquis (concheiros ou casqueiros) do litoral do Rio Grande do Sul são formados com a presença maciça deste bivalve de ambiente salgado. Seu *habitat* natural é a zona de arrebentação, junto ao mar, onde vive submergido na areia úmida, podendo se enterrar até um metro de profundidade.
[69] RAMBO, 1956, p. 29.
[70] RAMBO, 1956, p. 31.

(*Hidrochaeris hidrochaeris*) que possuem particular importância por serem um roedor de grande porte, seu *habitat* são as zonas alagadiças e os banhados; em campo aberto é um animal lento. Outros animais se destacam, nas áreas próximas da mata de restinga: ratão do banhado (*Myocastor coypus bonaerensis*), rato da macega, tuco-tuco (*Stenodelphis blainvillii*) e preá (*Cavia pamparum* Thomas), estes, porém são mais rápidos e ocupam lugares de difícil acesso humano. Os animais que já ocorreram na região são anta (*Tapirus terrestris*), furão (*Galictis vittata brasiliensis*), gambá (*Didelphis* sp.), gato do mato (*Felis wiedi*), lebre (*Lepus europaeus europaeus* Pallas), lontra (*Lutra platensis*), mão-pelada (*Procyon cancrivorus nigripes*), onça (*Panthera onca*), porco-do-mato (*Tayassu* sp.), puma (*Felis concolor*), tatu mulita (*Dasypus hybridus*), tatu peludo (*Euphractus sexcinctus flavimanus*), tatu de rabo mole (*Cabassous totouay*), tatu-galinha (*Dasypus novemcintus*), tuco-tuco (*Ctenomys brasiliensis*) e zorrilho (*Conepatus chinga suffocans*).

No litoral centro são reconhecidos diferentes locais de captação de recursos, nas lagoas de água doce, por exemplo, os mamíferos comuns são a lontra e o ratão do banhado, seguidos pelos répteis de porte maior, como o jacaré de papo amarelo (*Caiman* sp.) e o lagarto monitor (*Tupinambis teguixim*) e, ainda, quelônios (*Platemys* sp.). Próximo às lagoas internas, pode ser reconhecida grande variedade de insetos, anfíbios e moluscos de água doce (*Erodona mactroides*[71], *Diplodon*, *Anodontites, Odontostomus* e *Pomacea*). A ictiofauna de água doce é composta por: traíra (*Hoplias malabaricus*), jundiá (*Rhandia* sp.), cascudo, muçum, savelha, biru, tambicu, barrigudinho e lambari (*Astyanax* sp.), entre os mais significantes em relação à obtenção de energia protéica.

Os peixes de água doce na planície costeira central do Rio Grande do Sul, especialmente nas proximidades da Lagoa do Peixe, podem ser capturados com armadilhas artesanais, linhas de pesca e anzóis, redes de espera e redes de arrasto. O peixe que costumeiramente é capturado com fisga (arpão ou porrete) é a traíra que procura águas mais rasas para se aquecer, expondo-se à ação do homem. Todos os peixes são atraídos com iscas feitas a partir de outros peixes, com exceção do jundiá que prefere sapos, rãs e lagartixas[72]. Os peixes mais significativos provindos de ambientes marinhos são: a corvina (*Micropoginias furnieri*), a miragaia (*Pogonias cromis*) e os bagres da Família Ariidae, capturados com mais freqüência entre os meses do final do inverno e primavera.[73]

Unidades de captação de recursos da Lagoa do Peixe

A maior unidade zonal de captação de recursos é a face praial marinha, em segundo lugar as lagoas do Peixe e do Bojuru. As duas regiões forneceriam alimentação em abundância e condições habitáveis em favor das comunidades do povoamento. A única objeção é em relação à sazonalidade; o litoral marinho é freqüentemente mais ocupado no verão e o litoral lagunar (mar de dentro) nos períodos de inverno-primavera. Ao menos uma das áreas alcançou graus elevados em fornecimento de energia de origem protéica e captação de recursos, que é a área da distribuição do núcleo do povoamento, isto é, a linha ocidental da Lagoa do Peixe, no limite da Barreira III e IV.

Os sambaquis lacustres estão concentrados num único ponto, nas margens da Lagoa dos Patos, enquanto que os marinhos distribuem-se ao longo da face intermareal. Isso ocorre porque naquele ponto da lagoa a salinidade é menor, favorecendo a proliferação do molusco *Erodona mactroides* e na praia a salinidade é homogênea em toda sua extensão, ocorrendo os sambaquis por uma área maior[74].

Na porção central da planície costeira, as áreas de captação de recursos estão inseridas em diferentes *habitats* e, às vezes, no mesmo nicho ecológico. Como exemplo, o marisco cujo *habitat* é a zona de arrebentação, particularmente a areia da zona intermareal, está num mesmo nicho ecológico que a fauna bentônica e os peixes, ou seja, a beira do mar. Há uma relação entre populações e recursos, que para determinarem estratégias particulares de exploração constatam a disponibilidade das fontes alimentares e seu potencial energético[75]. Na planície costeira central, entre os municípios de São José do Norte e Mostardas, as áreas que apresentam melhores condições de habitabilidade e alimentação para a tradição Tupiguarani são aquelas contíguas e próximas à Lagoa do Peixe, isto é, os campos de dunas vegetadas, as matas ciliares (galerias) e a proximidade entre as lagoas internas e as matas insulares (capões de mato), pois a fauna é mais abundante e o solo mais fértil.

Nos capões de mato nas margens da Lagoa do Peixe, são facilmente encontrados frutos e tubérculos para a alimentação, bem como ninhos de aves e répteis; a proximidade dos lagos menores provavelmente facilitava o abastecimento de água da população, bem como de proteína piscosa e anfíbia.

A planície costeira central apresenta, ainda, uma característica *sui generis*: as porções de terras litorâneas que estão compreendidas, em grande extensão entre o mar e a lagoa. A manutenção social do

---

[71] Os sambaquis de água doce e das bordas das grandes lagunas no litoral do Rio Grande do Sul são compostos quase que exclusivamente destes bivalves, diferenciam-se dos mariscos de água doce por serem mais fáceis de coletar, ou seja, seu ambiente natural é em superfície (não se enterra), à beira das lagoas, principalmente a Lagoa Mirim e dos Patos.
[72] Informação obtida através do Sr. Ney Marchettoti morador do km 58, do 4° Distrito de Rio Grande, Taim.
[73] CALIPPO, 2000.
[74] CALIPPO, 2000, p. 09.
[75] FOLEY, 1977, p. 169.

espaço permitiria que as populações da tradição Tupiguarani se articulassem para captar diferentes recursos em períodos sazonais distintos, ora na lagoa, ora na praia, passando por sistemas de estepes campestres com capões de mato, concentrados na área ocupada, entre a vila de Bojuru e o município de Mostardas. No entanto é no limite geológico, onde está fixado o núcleo de povoamento, que estão os diferentes tipos de nichos ecológicos. É no Sistema Deposicional Laguna-Barreira III[76] que se encontram reunidas as melhores condições de habitabilidade e potencial energético acumulado. A Barreira III, já mencionada, caracteriza-se por ser mais alta em relação ao nível do mar, mais seca em relação à formação geológica holocênica e mais agriculturável para plantios de culturas do seco (milho, mandioca e tabaco, por exemplo). São nestas formações que foram registrados os sítios relativamente mais densos.

A Barreira IV, mais baixa, não ultrapassando 4m acima do nível do mar, é representada pelos banhados que acumulam grande potencial energético, variedade biótica e a facilidade de captura dos animais que nele vivem. Os sítios nela registrados foram sambaquis lacustres e cerritos.

Argilas

No que se refere aos recursos para produção de artefatos cerâmicos, destacam-se as formações geológicas do Pleistoceno, onde são encontrados depósitos argilosos. Estes aglomerados são classificados como plataformas sílticas ou argilosas e compõe o piso dos sítios e das proximidades.

As plataformas de argila do Pleistoceno podem ser encontradas através de concreções ferruginosas no solo, pelota de argila (*clay balls*) ou simplesmente através da cor avermelhada dos sedimentos.

No litoral centro do Rio Grande do Sul "*a argila arenosa repousa sobre a areia quartzosa estendendo-se por vários quilômetros, possui 25cm a meio metro de espessura e cinqüenta metros de largura. Acredita-se que este material foi originalmente transportado pela água da lagoa dos Patos que, ao deixar a barra, entra em contato com a água salgada, permitindo a floculação da argila.*"[77] Isto acontece sobre areias de sedimentação recente, contudo é sobre as elevações da Formação Chuí[78] (Barreira III) que os maiores conglomerados argilosos se formam. Estes ficam cobertos pela areia de origem eólica, todavia, em alguns pontos é possível observar afloramentos destas camadas argilosas. Por sobre elas ou distantes aproximadamente 50,0 m encontram-se os blocos testemunhos e fragmentos de cerâmica Tupiguarani erodidos em superfície.

Lítico

As unidades de captação de recursos líticos mais próximas estão na encosta das serras ou então nos leques aluviais da margem oeste da Lagoa dos Patos[79]. Todas as formações são de origem Quaternária, a Formação Laterita Serra de Tapes é uma das mais antigas, portanto "*ao longo do fronte leste da Serra de Tapes, em áreas onde estão presentes rochas ígneas e metamórficas, são comuns os latosolos.*[80]" O leste da serra de Tapes é o ponto mais próximo para a extração de blocos com mais 3,0 kg.

As populações que ocuparam a planície costeira central precisariam efetuar jornadas, ou cruzar as grandes lagoas internas para obter matéria-prima lítica. Os dados indicam que um grupo localizado no município de Tavares teria que percorrer uma área de no mínimo 60 km e no máximo de 300 km para obter matéria-prima de boa qualidade. As unidades de captação de recursos líticos da porção sul da planície costeira se encontram nas proximidades dos municípios de Jaguarão, Arroio Grande e Pedro Osório, pois é a partir destas localidades que se forma o escudo sul-rio-grandense, que são seqüências de embasamento cristalino, ou seja, rochas cristalinas não diferenciadas.

Na porção norte da planície costeira central, a matéria-prima lítica é relativamente mais acessível. Nas proximidades das lagoas dos Barros, dos Quadros e Itapeva, se encontram as proximidades do planalto e a depressão periférica das seqüências vulcânicas da bacia do Paraná. Nesta região é possível obter basalto e arenito de boa qualidade e, ainda, localizar afloramentos ou seixos de minerais da família das calcedônias.

Há, ainda, alternativa de obtenção de materiais resistentes para a produção de instrumentos, nos fósseis que freqüentemente vem dar à praia ou as jazidas pleistocênicas com a presença de tubos fósseis denominados *Callichirus* sp. O material fossilífero é inadequado para o lascamento, no entanto serve como instrumento para percussão e polimento.

---

[76] VILLWOCK & TOMAZELLI, 1995, p. 27.
[77] DELANEY, 1965, p. 84.
[78] Em Delaney (1965), o termo Formação Chuí, equivale ao mesmo Sistema Deposional Laguna-Barreira III de Villwock & Tomazelli (1995, p. 27), o mesmo vale para o termo Formação Recente, que equivale ao Sistema Deposicional Laguna-Barreira IV (Villwock e Tomazelli, 1995, p. 29) dos mesmos autores respectivamente.
[79] Rocha básica é o quartzo, na bacia e no delta do rio Camaquã, os grãos podem chegar a 8,0 cm.
[80] DELANEY, 1965, p. 75.

Ósseo

Os mamíferos compõem a principal fonte para a obtenção de matéria-prima óssea; no entanto, o litoral central diferencia-se pela quantidade e variedade de artefatos em ossos de peixe, principalmente de teleósteos. Os elasmobrânquios, tubarões, cações e arraias são responsáveis pelo fornecimento de carne, dente e esporões. Os peixes que morrem próximo à costa e vêm dar na praia, após serem comidos pelas aves carniceiras, deixam seus ossos expostos. O bagre possui esporões com farpas que, depois de polidos, serviriam para ser utilizados como agulha ou ponta-de-projétil.

As aves fornecem ossos pneumáticos, que facilitam a produção de adornos, pois são naturalmente vazados. Dentre os mamíferos de maior relevância no fornecimento de ossos estão a capivara, o veado campeiro e o veado galhada. Os ossos mais densos proporcionam matéria-prima de qualidade para a produção de instrumentos como pontas-de-projétil, adornos, batedores, furadores e espátulas. Os chifres de veado, compostos de queratina, portando material não ósseo, assim como os dentes, poderiam ter sido utilizados para lascar pedra.

Uma das unidades de captação de recursos ósseos, considerada na pesquisa, foi a extensão da praia na planície costeira central, entre Bojuru e o limite norte do município de Mostardas onde concentra-se o núcleo de povoamento Tupiguarani. Os recursos como o ósseo, o conchífero e outros variantes zoológicos são subprodutos das próprias fontes alimentares, não havendo um nicho específico para esta unidade[81].

Conchífero

Unidade de captação de recursos malacológicos é melhor delimitada em relação às anteriores. Os moluscos bivalves e univalves marinhos podem ser coletados em toda a área costeira de arrebentação, e podem ser encontrados até aproximadamente 100 m ou mais à frente da linha do oceano. Dentre os bivalves marinhos destaca-se o *Mesodesma mactroides* como fonte de obtenção de energia protéica e conchas cortantes. Provindo do ambiente marinho é importante também o molusco gastrópode *Adellomellon* sp., além de fornecer carne, sua concha pode ser utilizada para inúmeros fins, pois é relativamente maior entre as que ocorrem na costa e tem alta concentração de calcário que pode ser polido, particularmente a columela.

No ambiente campestre, o molusco gastrópode mais ocorrente é o *Megalobulimus* sp. Sua concha é calcária e provavelmente a carne serviu como alimentação. Existem, além destes mencionados, outros moluscos, no entanto estes são os mais prováveis de terem sido utilizados como recursos alimentares e materiais, devido a sua significativa presença nos sítios.

Em ambiente lacustre, destaca-se o molusco bivalve *Erodona mactroides*, que possui concha relativamente pequena. Seus usos prováveis são o adorno e a alimentação. Pode ser obtido através de coleta. Os sambaquis lacustres que possuíam cerâmica Tupiguarani em superfície eram compostos destas bivalves.

Neste espaço, com aproximadamente 80,0 km de extensão, a mata de restinga é arbórea, fechada e densa. Nesta porção o limite entre as Barreiras III e IV é mais espesso, alcançando até 2,0 km, favorecendo a ocorrência de abundante caça e pesca: no verão, com entrada da água do mar pelo seu canal de escoamento, ocorre a salinização da Lagoa do Peixe, passando a receber peixes marinhos. Entre os meses de primavera e verão, proliferam os crustáceos no sul (camarão e siri) e no norte, na desembocadura da lagoa, ocorrem os peixes de água rasa (linguados), que podem ser pescados com fisga e armadilha; os peixes pescados com rede e linha (tainha, peixe-rei, corvina, bagre e papa-terra) são capturados mais facilmente na barra da lagoa nas épocas de primavera e verão. A lagoa é rasa, com no máximo 2,0 m de profundidade.

Esta paisagem sustentaria um núcleo de povoamento Tupiguarani por diversas razões: a presença de mata abundante, lagoa com pesca o ano inteiro; plataformas sedimentares argilosas para a captação de matéria-prima para a confecção de vasilhas; ambiente favorável para a exploração da horticultura; área mais alta e seca próxima a um grande reservatório de água potável; maior variedade de animais para caça; abundante palha dos juncais para confecção de cestaria e habitações; o formato alongado da lagoa que favoreceria a navegação e o transporte entre as hortas e as aldeias.

A planície costeira central, em comparação a outros ambientes de exploração, em que se estabeleceu o Tupiguarani, é delicada e menor. Começam ali a proliferar os campos do litoral sul, onde inexistem matas de grande porte. É a última fronteira em que conseguem realizar seu modo de vida.

[81] Sobre os métodos de caça e pesca foi consultado o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis – IBAMA, sediado no Taim, Rio Grande. O fiscal Sr. Paulo Martins, afirma que é onde se localiza a maior concentração de caça predatória a mamíferos de médio porte. Os métodos mais comuns, segundo o fiscal, são as armas de fogo e as armadilhas. Dentre os animais capturados, em primeiro lugar está a capivara, em segundo o tatu mulita e o por ultimo, em ordem de freqüência, o jacaré.

PARTE II - DOS SÍTIOS DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI

Capítulo III. OS SÍTIOS QUE PARECEM ALDEIAS

Denominamos aldeias os sítios formados por duas a seis concentrações de material cerâmico, lítico, ósseo e conchífero. As dimensões das concentrações variam entre 5,0 e 15,0 m. A mancha de terra escura é bem definida, a sedimentação era significativa, continuando o material de superfície a ocorrer, às vezes, em profundidades que vão de 20,0 aos 60,0 cm. Em blocos testemunhos podem ser encontrados vestígios faunísticos e material lítico, elementos que são relativamente escassos nas manchas superficiais.

As aldeias estão localizadas em espaços estratégicos com relação à Lagoa do Peixe e à do Bojuru, em regiões adjacentes secas, altas e arborizadas.

As aldeias estão entre e sobre as dunas, numa altitude de mais de 15,0 m, no centro da mata de restinga, no limite da Barreira III com a barreira IV, distando entre 100 e 500 m da margem da lagoa. A plataforma III, nesta região, é mais larga e se estende da margem da Lagoa do Peixe até a margem da Lagoa dos Patos, com poucos banhados e com abundantes matas de restinga.

A região onde se situam as aldeias estende-se de Bojuru até o limite norte de Mostardas.

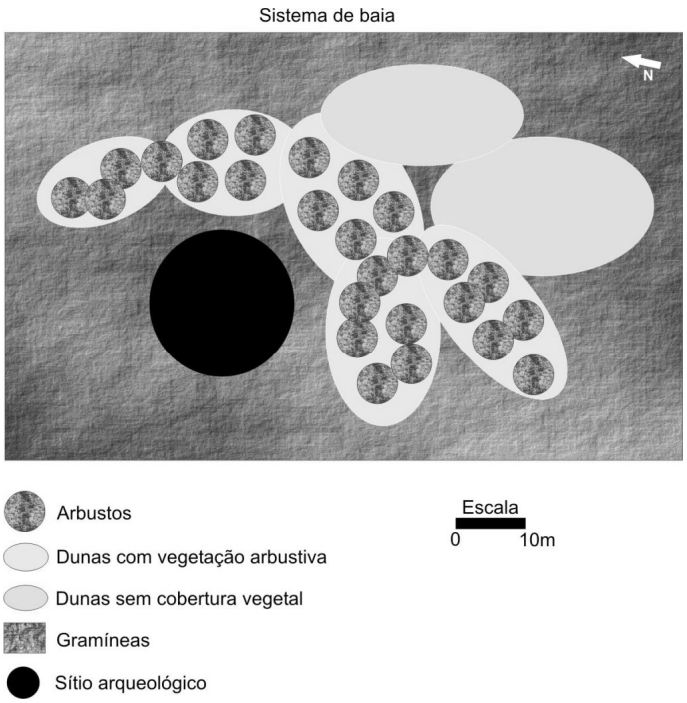


Figura 07. Sistema de "baia" para estabelecimento de ocupação e abrigo contra os ventos.

As casas não estão organizadas em formas geométricas, mas sim em linha, acompanhando o relevo das dunas, que lhes poderiam oferecer abrigo contra os ventos. Apresentam maior quantidade de material cerâmico, lítico e ósseo do que os sítios isolados, aparecendo significativo número de afiadores-em-canaleta, mós, almofarizes e polidores.

Entre duas aldeias, separadas por mais de 5,0 km, freqüentemente existem um ou dois sítios isolados.

A ausência das grandes panelas pintadas poderia indicar certa instabilidade populacional ou uma instalação menos consolidada. As matas, no lado oriental da lagoa, são pequenas em comparação com as da planície sedimentar da base da Serra de Tapes. O ambiente da margem ocidental da Lagoa dos Patos teria favorecido uma implantação mais consolidada de grupos portadores da tradição Tupiguarani, ao passo que no lado oriental da lagoa, com suas reduzidas matas de restinga, não chegou a se concretizar um estabelecimento semelhante. Poderia representar, também, um momento tardio de ocupação desta última área, fechando-se em áreas restritas, pois parte do ambiente já estaria ocupado pela tradição Vieira.

Bojuru – São José do Norte

Aldeia do Bojuru Velho

RS-LC-37: Bojuru Velho "A"

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-37 são 31°38'57,35"S e 51°22'28,60"W. Está localizado nas proximidades do caminho que leva do distrito de Bojuru à praia, em direção sul, mais ou menos 3,0 km. Antes de alcançar a praia encontra-se uma sanga, desaguadouro de uma lagoa; nesta encontram-se duas concentrações de material denominadas de "A" no centro da margem e "B" distando 30,0 m a nordeste de "A". Tanto "A" como "B" estão em terreno foreiro pertencente a Mari Palladino, residente em Bojuru. O terreno pertenceu anteriormente à Igreja Católica. Distam do mar aproximadamente 800 m. Os dois sítios já foram visitados na década de 1960 pelo Prof. Guilherme Naue (PUCRS) e o Prof. Wander Valente (FURG)[82].

[82] MENTZ RIBEIRO, A.; PEREIRA PENHA, M. A.; TORRANO RIBEIRO, Catharina. Ficha de Sítio n. 38, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1998.

> Na localidade de Bojuru, distrito de São José do Norte, segue-se pela BRT-101, direção sul até o entroncamento com o caminho que leva à praia (são mais ou menos 3km); continuando por este caminho, chega-se a praia depois de mais ou menos 4km; seguindo em direção norte pela praia, em torno de 5km, encontra-se uma sanga, desaguadouro de uma lagoa distante uns 800m a oeste. Os sítios encontram-se do lado oeste e mais ou menos central da referida lagoa: "A", mais ao sul e o "B", distante 30m, ao nordeste. Encontram-se sobre uma camada de solo arenoso e compacto, ferruginoso.[83]

A vegetação é rasteira, sobre um solo arenoso. O pisoteio do gado, associado à chuva e ao vento, são os principais fatores destrutivos; hoje pode ser considerado destruído.

O sítio está 2,0 m acima do nível da lagoa e distante 10,0 m da mesma. Sua altitude em relação ao nível do mar é de 5,0 m. Em recente visita ao sítio, em clima seco e com o baixo nível da lagoa, o sangradouro estava seco, ficando difícil sua localização. A vala do sangradouro faz uma abertura entre as dunas, podendo ser identificado deste modo.

Foto 01. Vista geral dos sítios Bojuru Velho "A" e "B". Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1994.

O material distribui-se em uma elipse de terra escura, intercalada de cômoros ou coberta de areia, com 100 m de diâmetro; nele encontram-se fragmentos de cerâmica Tupiguarani, fragmentos de matéria corante, lascas, alguns polidores de arenito, ossos e conchas.

> A primeira área foi denominada de "B" – com muito menos material – e a outra de "A". Nesta havia tanta cerâmica (fragmentos) Tupiguarani, que demarcamos uma área de 3x3m e coletamos sistematicamente do seu interior; fora, apenas alguns polidores de arenito, matéria corante, lascas polidas.[84]

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

O material é representado por uma amostra de 950 fragmentos de cerâmica, recolhidos em coleta sistemática, numa área de 3,0 x 3,0 m no centro da lente de ocupação. Entre os fragmentos recolhidos 77 são simples (8,1%), 548 corrugados (57,9%), 26 ungulados (2,7%), 106 pintados (11,0%) e 193 inclassificáveis (20,3%). Ainda foram recolhidos 17 afiadores-em-canaleta, feitos sobre fragmentos de cerâmica.

Os fragmentos representam vasilhas que foram confeccionadas pela técnica do acordelado, em 72,2% dos casos. A pasta é compacta e uniforme, com o antiplástico distribuído homogeneamente entre o núcleo e a parede. A coloração da pasta é o pardacento-oliva na face externa e cinzento-pálido na face interna. A variação para a cor ocre-pardacenta se dá com a presença de manchas de fumaça que indicam queima

[83] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA, M. A.; TORRANO RIBEIRO, Catharina. Ficha de Sítio n. 37, Doc. 1 e 2, Item 11, do Arq. do LEPAN, 1998.
[84] MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo: 16/12/94.

incompleta em atmosfera oxidante. Devido a essa queima incompleta, o núcleo é ocre-acinzentado e a extensão da queima é de 0,6 cm.

O antiplástico é considerado fino, entre 0,02 e 0,04 cm, segundo escala de Hargrave & Smith, composto por grãos arredondados e angulosos de provável depósito de rio ou córrego, composto por grãos de quartzo triturados, cerâmica triturada e grãos de coloração preta que não foi possível classificar. A cerâmica triturada aparece na superfície de alguns fragmentos, medindo até 0,1 cm de diâmetro. Devido à presença reduzida de quartzo a dureza, segundo escala de Mohs, fica entre 2 e 3.

No acabamento de superfície estão mais representados os corrugados, com 59,0% dos fragmentos estudados, seguidos pelos simples, pintados e ungulados. Não houve ocorrência de fragmentos com decoração escovada ou raspada. A decoração pintada, vermelho sobre branco, aparece em 6,5% dos fragmentos, ou seja, em 62 peças; vermelho sobre branco na face interna aparece em 3,0%; e apenas 1,3% dos fragmentos são decorados de vermelho sobre branco em ambas as faces. Neste sítio, diferentemente dos anteriores, a decoração pintada com motivos curvilíneos na face interna é predominante.

Ocorrem também o banho e o engobe, nitidamente acrescentados para alisar e ocultar falhas e espaços vazios entre roletes. O engobe tem a coloração pardacenta avermelhada e a espessura entre 0,02 a 0,03 cm.

As formas das vasilhas, que foram reconstituídas a partir das bordas, indicam a predominância de recipientes esféricos, semi-esféricos e elipsóides horizontais, nesta ordem de ocorrência. O contorno, em 68,9% dos casos desenhados, é o simples, com pouca incidência de compostos, cerca de 03 a cada 12. Neste sítio são menos freqüentes as vasilhas em meia-calota e as formas compostas. As vasilhas semi-esféricas, com pintura interna, e as esféricas corrugadas representam, de maneira relativa, a maioria dos fragmentos. As bordas são verticais e diretas, ocorrendo com menor freqüência as inflectidas e extrovertidas. Os lábios são arredondados e, algumas vezes, aplanados. O bojo das vasilhas raramente possui carena, alguns são cambados e a densa maioria segue o contorno da borda direto ao bojo, sem ombro e pescoço. A base é, em geral, arredondada.

	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	Nº de Frag.	%
Cerâmica Tupiguarani	Simples	Esférica Elipsóide	Composto Simples	16-36	0,8-1,1	06-14	Arred. Arred.	77	8,1
	Corrugado	Esférica Bicônica	Simples Composto	18-26	0,6-1,0	08-17	Arred. Cônica	548	57,8
	Ungul.	Esférica	Simples	12-16	1,4-1,2	13-18	Arred.	26	2,7
	Pintado	Meia-esfera Complexa	Simples Composto	15-22	0,5-1,0	07-12	Arred. Cônica	106	11,0
	Inclass.	-	-	-	0,4-1,6	-	-	193	20,3

Tabela 04. Distribuição do material cerâmico no sítio RS-LC-37: Bojuru Velho "A".

Lítico

O material lítico é escasso. Foram recolhidas em coleta sistemática, 02 lascas de calcedônia, com dimensões entre 2,1 a 3,9 cm de comprimento por 1,1 a 1,9 cm de largura; 08 fragmentos de matéria corante e 02 polidores de arenito.

O sítio Bojuru Velho "A" e o Bojuru Velho "B" poderiam ser duas habitações; ou uma única parcialmente encoberta pela areia da duna. A mancha de areia escura, típica da ocupação, está atrás da lagoa em relação ao mar. Ambos os sítios só apresentam material da tradição Tupiguarani, além de 08 fragmentos de ossos de peixes e 17 de conchas.

RS-LC-38: Bojuru Velho "B"

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-38 são 31°38'56,33"S e 51°22'26,63"W. As características da paisagem são as mesmas do anterior, diferenciando-se apenas na posição em relação à lagoa. Num círculo de terra escura com 10,0 m de diâmetro, está distribuído o material arqueológico composto de fragmentos de cerâmica Tupiguarani, fragmentos de matéria corante, lascas polidas e alguns polidores em arenito.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Em coleta sistemática foram recolhidos 216 fragmentos, sendo 45 simples (20,9%), 89 corrugados (41,3%), 04 ungulados (1,8%), 33 pintados (15,2%) e 45 fragmentos inclassificáveis (20,8%).

Estes fragmentos pertenceram a vasilhas que foram confeccionadas, em 77,1% dos casos, pela técnica do acordelado.

A pasta é arenosa fina, compacta e firme. A argila foi bem amassada, distribuindo homogeneamente o tempero e não deixando bolhas de ar; a fratura é regular, aparecendo, na fratura, o engobe e o banho, com espessuras de até 0,1 cm.

O antiplástico possui as mesmas características do sítio Bojuru Velho "A", ou seja, concentração reduzida de quartzo triturado, maior número de grãos triturados de cerâmica, resultando numa dureza entre 2 e 3, segundo escala de Mohs. A quantidade relativa de argila é maior que a de antiplástico, em 68,3% dos fragmentos.

O tratamento de superfície é, na maioria dos casos, o corrugado na face externa com pontos ungueais espalhados pela superfície, seguido pelo simples e o pintado. A tonalidade da cor, em geral, diferencia-se dos fragmentos recolhidos no sítio Bojuru Velho "A", apresentando variações entre pardacento-oliva e ocre-pardacento e são um pouco mais escuros, devido a maior presença de manchas de fumaça.

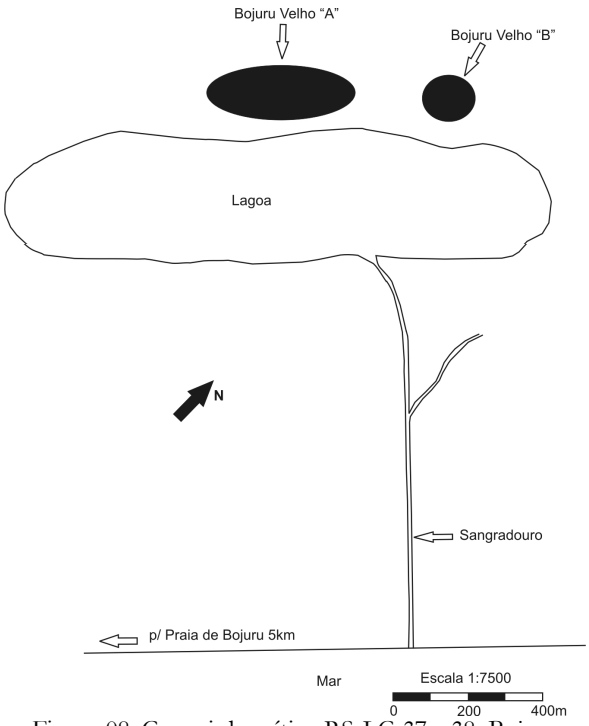


Figura 08. Croqui dos sítios RS-LC-37 e 38: Bojuru Velho "A" e "B".

As formas reconstituídas indicam predominância de vasilhas esféricas, com a presença marcante de formas ovóides. As bordas, que terminam em lábios arredondados, apresentam forte inflexão nos contornos simples e, nos compostos, são carenados. Os recipientes pintados internamente têm a forma de meia-calota e os pintados externamente possuem formas complexas. As bases são, na maioria das ocorrências, arredondadas, seguidas das cônicas.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	Nº de Frag.	%
	Simples	Complexa Esférica Elipsóide	Composto Simples	20-42	0,7-1,4	06-58	Cônica Arred.	45	20,9
	Corrugado	Esférica Meia-calota	Simples	15-38	0,8-1,2	08-17	Arred. Arred.	89	41,3
	Ungulado	Esférica	Simples	8-14	0,6-1,0	13-18	Arred.	04	1,8
	Pintado	Meia-calota Complexa	Simples Composto	22-26	0,5-1,1	07-12	Arred. Cônica	33	15,2
	Inclass.	-	-	-	0,4-1,6	-	-	45	20,8

Tabela 05. Distribuição do material cerâmico por decoração no sítio RS-LC-38: Bojuru Velho "B".

Tavares

Aldeia Tavares I

RS-LC-56: Estevaldino Luis Rodrigues I

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-56 são 31°26'33,66"S e 51°10'46,51"W. O sítio localiza-se a 20,0 km de Tavares, em direção a São José do Norte e 1,0 km deste ponto, em direção oeste. Num raio de menos de 1,0 km ficam os sítios RS-LC-58 e RS-LC-09.

Para melhor entendimento da localização segue a descrição original:

> Para alcançar o local, segue-se pela RST (BR) – 101 desde Tavares, na direção de São José do Norte, por mais ou menos 20 km. Toma-se um caminho à esquerda por 1 km, aproximadamente até a residência do Sr. Manuel Mariano Machado (Manduca). Daí segue-se a direção nordeste uns 600 m passando pela casa do Sr. Onofre da Silva Machado (filho do Sr.

Manduca) e pelo sítio Levi Faria dos Santos, contornando uma duna, entre as mais avançadas ao oeste, encontramos a primeira concentração, que denominamos concentração "A".[85]

O sítio é formado por cinco concentrações distintas, onde foi coletado o material arqueológico. Na ocasião do levantamento, uma área de cerca de 500 x 500 m foi percorrida nos arredores do sítio.[86] Abaixo, fornecemos uma breve descrição das concentrações:

Concentração "A" - Em uma mancha de terra escura com 35,0 (norte/sul) x 20,0 m de diâmetro, foram registrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani.

Concentração "B" – 200 m ao sul da "A", uma mancha de terra escura de 20,0 x 10,0 m (noroeste/sudeste), 50,0 cm acima do nível local, foi registrada cerâmica Tupiguarani e uma camada intacta, que pode ser escavada.

Concentração "C" – 350 m ao sul das terras dos Sr. Levi Farias dos Santos encontra-se esta mancha de terra escura, de 15,0 m de diâmetro, parcialmente destruída.

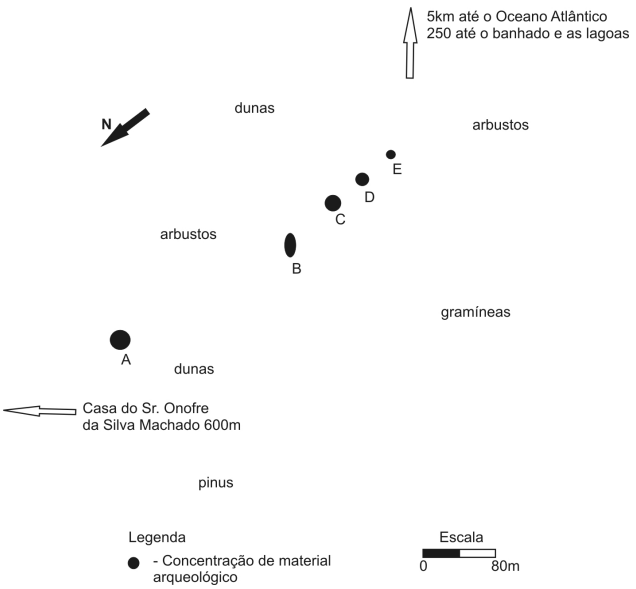


Figura 09. Croqui do sítio RS-LC-56: Estevaldino Luis Rodrigues I.

Concentração "D" – 380 m ao sul de "C", numa área de 15,0 m de diâmetro encontram-se, em superfície, fragmentos de cerâmica Tupiguarani.

Concentração "E" – 410 m ao sul de "D", outra mancha de terra escura com aproximadamente 10,0 m de diâmetro, com fragmentos de cerâmica Tupiguarani[87].

Foto 02. Vista geral do sítio Estevaldino Luis Rodrigues I, concentração "B". Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1998.

As concentrações seguem paralelas às dunas e estão organizadas em linha reta, na direção da casa do Sr. Onofre. Sobre as dunas há vegetação espessa e arbustiva; nos arredores, fora da duna, é possível visualizar campos gramados. Cerca de 200 m a leste, existem uma sanga e uma lagoa de água doce. O sítio está a mais ou menos 15,0 m acima do nível do mar.

A área de assentamento do sítio cobre cerca de 350 m entre as dunas. Nessa área o solo é arenoso, com rala vegetação rasteira e possibilidade de erosão devido à ação do vento e da chuva.

[85] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO. E. H. Ficha de Sítio n. 56, Item 11, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1997.
[86] MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo: 06/12/1996.
[87] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO. E. H. Ficha de Sítio n. 56, Item 27, Doc. 1 a 6, do Arq do LEPAN, 1997.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Concentração "A" – Foram recolhidos 224 fragmentos na ocasião da coleta sistemática, dos quais 60 são simples, 81 corrugados, 10 ungulados, 21 pintados e 53 inclassificáveis. Entre os pintados existem 19 fragmentos pintados de vermelho sobre branco na face externa e 02 com decoração semelhante na face interna.

Concentração "B" – Foram recolhidos 269 fragmentos, sendo 51 simples, 133 corrugados, 10 ungulados, 32 pintados e 43 inclassificáveis. Os pintados são representados por 24 fragmentos com vermelho sobre branco na face externa e 05 na face interna, além de 01 vermelho na face interna e 01 decorado com vermelho na face externa, e vermelho sobre branco na face interna.

Concentração "C" – Numa amostra de 203 fragmentos recolhidos em coleta sistemática, 65 são simples, 85 corrugados, 12 ungulados, 26 pintados, 02 fragmentos apresentavam técnica associada e 13 são inclassificáveis. Dos pintados, 25 fragmentos são decorados de vermelho sobre branco na face externa, 01 com a mesma decoração na face interna.

Concentração "D" – Com 55 fragmentos, foi possível identificar 08 simples, 22 corrugados, 10 ungulados, 03 pintados de vermelho sobre branco na face externa, 01 com técnica associada e 11 não classificados.

Concentração "E" – Numa amostra de 30 fragmentos foram identificados 09 simples, 18 corrugados, 01 ungulado, 01 pintado de vermelho sobre branco na face interna e 01 fragmento que apresenta técnica associada, ou seja, corrugado na face externa e pintado de vermelho na face interna.

A tabela abaixo apresenta, com relação às concentrações, a quantidade de fragmentos de cada decoração, de tal modo que seja possível uma fácil visualização. A decoração corrugada é a mais expressiva, representando quase a metade do percentual das decorações dos fragmentos encontrados nos sítios.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	"A"		"B"		"C"		"D"		"E"	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
	Simples	60	26,7	51	18,9	65	32,0	08	14,6	09	28,1
	Corrugado	81	36,1	133	49,6	85	44,7	22	40,0	18	56,2
	Ungulado	10	4,4	10	3,7	12	5,9	10	18,2	01	3,1
	Pintado	20	9,2	32	10,7	26	12,7	03	5,4	01	3,1
	Téc. Ass.	-	-	-	-	02	0,8	01	1,8	01	3,1
	Inclass.	53	23,6	43	15,9	13	6,4	11	20,0	-	-
	Total	224	100	269	100	203	100	55	100	30	100

Tabela 06. Distribuição do material cerâmico no sítio RS-LC-56: Estevaldino Luis Rodrigues I.

As características gerais da cerâmica Tupiguarani são as seguintes:

A fratura é regular entre os roletes indicando que foram manufaturados pela técnica do acordelado, percebendo-se em 78,0% dos fragmentos a junção dos roletes.

A pasta é bem amassada, sem a presença de bolhas cavernosas de ar. A coloração do núcleo oscila entre o pardacento-avermelhado e pardacento-alaranjado; alguns casos apresentam núcleo preto-acinzentado. As tonalidades indicam que os fragmentos sofreram cocção em atmosfera oxidante, numa queima razoavelmente controlada.

O antiplástico é composto por grãos angulares e finos de quartzo, grãos pretos não identificados e algumas espículas vermelhas. Não foram identificados restos vegetais no tempero; verificaram-se, também, fragmentos de cerâmica triturada na mistura. As dimensões vão do 0,01 ao 0,09 cm, sendo os maiores grãos os de cerâmica. Predominam os grãos de quartzo angulosos (depósito de rio), entre 0,02 a 0,04 cm, areia média segundo a escala de Hargrave & Smith.

O tratamento de superfície predominante é o corrugado na face externa, com algumas pontuações acidentais da unha. Os fragmentos são bem alisados na face interna e alguns apresentam engobe vermelho na mesma superfície. Devido à erosão, alguns fragmentos estão descascando, notando-se, nestes casos, que o engobe e o banho apresentam espessuras entre 0,2 a 0,35 cm. A coloração predominante da superfície dos fragmentos é o pardacento-ocre, alternando-se as tonalidades de acordo com a proximidade das manchas de fumaça, seguindo as cores sépia, pardacento-pálido e mais raramente pardacento.

As formas características são as esféricas e em meia-esfera. As bordas reconstituídas através dos desenhos mostraram que as vasilhas possuíam, na maioria dos casos, bordas extrovertidas e com reforço externo. O lábio, em 68,3% das ocorrências, é aplanado. O pescoço é curto, seguindo do bojo direto à borda. Os vasos não são carenados, salvo os pintados de vermelho sobre branco na face externa. Os pintados na face interna têm a forma de meia-calota e são cambados. O contorno predominante das vasilhas é o inflectido, no entanto quase regulam, em quantidade, com contornos simples. Os bojos esféricos acabam em bases arredondadas, as pertencentes a vasilhas pintadas e carenadas terminam em uma base levemente cônica.

Em 45,9% dos casos, as bordas desenhadas resultaram em vasilhas corrugadas com contornos inflectidos, formas esféricas e bases arredondadas, com abertura de boca entre 19,0 e 40,0 cm, espessura predominante de 1,0 cm e profundidades aproximadas entre 8,0 e 17,0 cm.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	Nº de Frag.	%
	Simples	Complexa Elipsóide	Composto Simples	14-18	0,6-1,2	06-24	Cônica Arred.	193	26,1
	Corrugado	Esférica Meia-calota Carenada	Simples Infletido	19-40	0,9-1,2	08-17	Arred. Arred. Cônica	339	45,9
	Ungulado	-	-	-	-	-	-	43	-
	Pintado	Meia-esfera Complexa	Infletido Simples Cambado	15-26	0,9-1,2	08-12	Arred. Cônica	82	11,1
	Téc. Ass.	Meia-esfera	Inflectido	18-20	0,8-1,0	11-14	Arred.	04	0,5
	Inclass.	-	-	-	0,6-1,4	-	-	120	16,2

Tabela 07. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-56: Estevaldino Luis Rodrigues I.

Cerâmica Vieira

Concentração B – Foram coletados 02 fragmentos de cerâmica que pertenceram a vasilhas diferentes, confeccionadas pela técnica do modelado. A pasta é temperada com antiplástico grosso, ocorrendo entre 0,04 e 0,09 cm segundo escala de Hargrave & Smith. O tratamento de superfície é o alisado, com algumas incisões acidentais, feitas provavelmente com uma espátula. A cor é o pardacento-acinzentado com variações para o pardo. A espessura da parede é de 0,9 cm. Os fragmentos pertenciam a vasilhas diferentes, fato observado quando um tinha no tempero espículas calcárias e conchas moídas e o outro apenas quartzo triturado.

Concentração E – Apenas 01 fragmento foi registrado na ocasião da coleta. O fragmento pertence a uma vasilha confeccionada pela técnica do modelado. O tratamento de superfície é o alisado, com marcas de alisamento com ramalhetes de palha. O antiplástico é de areia grossa, composta por grãos de quartzo com 0,03 a 0,05 cm de diâmetro. A cor das paredes é o pardacento-acinzentado e a espessura é de 0,8 cm.

Os fragmentos não eram de bordas, por isso não foi possível reconstituir as vasilhas.

O sítio Estevaldino Luís Rodrigues é, provavelmente, uma aldeia anterior à fundação da cidade de Rio Grande. A suposta aldeia estaria organizada em linha, paralela ao mar e margeando as dunas. Dentre as concentrações, três delas (A, B e C) são semelhantes entre si quanto à tipologia e quantidade do material e morfologia do sítio.

Dentro da aldeia Tavares I, duas concentrações (D e E) são menores e possuem menos material; nelas foram encontrados fragmentos de cerâmica Vieira. As concentrações "D" e "E", localizadas mais ao sul, apresentam um espaço diminuto de distribuição do material.

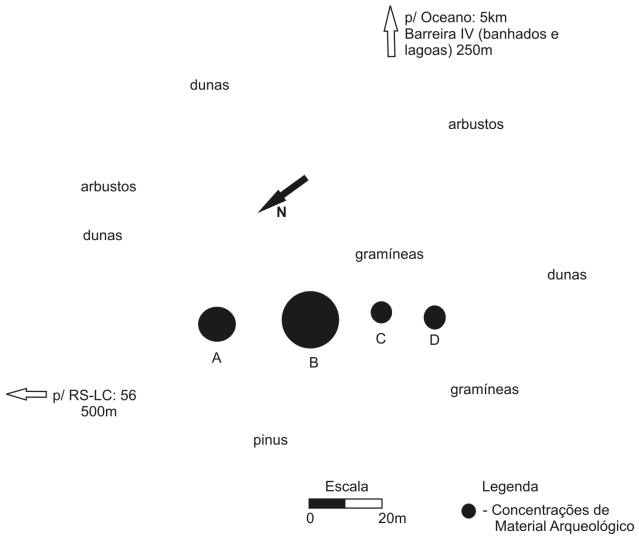


Figura 10. Croqui do sítio RS-LC-64: Estevaldino Luis Rodrigues II.

Aldeia Tavares II

RS-LC-64: Estevaldino Luis Rodrigues II

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-64 são 31°26'48,98"S e 51°10'58,54"W. O sítio está localizado a 500 m a nordeste do sítio RS-LC-56, na mesma linha de dunas mais

afastadas a oeste[88], ou seja, sobre a Barreira III. No sítio em si não há cobertura vegetal, entretanto as dunas ao redor possuem cobertura arbustiva e rasteira. O assentamento está a 15,0 m acima do nível do mar e o solo é arenoso e friável. Existe uma sanga e uma lagoa ao leste, a aproximadamente 200 m.

Atualmente os sítios estão estáveis, ou seja, na mesma situação de conservação, apesar de parcialmente destruídos.

O sítio apresenta quatro concentrações circulares, que oscilam entre 10,0 e 5,0 m de diâmetro. Nas concentrações foram registrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani[89].

Concentração "A" - A mais setentrional possui 10,0 m de diâmetro e está a 15,0 m da concentração "B";

Concentração "B" - A maior, com 15,0 m de diâmetro, dista 8,0 m da "C";

Concentração "C" - Possui 5,0 m de diâmetro e está a 10,0 m da concentração "D";

Concentração "D" - A concentração mais meridional, possui 5,0 m de diâmetro.

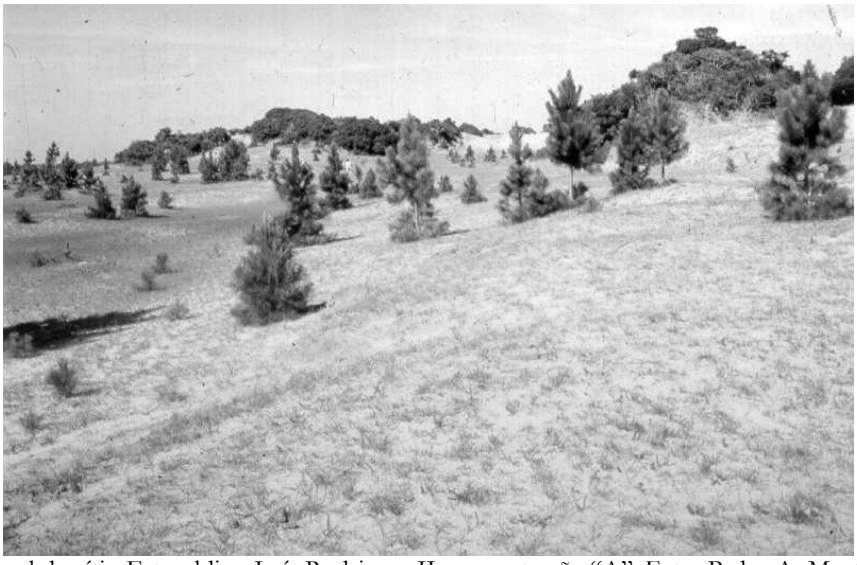


Foto 03. Vista geral do sítio Estevaldino Luís Rodrigues II, concentração "A". Foto: Pedro A. Mentz Ribeiro, 1998.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Concentração "A" – Foram coletados 21 fragmentos, sendo que 07 são simples (33,3%), 07 corrugados (33,3%), 02 ungulados (9,5%), 02 pintados de vermelho sobre branco na face interna (9,5%) e 03 são inclassificáveis (14,3%).

Concentração "B" – Numa amostra de 71 fragmentos, 16 são simples (22,5%), 43 corrugados (60,7%), 02 ungulados (2,8%), 09 pintados (12,6%) e 01 apresenta técnica associada (1,4%). Os pintados, em 04 fragmentos, são decorados de vermelho sobre branco na face interna, 02 fragmentos são decorados de vermelho sobre branco na face externa e 03 pintados de vermelho na face interna.

Concentração "C" – Dos 56 fragmentos coletados, 22 são corrugados (39,4%), 08 ungulados (14,2%), 01 pintado de vermelho sobre branco na face externa (1,7%) e 25 são inclassificáveis (44,7%).

Concentração "D" – Dos 243 fragmentos coletados, 95 são simples (39,1%), 59 corrugados (24,3%), 12 ungulados (4,9%), 19 são pintados (7,4%), sendo que destes 18 apresentam pintura em vermelho sobre branco na face externa e 01 é pintado de vermelho na face interna e 58 são inclassificáveis (23,9%).

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	"A"		"B"		"C"		"D"	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
	Simples	07	33,3	16	22,5	-	-	95	39,1
	Corrugado	07	33,4	43	60,7	22	39,4	59	24,3
	Ungulado	02	9,5	02	2,8	08	14,2	12	4,9
	Pintado	02	9,5	02	2,8	01	1,7	19	7,4

[88] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA M. A. Ficha de Sítio n. 64, Item 11, Doc. 1 do Arq. do LEPAN, 1998.
[89] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA M. A. Ficha de Sítio n. 64, Itens 15, 16, 17 e 24, Doc. 1 do Arq. do LEPAN, 1998.

	Téc. Ass.	-	-	01	1,4	-	-	-	-
	Inclass.	03	14,3	-	-	25	44,7	58	23,9
	Total	21	100	71	100	56	100	243	100

Tabela 08. Distribuição do material cerâmico no sítio RS-LC-64: Estevaldino Luis Rodrigues II.

As características gerais da cerâmica Tupiguarani são as seguintes:

Os fragmentos pertenceram a vasilhas confeccionadas pela técnica do acordelado, sendo visível a junção positiva e negativa em 68,2% dos casos. A fratura entre os roletes é regular.

A pasta é bem amassada, com ausência de bolhas cavernosas de ar. O antiplástico está distribuído homogeneamente na pasta e é formado por grãos finos de quartzo, que ocorrem entre 0,02 a 0,04 cm; em menor quantidade aparecem os grãos de cerâmica triturada. O núcleo é, na maioria dos casos, pardacento-pálido. As variações de tonalidade indicam queima incompleta e mal controlada, com cocção em atmosfera oxidante.

O tratamento de superfície, na maioria dos casos, é o corrugado na face externa e o alisado na face interna. A coloração é o pardacento-oliva, variando a tonalidade para pardacento-avermelhado e pardacento-ocre.

As formas peculiares são a meia-esfera e a meia-calota, ocorrendo também esféricas e complexas. O contorno é em geral simples, em alguns casos é composto. As bordas apresentam a característica de serem em geral diretas e extrovertidas, terminando em lábio arredondado. As reconstituições das vasilhas indicam que eram rasas e largas como "bacias", diferenciando-se do material dos outros sítios. As bases são em geral arredondadas.

Este agrupamento de ocupações é outro exemplo do modelo de assentamento da porção central da planície costeira: segue paralelo ao relevo das dunas, na plataforma pleistocênica, as concentrações têm forma circular e se organiza paralelamente em relação ao mar; talvez estejam separadas apenas por causa da erosão provocada pelo movimento das dunas. Ela não está diretamente relacionada com a aldeia do sítio Estevaldino Luís Rodrigues I. As duas aldeias estão dentro de um raio de 1,0 km em relação aos sítios Manoel Mariano Machado, Sidnei da Silva Machado e Levi Faria dos Santos.

Parque Nacional da Lagoa do Peixe

Aldeia da Lagoa do Peixe

RS-LC-54: PARNA II

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-54 são 31°04'54,41"S e 50°49'53,07"W e localiza-se a 3,0 km ao sul das casas do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e de Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, que se situa na parte norte do parque. Distante 2,0 km do sítio RS-LC-53 localiza-se este sítio, que mede 140m na direção nordeste/sudeste por 50,0 m na linha sudeste/noroeste.

A implantação é a mesma do sítio anterior em termos de vegetação e tipo de solo, mas diferencia-se pela abundância e diversidade de material cultural. No sítio foram encontrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani, afiadores-em-canaleta em arenito, núcleo de calcedônia, uma massa compacta de cerâmica, "quebra-coquinho" e afiador-em-canaleta em cerâmica. O sítio PARNA II possui seis concentrações, descritas a seguir:

Concentração "A" - Localizada a 3,0 km das casas do IBAMA, é a mais setentrional. Apresenta uma mancha de terra preta de 10,0 m de diâmetro. O material é composto por fragmentos de cerâmica Tupiguarani.

Concentração "B" - Distante 15,0 m a sudeste da concentração "A", apresenta mancha de terra escura, com aproximadamente 10,0 m de diâmetro. Fragmentos de cerâmica Tupiguarani foram registrados no local.

Concentração "C" - A concentração possui 15,0 m de diâmetro e está a 50,0 m ao sul da concentração "B". Foram registrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani, afiadores-em-canaleta em arenito, núcleo de calcedônia e uma massa de cerâmica elipsóide e compacta. Apresenta a maior quantidade de material, inclusive de afiadores-em-canaleta em arenito[90].

[90] MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo: 02/11/1996.

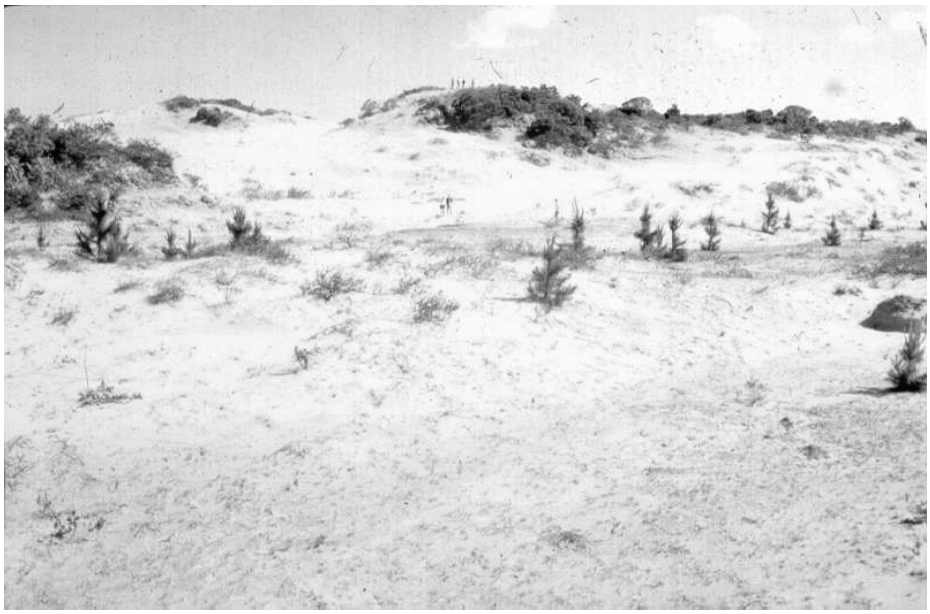


Foto 04. Vista geral do sítio Parna II, cercado por dunas arenosas e escassa vegetação rasteira. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

Concentração "D" - A concentração, que se encontra a 15,0 m ao nordeste da concentração "C", possui aproximadamente 10,0 m de diâmetro. Registraram-se massa compacta de cerâmica, afiadores-em-canaleta em material lítico e em cerâmica e fragmentos relativamente grandes de cerâmica Tupiguarani.

Concentração "E" - Dista da concentração "C" aproximadamente 40,0 m e possui 10,0 m de diâmetro. O material coletado é composto por cerâmica Tupiguarani.

Concentração "F" - Dista aproximadamente 20,0 m da concentração "E", em direção leste e possui aproximadamente 10,0 m de diâmetro. É a mais meridional das concentrações. Apresentou, na superfície, cerâmica Tupiguarani[91].

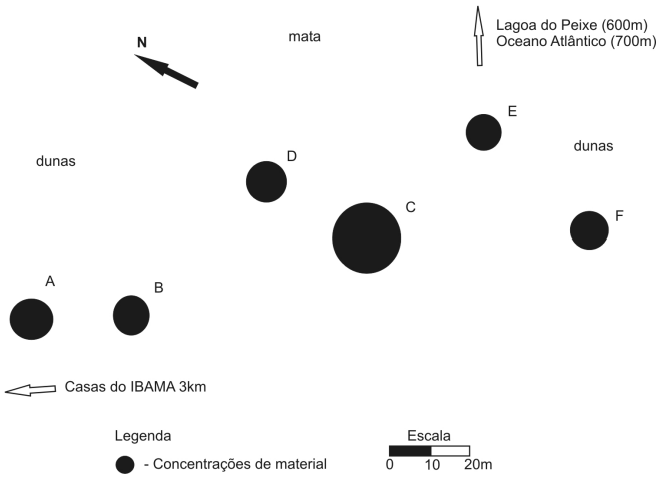


Figura 11. Croqui do sítio RS-LC-54: Parna II.

É interessante observar que as concentrações não se organizam em estrutura geométrica, formando um círculo ou "ferradura", característica de uma aldeia. As ocupações e assentamentos seguem o ritmo da formação das dunas de areia, e com freqüência se organizam de forma paralela em relação ao mar e à barreira geológica. As concentrações estão próximas umas das outras, fazem parte do mesmo contexto e apresentam materiais tipologicamente semelhantes. A concentração "C" é maior e relativamente central.

O mar dista 7,0 km na direção leste; a Lagoa do Peixe, de água doce, está a 0,6 km a leste/sudeste. No passado deveriam estar bem abastecidos, tanto de água potável como de alimentos provenientes de fauna marinha e terrestre; na mata de restinga deveriam ter possibilidades de cultivo.

As seis concentrações estão muito afetadas pela erosão e a plantação de pinus. No entanto, ainda é possível extrair informação do sítio devido à movimentação das dunas, que ora é inimiga, ora é aliada. Nas últimas visitas foi constatado que parte da concentração "C" estava soterrada e, a concentração "B", coberta totalmente. Em compensação encontrou-se outra concentração que foi denominada de "G", que até o momento não foi registrada.Todavia, observou-se que nos próximos meses, devido à ação do vento, ela também estará soterrada.

Material Arqueológico

[91] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO. E. H. Ficha de Sítio n. 54, Itens 11 e 27, Doc. 1 a 8 do Arq. do LEPAN, 1997.

Cerâmica Tupiguarani

Concentração "A" – São 72 fragmentos cerâmicos recolhidos em coleta superficial, sendo que 07 são simples (9,7%), 58 corrugados (80,6%), 01 pintado de vermelho sobre branco na face interna (1,3%) e 06 inclassificáveis (8,4%). Além dos fragmentos, foram coletados: 01 afiador-em-canaleta em cerâmica, 01 quebra-coquinho e 01 concreção ferruginosa.

Concentração "B" – Foram recolhidos, em coleta sistemática, 524 fragmentos, sendo 70 simples (13,5%), 416 corrugados (79,6%), 24 ungulados (4,5%), 14 pintados (2,4%). Entre os pintados, 06 são decorados de vermelho sobre branco na face externa e 04 possuem a mesma decoração na face interna; 01 é pintado de vermelho na face externa, 02 têm a mesma decoração na face interna e 01 está pintado de vermelho em ambas as faces.

Concentração "C" – Numa amostra de 284 fragmentos, 35 são simples (12,3%), 212 corrugados (74,7%), 37 pintados (13,0%). Os pintados são, em 27 fragmentos, decorados de vermelho sobre branco na face externa e 10 com mesma decoração na face interna. Além destes, foram coletados 07 afiadores-em-canaleta em fragmentos de cerâmica reutilizada, 25 afiadores-em-canaleta em arenito e 02 pesos de rede em basalto cinza.

Concentração "D" – Na concentração foram coletados 139 fragmentos, sendo 22 simples (15,9%), 74 corrugados (53,3%) e 43 pintados (30,8%), sendo que destes 24 foram pintados de vermelho sobre branco na face externa, 01 foi pintado de preto sobre branco em ambas as faces 11 pintados de vermelho na face interna e 03 pintados de vermelho em ambas as faces; 04 apresentam técnica associada, ou seja, vermelho na face interna e corrugado na face externa.

Concentração "E" – Foram coletados 130 fragmentos, entre eles 10 são simples (7,7%), 86 corrugados (66,4%), 05 ungulados (3,8%), 28 pintados (21,4%) e 01 inclassificável. Os pintados estão representados por 16 fragmentos decorados de vermelho sobre branco na face externa, 01 pintado de vermelho na face externa, 07 pintados de vermelho na face interna e 02 pintados de vermelho na face interna e vermelho sobre branco na face externa; 02 fragmentos apresentaram técnica associada, com pintura vermelha na face interna e corrugado na face externa.

Concentração "F" – Num total de 77 fragmentos coletados, 20 são simples (25,9%), 26 corrugados (33,8%), 10 ungulados (12,9%), 04 pintados (5,3%), sendo 03 pintados de vermelho sobre branco na face externa e 01 com a mesma decoração na face interna e 17 inclassificáveis (22,1%).

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	"A"		"B"		"C"		"D"		"E"		"F"	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%º	Nº	%
	Simples	07	9,7	70	13,5	35	12,3	22	15,8	10	7,6	20	25,9
	Corrugado	58	80,6	416	79,6	212	74,7	74	53,3	86	66,4	26	33,8
	Ungulado	-	-	24	4,5	-	-	-	-	05	3,8	10	12,9
	Pintado	01	1,3	14	2,4	37	13,0	43	30,8	28	21,4	04	5,3
	Téc. Ass.	-	-	-	-	-	-	04	2,8	02	1,5	-	-
	Inclass.	06	8,4	-	-	-	-	-	-	01	07	17	22,1
	Total	72	100	524	100	280	100	139	100	130	100	77	100

Tabela 09. Distribuição do material cerâmico no sítio RS-LC-54: Parna II.

As características gerais da cerâmica Tupiguarani são as seguintes:

Os fragmentos faziam parte de vasilhas que foram confeccionadas pela técnica do acordelado. A fratura é regular, perpendicular à parede e em ângulos variáveis. Em mais de 50,0% dos fragmentos existem as impressões da junção dos roletes.

A textura é compacta e firme, não ocorre o desprendimento de grãos. A pasta tem a mesma textura da superfície, em geral é bem amassada, distribuindo o tempero homogeneamente. O núcleo apresenta variação de cores entre o cinza-liláceo, preto-liláceo e pardo-violáceo escuro. A cerâmica é razoavelmente bem queimada, em atmosfera oxidante, mal controlada. A extensão da queima ocorre entre 0,5 a 1,2 cm. A dureza, segundo escala de Mohs, é 4.

O antiplástico é areno-siltoso e médio, segundo escala de Wentworth, oscilando entre 0,03 a 0,225 cm. A composição é de grãos de quartzo angulosos, restos vegetais carbonizados, grãos de cerâmica moída e grânulos de concreções ferruginosas ou óxido de ferro.

As tonalidades das superfícies ocorrem em pardacento-pálido, ocre-pardacento, pardacento-oliva, pardacento-alaranjado, pardacento-pardo e pardo.

O tratamento de superfície predominante é o plástico, ou seja, corrugado com traços ungueais na face externa e o alisado com estrias na face interna. Em geral, o acabamento é relativamente bom, distribuindo-se uniformemente pela superfície dos fragmentos. A maioria dos fragmentos apresentou banho de argila fina de 0,3 cm de espessura. O padrão de tratamento da decoração pintada, característica do sítio, é o lábio apresentar uma faixa vermelha com 0,9 cm de largura; 2,0 cm de largura na faixa de cor branca abaixo da primeira e 1,5 cm de largura da banda vermelha abaixo da branca. O padrão estende-se no correr da faixa externa entre a carena e o lábio, no bojo do recipiente. Uma faixa, da largura de um dedo médio, é preenchida com linhas paralelas e cruzadas, entre o lábio e o pescoço da vasilha.

As formas predominantes no sítio RS-LC-54: PARNA II são as esféricas, em meia-esfera, ovóides e em meia-calota, nessa ordem de freqüência; nas vasilhas com decoração corrugada, são esféricas, elipsóides, em meia-calota, nessa ordem de freqüência; e, entre as pintadas, ocorrem formas em meia-calota, elipsóides horizontais, complexas e carenadas, com pintura interna e externa, respectivamente. Os contornos são, na grande maioria, infletidos e compostos, os contornos simples tendem a ter a borda expandida. As bordas são extrovertidas nas vasilhas esféricas corrugadas e inflectidas nos recipientes elipsóides com pintura interna. Nas vasilhas pintadas externamente as bordas são cambadas e/ou com reforço externo.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	Nº de Frag.	%
	Simples	Esférica Complexa Elipsóide	Composto Composto Simples	16-22	0,5-1,4	08-16	Arred. Cônica Arred.	164	13,3
	Corrugado	Esférica Meia-esfera Meia-calota	Composto Inflectido Simples	19-32	0,9-1,2	05-31	Arred Arred. Cônica	872	70,7
	Ungulado	Meia-calota	Simples	16-28	0,8-1,0	10-17	Arred.	39	3,1
	Pintado	Meia-esfera Complexa	Inflectido Simples Cambado	16-32	0,6-1,0	08-29	Arred. Cônica	127	10,3
	Téc. Ass.	-	-	-	0,8-1,2	-	-	06	0,4
	Inclass.	Esférica Complexa Elipsóide	Composto Composto Simples	16-22	0,5-1,4	08-16	Arred. Cônica Arred.	24	1,9

Tabela 10. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-54: Parna II.

Os lábios que ocorrem com mais freqüência são os arredondados, seguidos pelos apontados e, mais raros, os aplanados. As bases são arredondadas e cônicas. Os vasilhames, reconstituídos através dos desenhos das bordas, são semelhantes a panelas, pratos e tigelas.

Nas concentrações "B" e "C" foi coletado maior número de peças, sendo que a concentração "C" é a que possui maior diâmetro. Os dados arrolados indicam ocupações densas, relativamente duradouras. Os fragmentos compartilham características particulares no agrupamento de sítios, como os motivos decorativos nos vasilhames pintados. As evidências apontam para uma aldeia da tradição Tupiguarani ocupada num período entre os séculos XI e XVIII d.C. Deve-se lembrar que no sítio também foram recolhidos 02 fragmentos de faiança portuguesa, 10 fragmentos de faiança fina, sendo 09 fragmentos de *Royal Rim Pattern,* tipo *cream ware* e 01 *white ware*; ainda, 08 fragmentos de cerâmica colonial vidrada, 01 fragmento de telha e 01 fragmento de dente de animal. O material histórico pode ter sido descartado posteriormente; de fato, ainda existe, nas proximidades, uma fazenda colonial. O material histórico é deposição posterior, lixo, portanto não tem nenhuma relação com o material pré-colonial da concentração.

Os portadores da tradição Tupiguarani preferiam assentar-se em zonas de mato, aproveitando, no caso, as pequenas florestas de restinga que estavam mais concentradas e densas sobre as dunas da Barreira III, no limite com a Barreira IV. Sobre a plataforma arenosa da Barreira III só há campo e pequenas matas insulares isoladas, incapazes de sustentar uma aldeia. Na plataforma úmida e alagadiça da Barreira IV existem banhados, grandes lagoas e dunas não vegetadas, próximas do mar, espaço que sustentaria sítios isolados de caça, pesca e coleta, porém, igualmente, não sustentaria uma aldeia.

Mostardas

Aldeia Mostardas

RS-LC-55: A. Adolfo de Araújo

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-55 são 31°07'30,25"S e 50°54'58,04"W e está situado a 2,0 km da casa do Sr. Araújo, que fica na periferia de Mostardas.

As concentrações seguem o mesmo modelo de ocupação da porção central da planície costeira. O sítio está a 1,5 m acima do nível da planície e aproximadamente 15,0 m acima do nível do mar. Existem algumas vertentes de água doce a 200m ao leste e uma lagoa nesta mesma direção. Existe nas proximidades da concentração "D" material lítico lascado pertencente à tradição Umbu, mas não sabemos se foi um sítio reocupado posteriormente, nem a origem do material. Sobre as dunas da Barreira III, no limite com o campo, encontram-se quatro concentrações de material, que foram denominadas "A", "B", "C" e "D".

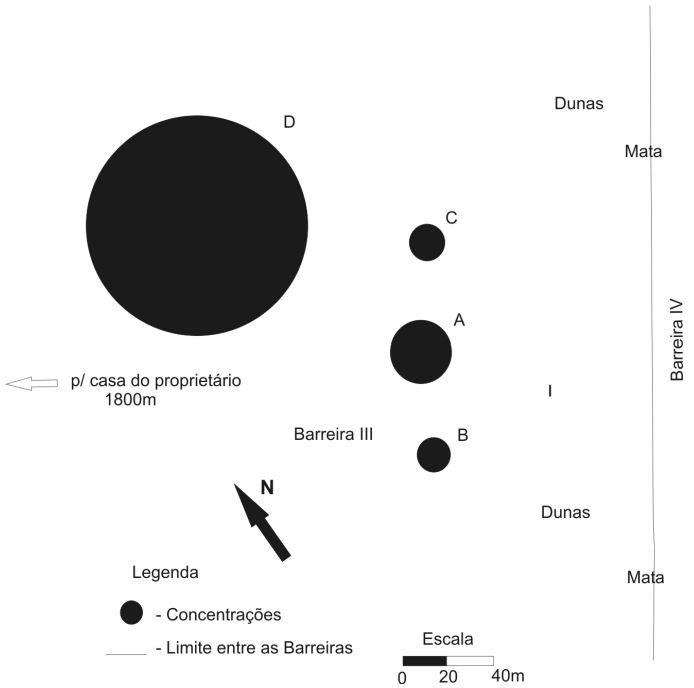


Figura 12. Croqui do sítio RS-LC-55: A. Adolfo de Araújo.

Concentração "A" - Numa mancha de terra escura, de aproximadamente 30,0 m de diâmetro, encontram-se, em superfície, fragmentos de cerâmica Tupiguarani e afiadores-em-canaleta em cerâmica.

Concentração "B" – Em mancha de terra preta, medindo aproximadamente 15,0 m de diâmetro, a 30,0 m da concentração "A", em direção sudoeste, ocorrem fragmentos de cerâmica Tupiguarani e afiadores-em-canaleta também em cerâmica.

Concentração "C" – A 30,0 m de "A", em direção nordeste, encontra-se uma lente de ocupação, de aproximadamente 15,0 m de diâmetro, onde se encontram, em superfície, fragmentos de cerâmica Tupiguarani e afiadores-em-canaleta em cerâmica[92].

Concentração "D" - A concentração "D" está a 50,0 m, ao norte da concentração "A". É a maior mancha de terra escura, com aproximadamente 100 m de diâmetro. Nela foram registrados em superfície alguns fragmentos de cerâmica Tupiguarani e duas pontas-de-projétil em pedra lascada[93].

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Concentração "A" – Foram recolhidos, em coleta sistemática, 521 fragmentos, sendo 104 simples (19,9%), 244 corrugados (42,4%), 31 ungulados (5,9%), 07 escovados (1,3%), 77 pintados (14,8%), 10 com técnica associada (1,9%), ou seja, corrugado na face externa e pintado de vermelho na face interna e 48 inclassificáveis (9,3%). Além dos fragmentos cerâmicos, foram recolhidos 04 afiadores-em-canaleta, 01 raspador, 01 batedor-alisador, 01 bola de boleadeira e 03 lascas. Dos 77 fragmentos pintados, 42 são pintados de vermelho sobre branco na face externa, 14 são pintados de vermelho sobre branco na face interna, 04 são pintados de vermelho sobre branco em ambas as faces, 05 fragmentos são pintados de vermelho na face externa e 12 fragmentos são pintados de vermelho na face externa e, na face interna, são pintados de vermelho sobre branco.

Concentração "B" – Foram coletados 149 fragmentos, entre eles 16 são simples (6,7%), 119 são corrugados (84,2%), 11 pintados (7,9%), 01 com técnica associada (0,6%) e 01 inclassificável (0,6%). Foram encontrados, ainda, 01 afiador-em-canaleta em arenito e 01 fragmento de arenito. Os 11 pintados são representados por 05 fragmentos pintados de vermelho na face interna, 04 são pintados de vermelho sobre branco na face externa e 01 fragmento pintado de vermelho na face externa.

---

[92] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO. E. H. Ficha de Sítio n. 55, Item 11 e 27, Doc. 1 a 5, do Arq. do LEPAN, 1997.

[93] MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo: 07/12/1996.

Concentração "C" – Foram coletados 113 fragmentos, dos quais 22 são simples (19,5%), 78 corrugados (69,2%), 01 ungulado (0,8%), 09 pintados (7,7%) e 03 inclassificáveis (2,6%). Foram registrados, ainda, 01 fragmento de arenito e 01 seixo de quartzo. Entre os pintados, 02 são decorados de vermelho sobre branco na face externa, 01 de vermelho sobre branco na face interna, 01 pintado de vermelho na face externa, 02 pintados de vermelho na face externa e vermelho sobre branco na face interna e 03 pintados de vermelho na face interna e vermelho sobre branco na face externa.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	"A"		"B"		"C"		"D"	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
	Simples	104	19,9	16	6,7	22	19,5	-	-
	Corrugado	244	42,4	119	84,2	78	69,2	06	75,0
	Ungulado	31	5,9	01	0,8	01	0,8	-	-
	Escovado	07	1,3	-	-	-	-	-	-
	Pintado	77	14,8	11	7,9	09	7,7	02	25,0
	Téc. Ass.	10	1,9	01	0,6	-	-	-	-
	Inclass.	48	9,3	01	0,6	03	2,6	-	-
	Total	521	100	149	100	113	100	08	100

Tabela 11. Distribuição do material cerâmico no sítio RS-LC-55: A. Adolfo de Araújo.

Concentração "D" – Foram registrados 08 fragmentos de cerâmica, sendo 06 corrugados (75,0%) e 02 pintados (25,0%). Ainda, nesta mancha escura, foram coletadas "02 pontas-de-projétil líticas lascadas, uma de basalto, completamente alisada pela erosão eólica e outra, maior, em arenito metamorfizado, ambas pedunculadas e com aletas"[94].

As características gerais da cerâmica Tupiguarani são as seguintes:

As peças apresentavam, em 08 fragmentos a cada 10, a impressão do positivo e negativo da junção dos roletes, indicando manufatura acordelada. A fratura é regular e perpendicular à parede.

A pasta é, em geral, bem amassada, com lamínulas paralelas à parede, indicando boa mistura. A textura é compacta, não desagrega facilmente. O antiplástico está homogeneamente distribuído e a quantidade relativa de argila é maior. O núcleo é de coloração preta-lilácea e cinza-enegrecida entre paredes pardacentas e está concentrada do lado interno, indicando semi-cocção, em atmosfera oxidante e mal controlada.

O antiplástico é arenoso fino, com dimensões entre 0,02 e 0,04 cm, composto de uma mistura de grãos de quartzo e outros minerais, como o plagioclásio e o feldspato; alguns fragmentos apresentam restos de vegetais carbonizados na mistura.

Nas concentrações "A", "B", "C" o tratamento de superfície predominante é o corrugado na face externa e o alisado na face interna. Está bem acabado, mas, às vezes, apresenta estrias na face interna. As tonalidades mais ocorrentes são o pardacento-avermelhado e o pardacento-oliva, cobrindo a superfície da peça, exceto as manchas de fumaça que são cinzas-violáceas. A dureza é 4, segundo a escala de Mohs.

As formas características das vasilhas são freqüentemente esféricas e ovóides quando corrugadas e em meia-calota quando pintadas internamente; quando pintadas na face externa, são complexas. O contorno oscila de simples a composto, com linhas complexas. As bordas tendem a serem expandidas, com maior ocorrência das extrovertidas. O lábio é, na maioria dos casos, apontado. A base é arredondada, com incidência de cônicas.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	Nº de Frag.	%
	Simples	Esférica Elipsóide	Composto Simples	12-32	0,8-1,2	08-23	Arred. Arred.	142	17,9
	Corrugado	Esférica Ovóide	Composto Simples	22-47	0,7-1,4	09-30	Arred Arred.	447	56,5

[94] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO. E. H. Ficha de Sítio n. 55, Item 24, Doc. 1 a 5, do Arq. do LEPAN, 1997.

	Ungulado	Meia-esfera	Simples	10-14	0,8-1,0	12-16	Arred.	32	4,0
	Escovado	-	-	-	-	-	-	07	0,8
	Pintado	Meia-esfera Complexa	Simples Composto	20-28	0,6-1,1	08-18	Arred. Cônica	99	12,5
	Téc. Ass.	Esférica	Composto	18-30	0,6-1,0	10-17	Cônica	11	1,3
	Inclass.	-	-	-	0,9-1,2	-	-	52	6,5

Tabela 12. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-55: A. Adolfo de Araújo.

RS-LC-68: Aldeia Ângela Waise

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-68: Ângela Waise são 31°58'35,8"S e 52°01'54,9"W e pertence ao município de São José do Norte. Para alcançar a localidade segue-se por 6,0 km pela BR-101 na direção São José do Norte – Estreito e, depois, percorrendo mais 2,0 km à esquerda. As concentrações encontram-se numas dunas, distante uns 300 m da estrada (caminho), à esquerda e ao oeste-sudeste; a Lagoa dos Patos fica a oeste dos sítios, distante uns 400 m, na mesma posição dos sítios próximos a Capivaras[95].

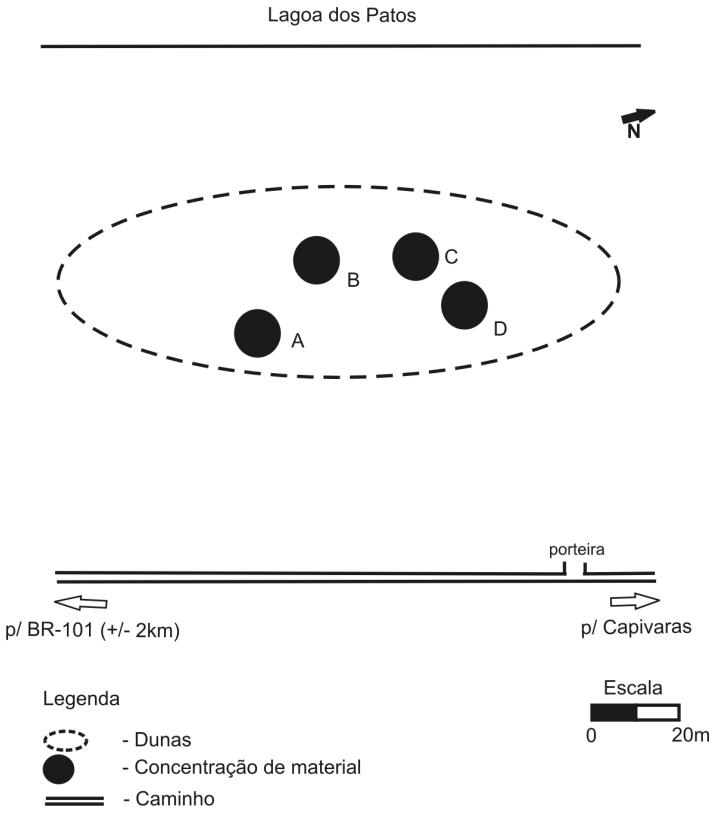


Figura 13. Croqui do sítio RS-LC-68: Ângela Waise.

A paisagem, onde estão inseridas as concentrações, é formada por dunas que compõe o limite da Barreira III com a IV, junto e sobre elas existem arbustos e árvores de pequeno porte. O solo no sítio é semi-argiloso e dos arredores é arenoso coberto com gramíneas nas baixadas do sítio. As águas mais próximas são pequenos córregos a 200 m e a Lagoa dos Patos, a 400 m. A altura é de 19,0 m acima do nível da lagoa.

Foram observadas quatro concentrações de material arqueológico. Denominou-se de "A", a concentração mais ao sul, até "D" a mais setentrional. As concentrações "B" e "C" estavam sobre um solo ferruginoso e as concentrações "A" e "D" sobre terra escura, queimada e sobre a areia[96]. As concentrações medem entre 5,0 a 15,0 m de diâmetro: "A" com 5,0 m; "B" com aproximadamente 15,0 m; "C" com 10,0 m e "D" com mais ou menos 10,0 m.

Na ocasião foram recolhidos menos de 100 fragmentos de cerâmica Tupiguarani, polidores de arenito, um fragmento pequeno de lâmina de machado na concentração "B", matéria-corante, ossos e conchas; na concentração "A" foram recolhidos ossos de peixe. O material apenas foi classificado, não passou pelo processo de análise.

Capítulo IV. OS SÍTIOS ISOLADOS PUROS

Os sítios Tupiguarani isolados, puros, estão representados cada um por uma mancha de terra escura que varia entre 5,0 a 10,0 m de diâmetro, ocorrendo em formas circulares e elípticas. Estão isolados, distantes de outros sítios da mesma classificação e próximos de ocupações listadas entre as aldeias, freqüentemente entre pares das mesmas. Seguem o sistema das dunas, precisamente no limite da Barreira III com a IV,

[95] MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo: 19/10/1999.
[96] MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo: 19/10/1999.

acompanhando o relevo, apresentando-se em linha, em distâncias entre 1,0 e 5,0 km, paralela a Lagoa do Peixe.

Os sítios são superficiais ou rasos com estrato de, no máximo, 20,0 cm, excetuando o RS-LC-66: Parna V, que apresenta um bloco testemunho com camada conservada de mais de 50,0 cm.

O material cerâmico e lítico costuma estar distribuído esparsamente sobre a superfície do sítio e as características da cerâmica não diferem daquela encontrada em assentamentos classificados como aldeias. O lítico é escasso, registrando-se menos de 05 lascas por sítio e poucos afiadores-em-canaleta; quando estes ocorrem, são produzidos sobre fragmentos reutilizados de cerâmica.

Bojuru – São José do Norte

RS-LC-31: Barranco "A"

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-31, um "sambaqui" marinho, são 31°35'41,06"S e 51°19'0,83"W e dista 15,0 km de Bojuru, em direção a Curral Falso. Estas coordenadas servem também para o sítio Barranco "F". Está na localidade conhecida como Curral Velho. Distante 5,0 km da estrada foram encontradas, em linha, seis concentrações de material. Para melhor localização, segue a transcrição na íntegra:

> De Bojuru segue-se pela BR-101, direção de Tavares, mais ou menos 15km, até a localidade de Curral Velho; toma-se um caminho à direita em direção ao mar passando por uma plantação de pinus, depois um campestre. Contornando a extremidade sul das dunas (elevações) com vegetação, segue-se direção sudoeste paralelo e junto às dunas. Na parte voltada para o mar, sobre a barreira 3, em solo ferruginoso, encontramos uma seqüência de sítios arqueológicos com material (fragmentos de cerâmica Tupiguarani, conchas, ossos de peixes). Distancia desta linha, paralela ao mar, da linha da praia é de 2km; distante da estrada mais ou menos 5km; da extremidade norte da linha das dunas (elevações) até o sítio "A" são mais ou menos 200m.[97]

A plantação de pinus mencionada na passagem não existe mais, a madeira foi colhida, segundo moradores da região, em 2003; restam no espaço apenas algumas mudas que nasceram entre as árvores da plantação. O assentamento em particular está a 5,0 m acima do nível do mar e 2,0 m acima do nível da planície. A água doce consumível mais próxima pode ser extraída dos banhados e lagoas que estão a cerca de 500 m ao norte. A vegetação é rara sobre o sítio e nas redondezas que é composta por gramíneas e arbustos. O solo é arenoso com concentrações de óxido de ferro. Localiza-se, a concentração "A", relativamente próxima do mar. A erosão eólica é a principal responsável pela destruição do sítio.

Foto 05. Vista geral do Barranco do Bojuru nas proximidades do oceano. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1994.

[97] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. & Equipe do LEPAN. Ficha de Sítio n. 31, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1995.

O material está concentrado em uma área de 20,0 x 12,0 m (20,0 m paralelo ao barranco)[98]. Entre os artefatos estão fragmentos de cerâmica Tupiguarani (abundante e bem variada), peso de rede em basalto cinza polido, polidores, matéria corante, conchas, ossos de peixe, etc.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Talvez seja este o sítio com maior representatividade de formas e tipos decorativos. Em coleta sistemática foram recolhidos 793 fragmentos, sendo 649 corrugados (82,3%), 05 escovados (0,6%), 122 pintados (15,4%) e 17 com técnicas associadas (2,2%).

A fratura dos cacos é regular, possibilitando visualizar a junção dos roletes, indicando o uso da técnica roletada.

A pasta possui uma textura compacta e firme, sem ocorrência de desprendimento dos grãos. Foi bem amassada, não sendo encontradas bolhas de ar. A coloração, nos fragmentos corrugados, varia entre pardacento-avermelhado e pardacento-oliva. A cor do núcleo é o ocre-pardacento. A extensão da queima fica entre 0,3 a 0,6 cm, posicionada no centro, entre as duas faces do fragmento. A cocção, em atmosfera oxidante, foi incompleta, entretanto, bem controlada.

O antiplástico é arenoso fino, distribuído homogeneamente na pasta, com dimensões entre 0,01 a 0,03 cm, apresentando grãos triturados de argila.

O tratamento predominante da superfície é o corrugado e o pintado. O alisado existe internamente e abaixo da carena, quando a vasilha é pintada.

Os contornos predominantes das vasilhas são os compostos, sendo que as formas mais comuns são a carenada, a semi-esférica, a esférica, a meia-calota, a ovóide e a elíptica, nesta ordem de ocorrência. As vasilhas esféricas apresentam bordas inflectidas, extrovertidas e com reforço externo, sendo comum a presença de pescoço e ombro. Acima da carena apresentam pintura até o lábio, que possui uma faixa vermelha e é arredondado. Alguns lábios apresentam incisões intencionais paralelas, agrupadas em pares e perpendiculares à borda. As vasilhas em meia-calota apresentam contornos simples, borda direta com leve introversão, quando pintadas apresentam decoração somente na face interna. As maiores panelas corrugadas possuem uma carena "curta" junto à borda, representando o ombro, onde recebe um reforço. Existem bordas cambadas e outras verticais partindo diretamente da base do pote. O corpo das maiores vasilhas é cônico, o das médias é esférico e o das menores e em meia-calota é arredondado.

Faz-se necessário descrever a cerâmica pintada pela sua significância no sítio e seu grau de preservação. Os fragmentos que apresentam decoração pintada de vermelho sobre branco na face externa são decorados do lábio até a carena. O motivo decorativo na parte externa pode ser tanto curvilíneo como retilíneo. Os motivos mais comuns são círculos concêntricos, linhas paralelas e quadrados concêntricos e opostos. Geralmente são encerrados entre duas bandas vermelhas com larguras de 1,0 a 2,0 cm. Junto à borda, na face externa, linhas paralelas e inclinadas entrecruzam-se formando uma rede.

As vasilhas que são decoradas na face interna apresentam pintura em vermelho e preto sobre engobe branco. Os motivos são variados, parecendo não haver um padrão definido, o motivo mais comum são linhas onduladas e paralelas e, entre elas, pontos pretos. Linhas sinuosas vermelhas alcançam o lábio, onde terminam em uma faixa também vermelha.

Outra categoria, menos comum, é a pintura vermelha na face interna e a decoração corrugada na face externa.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	Nº de Frag.	%
	Corrugado	Ovóide Esférica Meia-calota	Simples Composto Simples	14-40	0,8-1,1	04-26	Arred.	649	82,3
	Escovado	-	-	-	-	-	-	05	0,6
	Pintado	Meia-calota Complexa	Simples Composto	16-40	0,5-1,1	07-19	Cônica Arred.	122	15,4
	Téc. Ass.	Esférica Ovóide Elipsóide	Composto Simples Simples	22-28	0,6-1,0	09-14	Cônica	17	2,2

*As formas estão listadas na ordem do maior ao menor número de ocorrência.

Tabela 13. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-31: Barranco "A"

[98] MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo: 18/12/1994.

Lítico

Além da boa representatividade da cerâmica, o material lítico também é significativo. Entre as peças estão 02 pesos de rede, 02 lâminas de machado, 02 polidores e 16 fragmentos de matéria corante. Os pesos de rede são polidos com sulco longitudinal picoteado. As lâminas de machado são polidas e possuem um leve entalhe para preensão. Tanto os polidores quanto os fragmentos de polidores apresentam marcas de uso.

Conchífero

Observou-se sobre o sítio grande quantidade de conchas bivalves marinhas *Mesodesma mactroides*, valvas fragmentadas em reduzidas partes formando um monte de aproximadamente 0,50 m acima do nível do solo.

Ósseo

Os ossos de peixes não puderam ser identificados quanto à espécie devido ao tamanho reduzido dos fragmentos, identificam-se apenas as vértebras.

RS-LC-34: Barranco "D"

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-4 são 31°36'24,27"S e 51°19'45,00"W. O sítio está a 500 m a sudoeste do sítio RS-LC-33: Barranco "C", entre as dunas e paralelo a linha de costa, assim como os anteriores. A vegetação dos arredores do sítio também é a mesma que a dos anteriores, bem como a sua altitude e distância do mar. Existe uma lagoa a 500 m ao nordeste, que atualmente está baixa ou quase seca, mas no período das chuvas seu nível sobe. O solo, no local, é levemente escuro, devido à umidade e/ou ocupação.

Em uma área de 15,0 x 10,0 m está concentrado o material arqueológico, composto de fragmentos de cerâmica Tupiguarani esparsos e ossos de peixe[99].

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram recolhidos, em coleta sistemática, 67 fragmentos, sendo 08 simples (11,9%), 47 corrugados (70,4%), 08 pintados (11,8%) e 04 inclassificáveis (5,9%).

Estes fragmentos representam vasilhas que foram manufaturadas pela técnica do acordelado em 75,6% dos casos, com o positivo e o negativo dos roletes facilmente identificáveis.

A pasta é firme, compacta e bem amassada. A dureza se apresenta entre 3 e 4, segundo escala de Mohs. O antiplástico, que pode ser considerado fino, é arenoso, composto de grãos de quartzo triturados que oscilam entre 0,02 e 0,04 cm, além de grãos de cerâmica moídos, que aparecem na superfície de ambas as faces da vasilha.

A cor predominante da superfície é o pardacento-ocre na face externa e o ocre-pardacento na face interna. Alguns fragmentos apresentam, na mesma face, variação de cor para o sépia, devido à presença de manchas de fumaça.

O tratamento da superfície externa é, em geral, o corrugado e o engobado; o da face interna é o alisado; a qualidade do tratamento é regular. O engobe branco apresenta sinais de pintura linear vermelha, porém, devido à erosão, é difícil identificar o motivo da pintura.

Com a reconstituição das vasilhas através das bordas, foi possível observar formas predominantemente esféricas e ovóides, com predominância de contornos simples, mas também com grande incidência de compostos.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	Nº de Frag.	%
	Simples	Esférica Ovóide	Composto Simples	15-35	0,6-1,1	05-48	Cônica	08	11,9
	Corrugado	Ovóide Esférica Meia-calota	Simples Composto Simples	20-45	0,9-1,0	7,9-30	Cônica Arred.	47	70,4
	Pintado	Meia-calota Comp.	Simples Composto	20-34	0,8-1,0	12-24	Cônica Arred.	08	11,8
	Inclass.	-	-	-	0,6-1,5	-	-	04	5,9

Tabela 14. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-34: Barranco "D".

[99] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 34, Doc. 1 do Arq. do LEPAN, 1995.

Curral Velho – São José do Norte

RS-LC-26: Romeu Antônio da Costa

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-26 são 31°37'37,00"S e 51°31'15,00"W. Atrás da propriedade do Sr. Sermi Machado Miguel existem dunas de 10,0 m de altura, entre as quais se encontra uma mancha de terra escura, de até 30,0 m de diâmetro, próximo a uma cerca. A vegetação é arbustiva e rasteira, característica das dunas. O sítio está a 3,0 m acima do nível da lagoa que está a 300 m de distância. A 150 m está uma sanga, junto à qual está o sítio RS-LC-24. O principal tipo de erosão é o do vento, particularmente com a construção de caminhos e criação de gado. O sítio pode ser considerado parcialmente destruído, no entanto, os fragmentos, coletados durante aproximadamente 30 minutos, estavam relativamente bem conservados. Na superfície foi registrada, na ocasião, cerâmica da tradição Tupiguarani, relativamente bem conservada, da qual se fez uma coleta em 30 minutos[100].

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram coletados 149 fragmentos de cerâmica Tupiguarani, dos quais 31 são simples (20,9%); 41 corrugados (27,5%); 23 pintados (15,1%); 01 com técnica associada (0,5%) e 53 inclassificáveis (35,6%).

Em 79,5% dos casos os fragmentos pertenceram a vasos confeccionados pela técnica do acordelado; quanto aos outros não foi possível determinar a técnica.

A pasta é compacta, misturada homogeneamente com o antiplástico. A quantidade relativa de argila é maior que a de antiplástico. Os fragmentos apresentam dureza entre 3 e 4 na escala de Mohs.

A tonalidade do núcleo é o pardacento-liláceo-escuro entre paredes pardacento-oliva, indicando queima incompleta em atmosfera oxidante.

O antiplástico é composto por grãos de quartzo angulosos, grânulos de cerâmica moída e resíduos vegetais carbonizados. Os grânulos apresentam dimensões entre 0,09 a 0,12 cm, provavelmente areia de depósito terrestre.

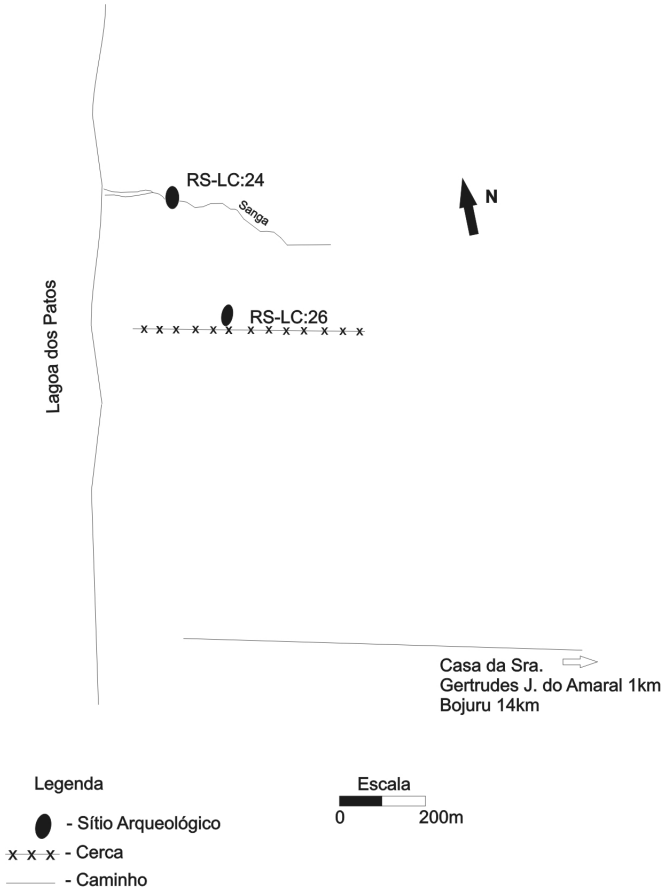


Figura 14. Croqui do sítio RS-LC-26: Romeu Antonio da Costa e RS-LC-24: Sermi Machado Miguel.

O alisamento na face interna é bem feito; no entanto aparecem estrias e ranhuras, algumas posteriores ao banho de argila. A espessura do banho é de 0,3 cm na maioria dos fragmentos. Sua textura é compacta. A coloração dos fragmentos oscila entre pardacento-alaranjado na face externa e pardacento-oliva na face interna, ocorrendo variação para a cor sépia, pardacento-ocre e pardacento-oliva devido às manchas de fumaça. O engobe é de coloração pardacento-oliva e a espessura do mesmo está entre 0,2 e 0,3 cm, com tendência a descascar. Os fragmentos pintados estão relativamente mal conservados, aparecendo apenas vestígios de pintura vermelha sobre branco na face externa.

As formas, reconstituídas através das bordas, são a ovóide, a esférica e a meia-calota. O contorno predominante é o simples. Nas vasilhas sem decoração, é composto. As bordas, na maioria dos casos, são inflectidas, extrovertidas com tendência a serem expandidas e algumas apresentam reforço externo. O lábio, em geral, é arredondado. As bases ocorrem entre arredondadas e cônicas.

[100] MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Diário de Campo: 17/12/1994.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	Nº de Frag.	%
	Simples	Ovóide	Composto	13-22	0,6-1,1	05-13	Cônica	31	20,9
	Corrugado	Esférica	Simples	28-46	0,9-1,2	24-32	Arred.	41	27,5
	Pintado	Meia-calota	Simples	18-25	0,5-1,1	9,5-22	Cônica	23	15,1
	Téc. Ass.	Meia-calota	Simples	25	0,6	5,5	Arred.	01	0,5
	Inclass.	-	-		0,8-1,5	-	-	53	35,6

Tabela 15. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-26: Romeu Antonio da Costa.

RS-LC-27: Dilmo Martins e José Érico Weber

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-27 são 31°30'14,62"S e 51°17'37,61"W e está localizado a 22,0 km de Bojuru, em direção a Tavares. Na localidade conhecida como Capão da Areia, perto da estrada, situa-se a residência do Sr. Dilmo Martins. Atrás da sua residência percorrem-se uns 1000 m até onde está o sítio, 150 m antes da Lagoa dos Patos. Sobre o sítio existe uma cerca que divide a propriedade do Sr. Dilmo com a do Sr. José. O local está 5,0 m sobre o nível da lagoa, coberto por vegetação rala e rasteira das dunas, sobre um solo areno-argiloso, destacando-se as concreções ferruginosas. O material encontra-se distribuído num espaço de 30,0 m de diâmetro, ao pé de blocos-testemunho, onde também havia material lítico. No sítio já esteve pesquisando o Prof. Guilherme Naue, da PUCRS, por volta de 25 anos atrás[101].

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram recolhidos 203 fragmentos, dos quais 20 são simples (9,8%), 67 corrugados (33,1%), 03 pintados (4,5%), 113 inclassificáveis (36,8%); mais 02 afiadores-em-canaleta. A quantidade de fragmentos não identificados se deve ao alto nível de erosão provocada pela areia e o vento.

A manufatura, em 72,1% dos casos, é o acordelado, contra 27,9% de fragmentos possivelmente modelados.

A textura da pasta é frouxa, soltando grãos arenosos finos ao toque e com bolhas de ar aparecendo na face interna. A mistura é heterogênea, concentrando-se na parede externa. A dureza fica entre 3 e 4 na escala de Mohs.

O antiplástico é arenoso fino, de grãos arredondados com 0,03 cm em média; alguns fragmentos apresentam antiplástico grosseiro que oscila entre 0,05 e 0,09 cm, segundo a escala de Hargrave & Smith. A quantidade relativa de antiplástico é maior que a de argila.

A coloração das paredes oscila entre o ocre-pardacento na face interna e o pardacento-alaranjado na face externa, predominando o pardacento claro para ambas. Em alguns fragmentos é possível visualizar manchas de fumaça pardacento-acinzentadas. O banho mede 0,4 cm de espessura. O núcleo apresenta coloração variada, mais clara que as cores das paredes, indicando uma queima mais controlada, mas em atmosfera oxidante.

O tratamento de superfície predominante é o corrugado. Os fragmentos que apresentavam vestígios de pintura na face externa indicam decoração em vermelho sobre branco.

A forma predominante é a esférica. O contorno, na maioria dos casos, é simples com alguns compostos. Algumas bordas são extrovertidas, todavia as que se destacam são as inflectidas e diretas. Raros vasilhames apresentam carena. Os lábios são arredondados, ocorrendo também os apontados. As bases oscilam entre arredondadas e cônicas.

Aparentemente trata-se de um sítio-habitação da tradição Tupiguarani, sem elementos externos.

[101] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 27, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1995.

	Decoração	Forma*	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	Nº de Frag.	%
Cerâmica Tupiguarani	Simples	Ovóide Esférica Elipsóide	Composto Simples	12-20	0,6-0,8	06-10	Cônica Arred. Arred.	20	9,8
	Corrugado	Esférica Meia-calota Ovóide	Simples	14-16	0,9-1,2	24-32	Arred. Arred. Cônica	67	33,1
	Pintado	Meia-calota	Simples	14-18	0,5-1,1	06-16	Cônica	03	4,5
	Inclass.	-	-		0,8-1,5	-	-	113	36,8

*As formas estão listadas na ordem do maior número de ocorrência ao menor.

Tabela 16. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-27: Dilmo Martins & José E. Weber.

Capão Comprido - Tavares

RS-LC-09: Manoel Mariano Machado

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-09 são 31°26'9,94"S e 51°10'30,42"W. O local está 15,0 m acima do nível do mar. O sítio está localizado a 18,0 km de Tavares em direção a São José do Norte. Após os 18,0 km toma-se um caminho à esquerda por mais 1,0 km, encontrando-se o sítio nas terras do Sr. Manoel Mariano Machado e do Sr. Sidnei da Silva Machado. No curral, distante 80,0 m da casa dos proprietários, encontra-se o sítio. Os proprietários, ao retirar esterco com o trator, para colocar na horta, encontraram um sepultamento estendido com 124 cm de comprimento total e 34 cm de largura no tórax; o crânio estava separado e sepultado novamente numa vasilha pintada, da tradição Tupiguarani. O sepultamento estava 3,0 m afastado da cerca do curral e oposto ao caminho que liga as moradias até Tavares. Cita-se na íntegra o registro:

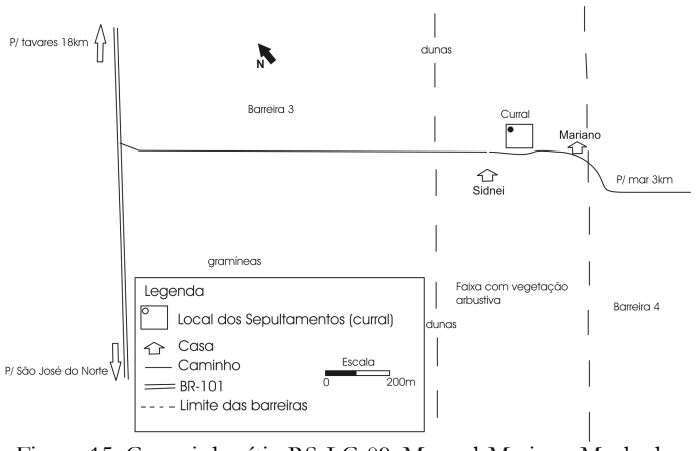


Figura 15. Croqui do sítio RS-LC-09: Manoel Mariano Machado.

> Sepultamento estendido, 124cm de comprimento total 34cm a largura na altura da clavícula. Colar de contas de conchas ao redor do pescoço. O crânio encontrava-se dentro de um vaso acima do maxilar inferior. Dentes do maxilar superior encontravam-se no interior e junto do inferior. O crânio encontrava-se dentro de um vasilhame denominado de "cerâmica fina". A "cerâmica grossa" estava sob ou envolvendo a "fina". Um pingente em osso com entalhes encontrado a partir do colar, em posição obliqua ao mesmo, com os entalhes para cima; forma de uma lâmina de machado, erodido na parte inferior ou extremidade distal[102].

O solo é arenoso. A vegetação, nos arredores, é formada por matas insulares, capões de mato, arbustos e gramíneas. A faixa arbustiva, onde se localiza o curral, estende-se sobre os limites geológicos da Barreira III e IV. A água mais próxima são uma vertente e uma sanga, que estão a 150 m ao sul da residência do Sr. Manoel Mariano Machado; o mar fica a 3,0 km a sudeste.

[102] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 9, Item 24, Doc. 1 e 2, do Arq. do LEPAN, 1995.

Foto 06. Limpeza do sítio antes do começo das escavações. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1995.

Os sítios mais próximos da tradição Tupiguarani distam aproximadamente 800 m, e situam-se na mesma linha de dunas em que está o sítio Manoel Mariano Machado.

Material Arqueológico

Além dos sepultamentos, que serão tratados de forma mais aprofundada em um capítulo específico nesta dissertação, e dos dois recipientes quebrados que guardavam o crânio, foram recolhidos mais 101 fragmentos cerâmicos corrugados; 11 aparentemente ungulados e 21 pintados, que são fragmentos dos recipientes que mantinham o crânio e, posteriormente, foram a eles acrescentados. O material lítico é representado por 01 afiador-em-canaleta; 01 polidor e 01 batedor/alisador.

Algum dos sítios próximos, tais como RS-LC-57: Sidnei da Silva Machado e RS-LC-58: Levi Faria dos Santos, bem como o sítio RS-LC-56: Estevaldino Luis Rodrigues, pode ser o assentamento de origem do morto. Provavelmente este último, por ser a aldeia mais próxima.

RS-LC-57: Sidnei da Silva Machado

A pequena distância do sítio anterior encontra-se o RS-LC-57, com coordenadas geográficas de 31°26'12,23"S e 51°10'39,13"W, a 100 m da casa de Sidnei, filho de Manoel Mariano Machado.

> Para alcançar a casa do Sr. Sidnei, partindo-se da cidade de Tavares, são mais ou menos 20km na direção de São José do Norte pela RST (BR) – 101. A residência encontra-se a mais ou menos 1km à esquerda, quase no final da barreira 3 direção da barreira 4 (e oceano), zona com vegetação arbórea. A casa do Sr. Manuel Mariano Machado (Manduca) e uns 100m antes de chegar nesta última, vindo da estrada Tavares – São José do Norte. O local encontra-se na barreira 3, distante uns 100m ao nordeste da barreira 4, tomando-se em conta a menor distância. A casa encontra-se sobre o sítio arqueológico.[103]

Numa mancha de terra escura, de 10,0 m de diâmetro ocorreram fragmentos de cerâmica Tupiguarani e uma bola de boleadeira. O sítio está 12,0 m acima do nível do mar. 30,0 m para o sul existem vertentes. A vegetação do local é arbustiva.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Numa amostra de 13 fragmentos, ocorreram 02 fragmentos simples, 05 corrugados, 05 pintados e 01 apresentando técnica associada, ou seja, pintado de vermelho na face interna e corrugado na face externa. Entre os pintados 02 são decorados de vermelho sobre branco na face externa, 02 são pintados de vermelho na face interna e 01 é pintado de vermelho em ambas as faces.

Os fragmentos, em 79,8% dos casos, foram confeccionados pela técnica do acordelado.

A textura da pasta, na superfície, é argilosa e compacta, sem bolhas de ar. A fratura é regular. Nota-se a presença do banho, com espessura média de 0,2 cm. Algumas estrias de alisamento foram observadas, bem como rachaduras no banho. As tonalidades mais freqüentes da superfície são o pardacento-oliva e o

[103] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO. E. H. Ficha de Sítio n. 57, Item 11, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1997.

pardacento-pálido; nas manchas de fumaça a coloração passa a ser sépia. A coloração interna é o pardacento-avermelhado, com alguns casos de ocre-acinzentado. A variedade de pigmentação indica uma cocção incompleta em atmosfera oxidante. A dureza dos fragmentos fica, segundo escala de Mohs, entre 3 e 4.

O antiplástico, segundo a escala de Hargrave & Smith, está entre 0,02 e 0,05 cm; é constituído por grãos angulosos de quartzo, indicando depósito terrestre. Existem grãos de cerâmica triturada na mistura, e alguns fragmentos possuem mica.

As formas, reconstituídas a partir das bordas, foram: duas em meia-calota e uma em meia-esfera. As formas em meia-calota possuem contornos simples, borda levemente extrovertida com reforço interno, terminando num lábio apontado. No segundo caso, a borda é direta, com reforço externo, terminando em lábio aplanado. As bases das duas vasilhas seriam arredondadas segundo reconstituição. A terceira vasilha, reconstituída de uma borda pintada de vermelho em ambas as faces, tem a forma de meia-esfera, contorno inflectido com uma borda cambada, terminando em lábio apontado. A base seria arredondada.

As dimensões das vasilhas em meia-calota, segundo os desenhos, são de 46,0 e 34,0 cm de abertura da boca, 14,0 e 22,0 cm de profundidade e 1,1 e 1,0 cm de espessura das paredes, respectivamente. A vasilha de forma meia-esfera teria, segundo reconstituição, 20,0 cm de abertura de boca, 9,0 cm de profundidade e 0,9 cm de espessura da parede.

A presença da bola de boleadeira na superfície pode indicar contato, sobreposição ou achado esporádico. O sítio faz parte do complexo ocupacional e sistema de assentamento das dunas da região.

RS-LC-58: Levi Faria dos Santos

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-58 são 31°26'32,04"S e 51°10'46,33"W. O sítio encontra-se nas proximidades do sítio RS-LC-57 e dista aproximadamente 500 m, em direção nordeste, da casa do Sr. Onofre da Silva Machado. Faz parte da mesma seqüência de sítios da área onde mora o Sr. Manuel Mariano Machado, o "Seu Manduca", indicados no croqui abaixo. Os sítios acompanham a formação geológica das dunas. Parte das mesmas é coberta com arbustos na direção sul-leste do sítio; a outra parte não possui cobertura vegetal, somente areia friável e móvel. No entorno existem campos de vegetação rasteira e alguns lagos, vertentes e córregos que ficam a cerca de 250 m o sudeste. O principal fator erosivo do sítio é a ação eólica. Na beira oeste das primeiras dunas existe uma lente de ocupação de 30,0 m de diâmetro, na qual se recolheram fragmentos de cerâmica Tupiguarani.

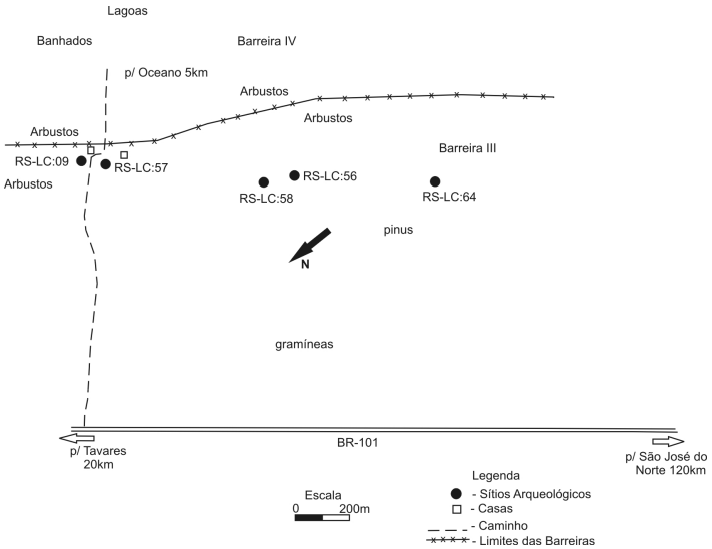


Figura 16. Croqui dos sítios Manoel Mariano Machado, Sidnei da Silva Machado, Levi Farias dos Santos, Estevaldino Luis Rodrigues I, Estevaldino Luis Rodrigues II.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Na ocasião da coleta, foram recolhidos 557 fragmentos de cerâmica, entre eles 60 simples (11,0%), 192 corrugados (34,5%), 33 ungulados (5,9%), 55 pintados (9,7%) e 05 apresentavam técnica associada (1,0%), ou seja, corrugado na face externa e pintado de vermelho na face interna; 212 são inclassificáveis (37,9%). Dos pintados, 17 eram decorados de vermelho sobre branco na face externa, 24 com mesma decoração na face interna, 06 fragmentos pintados de vermelho sobre branco em ambas as faces, 04 decorados de vermelho na face externa e 04 de vermelho na face interna.

Os fragmentos pertenceram, em 80,8% dos casos, a vasilhas que foram confeccionadas pela técnica do acordelado. A fratura entre os roletes é regular, em alguns casos é possível observar o banho de argila, que chega a medir 0,3 cm.

A pasta é bem amassada em aproximadamente 80,0% dos casos, compacta e não se desagrega ao toque. A dureza, de acordo com a escala de Mohs, é de 3 a 4.

O antiplástico é arenoso fino, misturado homogeneamente e bem distribuído na argila, composto por grãos de quartzo com dimensões entre 0,02 a 0,04 cm, provavelmente retirados de depósito terrestre. Nos fragmentos analisados houve poucas ocorrências de cerâmica triturada misturada ao antiplástico, cerca de 01 fragmento para cada 20.

As tonalidades da superfície variam entre o pardacento-ocre e o pardacento-alaranjado, no entanto, ocorrem na cor sépia próximo e nas manchas de fumaça. Na face interna a cor predominante é o pardacento-pálido, com algumas manchas pretas, redondas parecidas com pontos. A coloração indica que a cocção foi pouco controlada em atmosfera redutora.

	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	Nº de Frag.	%
Cerâmica Tupiguarani	Simples	Complexa Elipsóide	Composto Simples	18-30	0,6-1,2	10-24	Cônica Arred.	60	11,0
	Corrugado	Esférica Carenada Meia-calota	Simples Composto	19-48	0,9-1,2	08-32	Arred. Cônica Arred.	192	34,5
	Ungulado	Elipsóide	Simples	12-22	0,6-0,9	06-10	-	33	5,9
	Pintado	Elipsóide Complexa	Simples Cambado	15-26	0,9-1,1	08-20	Arred. Cônica	55	9,7
	Téc. Ass.	Semi-esférica	Simples	18-20	0,8-1,3	11-15	Arred.	05	1,0
	Inclass.	-	-	-	0,6-1,4	-	-	212	37,9

Tabela 17. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-58: Levi Farias dos Santos.

O tratamento de superfície predominante é o corrugado na face externa. Ocorre uma variação maior dos estilos pintados, a maioria dos quais é decorada internamente com motivos geométricos curvilíneos.

As formas reconstituídas através das bordas, mediante desenho, indicam a predominância de vasilhas esféricas e compostas. Em 76,0% dos casos as bordas são diretas com leve inflexão e, em 24,0%, são introvertidas. Aproximadamente de 04 a cada 10 bordas apresenta leve reforço externo. O contorno predominante é o simples, porém há alguns contornos complexos, principalmente nas vasilhas pintadas. Alguns desenhos revelaram a presença de vasilhas carenadas e cambadas, ambas de médio porte, com 25,0 cm de abertura de boca, em média.

Associados a estes materiais cerâmicos foram recolhidos 05 seixos provavelmente de quartzo ou calcedônia. Não foram encontrados os afiadores-em-canaleta sobre fragmentos de cerâmica. É importante ressaltar que o sítio Levi Faria dos Santos faz parte do complexo de assentamentos do núcleo de povoamento da Lagoa do Peixe.

Guarita – Tavares
RS-LC-18: José Rosa da Silva

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-18 são 31°19'32,00"S e 51°04'31,00"W[104]. O sítio localiza-se a 1,0 km da cidade de Tavares, em direção a Bojuru. Para alcançar o local segue-se por um caminho à esquerda até chegar a um campo de futebol, toma-se à direita por mais 4,0 km até a região dos prédios das antigas salinas, abandonados atualmente. O sítio está a 300 m das construções ao sul e cerca de 200 m ao noroeste, antes da plantação de pinus. O tipo de solo é arenoso e semi-gramado, no entanto o transporte da resina executado pelos caminhões tem perturbado o solo ao redor do sítio que atualmente encontra-se parcialmente destruído. A vegetação dos arredores está modificada devido à plantação, extração de resina, colheita e comercialização do pinus, plantado onde originalmente deveria ser mata de restinga. Devido à ação eólica, as sementes de pinus voam, caem e germinam sobre o sítio, em meio às dunas; atualmente, as

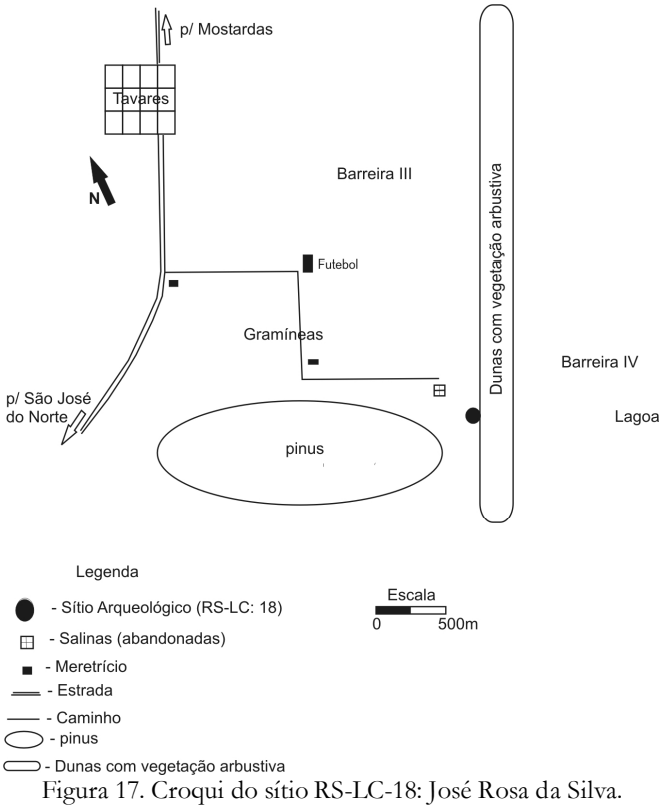


Figura 17. Croqui do sítio RS-LC-18: José Rosa da Silva.

[104] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 18, Doc 1 e 2, Arq. do LEPAN, 1995.

arvores estão com cerca de 3,0 m e, com a queda de suas folhas formam uma espécie de cobertura de palha, tornando difícil a localização do material. A água mais próxima é a Lagoa do Peixe a 1,0 km a leste-sudeste e vertentes a 100 m na mesma direção. O principal tipo de erosão é a eólica e pluvial. À aproximadamente 12,0 m acima do nível do mar, numa área de 25,0 m², foi coletada cerâmica Tupiguarani.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foi coletado um conjunto de 128 fragmentos: 30 simples (27,3%), 41 corrugados (37,2%), 18 ungulados (16,4%), 21 pintados (19,0%) e 18 inclassificáveis (14,0%). Os pintados são representados por uma amostra de 03 decorados de vermelhos sobre branco na face externa, 05 pintados de vermelho na face externa, 09 pintado de vermelho na face interna, 02 apresentavam pintura vermelha em ambas as faces e 02 decorados de vermelho na face interna e vermelho sobre branco na face externa. Foram registrados 04 afiadores-em-canaleta.

Os fragmentos possuem fratura regular na junção dos roletes em 85,2% dos casos, indicando que a maior parte das vasilhas foi confeccionada pela técnica do acordelado.

A pasta é argilosa fina, compacta, bem amassada, apresentando leves estrias e ranhuras. A textura é frouxa, com fácil desprendimento dos grãos e é arenosa ao toque. A dureza, segundo escala de Mohs, é 3.

O antiplástico é distribuído homogeneamente na argila concentrando-se, em alguns casos, no núcleo. O antiplástico é arenoso fino, composto de grânulos e plaquetas de quartzo, com tamanhos entre 0,01 a 0,03 cm. Associado ao antiplástico ocorre grânulos esverdeados, pardos e azulados de minério. A cada três entre dez fragmentos aparecem, aflorando na superfície, grãos triturados e reutilizados de cerâmica. Os maiores grãos cerâmicos misturados são grossos e medem até 0,06 cm.

As tonalidades da pasta variam principalmente no banho e no núcleo, com cores pardacento-avermelhada e ocre-pardacenta. As tonalidades na superfície ocorrem entre o pardacento-pálido, passando pelo pardacento-avermelhado e, com mais freqüência, o ocre-pardacento. Na face interna ocorrem as mesmas tonalidades.

O tratamento predominante de superfície é o corrugado com sinais de inserção ungueal, seguido pelos fragmentos simples; na face interna é predominante o alisado, no entanto, são marcantes as presenças do engobe vermelho e do pintado.

As formas predominantes são a meia-calota, seguida pela esférica. Os contornos são simples, na maioria dos casos, a borda é levemente introvertida e, em alguns casos, cambada. Os lábios com maior número de ocorrências são apontados, seguidos pelos aplanados. A base é arredondada na maioria dos fragmentos desenhados.

As evidências permitem interpretar que ao menos as vasilhas foram confeccionadas no local.

	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	N° de frag.	%
Cerâmica Tupiguarani	Simples	Meia-calota Elipsóide	Composto Simples	24-32	0,8-1,1	16-20	Arred. Arred.	30	27,3
	Corrugado	Esférica Meia-calota	Simples Cambado Composto	26-36	0,8-1,0	9,5-48	Arred. Arred.	41	37,2
	Ungulado	Esférica	Simples	-	0,5-0,9	-	-	18	16,4
	Pintado	Meia-calota	Simples	14-24	0,9-1,2	08-09	Arred.	21	19,0
	Inclass.	-	-	-	1,0-1,4	-	-	18	14,0

Tabela 18. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-18: José Rosa da Silva.

Costa de Cima - Tavares

RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-45 são 31°08'33,95"S e 51°04'33,00"W e está localizado a 15,0 km de Mostardas em direção a Tavares, no Rincão de Cristóvão Pereira. Nas proximidades da localidade de "Véia Terra" encontra-se a propriedade do Sr. Lino Azevedo Pires de Lima, distando o sítio 50,0 m da casa.

Foto 07. Aspectos das coletas sistemáticas realizadas na roça arada pronta para receber adubagem: Foto: Arquivo do LEPAN.

Para alcançar o local segue-se na estrada Mostardas-Tavares por uns 15 km. Após passar a entrada do Rincão do Cristóvão Pereira (à direita) e antes da entrada para a Véia Terra (à esquerda), encontra-se a propriedade do senhor Lino. Uma porteira, à esquerda, antecede um caminho que leva a casa da fazenda do Sr. Lino. Uns 200 m antes da casa o caminho bifurca-se devendo-se tomar o da direita; passando por uma porteira, por mais 100 m e costeando-a (paralelo) encontra-se a casa. A distância total da estrada até a casa é de aproximadamente 1500 m.[105]

Este sítio foi descoberto por indicação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis – IBAMA/Mostardas.

As características do local, uma mancha de terra escura, numa altitude de 10,0 m acima do nível do mar, são de mata de restinga sobre solo arenoso. No local, que estava arado e plantado, foram registrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani e material lítico em uma superfície de 350 m.

Por indicação do IBAMA de Mostardas, foram cadastradas outras concentrações de material nas proximidades do sítio, que receberam a denominação "B". O local estava arado para o plantio e nele foram registradas duas urnas funerárias Tupiguarani, com ossos humanos no interior (ver capítulo sobre os sepultamentos). Foi denominado de "C" o material de dois cortes realizados no local para extração das urnas, um com 3,0 x 3,0 m e o outro de 1,0 x 1,0 m. Foram encontrados nestes cortes fragmentos de cerâmica Tupiguarani, material lítico, conchas e ossos.

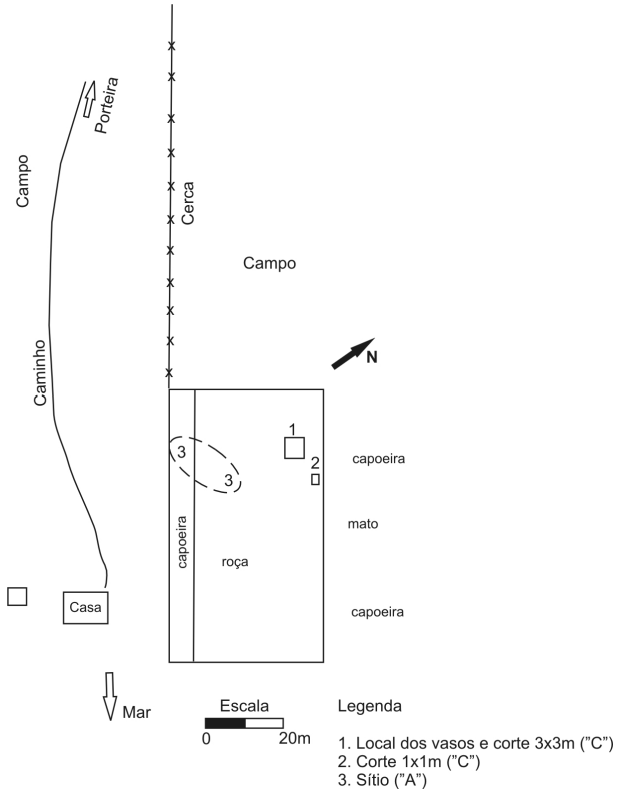


Figura 18. Croqui do sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima.

Fomos ao local devido informação, pelo IBAMA de Mostardas, achado de vasilha(s) e ossos humanos nas terras do sr. Lino Azevedo Pires, Costa de Cima, Tavares. O sítio "A" é o da roça, cujo material foi obtido através de coletas superficiais sistemáticas e recebeu o número de catálogo 312. No mesmo sítio foram encontradas vasilhas (duas) com ossos e dentes humanos. [este] Recebeu a denominação de "B" e número de 313. O material proveniente dos dois cortes experimentais de 3x3 m e 1x1 m, receberam a denominação de "C" e número de catálogo 314. Os dois últimos

[105] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA, M. A. Ficha de Sítio n. 45, Item 11, Doc. 1 do Arquivo do LEPAN, 1998.

locais estão ao norte do sítio. Os cortes foram realizados em função do achado pelo arrendatário (Sr. Sidnei Pereira da Silva) da(s) urna(s) funerária(s).[106]

O local dos achados é a zona norte-nordeste da roça, onde estava, naquele momento, plantada mandioca. Foi utilizado um "sondador" em uma área de mais ou menos 100 m² para identificação de mais estruturas funerárias, mas nada foi encontrado. Ao "virar" a terra com a enxada, o Sr. Sidnei encontrava inúmeros fragmentos de cerâmica e, automaticamente, os jogava para o lado, na capoeira, fora do lavrado. Havia, também ali, fragmentos de calota craniana, identificados como de criança, devido à pequena espessura. Os fragmentos apresentavam fratura recente.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram recolhidos, em coleta sistemática, 203 fragmentos, sendo que destes, 60 são simples (28,8%), 84 corrugados (40,3%), 10 ungulados (4,8%), 52 pintados (25,0%) e 02 inclassificáveis (0,9%). Entre os pintados, 24 fragmentos são decorados de vermelho sobre branco na face externa, 04 na face interna, 01 em ambas as faces, 09 fragmentos pintados de vermelho na face externa, 12 na face interna e 02 vermelhos em ambas as faces.

Os fragmentos representam vasilhas que foram confeccionadas pela técnica do acordelado, apresentando fraturas regulares nas junções dos rolos, com impressões positivas e negativas.

A pasta argilosa é bem amassada e compacta, sem a presença de bolhas cavernosas de ar, com aparência estriada e laminada em seção transversal. O tempero é distribuído homogeneamente. A cor do núcleo, na maioria dos casos, é o ocre-acinzentado. A extensão da queima é de 0,8 cm, indicando cocção incompleta em atmosfera oxidante.

O antiplástico é arenoso muito fino, de acordo escala de Hargrave & Smith, não ultrapassando 0,02 cm. O tempero usado foram grãos de quartzo polidos, provavelmente de rio; alguns pontos vermelhos, que afloram na superfície, podem ser de cerâmica moída, usada como tempero.

O tratamento de superfície predominante é o corrugado, uniforme e regular, com pontos ungueais. O banho tem a mesma tonalidade da pasta e sua espessura é de 0,2 cm. A tonalidade comum é o ocre-pardacento, ocorrendo também o ocre-avermelhado e o pardacento-alaranjado. As pinturas estão relativamente bem conservadas, sem tendência a descascar. Nas vasilhas pintadas predomina a policromia do vermelho sobre branco. A espessura da camada de pintura não ultrapassa os 0,01 cm.

As formas, com exceção das urnas que estão descritas no capítulo dos sepultamentos, são predominantemente as esféricas e compostas com bases arredondadas e cônicas, respectivamente. Ocorrem também formas elipsóides e complexas, com bordas extrovertidas, introvertidas e diretas. As vasilhas com abertura de boca igual ou superior a 48,0 cm têm reforço externo junto à borda. Os recipientes, que são pintados a partir da carena até o lábio, apresentam formas compostas e complexas, terminando em borda extrovertida. Os lábios são arredondados, existindo ocorrência de apontados e aplanados. Os vasilhames, reconstituídos através das bordas, representam panelas, tigelas e pratos, com bases cônicas e arredondadas. Ao contrário do que acontece em outros sítios, as maiores vasilhas do sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima são compostas, mas não são carenadas.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	N° de frag.	%
	Simples	Elipsóide	Simples	14-28	0,6-1,2	10-12	Arred. Arred.	60	28,8
	Corrugado	Ovóide Meia-calota	Simples Composto	18-48	0,8-1,2	11-31	Cônica Arred.	84	40,3
	Ungulado	-	Simples	-	0,6-0,8	-	-	10	4,8
	Pintado	Meia-calota Elipsóide	Simples Complexo	18-22	0,9-1,2	05-10	Arred.	52	25,0
	Inclass.	-	-	-	1,0-1,4	-	-	02	0,9

Tabela 19. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima.

Os dados permitem interpretar que se trata de um sítio da tradição Tupiguarani, com um local de habitação e outro de sepultamentos. O material está espalhado devido à ação do arado, mas foi possível

[106] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA, M. A. Ficha de Sítio n. 45, Item 27 do Doc. 1 do Arq. do LEPAN, 1998.

perceber uma mancha de terra escura num dos lados da roça, setor sudeste, e adentrando na capoeira. Atualmente o sítio está coberto por gramíneas e nada se consegue ver.

As evidências indicam que as urnas mortuárias foram depositadas cerca de 12,0 m fora da habitação. Incluem ao menos uma criança, depositada numa vasilha relativamente grande com uma tampa emborcada, ambas corrugadas. Os restos do outro sepultamento constam de panela, tampa e ossos que não puderam ser identificados devido ao adiantado processo de decomposição. Ambos os sepultamentos estão relacionados com o sítio ao lado, seja pela mesma tipologia da cerâmica seja pela proximidade.

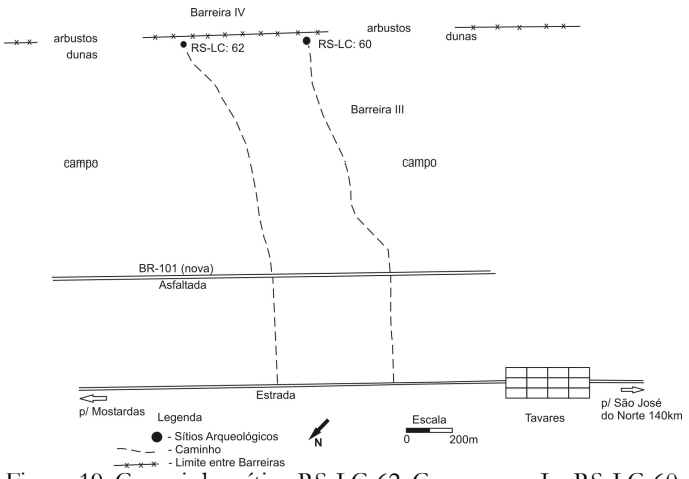


Figura 19. Croqui dos sítios RS-LC-62: Capororoca I e RS-LC-60: Capororoca II.

RS-LC-60: Capororoca II

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-60 são 31°17'16,00"S e 51°03'25,00"W e encontra-se na altura da cidade de Tavares, no local conhecido como Capororoca. A concentração ocupa uma área de 10,0 m de diâmetro, cerca de 19,0 m acima do nível do mar. No local do sítio o solo é arenoso e ferruginoso; ao redor o solo é mais compacto e argiloso devido à presença dos banhados, que se encontram a 30,0 m a sudeste/leste[107]. A vegetação varia entre graminácea e arbustiva, conforme a umidade do solo. O sítio está localizado junto às dunas, na Barreira III junto ao limite da Barreira IV. Numa mancha de terra preta de 10,0 m de diâmetro ocorrem fragmentos de vasilhas de cerâmica Tupiguarani e nódulos de concreção ferruginosa. O sítio está praticamente destruído pela ação da erosão eólica. A 1,5 km fica o sítio híbrido, caracterizado como Híbrido, RS-LC-62: Capororoca I.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram recolhidos, em coleta sistemática, 50 fragmentos cerâmicos, sendo que entre eles 14 são simples (28,0%), 10 são corrugados (20,0%), 01 ungulado (2,0%), 05 pintados (10,0%) e 20 inclassificáveis (40,0%). Dos pintados, 03 são decorados de vermelho sobre branco na face externa e 02 na face interna.

Os fragmentos apresentam fratura regular, indicando confecção pela técnica do acordelado em 62,0% dos casos.

A pasta é razoavelmente amassada, com bolhas cavernosas de ar e tendendo facilmente à fratura. A textura é friável, ocorrendo o desprendimento de grãos arenosos ao toque. Em geral a pasta é bem misturada, tornando o antiplástico homogêneo em toda a superfície e interior da pasta. A fratura se dá, na maioria dos casos, perpendicular à parede, mas em alguns casos apresenta ângulos variáveis.

O antiplástico é arenoso fino, bem misturado na argila; parece haver uma quantidade relativamente alta de antiplástico para a argila, que é composto de grânulos moídos de cerâmica e grão angulosos de quartzo, provavelmente de depósito terrestre. As dimensões dos grãos ocorrem, segundo escala de Hargrave & Smith, entre 0,02 a 0,04 cm, sendo considerados finos; aparentemente não guardam relação com a espessura do fragmento.

O tratamento de superfície predominante é o simples, com acabamento mediano, com estrias remanescentes do alisamento e está sujeito a descascar com facilidade. Os fragmentos pintados estão mal conservados, apresentando o pigmento desgastado e "lixado". A coloração predominante é o pardacento-pálido na face externa e o pardacento-oliva na face interna. O núcleo é acinzentado entre paredes mais claras.

A forma, resultado das bordas desenhadas, é a meia-calota. O contorno é simples, a borda é direta terminando em lábio arredondado. A base é arredondada. As dimensões do vasilhame reconstituído mediante desenho são 49,0 cm de abertura de boca, 15,0 cm de profundidade e 1,2 cm de espessura das paredes.

[107] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA M. A. Ficha de Sítio n. 60, Itens 11 e 27, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1998.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	N° de frag.	%
	Simples	-	-	-	0,9-1,2	-	-	14	28,0
	Corrugado	Meia-calota	Simples	49	1,2	15	Arred.	10	20,0
	Ungulado	-	-	-	0,5-1,1	-	-	01	2,0
	Pintado	-	-	-	0,6-1,0	-	-	05	10,0
	Inclass.	-	-	-	1,1-1,3	-	-	20	40,0

Tabela 20. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-60: Capororoca II.

Proximidades do centro urbano de Mostardas

RS-LC-43: Ildefonso Braga "A"

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-43 são 31°07'8,49"S e 50°53'34,34"W e encontra-se a 500 m da cidade de Mostardas, na chácara do Sr. Ildefonso Braga, a 500 m a sudeste da residência da chácara. Está situado entre cômoros de areia no início do campo, numa altitude de 10,0 m acima do nível do mar. A cerca de 300 m ao noroeste existe uma lagoa de água doce. A paisagem do sítio é caracterizada pela presença de arbustos, gramíneas e uma parte sem cobertura vegetal. O solo é arenoso, apresentando a possibilidade de erosão pelo vento e chuva. Em uma área de 200 m de diâmetro encontra-se material arqueológico composto por fragmentos de cerâmica Tupiguarani, uma lâmina de machado, pontas-de-projétil, fragmentos de louça, de vidro e de metal, considerados intrusivos. A Professora e Advogada Vera Braga emprestou sua coleção para ser analisada no LEPAN e prestou informações sobre o sítio.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram coletados 06 fragmentos de cerâmica, entre eles 01 simples, 01 corrugado, 03 ungulados e 01 raspado. Os fragmentos apresentam fratura regular, indicando confecção pela técnica do acordelado.

A pasta é argilosa, compacta e não desagrega ao toque. Aparentemente bem misturada, com aparência laminada na seção transversal dos fragmentos. Bem misturada, os grãos do tempero não afloram na superfície das paredes. O banho tem a mesma tonalidade da pasta, ou seja, pardacento-alaranjado, variando de fragmento para fragmento. O núcleo é acinzentado entre paredes mais claras, indicando queima incompleta em atmosfera oxidante.

O antiplástico é arenoso fino e distribuído homogeneamente na pasta e sua composição é de grãos arredondados de quartzo, entre 0,01 e 0,04 cm, indicando depósito de beira de rio ou córrego. Ocorrem alguns grânulos de cerâmica triturada, que podem chegar a 0,1 cm.

Em média, os fragmentos são bem acabados, não apresentam estrias nem rachaduras. A tonalidade predominante é o pardacento-alaranjado em ambas as faces.

A vasilha reconstituída a partir de uma borda corrugada, resultou em uma forma de meia-esfera, com contorno simples e borda direta terminando em um lábio arredondado. As dimensões de abertura de boca seriam de 28,0 cm, profundidade de 17,4 cm e 1,0 cm de espessura das paredes.

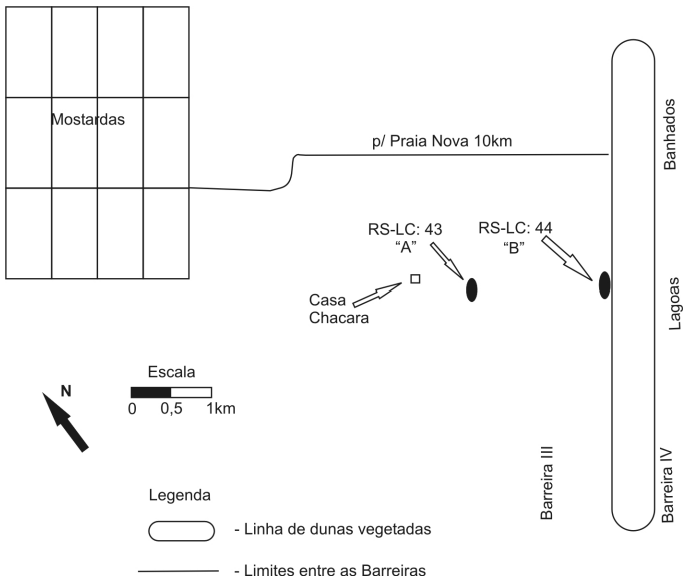


Figura 20. Croqui dos sítios RS-LC-43 e 44: Ildefonso Braga "A" e "B".

Lítico

Foram recolhidos, em coleta sistemática, 01 lâmina de machado com entalhe para apreensão em basalto cinza, 01 raspador-alisador, 04 quebra-coquinho (arenito?), 03 polidores em arenito, 01

afiador-em-canaleta em arenito, 01 afiador, 01 ponta-de-projétil pedunculada em calcedônia, 02 lascas de quartzo e 02 lascas de calcedônia.

RS-LC-44: Ildefonso Braga "B"

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-44 são 31°07'11,97"S e 50°52'44,10"W e encontra-se na mesma chácara do Sr. Ildefonso Braga, distando 2 km da casa, na mesma linha de dunas do sítio RS-LC-43. O sítio está no limite das barreiras geológicas III e IV, junto ao mato que marca a divisa das barreiras, a 10,0 m acima do nível do mar. A mata de restinga está sobre o solo arenoso da Barreira IV e sobre as dunas. Na Barreira III existem apenas gramíneas. A água mais próxima é uma lagoa 200 m a sudeste; no meio da mata de restinga próxima ao sítio, a uns 100 m, também existem vertentes e pequenas poças de água doce. O material encontra-se distribuído em uma área de 400 (sudoeste/nordeste) x 50,0 m e é composto por fragmentos de cerâmica Tupiguarani, quebra-coquinho em arenito e calcedônia e fragmento distal de lâmina de machado em basalto[108].

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram coletados 62 fragmentos, entre eles 50 corrugados (80,6%), 08 ungulados (12,9%), 03 pintados de vermelho sobre branco na superfície externa (4,8%) e 01 inclassificável (1,6%). Os fragmentos representam vasilhas, em 81,5% dos casos, confeccionadas pela técnica do acordelado.

A pasta é, em geral, bem amassada, com aparência laminada em seção transversal. A fratura, na maioria dos fragmentos é regular, perpendicular e em ângulos variáveis às paredes. Não foram observadas bolhas de ar cavernosas. O tempero foi bem misturado na argila, distribuindo-se em todo o corpo do fragmento. A coloração do núcleo é o pardacento-acinzentado entre paredes avermelhadas. As fragmentos pertenceram a vasilhas semi-queimadas, em atmosfera oxidante.

O antiplástico é, segundo escala de Hargrave & Smith, arenoso muito fino, ocorrendo sempre abaixo ou igual a 0,01 cm, composto por grânulos de quartzo e plaquetas de mica e, ainda, é formado por grãos angulosos, indicando depósito terrestre. A quantidade relativa de antiplástico é maior que a da argila, resultando na dureza 4, segundo escala de Mohs.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	N°	%
	Corrugado	Meia-calota Meia-esfera	Simples Composto	16-32	0,8-1,2	20-15	Cônica Arred.	50	80,6
	Ungulado	Meia-esfera	Simples	15-28	0,5-1,0	10-13	Arred.	08	12,9
	Pintado	Meia-calota Elipsóide	Simples Composto	18-22	0,3-1,0	05-10	Arred.	03	4,8
	Inclass.	-	-	-	0,9	-	-	01	1,6

Tabela 21. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-44: Ildefonso Braga "B".

O tratamento dado à superfície é relativamente bem acabado, predominando na face externa o corrugado, com alguns pontos ungueais espalhados homogeneamente. A textura é compacta e firme, não desagrega facilmente ao toque, sem estrias e rachaduras aparentes. O banho tem espessuras entre 0,01 e 0,025 cm. As tonalidades de superfície oscilam entre o pardacento-avermelhado e o ocre-pardacento. Notam-se manchas de fumaça espalhadas heterogeneamente pela superfície, as cores das manchas variam do pardacento-oliva ao preto-acinzentado.

As formas típicas do sítio Ildefonso Braga "B" são a meia-calota, a meia-esfera e a elipsóide. Os contornos mais ocorrentes são os simples; os compostos e complexos são mais raros. O sítio Ildefonso Braga "B" apresenta maior quantidade de bordas expandidas, menos introvertidas e, ainda menos cambadas, reforçadas externamente e extrovertidas. O lábio, nas bordas expandidas é apontado, nas bordas extrovertidas é arredondado e nas bordas diretas das formas meias-esfera é aplanado. Poucas vasilhas, que foram reconstituídas mediante desenho, apresentam carena com quebra abrupta. As bases, em geral, são arredondadas.

Lítico

Foram registrados, em coleta sistemática, 01 peso de rede em basalto, 08 quebra-coquinhos inteiros ou fragmentados em calcedônia e 02 materiais-corantes de hematita.

[108] MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo: 18/01/1995.

Praia do Bacopari - Mostardas
RS-LC-49: Bacopari I

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-49 são 30°32'12,80"S e 50°25'32,40W"[109]. A localidade de Bacopari fica entre Palmares do Sul e Mostardas, no caminho que segue para a praia de mesmo nome (cerca de 4,0 km). Segue-se por um caminho calçado que leva à praia quando, próximo do balneário, bifurca-se e à esquerda uma trilha de terra que leva ao camping. À direita, continua o calçamento e por mais 300 m atinge-se o sítio Bacopari I, cujo material se encontra entre a estrada e os barrancos (e nos próprios).[110] O sítio está a 25,0 m acima do nível do mar. Existe uma lagoa de água doce a 100 m a leste. O solo é arenoso e mantém uma vegetação rasteira e arbustiva. As possibilidades de destruição do sítio são a utilização constante do caminho que leva à praia. Quando o proprietário fazia um buraco para colocar um moirão da cerca, encontrou, entre o caminho e as paredes de dunas, uma urna funerária pintada de vermelho sobre branco externamente, com um crânio humano dentro. Esta urna achava-se na Casa de Cultura de Mostardas, onde o autor do achado foi identificado e conduziu a equipe até o local, em 1994[111]. O material associado era composto por fragmentos de cerâmica Tupiguarani (tampa?) e conchas.

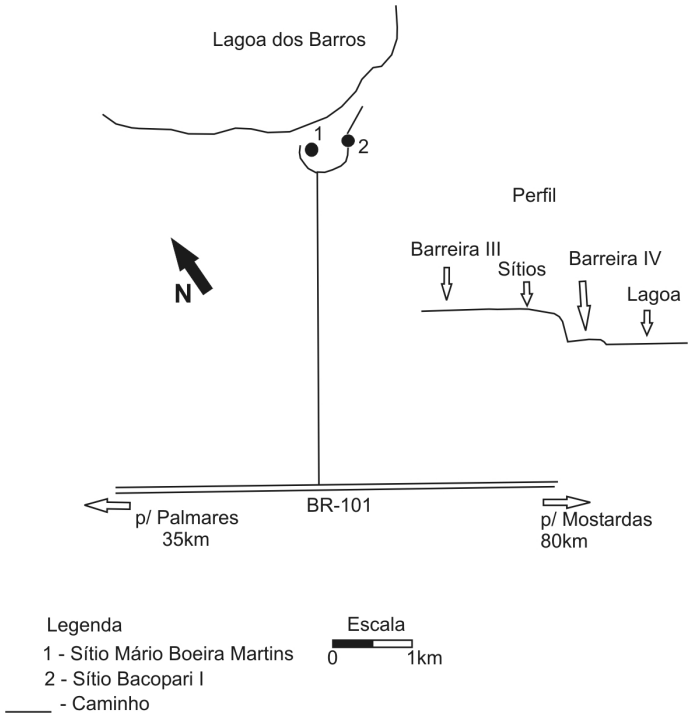


Figura 21. Croqui dos sítios RS-LC-05: Mário Boeira Martins e RS-LC-49: Bacopari I.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Nas redondezas do sepultamento, que se encontra detalhado em outro capítulo, foram coletados 43 fragmentos de cerâmica, entre eles 13 corrugados (30,2%), 26 ungulados (60,4%) e 04 pintados (9,3%), sendo 02 pintados de vermelho sobre branco na face externa e 02 pintados na face interna.

Os fragmentos pertenceram a vasilhas confeccionadas pela técnica do acordelado, sendo que a fratura é regular e perpendicular à parede. É possível perceber a junção dos roletes e a impressão positiva do rolo é visível em alguns casos.

A pasta é mal misturada e a qualidade do amassamento é irregular. A textura varia de fragmento para fragmento, mas predomina a compacta. O antiplástico está heterogeneamente distribuído. Existem bolhas de ar cavernosas em vários fragmentos. Estrias laminadas de pasta são disformes na proximidade do núcleo que é pardacento-acinzentado entre paredes avermelhadas. A variação das tonalidades indica que a pasta foi mal queimada, em atmosfera oxidante.

O antiplástico é arenoso médio; composto por grãos de quartzo arredondados, provavelmente depósito de rio. As dimensões ocorrem entre 0,03 e 0,06 cm, sendo que os maiores grãos pertencem a grânulos triturados de cerâmica que, em alguns casos, afloraram na superfície.

O tratamento de superfície, em 60,5% dos fragmentos, é o ungulado, aplicado de maneira uniforme, variando apenas na posição das marcas ungueais. Em alguns fragmentos a decoração é zonal, na maior parte dos casos, do ombro até a borda. O banho está bem conservado, com uma espessura que não ultrapassa o 0,01 cm. A coloração predominante da superfície na face interna é o ocre-pardacento e na face interna o pardacento-pálido.

[109] A equipe do Instituto Anchietano de Pesquisas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, já esteve no local.
[110] MENTZ RIBEIRO, P. A.; CALIPPO, Flávio Ricci; PEREIRA PENHA, M. A. Ficha de Sítio n. 49, Item 11, Doc. 1 do Arq. do LEPAN, 1998.
[111] MENTZ RIBEIRO, P. A.; CALIPPO, Flávio Ricci; PEREIRA PENHA, M. A. Ficha de Sítio n. 49, Item 24 e 27, Doc. 1 do Arq. do LEPAN, 1998.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	N° de frag.	%
	Corrugado	Ovóide Esférica	Simples Composto	14-20	0,6-1,1	20-15	Cônica Arred.	13	30,2
	Ungulado	Semi-esférica Esférica	Simples Composto	15-24	0,3-0,8	10-13	Arred. Arred.	26	60,4
	Pintado	Meia-calota Elipsóide Ovóide	Simples Simples Complexo	18-32	0,6-0,9	08-17	Arred. Arred. Cônica	04	9,3

Tabela 22. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-49: Bacopari I.

A forma predominante dos recipientes, reconstituídos nos desenhos, é a ovóide. Existem ocorrências de meia-esfera, elipsóides e em meia-calota. O contorno mais usado é o simples, mas com grande freqüência de compostos. Os vasilhames, pintados externamente, possuem formas complexas, tem uma borda reforçada e lábio arredondado, são carenados e a base, em geral, é cônica. As bordas dos recipientes corrugados tendem a serem introvertidas. Nas vasilhas com forma semi-esférica, a borda é levemente inflectida, terminando em lábio arredondado. Os fragmentos com decoração ungulada foram reconstituídos, mediante desenho, em vasilhas esféricas e semi-esféricas, com borda direta, contorno simples e composto, com lábio e base arredondada.

As evidências arroladas indicam que o sepultamento das proximidades do sítio Bacopari I poderia, provavelmente, pertencer a ele.

Interpretando os dados é possível concluir que, provavelmente, não se trata de um sítio-cemitério e sim de um sítio-habitação com o registro de um enterramento. O sepultamento, que foi detalhado em capítulo a parte, provavelmente é primário, ou seja, enterrado primeiramente estendido e direto no solo e, após decomposição o crânio, sofre enterramento secundário em vasilha pintada com tampa. Foram coletados, ainda, pelo autor do achado, 18 ossos humanos e dentes que estavam fora do vasilhame.

Parque Nacional da Lagoa do Peixe – PARNA

RS-LC-53: PARNA I

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-53 são 31°04'2,39"S e 50°49'6,92"W e está localizado nas proximidades das casas do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente de Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, na parte norte do PARNA, distando 1,0 km das casas, em direção sul. Mesmo tratando-se de uma área protegida por lei e tendo a presença do IBAMA, no parque a vegetação está muito alterada devido à plantação de pinus. Algumas áreas mantêm a vegetação nativa de restinga litorânea, principalmente a proximidades da lagoa.

Foto 08. Aspectos gerais do sítio RS-LC-53: Parna I. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

O sítio, uma mancha de terra escura com aproximadamente 50,0 m de diâmetro, encontra-se entre as dunas, que estão 20,0 m acima do nível do mar; elas apresentam um solo areno-ferruginoso e friável. Atualmente é possível observar apenas um terço do sítio, encontrando-se o resto soterrado pela areia. A lagoa mais próxima está a 600 m em direção leste/sudeste. Foram encontrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani e um quebra-coquinho.

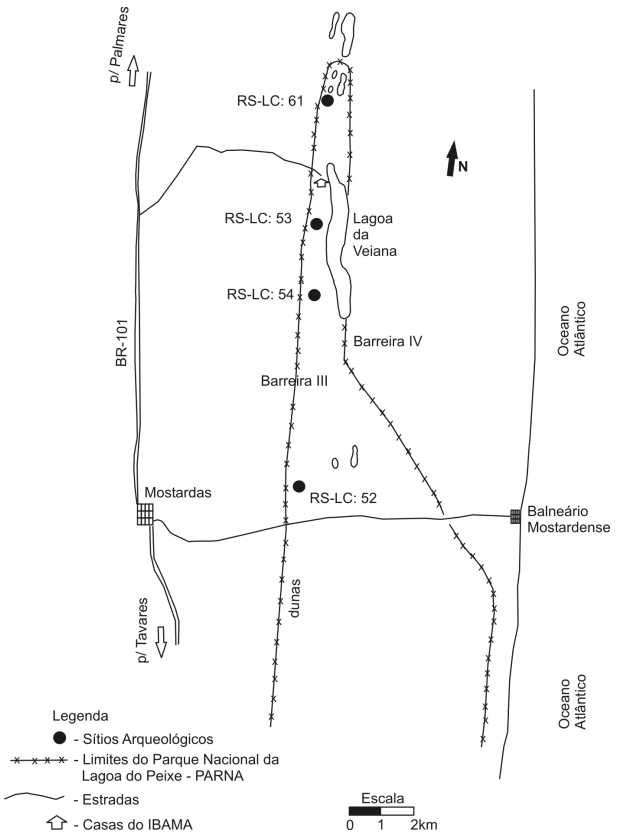


Figura 22. Croqui dos sítios Parna III, Parna I, Parna II e Carambola.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram coletados 15 fragmentos cerâmicos, sendo 14 simples e 01 pintado de vermelho na face interna. Além destes, foi recolhido 01 fragmento de arenito e um quebra-coquinho em calcedônia.

A cerâmica apresenta uma pasta razoavelmente bem amassada, onde aparecem formas estriadas na seção transversal dos fragmentos, que possuem cerca de 1,0 cm de espessura. A fratura é irregular. A cor do núcleo é o cinza-liláceo, indicando queima incompleta em atmosfera oxidante. A dureza é 3, segundo escala de Mohs.

O antiplástico é arenoso fino, segundo escala de Wentworth, ocorrendo entre 0,02 e 0,04 cm, é composto por grânulos de quartzo e cerâmica moída. A mistura é homogênea. A quantidade relativa de antiplástico é maior que a de argila.

O acabamento de superfície é precário, apresentando estrias e ranhuras. A tonalidade é o pardacento-alaranjado em ambos os fragmentos. A textura é compacta e não apresenta tendência ao descascamento.

Não ocorreram fragmentos de borda, por isso não foi possível reconstituir a forma das vasilhas.

RS-LC-61: PARNA III

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-61 são 31°02'23,51"S e 50°47'42,41"W e localiza-se no extremo norte do Parque, paralelo à linha de dunas (lado oeste), cerca 1,0 km ao sul. Sua vegetação é a arbustiva e rasteira, como é característico do PARNA. Está a 19,0 m sobre o nível do mar, sobre dunas arenosas, onde sofre processo de erosão. À pequena distância existem vertentes. Em uma área de 5,0 m², foram coletados alguns fragmentos de cerâmica Tupiguarani[112]. Numa posterior visita ao local não foi encontrado nenhum material cultural, apenas uma pequena mancha de terra escura com 8,0 m de diâmetro.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Na ocasião da coleta, foram recuperados 13 fragmentos, sendo 01 simples, 06 corrugados, 03 ungulados, 01 pintado de vermelho sobre branco na face interna e 02 inclassificáveis.

A fratura é regular indicando manufatura acordelada. A textura é compacta. A tonalidade predominante é o ocre-pardacento. Não foi observado banho nos fragmentos.

A pasta é bem amassada e não apresenta bolhas de ar. A mistura é homogênea e a quantidade relativa de argila é maior que a de antiplástico. O núcleo é, na maioria dos fragmentos, acinzentado, indicando uma semi-cocção razoavelmente controlada em atmosfera oxidante.

O antiplástico é, segundo escala de Hargrave & Smith, arenoso médio. O tempero é composto de grânulos de quarto arredondados, nódulos de óxido de ferro, pequenos fragmentos de fuogorita e grânulos de cerâmica moídos. As dimensões do tempero ocorrem entre 0,03 e 0,072 cm, predominando 0,04 cm.

As formas não puderam ser reconstituídas pela ausência de fragmentos de borda com tamanho apropriado para o desenho.

[112] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 61, Itens 11 ao 27, Doc. 1 do Arq. do LEPAN, 1997.

RS-LC-63: PARNA IV

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-63 são 31°19'22,56"S e 51°04'18,73"W com altitude relativa de 15,0 m acima do nível do mar. O sítio encontra-se a 1,0 km de Tavares em direção a São José do Norte, na proximidade da salina abandonada e do sítio RS-LC-18. Segue a descrição exata da localização do sítio:

> Segue-se pela BR-101 na direção Tavares – São José do Norte, por mais ou menos 1km da primeira localidade, entra-se a esquerda, em direção às dunas por mais ou menos 4km, até chegarmos à uma salina abandonada (passamos antes por um campo de futebol e casa de meretrício). O sítio se encontra a mais ou menos 400m ao nordeste do sítio RS-LC:18. Sua posição é semelhante aos demais sítios Tupiguarani da região: na encosta oeste das dunas, na barreira 3 próximo ao seu limite com a barreira 4 (esta situada ao sudeste-leste).[113]

No entorno do sítio é possível identificar lagoas, vertentes e córregos, a 200 m na direção leste-sudeste. A vegetação característica é a de gramíneas em um solo arenoso. O principal fator erosivo é o vento. Em visita recente não foi encontrado o sítio, porque provavelmente as dunas vivas o cobriram. Em um espaço de 5,0 m de diâmetro encontravam-se fragmentos de cerâmica Tupiguarani.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram coletados 22 fragmentos sendo que 06 são simples, 05 são corrugados, 02 são pintados de vermelho sobre branco na face externa e 09 são inclassificáveis. Algumas fraturas regulares na junção dos roletes indicam confecção acordelada.

A pasta é razoavelmente amassada; alguns grãos desagregam das fraturas indicando distribuição heterogênea do antiplástico. A cor do núcleo é o pardacento-ocre, indicando uma boa cocção, quase completa, bem controlada e em atmosfera oxidante. A extensão da queima não ultrapassa 1,2 cm. A dureza, segundo escala de Mohs, está entre 4 e 5.

O antiplástico é arenoso fino, segundo escala de Wentworth, ocorrendo grãos entre 0,02 e 0,06 cm, é composto por uma mistura de grãos de quartzo arredondados com grânulos de cerâmica moída.

O tratamento de superfície é difícil de avaliar devido ao grande processo erosivo pelo qual passaram as peças. A textura é frouxa e ocorre com facilidade o desprendimento de grãos arenosos. A coloração predominante é o pardacento-pálido em ambas as faces.

As formas não puderam ser reconstituídas pela ausência de fragmentos de borda com tamanho apropriado para o desenho.

RS-LC-66: PARNA V

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-66 são 31°21'31,59"S e 51°06'6,40"W. Para se ter acesso ao sítio basta seguir pela BR-101, na direção de Tavares – São José do Norte; 5,0 km após entra-se à esquerda, por um caminho no campo, mais ou menos 1,5 km até chegar nas dunas; o sítio está logo no início das dunas. Estas estão cobertas por vegetação arbustiva (ao leste); ao

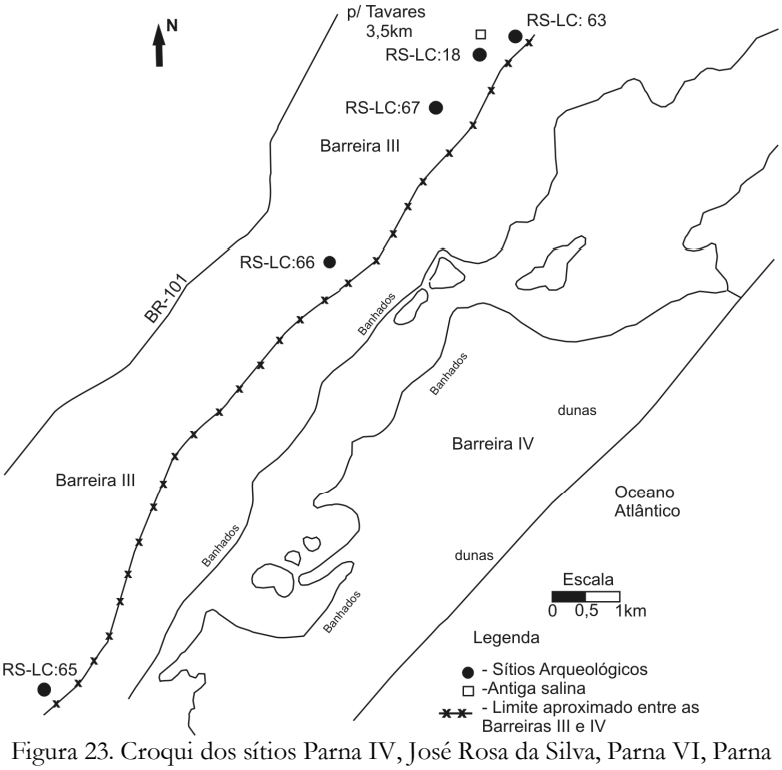


Figura 23. Croqui dos sítios Parna IV, José Rosa da Silva, Parna VI, Parna V e Napoleão Araújo Brum.

[113] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA M. A. Ficha de Sítio n. 63, Item 11, Doc. 2 do Arq. do LEPAN, 1998.

redor do sítio a vegetação é rasteira (ao oeste). Existe uma pequena lagoa cerca de 100 m ao norte. Na Barreira IV, mais baixa, encontra-se com facilidade lagoas e banhados que estão na direção sudeste/leste; mais adiante está a Lagoa do Peixe.[114]

O sítio está erodido (parece estar estável e parcialmente preservado) e possui aproximadamente 20,0 m de diâmetro. Uma das características deste sítio é a presença de restos de alimentação, raros nos sítios da área. Na superfície da mancha de terra escura foram registrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani, restos de alimentação, como conchas, ossos de peixes e mamíferos (cervídeos) e coquinho[115].

Este, assim como os outros sítios do PARNA, faz parte de um complexo sistema de assentamento do entorno da Lagoa do Peixe.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

O sítio Parna V apresenta uma quantidade relativamente maior de material em comparação com os sítios da área, com exceção do Parna II. Na concentração única foram coletados 213 fragmentos de cerâmica sendo 53 simples (24,9%), 74 corrugados (34,9%), 34 ungulados (15,9%), 05 pintados (2,3%), sendo 02 pintados de vermelho sobre branco na face externa e 03 com mesma decoração na face interna, 07 com técnicas associadas (3,2%), ou seja, corrugado na face externa e pintado na face interna e, ainda, 40 fragmentos inclassificáveis (18,8%). A impressão do positivo e negativo na junção dos roletes é clara na maioria dos fragmentos, indicando manufatura acordelada.

A pasta é argilo-arenosa, homogênea e bem amassada. Aparecem laminações nas seções transversais das peças. A quantidade relativa de argila é maior que a de antiplástico. Existem dois tipos de cores dos núcleos, o grupo das tonalidades avermelhadas e o das tonalidades acinzentadas. O segundo grupo é composto por núcleos escuros e pretos, o primeiro grupo é composto por núcleos alaranjados e mais claros. Essas variações na tonalidade indicam uma cocção mal controlada em atmosfera oxidante, com uma queima semi-completa e a outra incompleta, respectivamente. A dureza é, segundo escala de Mohs, entre 3 e 4.

O antiplástico é, segundo escala de Wentworth, arenoso fino com dimensões ocorrendo entre 0,01 e 0,04 cm, sendo composto por grãos angulosos de quartzo, provavelmente de depósito terrestre; resíduos granulosos de cerâmica moída.

O tratamento de superfície predominante na face externa é o corrugado, em 40,8% dos casos. O acabamento é bom, com algumas peças apresentando pontos ungueais. Na face interna, o tratamento predominante é o alisado com estrias e com tendência ao descascamento. As tonalidades variam de peça para peça, mas ocorrem nas cores ocre-pardacenta, pardacento-alaranjada e sépia nas manchas de fumaça. A textura é compacta nos fragmentos analisados. Não foi observado banho nos fragmentos.

As formas típicas do sítio Parna V são as esféricas, seguidas pela meia-calota e ovóide. Ocorrem também elipsóides e semi-esféricas. Os contornos, em média são simples nas vasilhas corrugadas e, composto, nas simples e pintadas. As bordas predominantes são as diretas, ocorrendo também extrovertidas e introvertidas nessa ordem de ocorrência. Poucas apresentam reforço na borda, que termina em lábio arredondado e, algumas vezes, apontado.

	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	N° de frag.	%
Cerâmica Tupiguarani	Simples	Ovóide Esférica	Simples Composto	14-20	0,8-1,4	08-14	Cônica Arred.	53	24,9
	Corrugado	Semi-esférica Esférica	Simples Composto	15-24	0,6-1,2	10-16	Arred. Arred.	74	34,9
	Ungulado	Esférica	Composto	28	0,9	20	Arred.	34	15,9
	Pintado	Meia-calota Elipsóide	Simples Simples	18-32	0,8-1,0	08-17	Arred. Arred.	05	2,3
	Téc. Ass.	Meia-calota	Simples	22-30	0,8-0,9	10-12	Arred.	07	3,2
	Inclass.	-	-	-	0,4-1,3	-	-	40	18,8

Tabela 23. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-66: Parna V.

RS-LC-67: PARNA VI

[114] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA M. A. Ficha de Sítio n. 66, Itens 11 ao 24, Doc 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1998.
[115] MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo: 13/01/1998.

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-67 são 31°20'14,99"S e 51°05'5,28"W. O sítio localiza-se em uma salina abandonada, na localidade de Guarita, dentro do PARNA, que dista cerca de 1,0 km de Tavares em direção a São José do Norte. Para se ter acesso ao sítio basta seguir pela BR-101; a 1,0 km de Tavares vira-se à esquerda e segue-se por mais 4,0 km. Partindo da salina abandonada, o sítio encontra-se a sudeste e na encosta oeste das dunas (a 500 m do sítio RS-LC-18 ao sudoeste).[116] As dunas são vegetadas, cobertas por arbustos e, ao redor, de gramíneas. O sítio fica 15 m acima do nível do mar e está sobre a Barreira III, mais alta. Logo à frente existe a Lagoa do Peixe e outras vertentes. Em uma mancha de terra escura com aproximadamente 50,0 m de diâmetro, foram registrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani, louça e ossos. Nas proximidades, ao norte, encontra-se na mesma linha de dunas, o sítio RS-LC-18[117].

Este sítio se encontra praticamente destruído devido à ação eólica, fazendo com que esteja sendo erodido rapidamente.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram recolhidos 215 fragmentos de cerâmica, entre eles 41 simples (19,0%), 102 corrugados (47,4%), 20 ungulados (9,3%), 21 pintados (9,7%), 07 com técnicas associadas (3,2%) e 24 inclassificáveis (11,1%). São 15 peças pintadas de vermelho sobre branco na face externa, 01 pintada de vermelho sobre branco na face interna, 02 pintadas de vermelho sobre branco em ambas as faces, 02 pintadas de vermelho na face externa e 01 fragmento pintado de vermelho na face interna. A fratura é regular, aparecendo o negativo da impressão na junção dos roletes, das vasilhas confeccionadas pela técnica do acordelado.

A pasta é argilosa, bem amassada, com estrias laminadas aparecendo nas fraturas em seção transversal da peça. A mistura é homogênea, distribuindo o antiplástico por toda composição da pasta. O núcleo é ocre-acinzentado entre paredes pardacento-avermelhadas, indicando queima incompleta e mal controlada em atmosfera oxidante. A extensão da queima é, em média, de 0,9 cm. A dureza é 3, segundo escala de Mohs.

O antiplástico é arenoso fino, segundo escala de Wentworth, com dimensões entre 0,02 a 0,06 cm, predominando 0,03 cm; é composto por uma mistura de grânulos de quartzo angulares e arredondados, grãos de cerâmica moída e, aparentemente, espículas calcárias.

O tratamento de superfície é bem acabado A cor da superfície é o pardacento-avermelhado, com ocorrências de ocre-pardacento nas proximidades das manchas de fumaça. A textura é compacta, não desagrega facilmente, e firme ao toque.

A forma, reconstituída de uma borda desenhada, foi uma meia-esfera de contorno inflectido e borda extrovertida, terminada em lábio arredondado. A base é arredondada. A abertura de boca é de 38,0 cm, com 32,0 cm de profundidade e uma espessura das paredes de 1,0 cm.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	Nº de Frag.	%
	Simples	Esférica Meia-calota	Simples Simples	16-21	0,6-1,3	10-18	Arred. Arred.	41	19,0
	Corrugado	Semi-esférica Meia-calota	Simples Simples	09-28	0,8-1,2	10-16	Arred. Arred.	102	47,4
	Ungulado	Meia-Esfera	Composto	17-25	0,9-1,1	12-26	Arred.	20	9,3
	Pintado	Elipsóide Carenada	Simples Composta	10-28	0,6-1,1	04-22	Arred. Cônica	21	9,7
	Téc. Ass.	Semi-esférica	Simples	16-20	0,8-1,1	10-14	Arred.	07	3,2
	Inclas.	-	-	-	0,6-1,5	-	-	24	11,1

Tabela 24. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-67: Parna VI.

Capítulo V. OS SÍTIOS REOCUPADOS

Os sítios reocupados estão localizados na periferia do núcleo principal de povoamento junto à Lagoa do Peixe, onde está o maior número de aldeias e assentamentos isolados. Morfologicamente apresentam características de cerritos, sambaquis e sítios de campo aberto. Estão fora do limite das barreiras geológicas III e IV, em banhados e na margem da Lagoa dos Patos ou do oceano. Apresentam material Tupiguarani e material das ocupações anteriores. Diferenciam-se dos assentamentos híbridos por não haver indícios de

[116] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA M. A. Ficha de Sítio n. 67, Item 11, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1998.
[117] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA M. A. Ficha de Sítio n. 67, Itens 12 ao 27, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1998.

contato entre as ocupações sucessivas, que poderia estar representado por cerâmica aculturada. Foram observados dois tipos de reocupação: uma menos densa, aparentando apenas visitas esporádicas e outra mais densa, com acampamentos de longa duração, como o sítio RS-LC-28: Dilmo Martins, um acampamento sobre um sítio da tradição Vieira.

No levantamento feito, foram encontrados reocupados mais sambaquis do que cerritos e também foram observados acampamentos Tupiguarani na proximidade de sítios da tradição Umbu.

Bojuru – São José do Norte

RS-LC-32: Barranco "B"

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-32 são 31°35'48,59"S e 51°19'6,36"W. O sítio encontra-se na mesma linha de dunas que o RS-LC-31, distando 300 m a sudeste do Barranco "A". O material do Barranco "B" distribui-se em uma área de 15,0 x 10,0 m. Percebe-se que está parcialmente destruído, com o material erodido e parcialmente preservado como bloco testemunho na encosta do barranco. Os fatores de erosão são eólicos e pluviais, arrastando o material para a encosta baixa do declive, descontextualizando-o. A altura relativa é praticamente a mesma para todos: 5,0 m e 2,0 m acima do nível da planície. Entre o material arqueológico registraram-se fragmentos de cerâmica Tupiguarani, conchas, peso de rede, seixos pequenos, matéria corante, uma peça polida quadrangular alongada, uma lasca de lâmina de machado polida[118].

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram coletados 13 fragmentos, sendo 07 simples, 02 corrugado, 01 ungulado e 03 inclassificáveis.

Dos fragmentos recolhidos a quase totalidade pertenceu a vasilhas confeccionadas pela técnica do acordelado. Mostram fratura regular entre os roletes, onde é possível observar o negativo e o positivo da inserção.

A pasta é bem misturada, sem bolhas de ar aparentes, com textura compacta e firme, não se desagregando facilmente. O antiplástico é arenoso fino, com grãos de quartzo angulosos medindo entre 0,03 e 0,05 cm.

A coloração é o pardacento-alaranjado na face externa e, na face interna, o ocre-pardacento. Foram localizadas poucas manchas de fumaça; as que foram encontradas tinham a cor sépia. A cor indica uma queima incompleta em atmosfera oxidante, com a extensão da queima no núcleo de até 0,8 cm.

O tratamento de superfície na sua maioria é o corrugado na face externa e o alisado na face interna.

Os fragmentos têm em média 3,8 a 12,2 cm de comprimento por 6,8 a 9,1 cm de largura. A espessura das paredes varia entre 0,8 a 1,4 cm, predominando a espessura de 1,1 cm. As vasilhas não puderam ser reconstituídas devido ao tamanho reduzido dos fragmentos e a ausência de bordas.

Cerâmica Vieira

Os 03 fragmentos registrados foram encontrados nas proximidades do sítio. Aparentemente pertencem à mesma vasilha, que foi manufaturada pela técnica do modelado.

A coloração é o pardacento-acinzentado. A queima é incompleta, com cocção feita em atmosfera oxidante. O antiplástico é composto de grãos de quartzo angulosos indicando trituração, conchas também trituradas, restos de vegetais carbonizados e espículas calcárias.

A vasilha possui forma semi-globular, base arredondada e borda levemente extrovertida. A espessura dos fragmentos é de 0,9 cm.

Os fragmentos de cerâmica Vieira provavelmente estão deslocados do seu ponto de origem. Trata-se de uma ocorrência de cerâmica não-local, ou seja, a vasilha que os fragmentos representam provavelmente não foi produzida no sítio Barranco "B".

Lítico

Foram registrados 02 resíduos de matéria corante e uma peça lanceolada, com duas faces planas e retas e duas faces laterais convexas, de uso desconhecido.

RS-LC-33: Barranco "C"

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-3 são 31°36'13,63"S e 51°19'33,20"W. O sítio está localizado na mesma linha de dunas dos sítios RS-LC-31 e RS-LC-32, distando 1,0 km a sudeste do Barranco "B".

[118] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 32, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1995.

Em área de 15,0 x 10,0 m foram registrados alguns fragmentos de cerâmica Tupiguarani, fragmentos de pendentes, um fragmento de machado polido em basalto cinza, um quebra-coquinho em calcedônia rosa[119], além de algumas lascas de quartzo hialino.

O sítio diferencia-se das outras concentrações apenas no que diz respeito ao material cultural, que é escasso nesta concentração e abundante nas outras. O agrupamento sistemático das ocupações em que se insere o sítio segue o contorno das dunas e mantém-se paralelo a linha de costa.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Formam uma amostra de 262 fragmentos, representada por 38 com decoração simples (14,6%), 69 corrugados (26,4%), 47 ungulados (17,9%), 23 raspados (8,8%), 10 pintados (3,6%) e 75 inclassificáveis (28,7%). Foi encontrado também 01 afiador-em-canaleta.

Os fragmentos representam vasilhas confeccionadas pela técnica do acordelado. A fratura é regular, sendo que a pasta é bem amassada, possuindo uma textura compacta, firme e que não desagrega ao toque.

O antiplástico é composto por grânulos finos e arredondados de quartzo, com diâmetros entre 0,01 e 0,06 cm. Na mistura existem também grãos de argila queimada, provenientes de fragmentos de cerâmica triturada. Estes são maiores, com até 0,1 cm e distribuem-se homogeneamente no tempero. É importante destacar que, nos córregos próximos ao sítio, ocorrem grãos semelhantes aos encontrados na mistura, isto é, semelhantes na mineralogia, nas dimensões e nas tonalidades de cor.

A coloração da maioria dos fragmentos é o pardacento-avermelhado, seguido pelo ocre-pardacento e pardacento-pálido. A cor do núcleo é um pouco mais escura que a das paredes predominando o pardacento acinzentado. A coloração indica uma semi-queima, ou seja, cocção incompleta com pouco ou nenhum controle.

	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	Nº de Frag.	%
Cerâmica Tupiguarani	Simples	Esférica Ovóide Elipsóide	Composto Simples Simples	12-36	0,5-0,9	05-14	Cônica	38	14,6
	Corrugado	Ovóide Esférica Meia-calota	Simples Composto Simples	18-28	0,8-1,1	7,9-14	Cônica Arred.	69	26,4
	Ungulado	Ovóide	Simples	10-16	0,6-1,0	06-12	Arred.	47	17,9
	Raspado	-	-	-	-	-	-	23	8,8
	Pintado	Meia-calota Complexa	Simples Composto	16-40	0,5-1,1	07-19	Cônica Arred.	10	3,6
	Inclass.	-	-	-	0,8-1,5	-	-	75	28,7

Tabela 25. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-33: Barranco "C".

O tratamento predominante de superfície é o corrugado com 68,7%, seguido pelo simples com 18,3%, raspado com 4,0% e o restante com 9,0%.

Vinte e duas bordas que puderam ser reconstituídas, mostrando predominantemente vasilhas ovóides com contorno simples, seguidas pelas esféricas compostas e, em menor grau de ocorrência, as em meia-calota e semi-esféricas. As maiores vasilhas corrugadas possuem bordas diretas, levemente introvertidas e com reforço externo até a altura do ombro. As vasilhas esféricas apresentam bordas extrovertidas com forte inflexão. O lábio nas bordas analisadas é arredondado e, em alguns casos, apontado. Os fragmentos que representam vasilhas pintadas apresentam carena, ombro, pescoço e borda extrovertida fortemente reforçada.

Cerâmica Vieira

Formam uma amostra total de 81 fragmentos. Destes, 64 são simples, dos quais 16 são temperados com areia grossa e 48 com areia fina; 11 decorados com impressão de cesto e 06 com decoração raspada.

Os fragmentos representam vasilhas confeccionadas pela técnica do modelado, sendo que a quebra é irregular.

A pasta é relativamente bem amassada, todavia é possível notar grãos na superfície da parede, principalmente na face interna. A textura é compacta, sem desprendimento de grãos.

[119] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 33, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1995.

O antiplástico é composto por grãos de quartzo triturados em dimensões que ocorrem entre 0,04 a 0,15 cm. Além disso, ocorrem conchas trituradas, espículas calcárias e restos vegetais carbonizados pela ação da queima.

A cor da face externa é a preto-pardacenta e o ocre-preto-liláceo. O núcleo é preto-liláceo. A queima é incompleta, indicando cocção em atmosfera oxidante, sem nenhum controle aparente. Os fragmentos apresentam manchas de fumaça e fuligem, as últimas devido a uso pós-manufatura.

O tratamento de superfície, em mais de 80,0% dos casos, é o alisado simples com marcas e estrias de ramalhetes de palha espalhados pela superfície dos fragmentos. É possível notar algumas digitais impressas pela pressão manual no momento da manufatura.

Nos 08 fragmentos de bordas com antiplástico de areia fina e em 03 com areia grossa havia furos de suspensão com dimensões entre 0,6 e 0,75 cm de diâmetro. Os furos são bicônicos, com 0,6 e 0,9 cm de profundidade, atravessando a parede do recipiente. Ocorreu também um furo de suspensão em uma borda de vasilha cerâmica Tupiguarani.

Foram registrados, ainda, 02 fragmentos de cerâmica aculturada, com parede de 1,0 cm de espessura.

Lítico

Das 25 peças líticas, 08 representam lascas, 07 são matéria corante, 03 concreções ferruginosas, 03 polidores, 01 núcleo, 01 pingente em basalto negro sem perfurações, 01 fragmento de lâmina de machado em basalto cinza polido e 01 quebra-coquinho em calcedônia rosa.

RS-LC-35: Barranco "E"

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-35 são 31°36'42,41"S e 51°20'9,29"W. Este sítio encontra-se na mesma linha de dunas dos anteriores, localizado 500 m a sudeste do sítio RS-LC-34: Barranco "D". A situação é a mesma das outras ocupações, diferenciando-se apenas por se tratar do sítio que está no extremo meridional do conjunto de ocupações.

O sítio foi considerado praticamente destruído devido à ação eólica e pluvial. Os sedimentos, assim como o nas outras ocupações, são friáveis, frouxos e arenosos, facilitando a erosão pelas chuvas.

O material está concentrado sobre terra escura, em uma área de 10,0 m de diâmetro[120]. Registrou-se considerável quantidade de cerâmica Tupiguarani e 05 fragmentos de cerâmica Vieira, ossos de peixe, dentes, conchas e material lítico. Apesar dos poucos fragmentos de cerâmica Vieira, classificamos o sítio como parte de uma aldeia.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Forma uma amostra de 45 fragmentos, compostos por 34 simples (75,6%), 03 corrugados (6,7%), 02 raspados (4,5%), 04 pintados (9,2%) e 02 inclassificáveis (4,5%).

A técnica de produção, 83,8% dos casos, foi o acordelado, sendo que os fragmentos possuem fratura regular na junção dos roletes.

A pasta apresenta uma textura compacta, que não desagrega facilmente; bem misturada e sem a presença de bolhas de ar.

O antiplástico pode ser considerado médio, segundo escala de Hargrave & Smith, com grãos arredondados de quartzo (de rio) e grãos de argila cozida, proveniente de cerâmica triturada, entre 0,03 e 0,04 cm.

A coloração é o pardacento-pálido na face externa e o ocre-pardacento na face interna; o núcleo é de coloração variável devido à queima irregular, variando de fragmento para fragmento, entre o pardacento-oliva e o ocre-avermelhado. A extensão da queima é de 0,6 cm. A variação das cores indica queima em atmosfera oxidante, existindo manchas de fumaça na cor sépia da face de alguns fragmentos, indicando queima incompleta e mal controlada.

O tratamento de superfície predominante é o alisado simples, seguido pelo corrugado. A decoração classificada como simples pode ter sido pintada ou pertencente à parte inferior da carena de uma vasilha pintada, todavia, devido à ação erosiva, não foi possível identificar engobe ou pintura.

[120] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 35, Doc 1 do Arq. do LEPAN, 1995.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	Nº de Frag.	%
	Simples	Esférica Elipsóide	Composto Simples	15-32	0,6-1,2	10-16	Arred. Cônica	34	75,6
	Corrugado	Esférica Meia-calota	Simples Simples	18-28	0,9-1,2	10-16	Arred. Cônica	03	6,7
	Raspado	-	Simples	-	1,9-1,1	-	-	02	4,5
	Pintado	Meia-calota Complexa	Simples Composto	16-40	0,7-1,0	10-22	Arred. Cônica	04	9,2
	Inclass.	-	-		0,9-1,3	-	-	02	4,5

Tabela 26. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-35: Barranco "E".

As 12 vasilhas, reconstituídas a partir das bordas, indicam que a forma predominante dos vasos é a elipsóide horizontal, seguida pelas formas esféricas e em meia-calota. As bordas são diretas, extrovertidas e com leve inflexão. A maioria das vasilhas tem contorno simples, no entanto houve ocorrência de contornos compostos.

Cerâmica Vieira

Foram coletados 05 fragmentos de cerâmica Vieira, confeccionados pela técnica do modelado à mão livre. Provavelmente pertenciam a uma mesma vasilha com forma semi-globular.

A textura é frouxa, desagregando resíduos arenosos ao toque. O antiplástico encontrado nos fragmentos é um indicativo de que pertencem à mesma vasilha: é composto por areia grossa, formada por grãos de quartzo triturados com tamanho entre 0,06 e 0,08 cm, além de conchas trituradas, espículas calcárias, restos vegetais azulados e avermelhados, além de fibras de esponja marinha.

A cor da superfície, devido à presença de fuligem, variava entre preto-acinzentado e preto-azulado.

Junto ao material cerâmico, tanto o pertencente à tradição Vieira quanto à Tupiguarani, estavam 15 fragmentos ósseos não identificados, 06 fragmentos de conchas e 01 polidor em arenito.

A interpretação dos dados remete ao mesmo fenômeno ocorrente no sítio Barranco "B", ou seja, a presença de cerâmica não-local, produzida e manufaturada em outro lugar e trazida para o sítio de ocupação da tradição Tupiguarani por razões desconhecidas, fenômeno freqüente nas fronteiras do núcleo de povoamento.

Capão da Areia – São José do Norte

RS-LC-59: Sambaqui Capão da Areia

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-59 são 31°32'40,00"S e 51°14'7,00"W a 9,0 km ao sul de onde termina o caminho do Sr. Manoel M. Machado para a praia. Dista aproximadamente 600 m do oceano e está a 4,0 m acima do nível do mar. Para melhor localização usa-se a beira da praia: ele está a 22,0 km ao norte da praia do Bojuru e a 21,0 km antes da barra da Lagoa do Peixe. Ao seu redor existem lagoas entre 0,5 e 1,0 km e o córrego que tem a função de desaguar estas lagoas, que está ao lado (50,0 m).

Foto 09. Sambaqui marinho RS-LC-59: Capão da Areia. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

As principais causas de sua destruição é o assoreamento do córrego, retirada das dunas e extração das conchas. Suas dimensões são: 46,0 (nordeste/sudoeste) x 28,0 m, e uma altura de 3,0 m em relação ao nível do solo. Sobre a superfície do sambaqui foram encontrados fragmentos de cerâmica Vieira e Tupiguarani, além de pontas de osso.

Foi realizado um corte experimental de 1,5 x 1,5 m no bloco testemunho, orientado na direção norte/sul, com níveis artificiais de 10,0 cm.

A cerâmica Tupiguarani estava na superfície. As pontas de osso estavam em níveis mais baixos (60-70 cm), mas não se soube dizer se pertenciam à tradição Tupiguarani ou não, devido ao fato de estarem associadas, também, com cerâmica da tradição Vieira. Aos 75,0 cm alcançou-se a camada estéril contendo apenas conchas bivalves[121]. Foram identificados ainda 27 ossos de peixes, 04 placas de casco de tatu, 04 fragmentos de concha univalve, 38 ossos de mamíferos, 05 ossos em processo de fossilização, 03 ossos fossilizados, sendo que um deles possui uma perfuração na porção superior proximal, provavelmente pingente. Além desses, 08 fragmentos de arenito da praia, 01 arenito da praia revertido em fóssil e 04 concreções ferruginosas.

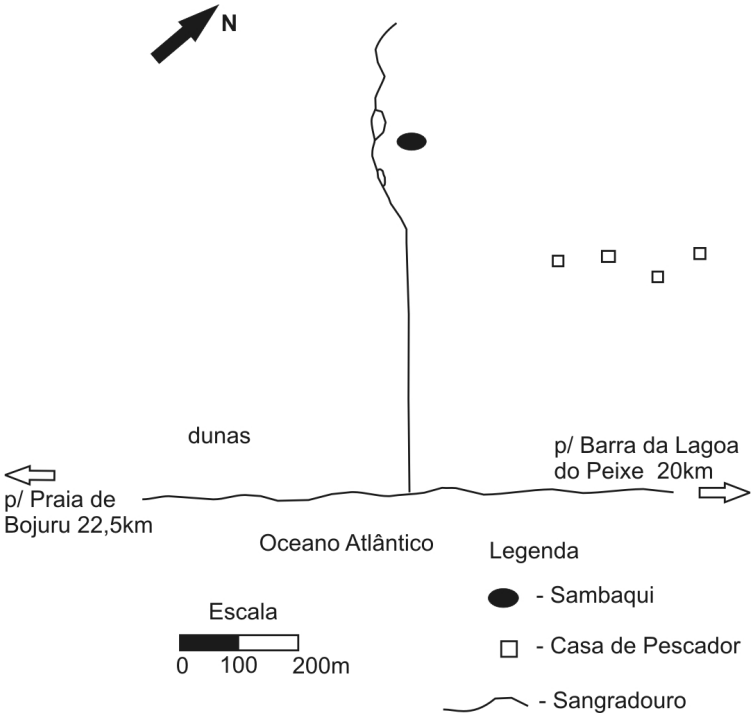


Figura 24. Croqui do sambaqui RS-LC-59: Capão d'Areia.

> O sambaqui encontra-se bastante perturbado, destruído, restando um testemunho (total?) no setor sudoeste e, ainda, com um buraco mais ou menos circular no centro deste bloco. Observaram-se manchas de terra escura e fogueiras com fragmentos de ossos e conchas compactadas.[122]

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

São 05 fragmentos encontrados por ocasião da coleta e do corte experimental. As características gerais representam fragmentos de vasilha(s) confeccionada(s) pela técnica do acordelado.

A pasta é compacta e bem misturada, com fratura regular entre os roletes. O antiplástico é areno-argiloso, composto de areia fina com 0,01 cm, média com 0,02 cm e grossa entre 0,05-0,08 cm de diâmetro. São grãos arredondados provavelmente de rio, sendo que alguns se apresentam angulosos, de depósitos terrestres ou triturados. Além destes elementos, o antiplástico continha grãos de cerâmica moídos, fibras vegetais esbranquiçadas, azuladas e brancas (raízes) associadas a alguns cristais de quartzo.

Tratamento de superfície é o alisado em ambos os lados. A cor das paredes é o pardacento e pardacento-alaranjado. A cocção se deu em atmosfera oxidante; nas manchas de fumaça variam tonalidades entre cinza, preto e algumas marcas esbranquiçadas. A cor dos núcleos é o negro-pardacento. Possivelmente passou por queima mal controlada por apresentar variação de manchas e cores. A espessura das paredes varia entre 0,8 e 1,2 cm predominando a espessura de 1,1 cm; a dureza é 4 segundo escala de Mohs.

A forma predominante é a ovóide e o contorno é simples; o lábio é arredondado e a borda é contraída. A dimensão dos fragmentos analisados oscilou entre 2,4-4,7 cm de comprimento e 5,1-6,5 cm de largura.

Ósseo

[121] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA M. A. Ficha de Sítio n. 59, Itens 11 ao 27, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1998.
[122] MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo: 09/12/1996.

No corte foram encontradas 05 (cinco) pontas, entre as camadas II e V, em meia cana com 6,2 a 8,0 cm de comprimento, 1,3 a 1,8 cm de largura e 0,5 a 0,8 cm de espessura. Apresentavam estrias de alisamento perpendiculares ao eixo longitudinal da peça; a extremidade é cortada obliquamente e os ossos utilizados são cilíndricos. Apareceram nos níveis 10-20 cm, 30-40 cm e 50-60 cm do corte.

Entre os restos de alimentação encontram-se vértebras de peixes marinhos e lacustres; ossos de mamíferos marinhos esmigalhados nas extremidades; ossos de aves pernaltas e mamíferos de pequeno e médio porte. Os ossos estão irregularmente distribuídos pelas camadas, havendo concentrações em manchas acinzentadas.

Conchífero

Valvas fragmentadas de bivalve marinho *Mesodesma mactroides* compunham o sambaqui. Também ocorrem gastrópodes, como a *Adellomelon* sp. e *Olivancilária* sp., porém, com menor freqüência, na maioria dos casos fragmentadas ou gastas.

Cerâmica Vieira

A grande maioria dos fragmentos cerâmicos coletados pertence à tradição Vieira. Foram 109 fragmentos, sendo 77 confeccionados com antiplástico de areia grossa e 32 com antiplástico de areia fina. Os fragmentos apresentam indícios da técnica de confecção modelada à mão livre.

A pasta é friável, areno-argilosa e mal misturada. O antiplástico é composto de areia grossa (0,04 cm) em 17,2% dos fragmentos analisados, areia média (0,02 cm) representando 56,3% da amostra e areia fina (0,01 cm) em 26,4% dos fragmentos. Os grãos de areia média, predominantes nos fragmentos, são angulosos retirados de depósitos terrestres. Junto ao antiplástico foram constatadas, na lupa binocular, com aumento de 4x, conchas moídas, fibras vegetais brancas, fibras preto-azuladas, azul-esbranquiçadas e vermelho-claras, além de pequenas lamínulas de quartzo. As dimensões gerais do antiplástico variam 0,01 a 0,1 cm. Aparecem grãos em 82,7% da superfície externa, diminuindo para 17,3% e até desaparecendo nas camadas internas da pasta.

Existem duas espécies de textura das cerâmicas da tradição Vieira: em 72,4% dos casos é frouxa, facilmente desagregável; nos restantes 27,5% das ocorrências é compacta. As fraturas são irregulares em ângulos variáveis.

A cor dos núcleos é variável, distribuída entre o preto-pardacento representando 12,6%; o pardacento-avermelhado, 21,8%; o pardacento-amarelado, 16,0%; o pardacento-alaranjado, 29,8%; o pardacento-acinzentado, 19,5% dos fragmentos analisados.

As tonalidades cinzentas (21,8%), cores alaranjadas (29,8%), amareladas (11,5%) e avermelhadas (24,1%) indicam que a argila sofreu cocção incompleta, em atmosfera oxidante. A queima foi mal controlada, com a superfície da cerâmica aparecendo uma grande matriz de cores. Na parede externa a cor é diferente da face interna e, em diversos fragmentos, ocorrem manchas com mais de uma cor (27,5%), mas são minoria em relação aos fragmentos de cores mais homogêneas (49,4%); alguns (24,1%) não puderam ser classificados por estarem muito erodidos ou serem fragmentos pequenos.

Foi possível observar, em uma das bordas desenhadas, que a cerâmica tem forma utilitária, possivelmente um prato, com 26,0 cm de abertura de boca, profundidade de 8,5 cm e espessura das paredes variando de 0,6 a 1,0 cm. A forma é elipsóide, contorno simples com leve inflexão na borda, que é extrovertida, terminando num lábio arredondado.

A interpretação dos dados indica que o sítio Sambaqui Capão da Areia foi, primeiramente, ocupado por pescadores e caçadores pré-cerâmicos de tradição desconhecida, depois por ceramistas da tradição Vieira e por fim pelos ceramistas da tradição Tupiguarani.

	Antiplástico	N° de frag.	Espessura (cm)	Abertura (cm)	Profund. (cm)	%
Cerâmica Vieira	Areia grossa	77	0,6-1,4	26-30	8,5-12	70,6
	Areia fina	32	0,7-1,1	24-32	10-14	29,3

Tabela 27. Distribuição do material cerâmico da tradição Vieira no sambaqui Capão d'Areia.

RS-LC-28: Dilmo Martins

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-28 são 31°30'16,00"S e 51°17'39,47"W, situado também no Capão da Areia, está localizado 300 m a nordeste do sítio RS-LC-27, na mesma linha de dunas. O solo é arenoso com grânulos ferruginosos e está a 5,0 m acima do nível da lagoa. A vegetação dos arredores é a característica das dunas da região, ou seja, arbustiva e rasteira. A Lagoa dos Patos está a 150 m a oeste do sítio. Pode ser considerado destruído pela ação eólica e humana.

O material arqueológico encontra-se distribuído em uma área de 150 m². O sítio apresentava fragmentos de cerâmica Tupiguarani e Vieira, bolas de boleadeira, uma ponta de projétil pedunculada, polidores e lascas[123]. O sítio está no núcleo de povoamento da tradição Tupiguarani, próximo à Lagoa do Peixe e, ao mesmo tempo, na margem da Lagoa dos Patos, tendo acesso a dois ambientes e permitindo uma ocupação relativamente prolongada.

Este sítio também foi indicado pelo Prof. Guilherme Naue que esteve no lugar por volta de 25 anos atrás.

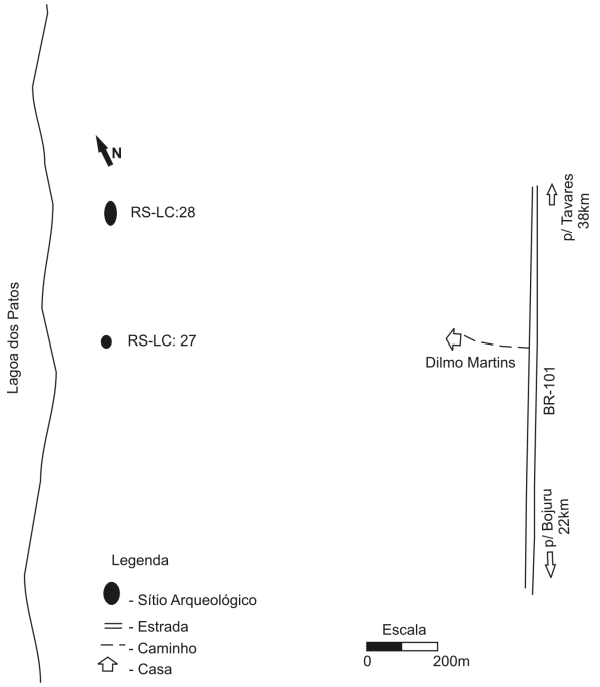


Figura 25. Croqui do sítio RS-LC-28: Dilmo Martins e José Érico Weber.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram recolhidos 420 fragmentos de cerâmica, sendo 84 simples (20,0%), 169 corrugados (40,3%), 22 ungulados (5,2%), 13 pintados (2,9%) e 132 inclassificáveis (31,5%). Os fragmentos são caracterizados pela fratura irregular, na maioria das vezes ocorrendo fora dos roletes, mas é possível identificar o uso da técnica do acordelado em 77,3% dos casos. O tratamento de superfície predominante é o corrugado. A textura é frouxa e em alguns casos apresenta precário acabamento. A cor predominante das paredes é o pardacento-alaranjado. O núcleo apresenta a mesma tonalidade, devido à ação erosiva, mas em alguns casos é pardacento escuro. A queima é incompleta, em atmosfera oxidante (na ficha de classificação está redutora). As manchas de fumaça estão distribuídas na face externa e a coloração é o preto liláceo.

	Decoração	Forma*	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	N° de frag.	%
Cerâmica Tupiguarani	Simples	Esférica Ovóide Elipsóide	Composto Simples	10-20	0,6-1,0	07-12	Cônica	84	20,0
	Corrugado	Esférica Ovóide Meia- calota	Simples	08-28	0,9-1,2	04-12	Arred.	169	40,3
	Ungulado	-	-	-	-	-	-	22	5,2
	Pintado	Meia-calota	Simples	14-22	0,5-1,1	06-14	Cônica Arred.	13	2,9
	Inclass.	-	-		0,8-1,5	-	-	132	31,5

*As formas estão listadas na ordem do maior número de ocorrência ao menor.

Tabela 28. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-27: Dilmo Martins.

Cerâmica Vieira

Foram coletados 17 fragmentos, todos confeccionados pela técnica do modelado e com antiplástico fino. A dimensão dos fragmentos ocorre entre 3,4 e 7,8 cm de comprimento por 3,6 e 4,1 cm de largura e a espessura entre 0,6 e 1,2 cm, predominando 0,9 cm. A cor dos fragmentos é o pardacento pálido com tonalidades acinzentadas e marrons. O desenho de 06 bordas indicou que as vasilhas, na maioria dos casos, possuíam contorno simples nas formas de meia-esfera; borda direta ou levemente extrovertida; lábio arredondado e base arredondada.

[123] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 28, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1995.

Lítico

Foram registrados no sítio 02 bolas de boleadeira; 01 ponta de projétil[124]; 01 lasca e 02 polidores. O material é típico da tradição Vieira. Na proximidade existem vários outros sítios puros desta mesma tradição. Por isto supomos que se trata de uma sobreposição de culturas e não de um sítio híbrido, faltando para isso os elementos aculturados.

Capão da Marca e Campo da Honra – Tavares

RS-LC-14: Capão da Marca "A"

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-14 são 31°18'33,96"S e 51°09'44,56"W e dista 4,0 km de Tavares em direção a São José do Norte, até a localidade de Campo da Honra. A partir da propriedade do Sr. José Joaquim da Costa segue-se por mais 100 m em direção à lagoa. O sítio encontra-se erodido e parcialmente destruído numa grande clareira entre a plantação de pinus e o farol e está sobre as dunas. Sua altura máxima é de 0,50 m e está a 8,0 m acima do nível da Lagoa dos Patos. O material está distribuído numa área de 15,0 m de diâmetro e distancia-se 100 m da Lagoa dos Patos, em direção oeste. A vegetação dos arredores está radicalmente alterada devido à plantação de pinus para a comercialização de resina e madeira. Os montes de concha, no entanto estão às margens da lagoa e a vegetação circundante é de gramíneas. Sobre o monte de conchas encontra-se cerâmica Tupiguarani e Vieira.

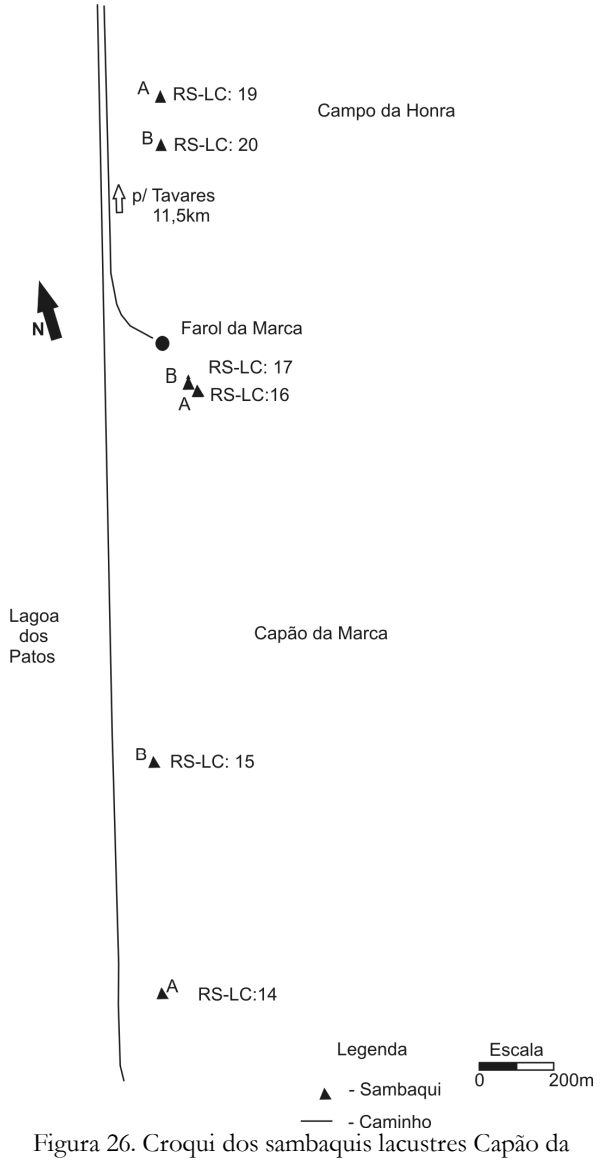


Figura 26. Croqui dos sambaquis lacustres Capão da Marca "A" e "B", Farol da Marca "A" e "B" e Campo da Honra "A" e "B".

Foi realizado um corte estratigráfico na parte mais alta do monte, no lado norte, por ser a única porção do sítio que possibilitava uma intervenção. A dimensão do corte foi de 1,0 x 0,70 m (direção leste/oeste e norte/sul, respectivamente), chegando a 0,50 m de profundidade[125]. O resultado da sondagem foram apenas vestígios de restos de alimentação. Em abundância registraram-se restos faunísticos tais como conchas de bivalves de água doce *Erodona mactroides*, ossos de peixes e mamíferos

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

O material arqueológico, exceto os restos faunísticos, é relativamente escasso neste tipo de sítio. O único sambaqui lacustre que apresentou cerâmica Tupiguarani foi o sítio Capão da Marca "A", com 07 fragmentos, dos quais 01 é simples, 03 são corrugados e 03 são inclassificáveis.

.

A pasta é mal amassada, apresentando fratura irregular, mas há sinal da junção dos roletes. O núcleo tem a coloração variando do preto-liláceo ao preto-acinzentado, indicando cocção incompleta, mal controlada, em atmosfera oxidante.

O antiplástico é arenoso fino, com grãos ocorrendo entre 0,01 e 0,03 cm, composto por grãos de quartzo angulosos e esféricos; não foi possível observar se havia cerâmica triturada na mistura. Espículas brancas e verdes sugerem a presença de minerais como o feldspato e o plagioclásio na mistura.

[124] "Além da cerâmica Tupiguarani, encontramos um fragmento de Bola de Boleadeira e uma ponta-de-projétil em calcedônia (?) – a ponta estava no meio do local, dois fragmentos de cerâmica." (MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo: 17/12/1994).

[125] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 14, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1995.

O tratamento de superfície é precário, com estrias no alisamento, marcas de espátula e descascamento. A coloração da superfície é heterogênea, ocorrendo das cores pardacento-alaranjadas ao sépia; na face interna predomina o pardacento-pálido. A textura arenosa e pouco compacta, alguns grãos desagregam ao toque.

As vasilhas não puderam ser reconstituídas devido à ausência de bordas. As paredes possuem espessuras entre 0,9 e 1,1 cm.

Cerâmica Vieira

Sobre o monte de conchas lacustres foram encontrados 14 fragmentos desta cerâmica, sendo que 13 foram confeccionados com areia grossa e 01 com areia fina. A tonalidade dos fragmentos é o pardacento-acinzentado, variando ao preto-liláceo. O antiplástico é mal misturado na pasta estando concentrado no lado externo da parede. Faltaram as bordas para a reconstituição das vasilhas através do desenho.

O material recolhido, mediante coleta sistemática e corte, indica que não foram os portadores da tradição Tupiguarani que construíram o sambaqui lacustre. A ocupação original é pré-cerâmica, ainda indefinida[126], seguida pelos portadores da tradição Vieira. O grupo étnico, portador da tradição Tupiguarani, reocupou o local, provavelmente em período relativamente recente.

Capororoca – Tavares

RS-LC-62: Capororoca I

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-62 são 31°17'4,00"S e 51°02'53,00"W e está localizado a 1,5 km de Tavares em direção a Mostardas, onde se deve tomar o caminho à direita, pelo campo em direção das dunas (sudeste-leste) por 2,0 km, até alcançar as dunas, no limite das barreiras geológicas. O sítio encontra-se erodido sobre dunas, do lado direito da rodovia e está a 19,0 m acima do nível do mar. O sítio fica dentro do PARNA, área de atuação do IBAMA. O lugar, dentro do Parque é denominado de Capororoca. A 50,0 m ao sul e sudeste existe uma sanga. O solo é arenoso com algumas concreções ferruginosas, na parte mais seca a vegetação é arbustiva (sobre as dunas) e ao redor a vegetação é rasteira. O sítio está erodido, portanto parcialmente destruído. Numa área de ocupação de aproximadamente 30,0 m distribui-se o material em superfície, compondo-se de fragmentos de cerâmica Tupiguarani, louça e cerâmica vidrada.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Numa amostra de 30 fragmentos foi constatada a presença de 12 fragmentos simples (40,0%), 04 corrugados (8,6%), 01 pintado de vermelho sobre branco na face externa (3,3%) e 13 inclassificáveis (43,3%).

Os fragmentos representam vasilhas que foram manufaturadas pela técnica do acordelado; apresentam fratura irregular no próprio corpo do fragmento; a junção entre os roletes existe em alguns casos, mas é difícil identificá-la em outros.

A pasta é frouxa, os grãos arenosos desagregam facilmente ao toque. A qualidade do amassamento é irregular, apresenta presença de bolas cavernosas de ar e o tempero está heterogeneamente misturado, concentrado no lado da face interna do fragmento. A tonalidade negro-acinzentada do núcleo indica queima incompleta em atmosfera oxidante. As manchas de fumaça na superfície, com tonalidade entre cinza e sépia, indicam uma cocção provavelmente mal controlada. A extensão da queima é de 0,8 cm. A dureza, segundo escala de Mohs, é 4.

O antiplástico é arenoso médio, composto de grãos de argila moída, grânulos e plaquetas de quartzo com dimensões que ocorrem entre 0,04 a 0,06 cm. As formas não puderam ser reconstituídas devido à ausência de fragmentos de borda com tamanho apropriado para se fazer o desenho. A espessura da na parede dos fragmentos gira entorno de 0,9 a 1,2 cm.

O tratamento de superfície, na maioria dos casos, foi prejudicado devido à ação do vento e da areia; o tratamento mais usado foi provavelmente o alisado. O tratamento é mal acabado, apresentando estrias, rachaduras e descascamento no banho. As tonalidades variam de peça para peça, porém a mais ocorrente é o pardacento-pálido na face externa e o pardacento-ocre na face intera. O núcleo é negro entre pareces pardacentas mais claras.

Cerâmica Vieira

Foram coletados 02 fragmentos pertencentes a uma mesma vasilha. Ambos pertenceram a um recipiente temperado com grãos triturados de quartzo cristalino de 0,06 a 0,1 cm, areia grossa segundo escala

[126] Grupo pré-cerâmico que produzia basicamente pontas de ossos polidos, materiais líticos polidos de pequenas proporções (fusiformes?), contas-de-colar de concha, agulhas de espinha de peixe e de esporão de bagre.

de Hargrave & Smith. Aparentemente a confecção foi feita pela técnica do modelado a mão livre; a fratura é irregular e a coloração do núcleo é a mesma da superfície, ou seja, pardacento-acinzentado. A face interna apresenta um tratamento de superfície alisado, com estrias aparentes, com tonalidades preto-liláceas e preto-azuladas nas manchas de fumaça. A espessura dos fragmentos é de 0,8 cm. Existe uma relação entre o antiplástico e a espessura das paredes, ou seja, quanto mais granuloso é o tempero, mais fina é a parede.

A vasilha reconstituída tem forma elipsóide, com borda direta, levemente extrovertida e com leve reforço externo. A base seria arredondada. As dimensões do vasilhame seriam 24,0 cm de abertura de boca, 8,5 cm de profundidade e 0,6 cm de espessura das paredes.

Pontal do Cristóvão Pereira - Mostardas

RS-LC-11 e RS-LC-12: Sambaqui Chico Bóis "A" e "B"

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-11 são 31°04'34,98"S e 51°10'15,86"W; as do sítio RS-LC-12 são 31°04'46,16" e 51°10'16,55"W. O Pontal do Cristóvão Pereira fica no Rincão do Cristóvão Pereira, a aproximadamente de 30,0 km de Mostardas. Para chegar a ele toma-se um caminho à esquerda por mais 10,0 km até a lagoa; após, costeando-se a lagoa por mais 5,0 km, chega-se ao sítio arqueológico. O sítio RS-LC-11: Chico Bois "A", está situado no Pontal do Cristóvão Pereira, 1,5 km ao sul do Farol do Cristóvão Pereira e 500 m para o interior. O proprietário das terras, o Sr. Chico Bois, reside em Viamão. Neste local encontra-se a casa da Sra. Hercília; desde a casa na direção leste, distante uns 300 m após um banhado, nas dunas, localiza-se o sambaqui, que está sobre uma elevação[127] e tem por volta de 5,0 m de diâmetro. A erosão é eólica e pluvial, a água mais próxima é o banhado que dista cerca de 300 m ao norte. Os sítios estão a mais ou menos 3,5 m acima do nível do banhado e 10,0 m acima do nível do mar e da Lagoa dos Patos. Sobre o monte de conchas ocorrem fragmentos de cerâmica Tupiguarani, ossos humanos (fragmento de maxilar), ossos de peixes e de outros animais.

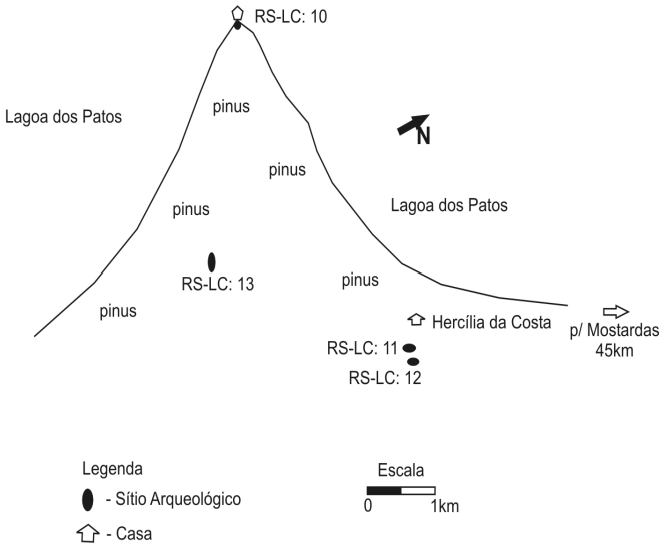


Figura 27. Croqui dos sítios do pontal do Cristóvão Pereira: Chico Bóis "A" e "B", Flopal.

O outro sítio, RS-LC-12: Chico Bóis "B", localiza-se também no Pontal do Cristóvão Pereira e dista aproximadamente 100 m a sudeste de RS-LC-11. Está erodido, sobre dunas, em um solo argilo-arenoso e compacto com a presença de grânulos de óxido de ferro. A erosão é pouco constatada devido à compactação do solo. A vegetação dos arredores é rasteira, com poucos, ou quase nenhum arbusto. A água mais próxima é a Lagoa dos Patos, que está a 300 m de distância. O material encontra-se distribuído em uma superfície de 50,0 m de diâmetro, onde ocorrem lascas de lâminas de machado polidas, fragmentos de cerâmica Tupiguarani e fragmentos de quebra-coquinho.

Material Arqueológico

Foram coletados 04 fragmentos de cerâmica Tupiguarani e 04 de cerâmica Vieira, que estavam na superfície.

No sítio Chico Bóis "B" foi recolhida relativa quantidade de material lítico representado por 02 fragmentos de lâminas de machado; 07 lascas; 34 polidores e 01 fragmento de matéria corante.

Os fragmentos cerâmicos da tradição Tupiguarani representam vasilhas que foram confeccionadas pela técnica do acordelado. A fratura é regular, mas há casos de quebra no corpo do fragmento.

A pasta é mal amassada, existem bolhas de ar cavernosas na superfície dos fragmentos. O núcleo é preto-liláceo evidenciando uma cocção incompleta em atmosfera oxidante.

O antiplástico é arenoso fino, segundo escala de Wentworth. A mistura é composta de grãos de quartzo arredondados, espículas calcárias, conchas trituradas e cerâmica moída. As dimensões dos grãos ocorrem entre 0,01 e 0,04 cm, predominando 0,02 cm de diâmetro.

O tratamento de superfície é o alisado na maioria dos fragmentos, tanto na face interna quanto na externa. Em geral é mal alisado, existem estrias e ranhuras em toda a extensão da superfície dos fragmentos,

[127] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 11, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1995.

bem como bolhas de ar. A coloração predominante é o pardacento pálido na face externa e o ocre-pardacento na face interna. A textura é frouxa, ou seja, desagrega facilmente ao toque dos dedos, sentindo-se uma sensação arenosa e áspera.

A forma não pode ser reconstituída devido à falta de fragmentos de borda com tamanhos apropriados. Além disso, os fragmentos são pequenos, com tamanhos inferiores a 5,0 cm.

Os materiais líticos, recolhidos na ocasião da coleta, indicam a ocupação pré-cerâmica do monte de conchas. Os dados acima indicam a descida dos grupos portadores da tradição Tupiguarani das dunas da Barreira III e a re-ocupação dos sítios nas margens da Lagoa dos Patos. O sítio Chico Bóis é um dos exemplos de re-ocupação pelos portadores da tradição Tupiguarani. O acampamento sobre o casqueiro, poderia ser simplesmente um ponto estratégico para pesca ou coleta de moluscos e crustáceos.

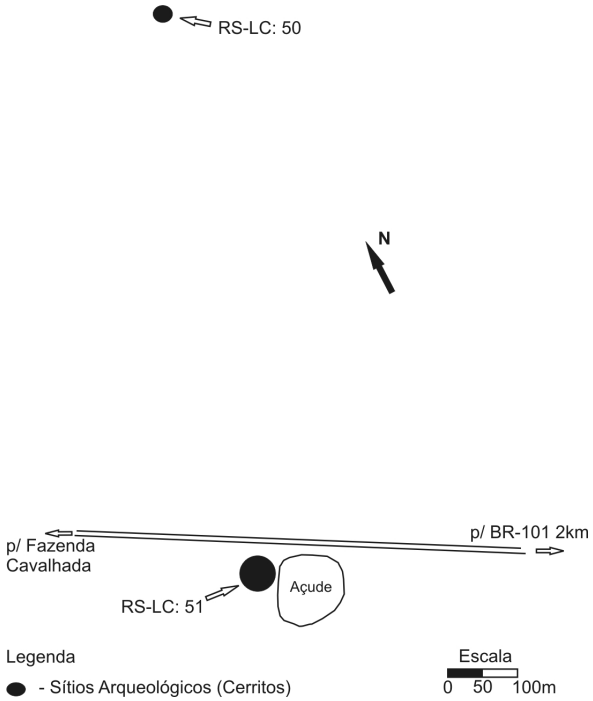


Figura 28. Croqui do sítio RS-LC-50: Antônio Bernardino Pereira e RS-LC-51: João Emílio V. de Souza.

Aguapé – Mostardas
RS-LC-51: João Emílio V. de Souza

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-51 são 30°40'31,67"S e 50°34'52,98"W. O sítio RS-LC-51 é um "cerrito", com 50,0 m de diâmetro e 2,0 m de altura, que está localizado a 57,0 km de Mostardas em direção à localidade do Aguapé. Em Aguapé toma-se uma estrada de terra por mais 2,0 km. O sítio encontra-se à esquerda da estrada, cerca de 2,0 km distante da rodovia e 20,0 m da casa do Sr. Souza. O cerrito encontra-se no limite da Barreira III com a IV. É todo coberto por gramíneas e o solo é arenoso e compacto. Perto do sítio foi construída uma taipa de açude, erodindo parte do sítio. O cerrito está a 8,0 m acima do nível da lagoa, que fica a 1,0 km a nordeste, onde também há um banhado, e cerca de 2,0 m acima do nível do mar. Sobre o cerrito foram encontrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani, ossos, conchas, matéria corante, louça, cerâmica vidrada e fragmentos de lítico de uso desconhecido[128].

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram coletados 04 fragmentos, sendo 01 corrugado, 01 pintado de vermelho sobre branco na face externa e dois fragmentos pintados de vermelho na face interna e vermelho sobre branco na face externa.

As evidências do sítio João Emílio V. de Souza são semelhantes às de aterros no Rio Grande do Sul, principalmente no litoral. Comumente aparece, na superfície dos cerritos, material cultural da tradição Tupiguarani associado com material cultural da tradição Vieira. No presente caso, foram registrados apenas fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani associados ao material histórico do século XVIII. Como o material histórico representa o final do século XVIII e inicio século XIX, é improvável que seja lixo, até mesmo porque não se comporta como tal.

Capítulo VI. OS SÍTIOS HÍBRIDOS

Os assentamentos chamados híbridos são principalmente aqueles que apresentam evidências de contato cultural entre as tradições Tupiguarani, Vieira e, eventualmente, Umbu, existindo pequena quantidade de cerâmica Tupiguarani, contra significativa porcentagem de cerâmica Vieira, de cerâmica aculturada e de outros elementos estranhos; em aproximadamente 80,0% dos sítios apareceram associadas pontas-de-projétil lascadas e com aletas, quebra-coquinhos, bolas de boleadeira e lascas. São raras as manchas de terra escura e as lentes de ocupação, que não ultrapassam 15,0 m de diâmetro, tem pouca sedimentação e material esparso. Estão concentrados nas áreas sul e norte do espaço em estudo, mais baixas e pantanosas, sem uma presença representativa da mata de restinga, que são preferencialmente ocupadas pela da tradição Vieira.

[128] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 51, Itens 11 e 27, Doc. 1 do Arq. do LEPAN, 1997

Outros sítios híbridos estão na proximidade de pontos de povoamento português, como junto à Estância Real do Bojuru e ao forte São Caetano e na aldeia Nossa Senhora da Conceição do Estreito, caracterizados pela mistura de elementos da tradição Tupiguarani com elementos de origem européia e indígena.

Estes sítios estão localizados preferencialmente de São José do Norte até Bojuru, ao sul e de São Simão e Casca até Capivari, ao norte.

Capivaras – São José do Norte

RS-LC-03: Capivaras I

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-03 são 31°50'9,34"S e 52°04'17,99"W e encontra-se 3,0 km a nordeste do povoado de Capivaras e a 300 m da Lagoa dos Patos, numa península que é conhecida como Areias Gordas, município de São José do Norte.[129] O material foi recolhido pelo Sr. Henri Saut e doado ao Laboratório de Ensino e Pesquisas em Antropologia e Arqueologia – LEPAN, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Provém de um sítio já registrado anteriormente pelo LEPAN, que recolheu o material de superfície. A concentração, de 15,0 m de diâmetro, é toda cercada por dunas sem vegetação. O material consiste de cerâmica das tradições Tupiguarani e Vieira, com pouco material lítico.[130] O sítio é considerado praticamente destruído, erodido sobre dunas.

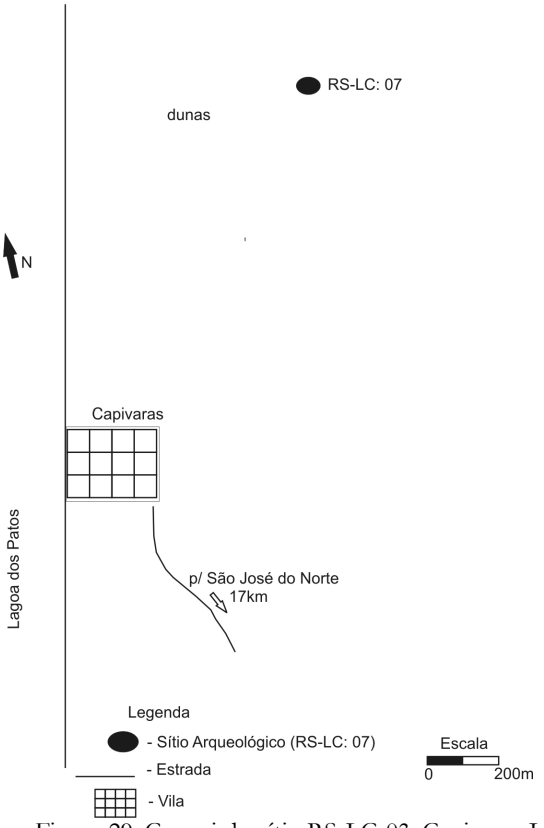


Figura 29. Croqui do sítio RS-LC-03: Capivaras I.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram registrados 36 fragmentos, sendo que 10 são simples (27,7%), 15 possuem decoração corrugada (41,7%), 01 ungulado (2,8%), 03 pintados (8,4%) e 07 não foram classificados (19,4%).

Os fragmentos apresentavam claramente a junção dos roletes com uma fratura regular, possibilitando observar o negativo e o positivo da inserção do rolete.

A pasta parece ser bem amassada, pois não apresenta bolhas de ar aparentes. O antiplástico é composto por grãos de quartzo hialino, triturados e polidos, com grãos de até 0,02 cm.

A coloração das paredes é o ocre-pardacento; a do núcleo oscila entre o pardacento escuro e o cinza escuro. A queima é incompleta, indicando uma atmosfera oxidante.

As formas das vasilhas mais comuns são globulares e ovóides, o contorno vai do simples ao composto, com bordas inflectidas, levemente extrovertidas e lábios arredondados. As bases são arredondadas na maior parte dos casos e, em pequenas quantidades, ocorrem às cônicas.

	Decoração	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	N° de frag.	%
Cerâmica Tupiguarani	Simples	-	14-21	0,9-1,8	16-22	Arred.	10	27,7
	Corrugado	Composto	18-48	1,1-1,4	25-37	Cônica	15	41,7
	Ungulado	Simples	12-19	0,8	11	Arred.	01	2,8
	Pintado	Composto	16-28	1,0	15-25	Arred. Cônica	03	8,4
	Inclass.	-	-	0,8-1,6	-	-	07	19,4

Tabela 29. Distribuição do material cerâmico da tradição Tupiguarani no sítio Capivaras I.

[129] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 3, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1995.
[130] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 3, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1995.

Cerâmica Vieira

Neste mesmo sítio foram recolhidos 159 fragmentos, sendo que 138 apresentam areia grossa como antiplástico, 14 apresentam areia fina, os outros foram classificados pela decoração, ou seja, 04 fragmentos apresentavam decoração digitada e 03 impressão de cestaria.

A técnica de confecção é a moldada, a fratura é irregular.

A pasta é mal amassada, apresentando bolhas internas de ar. O antiplástico é composto por grãos de quartzo, polidos e moídos, conchas trituradas e restos de vegetais.

A cor das paredes é o pardacento-acinzentado; a cor do núcleo varia entre o preto-azulado e o preto. A queima é incompleta, indicando atmosfera oxidante, a extensão da queima varia de 0,8 a 1,0 cm e se concentra na parte externa da parede.

As formas das vasilhas são as semi-globulares e as globulares. A borda, na maioria dos casos, é direta e vertical. O lábio é arredondado. A base é arredondada.

	Decoração	Forma	Antiplástico (cm)	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	N° de frag.	%
Cerâmica Vieira	Simples	Semi-globular	0,1-0,3 Areia Grossa	22-34	1,2-1,5	6-25	138	86,8
	Simples	Meia-calota	0,08-0,1 Areia Fina	16-28	0,9-1,1	10-16	14	8,8
	Digitado	Meia-calota	0,08-0,26	32-42	1,1-1,6	12-18	04	2,5
	Impressão Cestaria	Semi-globular	0,1-0,2	18-20	1,0	15	03	1,9
	Corrugada	Meia-calota	0,06-0,2	24	0,9	12	01	0,2

Tabela 30. Distribuição do material cerâmico da tradição Vieira no sítio RS-LC-03: Capivaras I.

A tabela acima mostra a relação das dimensões das vasilhas com a decoração e seu respectivo antiplástico. Outros elementos também foram associados, como a decoração, o tipo de base, o número de fragmentos e as formas.

Lítico

Foram localizados 02 seixos e 01 fragmento de matéria corante.

Vale ressaltar que o sítio se apresenta como os outros sítios da tradição Tupiguarani, ou seja, erodido sobre dunas, na Barreira III, mas a hipótese mais forte é que se trate de um sitio da tradição Vieira, que foi reocupado pela população Tupiguarani, ou que teve forte contato com os da tradição Vieira.

RS-LC-04: Capivaras II

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-04 são 31°50'48,27"S e 52°04'48,69"W, está localizado ao lado do sítio Capivaras I, distante apenas 50,0 m em direção sudoeste e 15,0 m acima do nível do mar. Também mede 15,0 m de diâmetro. O sítio está coberto por gramíneas das dunas e ao redor identificam-se arbustos e banhados. O tipo de solo do local é arenoso com algumas concreções ferruginosas. A Lagoa dos Patos dista 300 m em direção leste. Entre os materiais registrou-se cerâmica da tradição Vieira e da tradição Tupiguarani e material lítico (matéria corante) desta tradição[131].

Foram registrados 13 fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani e 254 fragmentos de cerâmica da tradição Vieira. Dos 13 fragmentos de cerâmica Tupiguarani, 08 apresentam decoração simples, 03 decoração corrugada, 01 raspada e 01 pintada. A cerâmica da tradição Vieira foi classificada em 80 fragmentos simples, com antiplástico de areia grossa, cujos diâmetros variam entre 0,09 e 0,25 cm e 174 fragmentos com decoração também simples, mas com antiplástico de areia fina, cujos grãos oscilam entre 0,04 e 0,15 cm.

Tradição	Forma	Contorno	Base	N° de Frag.	%
Tupiguarani	Cônica	Composto	Arred.	13	4,8
Vieira	Semi-globular	Simples	Arred.	254	95,1

Tabela 31. Distribuição do material cerâmico das tradições Tupiguarani e Vieira no sítio RS-LC-04: Capivaras II.

A forma das vasilhas varia de semi-globular a meia-calota na tradição Vieira, e raras cônicas, na tradição Tupiguarani. O contorno mais comum é o simples, com poucos fragmentos apresentando inflexão na borda. O lábio das vasilhas é arredondado. As bases em geral são arredondadas.

[131] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 4, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1995.

É possível perceber que mesmo se tratando de um sítio com características Tupiguarani, a cultura material indica que a tradição Vieira esteve mais fortemente presente, como no sítio anterior.

A região de Areias Gordas, onde está inserido o sítio, foi densamente ocupada no passado por grupos culturalmente distintos. Quanto mais meridional é o sítio, em relação à planície costeira central, maior a quantidade de cerâmica da tradição Vieira associada com a Tupiguarani.

RS-LC-07: Capivaras III

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-07 são 31°51'39,37"S e 52°04'33,25"W. O sítio, também erodido sobre dunas, encontra-se a 1,0 km de distância do povoado de Capivaras, em direção nordeste. Para chegar ao sítio, deve-se percorrer 5,0 km na direção norte a partir de São José do Norte, pela BR-101; então pegar à esquerda, mais 12,0 km, passando pela localidade de Passinhos, até o povoado de Capivaras, onde se percorre terreno de dunas até a localidade de Areias Gordas. O solo do sítio é arenoso, com pouca vegetação arbustiva e gramínea ao redor. A água mais próxima é a Lagoa dos Patos, a 600 m de distância. Em superfície encontravam-se fragmentos de cerâmica Tupiguarani e Vieira e um afiador-em-canaleta em arenito[132].

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

As coletas no sítio Capivara III resultaram em uma quantidade pequena de material arqueológico. Foram 10 fragmentos de cerâmica Tupiguarani, sendo 09 simples e 01 corrugado. Os fragmentos de cerâmica Tupiguarani apresentam elementos de confecção acordelada, no entanto é pouco visível a fratura entre os roletes.

A pasta é, aparentemente, mal amassada. Existem bolhas de ar cavernosas, podendo ser vistas a olho nu na fratura das peças. A textura é friável e frouxa, desprendendo e desagregando grãos arenosos com facilidade.

O antiplástico é mal misturado, estando concentrado na face externa dos fragmentos; a quantidade relativa de antiplástico é maior do que de argila e varia entre o arenoso médio e o fino, ocorrendo em maior porcentagem o primeiro, arenoso médio entre 0,03 e 0,07 cm, segundo escala de Hargrave & Smith e, ainda, é composto de grânulos de quartzo, lamínulas de mica e grãos de cerâmica misturados. Na superfície da cerâmica se observam grãos negros e pardos, estes, que não foram identificados, podem pertencer a minerais como o magnésio e os plagioclásios.

A coloração das paredes é pardacento-pálido e ocre pardacento, a mesma cor da pasta. O núcleo possui tonalidades escuras, mas em alguns fragmentos é avermelhado entre paredes pardas. A oscilação das tonalidades indica queima incompleta sob atmosfera oxidante. A dureza fica entre 2 e 3 na escala de Mohs.

Os fragmentos encontravam-se muito erodidos por isso não foi possível desenhar as bordas e verificar como seriam as formas das vasilhas.

Cerâmica Vieira

Dos 47 fragmentos de cerâmica Vieira, 45 são simples (95,8%), 01 é digitado (2,1%) e 01 com impressão de cestaria (2,1%). Os fragmentos representam vasilhames que foram confeccionados pela técnica do modelado à mão, observando-se nitidamente a formação e deposição das placas de argila.

A pasta é bem amassada na maioria dos fragmentos. A textura é argilosa e compacta, porém ocorre o desprendimento de grão de quartzo, principalmente nas fraturas.

A queima é precária, possível cocção em atmosfera oxidante deixando manchas de fumaças espalhadas pela superfície dos fragmentos. A dureza, devido à presença de grãos de quartzo, é 4 na escala de Mohs.

	Decoração	Forma	Antipl (cm)	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	N° de frag.	%
Cerâmica Vieira	Simples	Meia-calota	0,03-0,1 Areia Fina	16-28	1,1-1,4	8-16	45	95,8
	Digitado	Globular	0,05-0,1	22-24	0,9	16	01	2,1
	Impressão de Cestaria	Semi-globular	0,05-0,09	23-29	0,6	14	01	2,1

Tabela 32. Distribuição do material cerâmico da tradição Vieira no sítio RS-LC-07: Capivaras III.

[132] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 7, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1996.

A superfície, em geral, é bem alisada tanto na face interna quanto na externa, exceto o fragmento decorado com impressão de cesto. Existem poucas estrias e quando ocorrem pertencem a alisamentos feitos com uma espécie de espátula e/ou ramalhete de palha. A coloração varia de fragmento para fragmento, mas a predominante é o preto acinzentado, seguido do pardo-pálido.

As formas predominantes, reconstituídas através dos desenhos das bordas, seriam a globular e a meia-calota. As bordas são diretas e verticais, algumas apresentam leve inflexão e, na maioria, são introvertidas. O lábio é arredondado, com alguns casos de aplanado. As bases são arredondadas.

Como se trata de material de superfície, não é possível saber se corresponde a ocupações sucessivas ou contato entre elas.

RS-LC-29: Antenor Paiva

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-07 são 31°51'39,37"S e 52°04'33,25"W e está a aproximadamente 350 m do povoado de Capivaras, em direção nordeste. Entre as dunas, na península conhecida como Areias Gordas, está o sítio, distante 400 m da Lagoa dos Patos. A vegetação dos arredores é arbustiva e rasteira, ocorrendo, também, alguns banhados com sua vegetação característica. O sítio está a 15,0 m de altitude em relação ao nível da lagoa e está praticamente destruído pela ação eólica e pluvial. Na superfície, em uma área de 25,0 m de diâmetro, foi encontrada cerâmica Tupiguarani e Vieira, material lítico e ósseo[133].

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram encontrados 106 fragmentos cerâmicos, dos quais 12 eram simples (11,4%), 80 corrugados (75,6%), 02 ungulados (1,8%) e 12 pintados (11,2%).

A técnica de manufatura foi o acordelado em 67,9% dos casos analisados. A fratura é regular, ou seja, na junção do rolo de argila e perpendicular à parede.

A pasta é relativamente bem acabada, a qualidade do amassamento pode ser considerada mediana. É possível observar, utilizando lupa binocular (aumento de 3x), as laminações em seção transversal na fratura. O antiplástico é bem misturado, distribuindo-se homogeneamente na argila e sua quantidade relativa na mistura é menor do que a de argila. A textura é firme, em raros casos ocorre desagregação dos grãos arenosos.

O antiplástico é, segundo escala de Hargrave & Smith, arenoso médio, ocorrendo entre 0,02 e 0,3 cm, predominando grânulos com 0,05 cm. Compõem-se de grãos de quartzo, cerâmica moída e alguns outros elementos não identificados nas cores preta e branca.

O tratamento de superfície predominante na face externa é o corrugado. As tonalidades das paredes são o pardacento-ocre na face interna e o pardacento na face externa. O núcleo é de tonalidade pardacento-acinzentada. A queima é incompleta, em atmosfera oxidante e medianamente controlada.

As formas, reconstituídas através de desenho, representam, na maioria dos casos vasilhas ovóides. O contorno predominante nos desenhos foi o simples, seguido pelo composto, não havendo casos de contornos complexos. Ocorrem bordas diretas, extrovertidas e introvertidas, que acabam em lábio, em geral, arredondado.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Antiplástico (cm)	Abertura (cm)	Espessura (cm)	Prof (cm)	N° de frag.	%
	Simples	Ovóide	0,02-0,09	22-38	1,1-1,2	18-22	12	11,4
	Corrugada	Globular	0,02-0,1	25-32	0,8-1,0	34-42	80	75,6
	Ungulado	Ovóide	0,04-0,06	8-17	0,9	10	02	1,8
	Pintado	Composta	0,02-0,05	25-28	1,0	18-26	12	11,2

Tabela 33. Relação entre forma e decoração do material cerâmico sítio RS-LC-29: Antenor Paiva.

Cerâmica Vieira

Ainda mais comuns são os fragmentos de cerâmica da tradição Vieira, com 352 fragmentos, sendo que 187 peças possuem decoração simples e antiplástico de areia grossa (53,8%) e 157 antiplástico de areia fina (44,6%). Existe ainda 01 fragmento decorado com impressão de cestaria e 01 com decoração raspada. 06 fragmentos são inclassificáveis devido ao elevado nível da erosão.

A pasta é relativamente mal amassada e a distribuição do tempero na mistura é regular. A dureza, segundo escala de Mohs, é 4.

[133] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 29, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1995.

O antiplástico guarda relação direta com a espessura dos fragmentos. Sendo as peças de paredes finas, o tempero é de areia grossa ou areião; sendo as paredes espessas, o antiplástico e de areia fina ou muito fina. Os casos analisados foram temperados por grãos de quartzo, carapaças de moluscos, espículas calcárias, esponjas marinhas, restos vegetais e outros minerais como o plagioclásio e o feldspato.

O alisamento é bem acabado, principalmente na face externa. A textura é firme e compacta nos fragmentos com antiplástico de areia grossa e, nos fragmentos temperados com areia fina, é frouxo e friável ocorrendo o desprendimento de grânulos arenosos da parede.

As cores da superfície ocorrem, na face externa, em preto-liláceo na fuligem, preto-sépia nas manchas de fumaça e, na face interna, o ocre-pardacento. O núcleo é preto-azulado e indica queima incompleta em atmosfera oxidante.

As formas, diante da reconstituição das vasilhas através dos desenhos, são tipicamente Vieira. A forma que ocorre com mais freqüência é a semi-globular. Os contornos, em geral, são simples. As bordas são diretas e verticais, algumas são expendidas. As bordas com reforço externo apresentam leve inflexão e, na maioria dos casos, são extrovertidas. Os lábios são arredondados, com raros casos de aplanadas e, quando isto acontece, existem incisões perpendiculares à borda, paralelas entre si, agrupadas aos pares. As bases são arredondadas.

Cerâmica Vieira	Forma	Antiplástico (cm)	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	N° de frag.	%
	Semi-globular	0,1-0,36 Areia Grossa	16-35	0,9-1,2	11-18	Arred.	187*	53,8
	Semi-globular	0,01-0,1 Areia Fina	18-32	0,9-1,3	14-16	Arred.	157**	44,6
	Semi-globular	0,03-0,1	15-28	0,8-1,2	10-14	Arred.	02***	2,2

* Antiplástico de areia grossa; ** antiplástico de areia fina; *** decoradas.

Tabela 34. Distribuição do material cerâmico da tradição Vieira no sítio RS-LC-29: Antenor Paiva.

A classificação acima reflete a forma típica da tradição Vieira, normalmente não decorada, apenas alisada. Suas características variam apenas no uso do antiplástico, que pode ser fino, médio ou grosso. Muitas destas características, principalmente na planície arenosa de Areias Gordas, são encontradas também em fragmentos de vasilhas da tradição Tupiguarani.

Algumas vasilhas aculturadas possuem as formas e decorações clássicas da cerâmica Tupiguarani, ao passo que os elementos como técnica de confecção, queima e antiplástico são as típicas da tradição Vieira.

Cerâmica Aculturada	Decoração	Forma	Antiplástico (cm)	Contorno	Lábio	Borda	N° de frag.	%
	Corrugado	Semi-globular	0,1-0,36 (grãos)	Simples	Aplan.	Direta	15	53,9
	Ungulado	Meia-calota	0,09-0,18	Composto	Apont.	Extrov	11	42,3
	Riscado	-	0,08	Simples	Arred.	Introv	01	3,8

Tabela 35. Distribuição do material cerâmico aculturado no sítio RS-LC-29: Antenor Paiva.

O sítio Antenor Paiva é outro exemplo de que, quanto mais meridional é a localização do sítio na porção central da planície costeira, mais intensa é a presença da cerâmica Vieira.

RS-LC-30: Areias Gordas "A"

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-30 são 31°52'18,70"S e 52°02'53,36"W, encontra-se também entre as dunas, a aproximadamente 500 m do povoado de Capivaras e a 500 m da Lagoa dos Patos. Está a 15,0 m sobre o nível do mar, cercado por vegetação arbustiva. A água mais próxima é a própria Lagoa dos Patos e alguns banhados no entorno do sítio. Os sítios localizados na península de Areias Gordas sofrem constantemente com a mudança de lugar das dunas, o pisoteio de animais e a ação dos turistas jipeiros. Por se tratar de dunas altas, bonitas na paisagem e perto da cidade são visitadas com freqüência por visitantes locais. Todos estes fatores comprometem a integridade do sítio. O material encontra-se distribuído em uma área de 20,0 m de diâmetro. Apresenta fragmentos de cerâmica Tupiguarani, Vieira, material lítico e ósseo[134].

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

[134] RUIVO, José Carlos Vieira; MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 30, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1995.

No sítio Areias Gordas "A" foram coletados 59 fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani, quantificados na tabela abaixo conforme decoração. A fratura entre os roletes é regular, apresentando o positivo e o negativo da junção dos roletes, indicando que as vasilhas foram confeccionadas pela técnica do acordelado.

A pasta é razoavelmente bem amassada, com poucas bolhas de ar cavernosas vistas nas fraturas dos fragmentos. A textura é compacta. A dureza dos fragmentos é 3, segundo escala de Mohs. A coloração da massa queimada ocorre entre o pardacento-alaranjado e o ocre-avermelhado. O núcleo é bem nítido.

O antiplástico é formado basicamente por grãos de quartzo triturados e grânulos de argila moída e está distribuído homogeneamente na pasta. As dimensões ocorrem entre o 0,03 e 0,06 cm, arenoso médio, segundo escala de Hargrave & Smith.

O tratamento de superfície predominante é o simples (48,1%). Por se tratar de fragmentos erodidos, provavelmente os pintados foram "lixados" pela areia e vento tornando-os sem decoração. As cores ocorrem entre o pardacento-avermelhado e o pardacento-pálido.

A cerâmica da tradição Tupiguarani apresenta formas características em meia-esfera, ovóide, elipsóide e meia-calota, existindo ainda as compostas e carenadas. As bordas, reconstituídas no desenho, resultaram em vasilhas com contornos simples e composto, bordas expandidas e inflectidas, com tendência a serem extrovertidas. O lábio é arredondado na maioria dos recipientes. A base é arredondada, ocorrendo também a cônica.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Forma	Antiplástico (cm)	Abertura (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	N° de frag.	%
	Simples	Ovóide	0,07-0,1	12-25	1,0-1,2	12	26	48,1
	Corrugado	Meia-esfera Meia-calota	0,03-0,12	16-48	0,8-1,4	18-32	23	42,5
	Pintado	Meia-calota	0,03-0,08	25	0,8-1,1	18	05	9,4
	Inclass.	-	0,08	-	1,3	-	05	8,7

Tabela 36. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-30: Areias Gordas "A".

Cerâmica Vieira

Foram recolhidos 279 fragmentos cerâmicos. As peças possuem, em 65,5% dos casos, antiplástico de areia fina e, em 29,5%, de areia grossa. Os fragmentos representam vasilhames que, provavelmente, foram confeccionados pelo modelado a mão livre.

A pasta é relativamente mal amassada, existem bolhas de ar na superfície dos fragmentos, a mistura é heterogênea, ocorrendo o afloramento dos grãos. O núcleo é preto-azulado entre paredes pardacentas, acinzentadas e marrons. As tonalidades indicam que a cocção da pasta é incompleta, queimada em atmosfera oxidante. A quantidade relativa de tempero é maior que a de barro ou argila. A dureza é, segundo escala de Mohs, 4.

O antiplástico é arenoso, com dimensões entre 0,1 e 0,32 cm, composto de grãos angulosos de quartzo, provavelmente moídos, com a presença de carapaças de moluscos, espículas vegetais e calcárias.

O tratamento de superfície, nos fragmentos temperados com areia grossa, é predominantemente o alisado com espátula, ou outro material, em ambas as faces. A textura é firme e compacta, alguns grãos se desprendem do interior da pasta, principalmente nas fraturas, em geral. As tonalidades são o pardacento-pálido e o preto-liláceo, mais escuras nas manchas de fumaças. Não foram registradas ocorrências de aplicação do banho.

As formas, reconstituídas mediante desenho, são semi-globulares, com raros casos de globulares. As bordas são diretas e, na maioria dos casos, extrovertidas, com leve reforço externo. O lábio é arredondado nos casos analisados. As bases são arredondadas.

Nos fragmentos com antiplástico de areia fina, a pasta é relativamente mal amassada. Existem bolhas de ar na superfície dos fragmentos, cuja mistura é homogênea, dificilmente ocorrendo o afloramento dos grãos. O núcleo é preto-acinzentado entre paredes acinzentadas. As tonalidades indicam que a cocção da pasta é incompleta, queimada em atmosfera oxidante. A quantidade relativa de tempero é menor que a de argila. A dureza é, segundo escala de Mohs, 2.

O antiplástico é arenoso, com dimensões entre 0,01 e 0,03 cm; composto por grãos arredondados de quartzo, provavelmente de rio, com a presença de espículas vegetais. O tempero está bem misturado, distribuindo-se homogeneamente na pasta.

O tratamento de superfície, nos fragmentos com antiplástico de areia fina, é predominantemente o alisado com espátula, em ambas as faces. A textura é frouxa e friável, os grãos arenosos se desprendem com

facilidade da superfície da pasta. As tonalidades são o pardacento-pálido e o pardacento-esbranquiçado. Não foram registradas ocorrências de aplicação do banho.

As formas, reconstituídas mediante desenho, são em geral panelas rasas, semi-globulares, com raros casos de globulares. As bordas são diretas, com tendência a serem expendidas. O lábio das bordas é arredondado. As bases são arredondadas.

	Forma	Antiplástico (cm)	Abertura (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	N° de frag.	%
Cerâmica Vieira	Semi-globular	0,1-0,32	22-38	0,8-1,1	11-18	Arred.	81*	29,5
	Semi-globular	0,01-0,21	18-30	0,9-1,2	14-16	Arred.	180**	65,5
	Semi-globular	0,03-0,12	12-28	0,6-1,1	10-14	Cônica	18***	7,4

* Antiplástico de areia grossa; ** antiplástico de areia fina; *** decoradas.

Tabela 37. Distribuição do material cerâmico da tradição Vieira no sítio RS-LC-30: Areias Gordas "A".

A cerâmica da tradição Vieira, na região de Areias Gordas, apresenta características típicas daquela micro-região. As bordas, na maioria dos casos, o que equivale a 83,0% dos fragmentos analisados, apresentam uma leve inflexão e são cambadas. Em 08 fragmentos foi possível observar que na borda eram adicionados roletes, possivelmente para aumentar o tamanho da vasilha ou reparar defeitos na borda anterior. A coloração das vasilhas é cinza-esbranquiçada e cinza-negra, mas existem também ocorrências do marrom. O tratamento de superfície é o alisado, com estrias aparentes. A queima é incompleta; atmosfera oxidante.

Passinhos (Dunas) – São José do Norte

RS-LC-08: Passinhos I

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-08 são 31°51'59,71"S e 52°00'40,08"W; encontra-se 800 m antes de chegar a Passinhos. A 400 m de distância da estrada encontra-se material superficial, entre dunas. A vegetação dos arredores é rasteira, composta por gramíneas e arbustos. Por se tratar de um sítio entre dunas, partes do sítio ficam encobertas pela areia; dependendo da direção do vento, uma nova porção do sítio pode aparecer e outra ser encoberta. A água mais próxima é Lagoa dos Patos e o sítio está a mais ou menos 8,0 m acima do nível de sua água. Em uma área de 50,0 (norte/sul) x 20,0 m ocorreram fragmentos de cerâmica Tupiguarani e Vieira, 01 lasca de calcedônia, e 01 ponta-de-projétil pedunculada e com aletas[135].

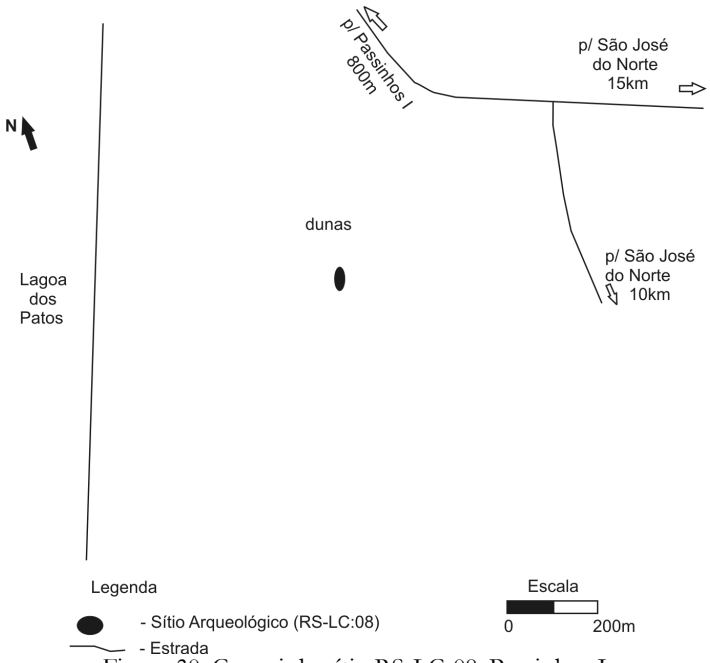


Figura 30. Croqui do sítio RS-LC-08: Passinhos I.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram registrados no sítio 13 fragmentos de cerâmica Tupiguarani sendo 05 com decoração simples, 08 corrugados. Os fragmentos pertenciam a panelas de médio e grande porte, que provavelmente foram confeccionadas pela técnica do acordelado.

A pasta é mal amassada, apresentando bolhas de ar cavernosas na maioria dos fragmentos. O núcleo é acinzentado, entre paredes com tonalidade pardacento-pálida. A queima é incompleta, em atmosfera oxidante.

O antiplástico é arenoso fino e médio, entre 0,02 e 0,04 cm, predominando 0,02 cm. O tempero é composto por grãos de quartzo, plaquetas e nódulos de hematita, grãos moídos de argila e espículas calcárias.

[135] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 8, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1995.

Na coloração dos fragmentos predomina o sépia, seguido do pardacento-pálido. A textura é friável, desagrega com facilidade, apresenta ranhuras e estrias na superfície interna, bem como descascamento do banho, que tem 0,1 cm de espessura.

Não foi possível reconstituir as formas, nem medir o tamanho das vasilhas, por faltarem bordas para desenhá-las.

Cerâmica Vieira

A tradição Vieira é representada por 04 fragmentos, que apresentam tratamento de superfície simples, com estrias de alisamento. A pasta não é completamente amassada, a mistura é heterogênea e a quantidade de antiplástico é maior que a da argila. O tempero é granuloso, contendo mica, feldspato, quartzo triturado e plagioclásio. A espessura das paredes é de 0,85 cm.

Os dados indicam que a ocupação em Passinhos I se deu de forma rápida. O sítio é morfologicamente da tradição Vieira, com material e aparência de acampamento da tradição Tupiguarani.

RS-LC-40: Passinhos II "A" e "B"

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-40, Passinhos II "A" são 31°52'32,03"S e 52°00'57,47"W e Passinhos II "B" são 31°52'40,24"S e 52°01'7,47"W. O sítio RS-LC-40 localiza-se, como o anterior, nas dunas, 800 m antes de chegar ao povoado de Passinhos. Distando 20,0 m, em direção oeste-sudeste existe outra ocupação menor, mas sem material arqueológico (Passinhos II "B" norte). A 100 m ao norte destes sítios encontra-se o sítio RS-LC-41 (Passinhos III). A vegetação é inexistente sobre os sítios, mas nos arredores ela é composta por gramíneas e arbustos. O solo é areno-argiloso, com concentração de *silt* em alguns pontos e possui algo de ferruginoso. O sítio está a 8,0 m acima do nível do mar e a água mais próxima é a Lagoa dos Patos, que está a 500 m no sentido norte/nordeste. Os principais fatores de erosão neste local são o vento e a chuva. Segundo os moradores locais, recentemente foi retirada areia das dunas por carroceiros. O sítio Passinhos II "A" está distribuído numa área de 50,0 (norte/sul) x 20,0 m (leste/oeste)[136], onde se encontrou o material arqueológico representado por cerâmica Tupiguarani e Vieira, matéria corante, raros fragmentos de ossos e conchas e, junto a este material, lascas e fragmentos de polidores em arenito.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

As características gerais da cerâmica, no sítio Passinhos II "A", indicam que as vasilhas eram menores e precariamente amassadas. Na análise foram registradas bolhas de ar na pasta queimada e, em alguns casos, estrias na superfície das paredes. A coloração ocre-pardacenta e as marcas de fumaça indicam queima incompleta em atmosfera redutora.

O antiplástico é composto por grãos de quartzo triturado, irregularmente distribuído na pasta.

Cerâmica Tupiguarani Passinhos II "A"	Decoração	Forma	Antiplástico (cm)	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	N° de frag.	%
	Simples	Meia-calota	0,02-0,08	14-28	0,9-1,2	10-14	39	22,4
	Corrugado	Meia-esfera Carenada	0,01-0,09	16-48	0,9-1,4	18-32	103	58,8
	Ungulado	Meia-esfera	0,1	10-12	0,9-1,1	8-10	20	11,4
	Pintado	Meia-calota	0,03-0,085	20-25	0,8-1,1	18	05	3,4
	Inclass.	-	0,075	-	1,0-1,4	-	08	4,5

Tabela 38. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-40: Passinho II "A".

Cerâmica Tupiguarani Passinhos II "B"	Decoração	Forma	Antiplástico (cm)	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	N° de frag.	%
	Simples	Carenada	0,02-0,1	18-26	1,0-1,1	12-18	11	6,8
	Corrugado	Meia-esfera Carenada	0,03-0,09	10-50	0,6-1,5	8-43	68	42,3
	Ungulado	Meia-esfera	0,06-0,1	13-16	0,9-1,2	8-10	08	4,9

[136] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA, M. A.; TORRANO RIBEIRO, Catharina. Ficha de Sítio n. 40, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1998.

	Pintado	Meia-calota	0,05-0,15	18-26	0,6-1,1	12-20	11	6,7
	Inclass.	-	0,09-0,1	-	1,0-1,2	-	63	39,3

Tabela 39. Relação entre forma e decoração do material cerâmico do sítio RS-LC-40: Passinhos II "B".

A cerâmica da concentração "B" guarda as mesmas características salvo, a diferença de quantidade de material coletado. Associado a este material ainda há conchas e ossos que não foram identificados na ocasião da análise.

Cerâmica Vieira

Tanto na concentração "A" quanto na "B" foram encontrados fragmentos de cerâmica Vieira. A cerâmica se destaca por ter fino acabamento, ter sido relativamente bem amassada e com queima controlada. Em alguns aspectos aparenta melhor qualidade de amassamento que a cerâmica Tupiguarani encontrada na mesma concentração. A cor varia entre o cinza-pardacento e o ocre-acinzentado; o tratamento de superfície é o alisado sem estrias aparentes. Não apresenta bolhas internas de ar; é compacta e a dureza é 4 segundo escala de Mohs.

Cerâmica Vieira Passinhos II "A"	Forma	Antiplás. (cm)	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	N° de frag.	%
	Semi-globular	0,15-0,28	18-27	0,6-0,9	11-15	Arred.	07*	17,9
	Semi-globular	0,01-0,14	14-32	0,9-1,2	10-16	Arred.	32**	81,1
	-	0,03-0,09	-	0,6	-	-	01***	1,0

*Antiplástico de areia grossa; ** antiplástico de areia fina; *** decoradas.

Tabela 40. Distribuição do material cerâmico da tradição Vieira no sítio RS-LC-40: Passinho "A".

Cerâmica Vieira Passinhos II "B"	Forma	Antiplás. (cm)	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	N° de frag.	%
	Semi-globular	0,18-0,34	15-25	0,5-1,0	10-18	Arred.	18*	46,1
	Semi-globular	0,01-0,12	18-30	1,0-1,4	12-10	Arred.	21**	53,9

* Antiplástico de areia grossa; ** antiplástico de areia fina.

Tabela 41. Distribuição do material cerâmico no sítio RS-LC-40: Passinhos II "B".

Ainda, como resultados da coleta, foram recolhidos 53 fragmentos de material lítico, entre eles 12 lascas de calcedônia, 40 seixos pequenos, aproximadamente 2,0 cm de diâmetro, de quartzo leitoso e 01 fragmento de matéria corante.

RS-LC-41: Passinhos III

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-41, Passinhos III, são 31°53'19,55"S e 52°01'49,44"W. Apresenta as mesmas características dos dois anteriores, diferenciando-se apenas por estar assentado sobre as dunas a 300 m de distância da estrada que leva ao povoado de Passinhos, 100 m metros mais perto que os anteriores. O dono desse terreno é o Sr. Nerci Silveira Caminha, residente na mesma localidade.

O sítio está assentado sobre um solo ferruginoso, de composição argilo-arenosa, que dista 100 m do sítio RS-LC-40 "A" e está a 100 m do sítio RS-LC-40 "B". Não há vegetação sobre o sítio, apenas nos arredores. A Lagoa dos Patos está a 500 m de distância e está a 4,0 m abaixo do nível do sítio. Em uma mancha de terra escura com 50,0 m de diâmetro, encontra-se o material arqueológico que está muito erodido devido à ação do vento e da areia. Entre as peças recolhidas estão fragmentos de cerâmica Tupiguarani e Vieira, matéria corante, ponta-de-projétil, lascas, osso polido fragmentado[137].

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

[137] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA, M. A.; TORRANO RIBEIRO, Catharina. Ficha de Sítio n. 41, Doc. 1 do Arq do LEPAN, 1998.

Foram recolhidos 49 fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani que apresentavam sinais de terem sofrido processo erosivo bastante adiantado. Deste total, somente 33 puderam ser classificados através da decoração.

Aparentemente a pasta é mal amassada, com bolhas internas de ar e estrias na superfície. A dureza dos fragmentos corresponde a 3 e 4, segundo escala de Mohs.

Observa-se nitidamente na cerâmica a espessura do banho de argila. A coloração das paredes e da pasta é a mesma, ou seja, pardacento-alaranjado. A cor do núcleo é pardacento pálido. Em 62,0% dos casos a fratura é irregular; dificilmente se nota a fratura entre roletes.

A abertura da boca, segundo desenho das bordas, varia entre 20,0 a 32,0 cm e a profundidade de 15,0 a 20,0 cm.

Cerâmica Vieira

Foram coletados 30 fragmentos de cerâmica da tradição Vieira. A técnica de confecção da cerâmica é o modelado; em alguns casos é possível observar as marcas das pressões dos dedos sobre a superfície. A decoração é simples, apenas um suave alisamento nas paredes com ramo de palha ou outro material que poderia ter produzido estrias uniformes e paralelas. Segundo o desenho das bordas, as vasilhas possuem entre 12,0 a 25,0 cm de abertura de boca e profundidade média de 14,0 cm.

	Tradição	Cor	Decoração	Espes. (cm)	Comp. (cm)	Larg. (cm)	N° de frag.	%
Cerâmica	Tupiguarani	Pardacento alaranjado	Simples	1,0-1,1	4,8-5,7	6,4-10,1	23	36,5
	Tupiguarani	Pardecento alaranjado	Ungulado	1,0-1,1	4,8-5,7	6,4-10,1	10	15,8
	Vieira	Pardacento acinzentado	Alisado	0,6-0,9	3,5-5,8	4,2-6,5	30	47,6

Tabela 42. Distribuição do material cerâmico das tradições Tupiguarani e Vieira no sítio RS-LC-41: Passinhos III.

Lítico

Foram coletadas 06 peças líticas, sendo uma ponta-de-projétil e 05 lascas.

A ponta-de-projétil foi produzida em calcedônia. Possui pedúnculo e aletas e tem 4,5 cm de comprimento, 2,0 cm de largura na altura das aletas e 0,6 cm de espessura. As 05 lascas são de calcedônia, produzidas por retalhamento bipolar, possuindo retoques nos bordos e micro-lascamentos no gume. Apresentam sinais de percussão em apenas uma extremidade da peça.

Curral Velho – São José do Norte

RS-LC-24: Sermi Machado Miguel

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-24 são 31°30'3,46"S e 51°17'15,34"W. O sítio encontra-se a 20,0 km ao norte da Vila do Bojuru, na localidade de Curral Velho. Para alcançá-lo toma-se à direção da residência do Sr. Adair Jardim do Amaral e caminha-se até as proximidades da Lagoa dos Patos; da beira da lagoa segue-se por mais 1,0 km para o norte, até uma sanga, que faz parte das terras do Sr. Sermi Machado Miguel. A uma distância de 150 m da lagoa aparecem sinais de terra escura com 50,0 m por 30,0 m[138], nos dois lados da sanga.

A vegetação é rasteira ou arbustiva em solo arenoso[139]. O sítio está 2,0 m acima do nível da lagoa, que está a 150 m a sudoeste. A erosão é eólica, pluvial e fluvial, contribuindo a sanga com parte da destruição do sítio. Na margem direita a mancha de terra escura estava mais bem definida. Ocorreu cerâmica Tupiguarani, ossos de peixe e concha, bem como alguns fragmentos de cerâmica Vieira. O material estava rolado, alguns elementos encontrados inclusive nas margens da Lagoa dos Patos.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram recolhidos 27 fragmentos, sendo que 12 apresentam decoração simples, 06 corrugada, 01 raspada, 01 pintada e 08 fragmentos não puderam ser classificados.

Cerca de 81,8% dos fragmentos pertenceram a vasos confeccionados por acordelamento, queimados em atmosfera oxidante, sem controle aparente.

---

[138] MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo: 17/12/1994.

[139] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 24, Doc. 1 e 2, Itens 15 a 24, do Arq. do LEPAM, 1994.

A pasta é relativamente bem amassada. A quantidade relativa de pasta é maior que a de antiplástico. A textura dos fragmentos é arenosa, frouxa e friável e aparenta um acabamento precário. A maioria dos fragmentos é inclassificável por estar muito erodidos. A fratura é irregular em 69,1% dos fragmentos.

O antiplástico é arenoso fino e médio com grãos angulosos oscilando entre 0,03 a 0,04 cm; em alguns casos o tempero aparece na superfície da face indicando a presença de fragmentos moídos de cerâmica.

O tratamento de superfície predominante é o simples. A coloração predominante é o pardacento-alaranjado na face externa, com manchas na cor sépia, pardacento-acinzentado e pardacento-oliva; na face interna predomina o pardacento-avermelhado com manchas nas cores ocre e ocre-pardacento.

Em média, os fragmentos mediam 8,5 cm² e 1,1 cm de espessura.

Cerâmica Vieira

Foram coletados 06 fragmentos, dos quais 05 foram confeccionados com antiplástico de areia grossa e 01 de areia fina. O tratamento de superfície é o alisado. A queima é incompleta e a pasta mal amassada. Apresentam estrias de alisamento, bem como bolhas internas de ar. A coloração é ocre-acinzentada escura.

	Tradição	Forma	Antiplás. (cm)	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	N° de frag.	%
Cerâmica	Tupiguarani	Esférica Meia-calota	0,01-0,03	26-42	0,9-1,4	22-28	27	81,8
	Vieira	Semi-globular	0,09-0,25	20-34	0,6-1,1	10-15	06	18,1

Tabela 43. Distribuição do material cerâmico das tradições Tupiguarani e Vieira no sítio RS-LC-24: Sermi Machado Miguel.

Lítico

Junto à concentração ainda foram coletadas 02 lascas e 02 fragmentos de concreção ferruginosa.

Capão Comprido – Tavares

RS-LC-65: Napoleão Araújo Brum

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-65 são 31°24'58,00"S e 51°09'13,00"W. O sítio está nas dunas, a menos de 500 m da casa do proprietário do terreno.[140] Possui aproximadamente 50,0 m de diâmetro e encontra-se sobre um solo arenoso com vegetação arbustiva e rasteira ao redor. A altura em relação ao nível do mar é de 15,0 m. Aproximadamente 100 m na direção sudeste e leste existem algumas vertentes; 250 m na mesma direção existem lagoas; ultrapassando-as fica a Lagoa do Peixe.

Na concentração foram registrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani, fragmentos de cerâmica da Tradição Vieira, material lítico, ósseo, conchífero e vegetal (coquinhos).

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram recolhidos 08 fragmentos, dos quais 03 simples, 02 corrugados, 01 pintado de vermelho sobre branco na face externa e 02 inclassificáveis.

Em cerca de 40,1% dos fragmentos foi possível observar a inserção do rolete, em fratura irregular; sendo que a maioria está fragmentada aleatoriamente. Os fragmentos estão bastante erodidos, com sinais de rachaduras e descascamento no banho de argila.

A pasta é mal amassada, nota-se a presença de bolhas cavernosas de ar em seu interior. Pela fratura irregular é possível perceber que foi uma mistura heterogênea, como se as vasilhas tivessem sido confeccionadas "às pressas".

O antiplástico é arenoso médio e composto de grãos angulosos de quartzo e cerâmica triturada, ocorrem entre 0,03 e 0,06 cm.

A tonalidade de ambas as paredes é semelhante às da pasta, ou seja, pardacento-avermelhado. A textura da superfície é frouxa, desprendendo grãos arenosos ao toque.

Apenas 01 borda sem decoração foi desenhada e revelou uma forma esférica, com contorno simples e uma borda direta que acaba num lábio apontado. A borda tende a ser levemente extrovertida. A base é arredondada. Todas as características indicam se tratar de uma tigela ou prato com abertura de boca de 34,0 cm, profundidade de 14,0 cm e espessura das paredes de 1,2 cm.

[140] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA M. A. Ficha de Sítio n. 65, Item 11, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1998.

Cerâmica Vieira

Foram coletados 04 fragmentos, aparentemente pertencentes à mesma vasilha. Eram semelhantes na tonalidade, na espessura das paredes, no tratamento de superfície e no antiplástico.

A superfície foi alisada, com espátula ou objeto semelhante, possuí a tonalidade marrom-acinzentada e, na superfície, é possível ver a olho nu os grãos de quartzo que afloraram. A espessura das paredes é de 0,8 cm.

O antiplástico dos fragmentos é arenoso grosso, entre 0,04 a 0,09 cm e composto por grãos e placas de quartzo, indicando trituração; não foi possível observar se havia restos vegetais carbonizados na mistura.

Associado a este material apareceu 01 lasca lítica, possivelmente obsidiana.

O sítio RS-LC-65: Napoleão Araújo Brum tem características de um sítio-acampamento de caça, pesca e/ou coleta.

Bacopari – Mostardas

RS-LC-05: Mário Boeira Martins

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-05 são 30°32'7,48"S e 50°25'36,39"W; encontra-se a 4,0 km de distância da praia do Bacopari em direção a Mostardas, nas proximidades do Camping Municipal. O acesso é feito pela RST-101, que leva a Palmares do Sul. No caminho de chão batido, antes de chegar ao camping, há uma bifurcação, os dois caminhos passam perto (esquerdo) e por cima (direito) do sítio.

O solo é arenoso e a água mais próxima é a Lagoa dos Barros, a 100 m de distância. A altitude é de 25,0 m acima do nível do mar. Como se localiza no limite das Barreiras III e IV, é possível identificar vegetação arbustiva ao redor. A possibilidade de destruição deste sítio é a forte erosão eólica, pluvial, o cultivo e o camping. Em uma superfície de aproximadamente 200 m de diâmetro ocorreram fragmentos de cerâmica Tupiguarani e conchas[141].

> Dos locais, esparsos, onde se encontra material, os principais são: no final do caminho quando começa uma descida (diferenças de barreira) encontramos, além da cerâmica, conchas e terra negra; o outro local é na roça ao leste da casa do proprietário do camping e morador do local.[142]

A mata de restinga que circunda o sítio é local de visitação e turismo no verão; nela ainda se preservam características originais, tais como a presença de figueiras, araçazeiros e jerivás. Próximo e ao redor da casa do proprietário o solo é coberto por gramíneas, pois se trata da superfície da plataforma geológica III. Nesta mesma linha de dunas, ao lado, ocorre do sítio RS-LC-49: Bacopari I, onde foi registrada uma vasilha contendo um crânio em seu interior.

O material coletado no local é composto por cerâmica da tradição Tupiguarani e Vieira, além de conchas.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Dos 86 fragmentos, 15 possuem decoração simples (17,5%); 49 são corrugados (57,0%); 04 ungulados (4,6%) e 01 escovado (1,2%). Os pintados representam 12,8% da amostra, com 13 fragmentos. Além desses, 04 não puderam ser classificados.

A técnica de confecção, de acordo com os fragmentos coletados, é o roletado ou acordelado, pois se observa com facilidade a junção e impressão dos roletes em fratura regular.

A pasta, diferentemente do sítio Bacopari I, apresenta boa qualidade de amassamento onde se observa nitidamente, com a lupa binocular, a aparência estriada. Na maioria dos fragmentos a massa cozida é argilosa, ocorrendo variação de tonalidades avermelhadas e alaranjadas. A cor do núcleo é mais escura. As tonalidades indicam queima incompleta, em atmosfera oxidante.

O antiplástico é arenoso médio e grosso. Os grãos de argila, misturados no tempero, são vistos a olho nu aflorando na superfície e chegam a 0,2 cm. A variação granulométrica é bastante complexa, com presença de quartzo anguloso, provavelmente de depósito terrestre, grânulos negros, brancos, marrons e alaranjados.

O tratamento de superfície predominante é o corrugado, com pontos ungueais espalhados uniformemente sobre toda a extensão da face externa. Em geral, o tratamento é bem acabado, apresentando raras estrias, ranhuras e rachaduras, que provêm do deterioro natural da camada. O banho é fino, predominando 0,15 cm de espessura e apresenta as mesmas tonalidades da superfície externa, ou seja, ocre-avermelhado e pardacento-pálido. Na superfície interna, as tonalidades são uniformes, com exceção dos

[141] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA, Maria Angélica. Ficha de Sítio n. 5, Doc. 1 do Arq. do LEPAN, 1998.
[142] MENTZ RIBEIRO, P. A. Diário de Campo: 15/03/1995.

fragmentos pertencentes aos fundos de vasilhas, mais escuros, ocorrendo nas cores ocre-acinzentada e preto-lilácea. A textura é firme, compacta, no entanto, em raros casos ocorre o desprendimento de grãos finos e arenosos ao toque.

As três principais formas da cerâmica da tradição Tupiguarani, no sítio Mário Boeira Martins, são a meia-calota, a globular e a composta. O lábio das vasilhas esféricas é arredondado; o lábio das vasilhas com bordas expandidas é o apontado. As bordas apresentam leve inflexão, apresentando reforço externo e, na maioria das vezes, são diretas. As vasilhas com maior abertura de boca apresentam carena. As bases, em geral, são cônicas e arredondadas.

Cerâmica Tupiguarani	Decoração	Contorno	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Base	Nº de Frag.	%
	Simples	-	15-22	0,7-1,6	7-12	Arred.	15	17,5
	Corrugado	Composto	24-48	1,0-1,4	25-37	Cônica	49	57,0
	Ungulado	Simples	12-19	0,8	11	Arred.	04	4,6
	Escovado	Simples	-	1,1	-	Arred.	01	1,2
	Pintado	Composto	20-28	0,8-1,1	15-25	Arred. Cônica	13	12,8
	Inclass.	-	-	0,8-1,4	-	-	04	4,6

Tabela 44. Relação entre forma e decoração do material cerâmico no sítio RS-LC-05: Mário Boeira Martins.

Cerâmica Vieira

A cerâmica da tradição Vieira é abundante no local e nas proximidades: são 254 fragmentos, coletados sistematicamente. Destes, 80 foram confeccionados com antiplástico de areia grossa, entre 0,1 e 0,3 cm, representando 31,4% da amostra e 174 em antiplástico de areia fina, entre 0,03 e 0,09 cm, perfazendo 68,6% da amostra.

A forma das vasilhas oscila entre meia-calota, elipsóide e semi-globulares; alguns fragmentos possuem bordas introvertidas terminando em lábio arredondado, em alguns casos, apontado. Uma das características principais é um relativo aumento na espessura da parede quando esta se aproxima da base que, na maioria dos casos, é arredondada.

Cerâmica Vieira	Decoração	Forma	Antiplást. (cm)	Abert. (cm)	Espes. (cm)	Prof. (cm)	Nº de Frag.	%
	Simples	Semi-globular	0,08-0,2 Areia grossa	22-34	0,8-11	10-14	80	31,4
	Simples	Composto	0,03-0,1 Areia fina	16-28	1,1-1,4	8-16	174	68,6

Tabela 45. Distribuição do material cerâmico da tradição Vieira no sítio RS-LC-05: Mário Boeira Martins.

A superfície dos fragmentos possui tonalidades escuras, acinzentadas e claras. Entre elas a mais comum é o preto-esfumaçado.

Parque Nacional da Lagoa do Peixe

RS-LC-52: Carambola

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-52 são 31°06'38,11"S e 50°53'0,38"W; localiza-se na estrada que leva ao balneário do município de Mostardas, sobre o cordão de dunas da Barreira III. Pela estrada Mostardas – Balneário Mostardense, antes de descer o declive da barreira geológica, segue-se a pé por 1,0 km da estrada na direção oeste, ao lado do ponto mais alto da região, chamado Carambola (34,5 m).

A vegetação dos arredores mantém as mesmas características dos sítios anteriores, ou seja, arbustiva sobre dunas e gramíneas. O sítio está 20,0 m acima do nível do mar. Nas proximidades existem lagoas e banhados de água doce (cerca de 200 m ao leste). Próximo ao sítio existe uma plantação de pinus, que larga suas sementes ao vento e faz com que nasçam dezenas de pinheiros sobre o sítio, causando sua destruição. Trata-se de um sítio erodido sobre dunas, medindo a mancha de terra escura aproximadamente 100 m de

diâmetro[143]. No local foram encontrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani, um fragmento de cerâmica colonial e louça (faiança portuguesa) e uma moeda colonial, um afiador-em-canaleta e 04 coquinhos. O sítio está parcialmente destruído pela plantação de pinus.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani

Foram recolhidos, em coleta sistemática, 24 fragmentos sendo que destes 10 são simples (37,0%), 04 corrugados (14,8%), 01 ungulado (3,7%), 01 pintado de vermelho sobre branco na face externa (3,7%), 02 pintados de vermelho na face externa (7,4%), 02 pintados de vermelho na face interna (7,4%), 01 pintado de preto sobre branco em ambas as faces (3,7%) e 03 inclassificáveis (11,1%).

Os fragmentos apresentam sinais de fratura regular indicando que as vasilhas foram manufaturadas pela técnica do acordelado.

A pasta é arenosa, compacta e, em geral, bem amassada. Existem algumas bolhas de ar entre os fragmentos, mas a representatividade é baixa. A textura é compacta ao toque.

O núcleo varia entre preto-violáceo escuro e preto-liláceo, indicando queima incompleta, em atmosfera oxidante. A dureza, segunda escala de Mohs, é 3. A dimensão dos fragmentos é, em média, de 5,0 cm^2.

O antiplástico é arenoso, com presença de quartzo de 0,1 cm e sinais de reaproveitamento de fragmentos de cerâmica e argila, visíveis a olho nu. As dimensões granulométricas ficam entre 0,1 e 0,3 cm devido aos grãos maiores de cerâmica moída.

As tonalidades ocorrentes entre os fragmentos é o ocre-pardacento, pardacento-pálido, pardacento-oliva e pardacento-alaranjado, nesta ordem de freqüência.

As formas são simples, na maioria dos casos semi-esféricas e elipsóides horizontais. Os contornos são simples, com raras incidências de compostos. As bordas são diretas, na maioria dos casos. Os lábios são arredondados. As bases são arredondadas. As dimensões seriam entre 16,0 a 32,0 cm de abertura de boca, 0,9 a 1,2 cm de espessura das paredes e entre 07,0 a 28,0 cm de profundidade.

A moeda, do ano de 1753, feita em cobre, é classificada como moeda provincial sem letra monetária, Casa da Moeda de Lisboa e Rio de Janeiro. Tem diâmetro de 3,5 cm, apresenta um "X" em algarismo romano, seguido por um florão acima do valor, abaixo da coroa real. A data está entre pontos, situados no interior de um colar de pérola, que termina no arco da coroa.

Como a moeda estava em seu contexto original, ela provavelmente data o sítio indicando ser posterior a 1753, aceitável para a região. O assentamento pode ser considerado como um espaço ou zona de formação híbrida, o que pode ser comprovado também pelo fragmento de cerâmica Iberoindígena associado a elementos europeus e ameríndios.

PARTE III - DA ANÁLISE DO MATERIAL

Capítulo VII. O MATERIAL ARQUEOLÓGICO

Aspectos gerais da cerâmica

De acordo com os dados já levantados, o resultado da interpretação do material cerâmico na planície costeira central do Rio Grande do Sul, pode ser dividido e representado por alguns fatores determinantes, tais como: a quantidade e porcentagem de cada tipo decorativo e sua relação com a área do sítio; o tratamento de superfície associado à coloração correspondente; o antiplástico e a química usada na mistura e, por fim, as formas das vasilhas com relação às suas dimensões físicas. Os sítios estudados se encontram registrados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Sul – IPHAN.

Quantidade e Porcentagens

A quantidade de material registrado sobre a superfície de um sítio, inserido na planície, oscila de acordo com o tempo de coleta efetuado pelo pesquisador e da atual situação da vegetação que cobre o solo. Na planície costeira, quando da coleta sistemática, foram demarcadas quadrículas de 3,0 x 3,0 m e 5,0 x 5,0 m, divididas em setores de $1m^2$ para coleta controlada. Na coleta assistemática, foram recolhidos os fragmentos dispersos, com uma freqüência que oscilava entre 03 a 12 fragmentos por m^2 e, na coleta sistemática, de 10 a 58 fragmentos em média por m^2.

O tempo de duração da coleta variou, durante a pesquisa, de acordo com a concentração do material e a disposição do mesmo no terreno, e está intimamente ligado com o número de indivíduos que efetuaram a

[143] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 52, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1997.

mesma. A quantidade de fragmentos por concentração, não só dependeu da situação e comportamento das areias e dunas, como também do tempo de coleta e número de indivíduos. A coleta controlada com GPS foi realizada na superfície da concentração, o que permitiu uma coleta mais segura e variada e, certamente, mais homogênea que possibilitou confrontar a quantidade e as porcentagens de cerâmica entre uma e outra concentração.

Aldeias

A característica química da cerâmica nas aldeias, no caso do grupamento de concentrações, é homogênea. A cerâmica, tanto a quantidade, quanto as porcentagens indicam que sempre numa das concentrações o material aparece com relativa maior quantidade que em outras concentrações ou manchas de terra escura. Com freqüência, uma das concentrações da aldeia possui um número relativamente maior de peças. Esta quantidade, porém, poderia indicar uma ocupação espacialmente maior do que suas vizinhas, ou outras estarem parcialmente cobertas pela areia.

Nas aldeias do Parque Nacional da Lagoa do Peixe (ver tabela), particularmente no sítio RS-LC-54: Parna II[144] ocorre este fenômeno com regularidade; as dunas são as principais responsáveis pela relação entre o tamanho da concentração e a quantidade de material. Todavia, é possível observar as distintas concentrações de material arqueológico, com cerâmica quimicamente semelhante e com as porcentagens das decorações relativamente parecidas. Nas aldeias, com relação ao número de fragmentos por concentração, acontece de uma lente de ocupação apresentar maior espaço e pouco material e outra, não necessariamente a mesma, apresentar maior número de peças, tanto líticas, quanto cerâmicas, ósseas e conchíferas, em espaço reduzido.

No caso do sítio RS-LC-54: Parna II tem-se um total de 524 fragmentos cerâmicos na concentração "B", que possui aproximadamente 10,0 m de diâmetro; em contrapartida a concentração "C" que é a maior em espaço com 15,0 m de diâmetro, possui 280 fragmentos. No sítio RS-LC-55: Adolfo de Araújo, aldeia Mostardas, há esta mesma relação contrária entre quantidade de fragmentos e espaço, por exemplo: na concentração "D" com cerca de 100 m de diâmetro, num tempo total de 01 hora de coleta, aproximadamente, foram coletados apenas 08 fragmentos de cerâmica Tupiguarani, enquanto que na concentração "B" com aproximadamente 30,0 m de diâmetro, foram coletados 521 fragmentos cerâmicos relativamente grandes. Na aldeia Tavares II, sítio RS-LC-64: Estevaldino Luis Rodrigues II, este fenômeno se repete com relação à quantidade de material: na concentração "D" foram coletados 243 fragmentos em uma área de aproximadamente 5,0 m de diâmetro; na concentração "B", que é a maior lente de ocupação, apenas 71 fragmentos.

Na aldeia Tavares I, sítio RS-LC-56: Estevaldino Luis Rodrigues I, as três primeiras concentrações ("A", "B" e "C") possuem uma quantidade aproximada de material, ou seja, por volta de 250 fragmentos, enquanto que nas duas últimas concentrações a quantidade fica em torno dos 50 fragmentos; o diâmetro das lentes de ocupação é relativamente semelhante em área, cerca de 15,0 m². O trabalho das dunas, encobrindo as concentrações, pode indicar a homogeneidade das três primeiras concentrações com relação às outras duas.

Historicamente, se desconhece relação entre a aldeia do Estreito e a do Bojuru e, provavelmente, elas não tenham nada em comum, contudo guardam semelhança em respeito à distribuição e a quantidade do material. Os poucos fragmentos encontrados na aldeia do Estreito estão relativamente bem distribuídos entre as concentrações, ou seja, nas "casas". Isto indicaria que, provavelmente, haveria uma relativa escassez de vasos cerâmicos em aldeias, nos grupamentos de concentrações recentes. O gráfico da quantidade de cerâmica nas aldeias relativamente mais antigas se comportaria da maneira do gráfico A e as provavelmente mais recentes de acordo com o gráfico B:

[144] Registrado pela primeira vez por MENTZ RIBEIRO em 1996.

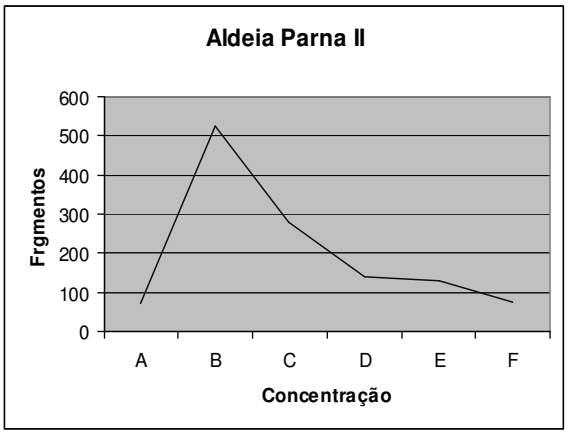


Figura 31. Gráfico A

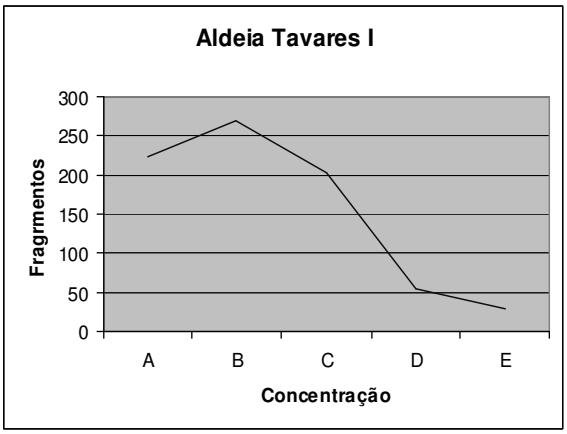


Figura 32. Gráfico B

Os picos de ocorrência de material cerâmico são bastante desnivelados; em ambas as ocasiões, duas ou três concentrações do sítio apresentaram relativamente poucos fragmentos. A diferença está no pico quantitativo, no caso acima, o gráfico A.

As concentrações isoladas apresentam quantidades relativas dependendo basicamente do tempo de coleta e da área coletada. Como foi realizada coleta por toda superfície das concentrações isoladas, a variação se dará pelo tamanho da área em que o material é distribuído, o que, no caso da planície costeira central, não vale para as aldeias, onde o tamanho da mancha ou concentração não representa diretamente o resultado quantitativo de material. Portanto, quanto maior é a concentração em sítios isolados, provavelmente, maior será o número de fragmentos coletados. Os sítios guardam diferenças regionais, ou seja, a relativa quantidade de material encontrado nos sítios dos arredores do Parque Nacional da Lagoa do Peixe é maior do que a dos sítios isolados puros na porção ocidental da lagoa, ou seja, na face ocidental da restinga. O sistema ambiental da Lagoa do Peixe é provido de ampla área para caça, pesca e plantio e, por sua vez, a margem da Lagoa dos Patos possui uma área de mata de restinga menor e desfavorecida, provavelmente o fator que proporcionou o surgimento de aldeias no entorno da Lagoa do Peixe e não nas margens da Lagoa dos Patos.

		Simples		Corrugado		Ungulado		Pintado		Inclassificável		Total
PARNA	I	01	50,0	-	-	-	-	01	50,0	-	-	02
	II	164	13,4	867	71,3	39	3,2	112	9,2	27	2,2	1215
	III	01	7,6	06	46,1	03	23,0	01	7,6	02	15,3	13
	IV	06	27,2	05	22,7	-	-	02	9,0	09	40,9	22
	V*	53	25,6	74	35,7	34	16,4	05	2,4	40	19,3	207
	VI	41	19,0	102	47,4	20	9,3	21	9,7	24	11,1	215

* No sítio RS-LC-66: Parna V existem também 06 fragmentos escovados na superfície externa e 07 fragmentos decorados com técnica associada.

Tabela 46. Distribuição do material cerâmico nos sítios do Parna.

A maior parte dos cerritos e sambaquis, além dos sítios a céu aberto da tradição Umbu, estão concentrados na porção ocidental, junto à Lagoa dos Patos. Os sítios já ocupavam aquele espaço quando da chegada dos portadores da tradição Tupiguarani, que se estabeleceram, provavelmente, nos lugares mais acessíveis no momento, ou seja, a Lagoa do Peixe. As lagoas, lagos e banhados que formam o sistema deposicional Barreira IV, provavelmente serviram de rota para estes grupos horticultores, uma vez que o mato é mais largo e denso em relação ao ocidental, aumentando as probabilidades de um plantio bem sucedido que possibilitaria o sustento de um maior número de pessoas.

As porcentagens diferem de acordo com a sensível proximidade do sistema ou cordão de dunas, ou seja, quanto mais próximo o sítio está do cordão, possivelmente mais material será registrado. São estes sítios, então, que possuem a maior concentração de material arqueológico; a densidade, em alguns sítios, pode ser percebida olhando-se diretamente a superfície. Outra questão sobre a quantidade de material registrado em sítios isolados, diz respeito à sua proximidade com sítios não Tupiguarani, como no caso, os da tradição Umbu. Não foi possível observar alterações na porcentagem e quantidade, quando da proximidade com estes sítios, porém, perceberam-se variações em elementos decorativos, como por exemplo, a maior porcentagem de fragmentos pintados em sítios Tupiguarani junto aos sítios da tradição Umbu.

Isolados puros

Os sítios isolados, afastados das dunas, em distâncias que variam entre 300 a 1000 m, possuem freqüentemente uma quantidade relativamente menor de material arqueológico daquelas concentrações

próximas das dunas. O capim e o pasto, talvez tenham influenciado na coleta uma vez que a visibilidade do solo ficava comprometida. Mesmo assim, em áreas aradas distantes das dunas, a quantidade de fragmentos permaneceu menor do que nos sítios junto às mesmas. As áreas mais afastadas das dunas, onde estão alguns sítios, provavelmente seriam o "limite antigo" da cobertura vegetal. É visualmente perceptível o recuo da mata, principalmente na área do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, seja por ações climáticas ou antrópicas, mantendo-se atualmente apenas por sobre as dunas. O micro-ambiente regional de formação quaternária, particularmente holocênica como é o caso da Ilha do Leonídio, no município de Rio Grande, ainda preserva a mata de restinga na Barreira IV e, por sobre a plataforma sedimentar da Barreira III mantém cerca de 4,0 km de mata fechada.

O recuo da vegetação nativa, basicamente arbórea e arbustiva, por sobre as dunas, fez com que os acampamentos posteriores de uma mesma área se deslocassem, aproximando-se da zona de mato. É provável que o recuo da mata tenha ocorrido por volta de 1000 a 1400 d.C.; não foram grandes mudanças na paisagem nem no ambiente, a mata simplesmente reduziu seu tamanho concentrando-se no limite entre a Barreira III e IV. O habitante da planície teria percebido e acompanhado a redução da mata. A relação entre quantidade e proximidade da duna é observada no sítio RS-LC-43, 44: Ildefonso Braga "A" e "B"; no sítio "A" são 06 fragmentos e no "B" são 62 fragmentos, sendo que o sítio "B", com maior quantidade de material, está entre e sobre as dunas e o "A", com poucos fragmentos, encontra-se numa distância de aproximadamente 1,5 km (ver Figura 20).

No sítio RS-LC-43: Ildefonso Braga houve coletas anteriores, praticadas por pesquisadores amadores da região, que além da indicação do sítio, emprestaram o material para análise. Como, na maioria dos casos, o material estava na superfície e o pesquisador amador registrava a procedência, a ação não interfere na análise; pelo contrário, suas informações são de riquíssimo valor, pois não se teria chegado ao sítio sem elas, sendo que o mesmo já está destruído pelo plantio de pinus.

Híbridos

Os sítios híbridos apresentam, na cerâmica, características também híbridas. Em relação à quantidade e porcentagem de fragmentos cabe ressaltar que um número relativamente grande de sítios se encontra na porção meridional da restinga da Lagoa dos Patos. Na contagem e análise dos fragmentos, a relação com o espaço é bastante perceptível. Neste sentido, os sítios híbridos mais ao sul da restinga, ou seja, na região de Capivaras, Passinho, Saraiva, Retiro e Areias Gordas, município de São José do Norte, possuem quantidades relativamente menores de cerâmica Tupiguarani que os sítios erodidos sobre dunas da porção média da planície central.

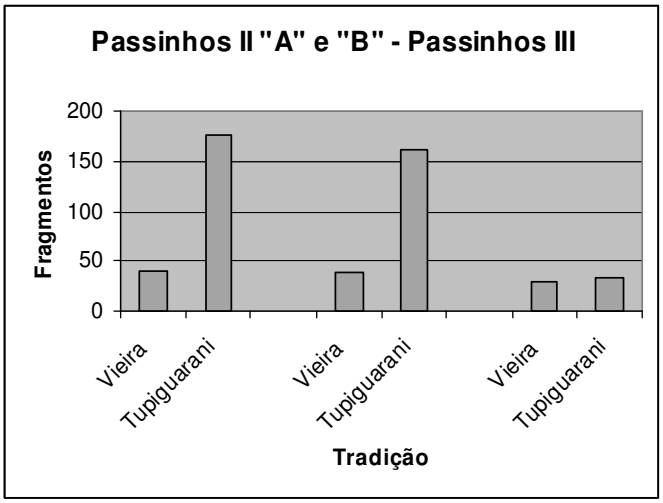


Figura 33. Gráfico C

Na maioria dos casos, a quantidade de cerâmica Vieira é menor que a cerâmica Tupiguarani; por exemplo, nos sítios RS-LC-08, 40: Passinho I e II e RS-LC-29: Antenor Paiva a proporção é de 03 por 01, ou seja, três fragmentos coletados de cerâmica Tupiguarani para cada um de cerâmica Vieira. Em alguns sítios a quantidade se aproxima da igualdade, como no caso do sítio RS-LC-41: Passinho III (ver Gráfico C). Isto não ocorre na totalidade dos sítios: no caso dos sítios RS-LC-03, 04: Capivaras I e II a quantidade relativa de fragmentos de cerâmica Vieira é maior (aproximadamente 92,0%) do que a de fragmentos de cerâmica Tupiguarani, mesmo se tratando de sítios erodidos sobre dunas, que caracterizam uma ocupação Tupiguarani (ver Gráfico D).

A justaposição, provavelmente, reflete, simplesmente, uma ocupação sobre ou ao lado da outra. Em sítios híbridos a hipótese de sobreposição não se sustenta, devido à presença de fragmentos de cerâmica híbrida, ou seja, características decorativas tipicamente Tupiguarani mescladas com técnicas químicas de confecção da tradição Vieira. Porém, a presença deste tipo de material é escassa, e aparece, em geral, em apenas 03 a 10 fragmentos por sítio. Para cada 42 fragmentos de cerâmica das tradições Tupiguarani e Vieira, quando associados, existem 04 fragmentos de cerâmica híbrida. A hipótese do contato é a que mais se sustenta, mas não é a regra: em alguns sítios meridionais são evidenciadas ocupações distintas e não contemporâneas, claramente sobrepostas.

Reocupados

Nos sítios reocupados a cerâmica Tupiguarani é escassa. A probabilidade de se encontrar 01 fragmento é de 50,0%; 03 = 40,0%; 5 = 30,0%; 10 = 15,0% e assim por diante. Cálculo que é resultado da contagem dos fragmentos de sítios reocupados, entre uma população de aproximadamente 100 fragmentos.

Também nestes sítios aparecem fragmentos híbridos. Entretanto, foi decidido classificá-los de forma diferente, devido ao fato de serem encontrados sobre tipos específicos de sítios, tais como os cerritos e os sambaquis. A cerâmica híbrida sobre estes locais, apresenta as mesmas características dos demais fragmentos cerâmicos aculturados, diferenciando-se apenas pela posição espacial em relação aos demais sítios da planície costeira central. A proporção da presença desta cerâmica não foi calculada, todavia, equivale à da cerâmica Tupiguarani em sítios reocupados.

Nos sambaquis marinhos encontra-se cerâmica da tradição Vieira e, em alguns casos, 03 a 05 fragmentos de cerâmica Tupiguarani. Na orla da Lagoa dos Patos, nas proximidades de Tavares, particularmente nos sambaquis lacustres do Capão da Marca e do Farol da Marca, a cerâmica Tupiguarani é relativamente rara; apenas no sambaqui do Capão da Marca "A" foram registrados 06 fragmentos da cerâmica. Nos sítios RS-LC-11, 12: Chico Bóis "A" e "B", no Pontal do Cristóvão Pereira, município de Mostardas, constatou-se a proporção de um fragmento Tupiguarani para cada um da tradição Vieira; entre os dois sítios são 08 fragmentos da tradição Tupiguarani para 07 da tradição Vieira.

Ocorre, também, o fenômeno inverso, isto é, o sítio com características de implantação não Tupiguarani com a presença significativa da cultura material desta tradição. O sítio RS-LC-28: Dilmo Martins, localizado nas margens da lagoa dos Patos, na Barreira IV, próximo a uma sanga, foram coletados 420 fragmentos Tupiguarani diante de 17 fragmentos da tradição Vieira, representando a primeira 96,0% da população coletada. No caso dos sítios RS-LC-62, 60: Capororoca I e II, localizados no Parque Nacional da Lagoa do Peixe, a quantidade de cerâmica Vieira é mínima, representada por 02 fragmentos que provavelmente foram trazidos de outra área.

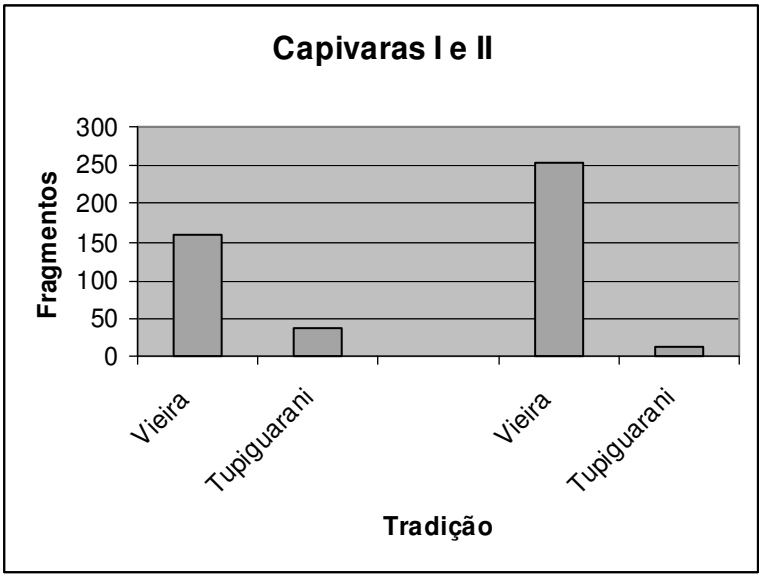


Figura 34. Gráfico D

Nos cerritos a cerâmica Tupiguarani é escassa. No sítio RS-LC-51: Emílio V. de Sousa, apareceram 04 fragmentos entre eles 01 corrugado e 01 pintado externamente de vermelho sobre branco. Nas barrancas do açude havia vestígios de ocupação Tupiguarani, bem como na estrada de chão que leva ao sítio. O grupo portador da tradição Tupiguarani reocupou cerritos; as razões poderiam ser a área habitacional do grupo

reduzida e pouco espaço para plantar nas proximidades. Provavelmente reocuparam os concheiros, usando-os como sítios de pesca. A relação com os cerritos poderia ter sido de invasão, troca ou interação cultural.

Tratamento de superfície

O tratamento predominante de superfície na porção central da planície costeira é o alisado na face interna, o corrugado, o pintado e o escovado, os três últimos na face externa, nesta ordem de ocorrência. As aldeias, com exceção de Nossa Senhora da Conceição do Estreito, apresentam números significativos de cerâmica corrugada na face externa. No sítio RS-LC-31: Barranco "A", 82,3% dos fragmentos são corrugados, contra 17,6% de fragmentos com outros tratamentos de superfície.

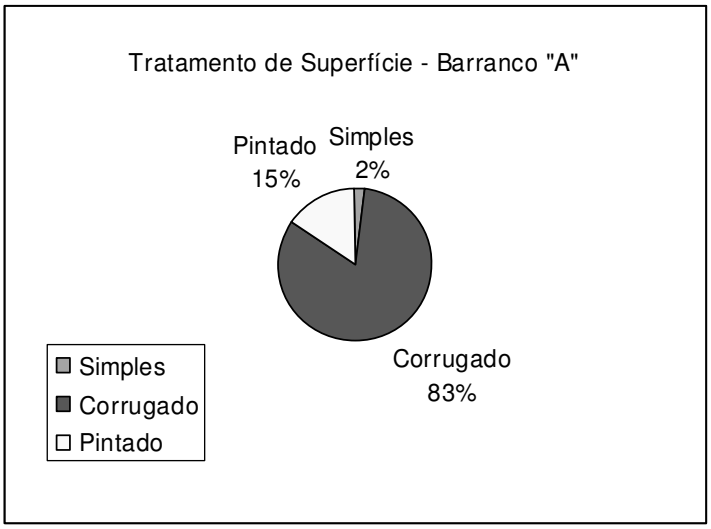


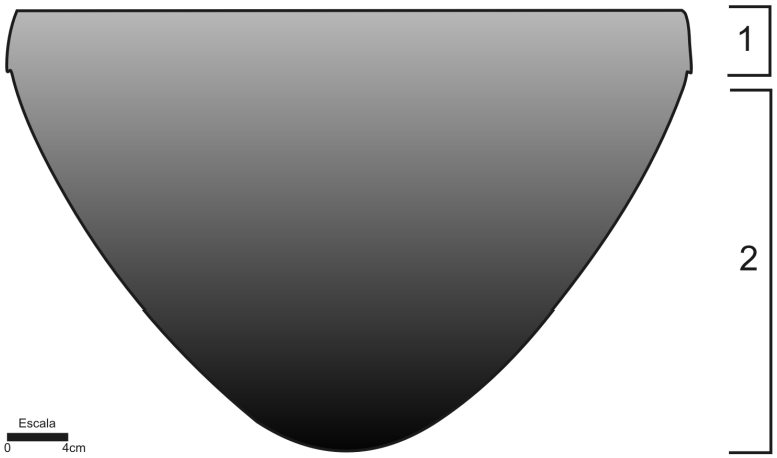
Figura 35. Gráfico E

Nas aldeias, os fragmentos corrugados apresentam sinais de espátula com ponta plana ou pontiaguda, unha, fibra, impressão digital, impressão de vegetais. As evidências que ficaram marcadas na pasta, antes da secagem, indicam uma preocupação maior com o resultado final da superfície. Mesmo tendo um propósito funcional pré-determinado, o acabamento é, também, decorativo. No sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima foram recuperadas urnas que, próximo à borda apresentavam um tipo de corrugado mais agregado, menos espaçado e com infiltrações ungueais mais recorrentes, ao passo que no corpo da vasilha as corrugações são mais espatuladas e espaçadas. Este tipo é comum em sítios isolados puros e não é registrado nos fragmentos de borda do sítio RS-LC-54: Parna II, por exemplo.

		Simples		Corrugado		Pintado		Inclassificável		Total
TG	Capororoca I	12	40,0	04	8,6	01	3,3	13	43,3	30
	Capororoca II	14	28,0	10	20,0	05	10,0	20	40,0	50

Tabela 47. Distribuição do material cerâmico nos sítios Capororoca I e II.

Observa-se a similitude dos corrugados de uma mesma área (sítio isolado ou aldeia) e sua dessemelhança com sítios de outra área (outra aldeia ou outro sítio isolado). De fato, na planície costeira central, os corrugados não são todos iguais, quando relacionados entre as aldeias. A variação na posição das reentrâncias é sutil e, conseqüentemente, oscila de oleiro para oleiro, canhoto ou destro, etc. As macro-oscilações decorativas, numa mesma vasilha, em determinada população de vasilhas pertencentes a um mesmo contexto, revelam mudanças demográficas.



Corrugado 1: corrugos aproximados, infiltrações ungueais mais freqüentes, oscilação da depressão entre os corrugos.
Corrugado 2: corrugos aplicados regularmente, espaço homogêneo entre os mesmos, ausência de infiltração ungueal.

Figura 36. Variação da intensidade, proximidade e profundidade das corrugações de acordo com a coloração.

Na figura acima a variação da tonalidade representa a intensidade e proximidade entre as corrugações; a mais clara indica proximidade alta das corrugações e infiltrações ungueais freqüentes; as cores médias, no centro da vasilha, indicam a regularidade entre as corrugações e poucas ocorrências de infiltração ungueal; a cor mais escura, na base da vasilha, indica distância maior entre as corrugações e ausência de infiltrações ungueais.

O acabamento final esteve sob influência direta da secagem e variação de temperatura. Nos sítios RS-LC-56, 64: Estevaldino Luis Rodrigues I e II, podem-se observar ranhuras, rachaduras e "craquelações" internas, acidentes plásticos encontrados também na cerâmica do sítio Barranco "A" e "C".

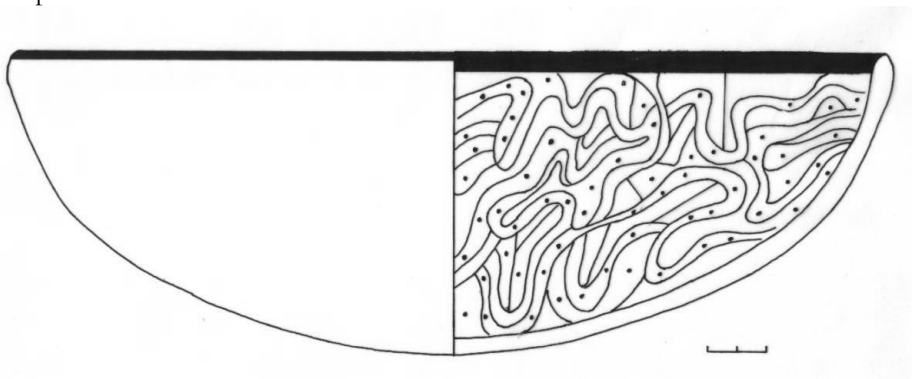
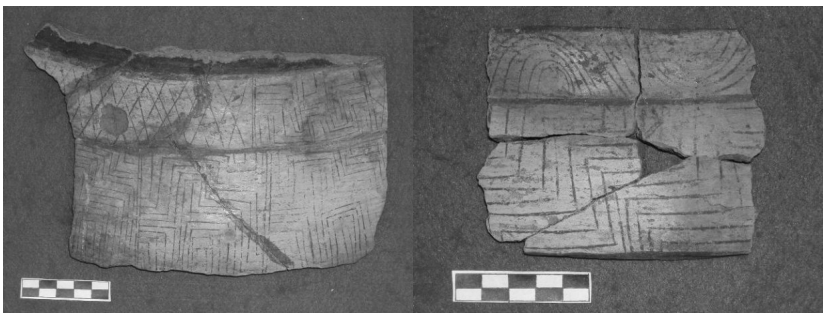


Figura 37. Vasilha Tupiguarani pintada de vermelho e preto sobre branco, internamente, com motivos curvilíneos, RS-LC-31: Barranco "A", escala 2,0 cm.

Estas fissuras, encontradas na face interna dos fragmentos e das vasilhas, estão ligadas diretamente à plasticidade da pasta e sua relação queima-secagem. Ranhuras no banho ocorrem em maior grau em sítios isolados puros. Nas aldeias o banho e o polimento interno, tendem a ser mais firmes e estáveis; em contrapartida, nos sítios reocupados, o tratamento final pré-cocção é bastante precário em 68,2% dos fragmentos analisados (ver Gráfico F).



Fotos 10 a 13. Fragmentos de vasilhas pintadas externamente, porção central e sul da planície costeira do Rio Grande do Sul.

No gráfico é possível visualizar a porcentagem de fragmentos, da população geral, que apresentou melhor tratamento de superfície.

Nos fragmentos pintados, tanto na face interna, quanto na externa, observa-se uma preocupação maior com o acabamento. Apresentam um bom término total pré-queima, ou seja, o processo decorativo realizado antes da cocção é considerado bom. A pintura seria como que "piro-fixada" já que seus componentes químicos são minerais e não vegetais. A temperatura do fogo serviria como um "catalisador" e um "fixador" da tinta; "catalisador" porque aceleraria o processo de confecção e "fixador" fazendo com que os pigmentos minerais se agregassem na argila através da alta temperatura, entre os 250° e 600°.

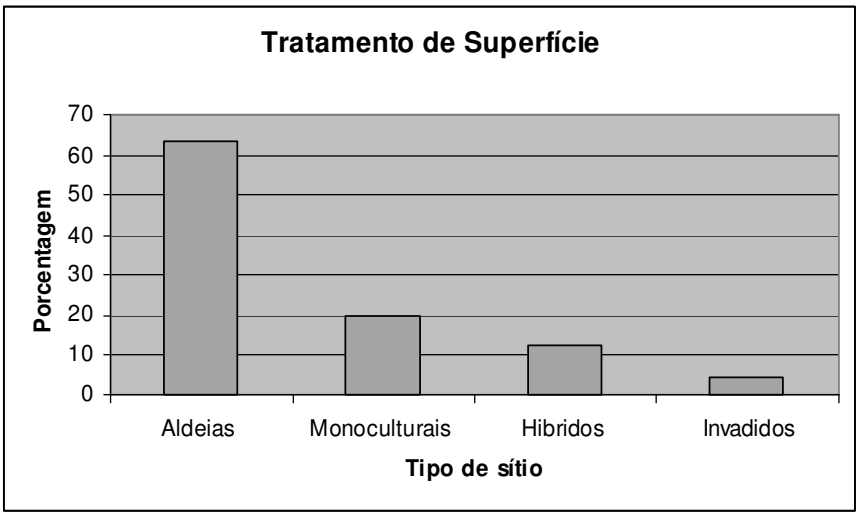


Figura 38. Gráfico F

A correlação do tratamento de superfície com a forma da vasilha é a seguinte: as vasilhas em meia-calota, de contorno simples e borda direta, abertura de boca entre 14,0 e 34,0 cm, apresentam pintura vermelha sobre engobe branco na face interna; o mesmo tipo de forma, com abertura de boca entre 34,0 e 48,0 cm é corrugado na face externa. As vasilhas globulares com inflexão e com borda extrovertida tendem a serem corrugadas na face externa; já as vasilhas carenadas, compostas e com reforço na borda apresentam, com maior ocorrência, decoração pintada externa. Nestas, o grau de polimento na face interna é mais aprimorado, ocorrendo certas suavidades no polimento para unir os roletes, indicando correções de algumas imperfeições na textura. Os maiores vasilhames tendem a serem corrugados. Vasilhas pintadas de grande porte não foram, até o presente momento, registradas.

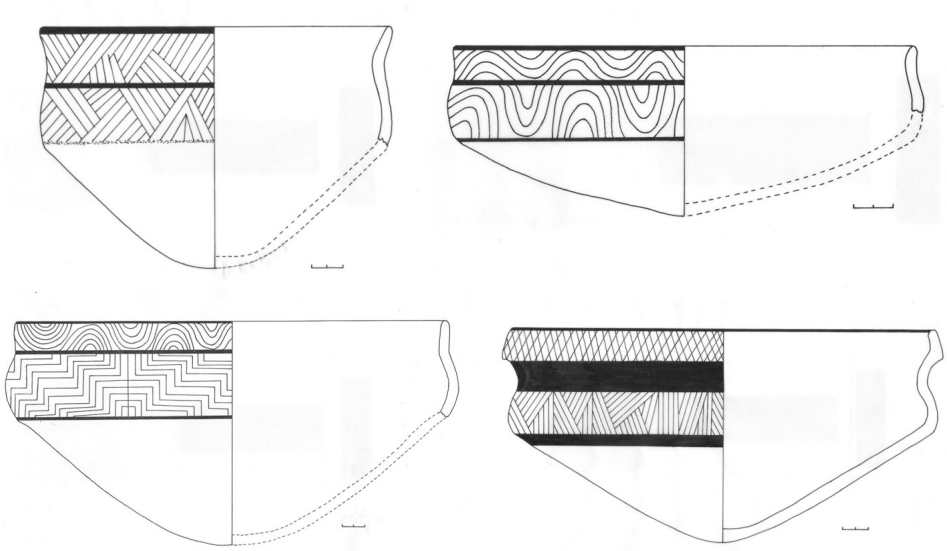


Figura 39. Reconstituição das vasilhas pintadas de vermelho sobre branco, porção central da planície costeira. Escala: 2,0 cm.

As técnicas associadas representam menos de 5,0% do total da população de fragmentos cerâmicos, ocorrendo entre 01 e 03 por sítio e são, na maioria dos casos, corrugados externamente e pintados de vermelho na face interna. Foram constatados fragmentos com decoração escovada na face externa e pintada na face interna, bem como o vermelho em ambas as faces ou então vermelho sobre branco na face externa e engobe vermelho na face interna. As combinações de técnicas podem chegar a mais de 20. Algumas decorações saem da rotina cultural típica da tradição Tupiguarani como o caso de uma vasilha que compunha a coleção José Celso Colares, com pontos vermelhos espalhados pela peça, em *petit-poi*.

Fotos 14 e 15. Vasilha *petit-poi* vista de topo e perfil lateral.

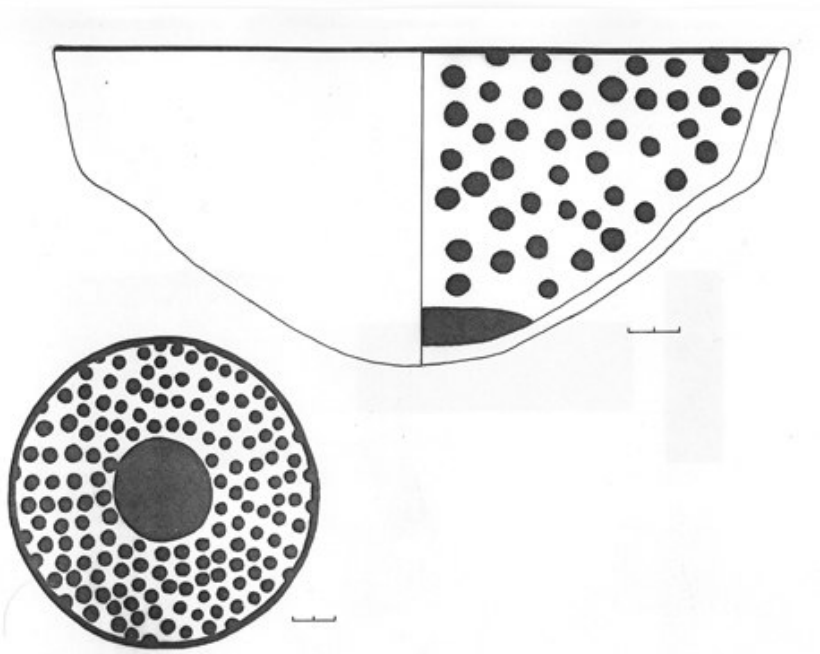


Figura 40. Vasilha *petit-poi* da Coleção José Celso Colares, vermelho sobre branco, escala 2,0 cm.

A espessura da camada de banho mede 0,2 cm, em média; no entanto ocorrem espessuras desde 0,09 a 0,45 cm. Em algumas amostras, principalmente daquelas registradas na região de Tavares, em sítios isolados, aparecem freqüentemente imperfeições no banho e no polimento, dando a impressão de terem sido feitos e aplicados com a ponta dos dedos, sem o uso de outro material, como a espátula ou o alisador. As porções da vasilha com as imperfeições são a base superior interna da carena, provavelmente por não a alcançarem e não visualizarem com precisão. Provavelmente existe correlação entre o tamanho do sítio e a qualidade do banho; nos sítios relativamente maiores o banho possui melhor acabamento, portanto melhor qualidade (ver Gráfico G). No gráfico G, está representada a porcentagem de quantos fragmentos apresentam boa qualidade de aplicação do banho em relação ao tipo de sítio. Pode-se notar que a qualidade do banho decai em sítios invadidos ou reocupados.

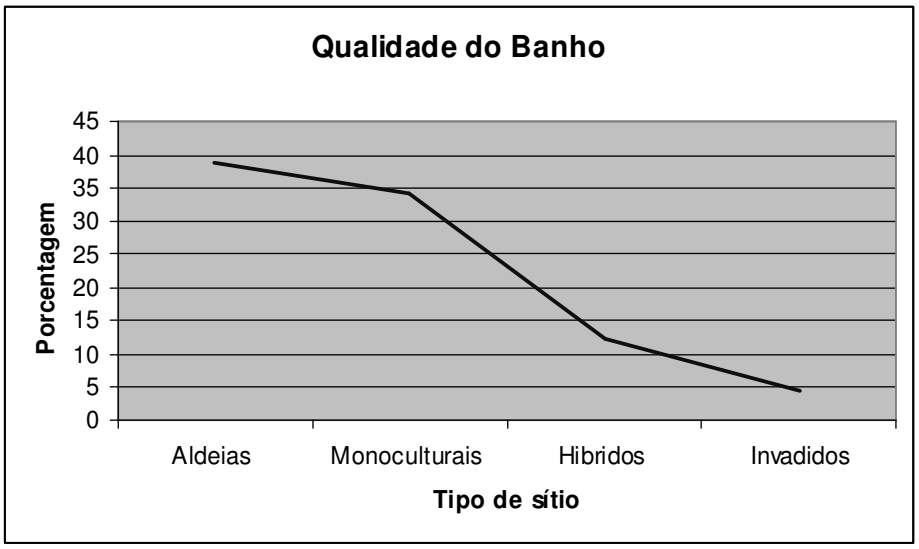


Figura 41. Gráfico G

As cores da superfície dos fragmentos variam de acordo com o processo de cocção. Em linhas gerais, existe um padrão pardacento-ocre ocorrendo entre avermelhado e amarelado. A queima incompleta cria um quadro variado de tonalidades; o tempo de secagem e o polimento podem gerar alteração na tonalidade plástica final. Dos fragmentos analisados, 51,8% eram pardacentos com manchas sépia; 23,8% pardacento-alaranjado com manchas cinza; 34,4% são pardacento-avermelhados com manchas sépia, cinza e preta. Os fragmentos foram observados em ambientes abertos, utilizando-se luz solar e a paleta de classificação de

cores segundo Schwaneberger[145]. Não foi observada nenhuma relação das cores com as categorias utilizadas, isto é, tipo de sítio, forma, tamanho, tratamento, etc. Apenas em relação à pasta, mas que ainda não foi determinada, pois a aplicação e afloramento do tempero na superfície também alteram a tonalidade dos fragmentos.

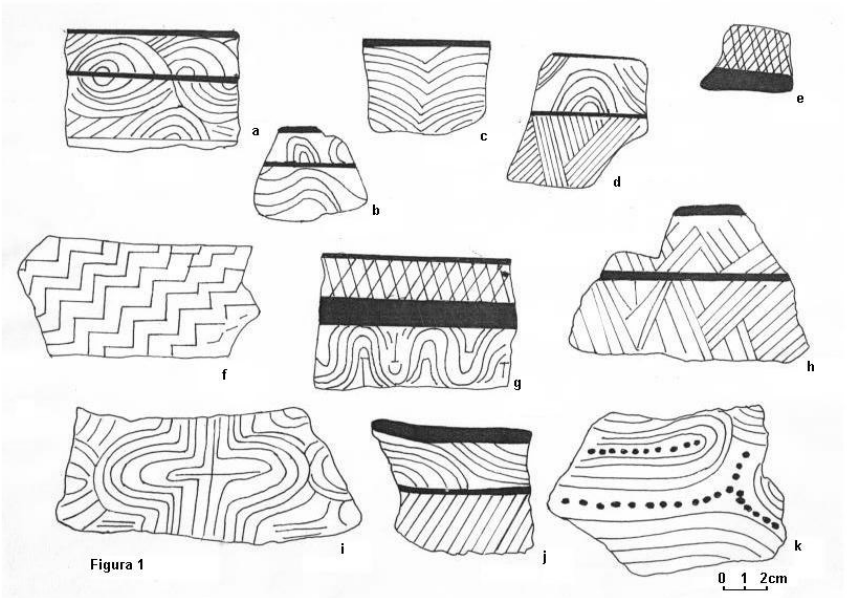


Figura 42. Fragmentos de vasilha pintada interna (c, k) e externamente (a, b, d, e, f, g, h, i, j).

As cores da superfície dos fragmentos podem ser o resultado da combinação de matéria-prima plástica utilizada com as técnicas de queima e secagem (ver Gráfico H). Além das tonalidades acima indicadas, ainda ocorrem fragmentos com tonalidades pardacento-oliva, pardacento-lilácea, ocre-pardacenta, cinza-pardacenta, marrom, ocre, marrom-avermelhada, palha e sépia. Dependendo da queima, a face interna é mais escura que a externa, e ocorre quando o núcleo queimado se concentra na face interna.

Os resíduos carbônicos de alimentação, em alguns vasilhames, aparecem na base interna, com tonalidades entre o preto-liláceo e o preto. Em raras exceções, no caso as duas urnas do sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima, as vasilhas apresentavam manchas de carbonização concentradas na face interna (18,0 cm antes do lábio), que pode ter sido resultado da entrada de sedimento arenoso, quando da quebra da tampa, formando uma "faixa" negra de oxidação onde a areia não cobriu ou soterrou.

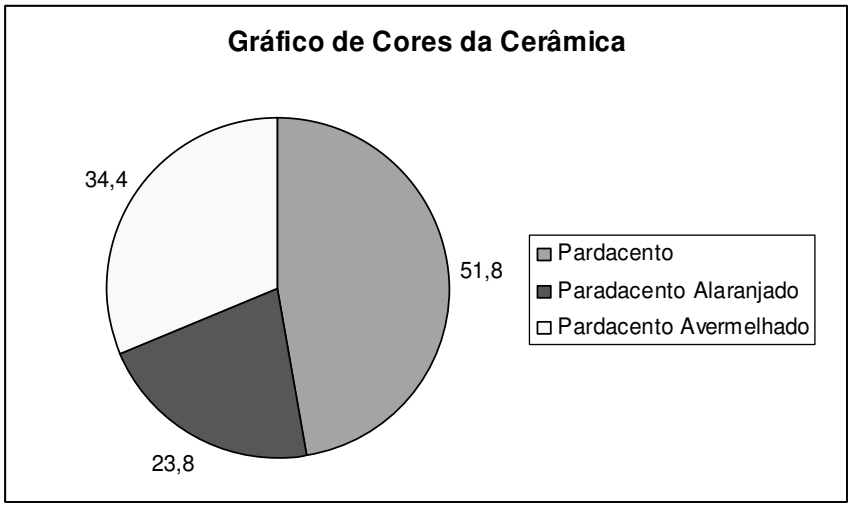


Figura 43. Gráfico H

[145] SCHWANEBERGER, 1963.

Nos sítios da orla marinha, principalmente nos sambaquis, os fragmentos apresentavam tonalidades mais escuras, provavelmente ocasionadas pelo acréscimo de sódio ou água salgada na pasta, ocasionando uma espécie de micro-vitrificação escura na face de alguns fragmentos.

A dureza oscila de acordo com o amassamento da pasta, sua textura e composição mineralógica. Alguns fragmentos alcançaram o grau 5, segundo escala de Mohs, isso porque havia grãos de quartzo aflorando em superfície. Em geral, ocorreram graus entre 2 e 5, predominando algo entre 3 e 4, provavelmente 3,5.

Pasta

A mistura da pasta com o antiplástico, seu amassamento, sua manipulação e plasticidade, sua desidratação, indicam que, na planície costeira central, a química é o resultado das especificidades da cultura. Através da análise química, observou-se uma variação significativa na composição entre regiões distintas. Por exemplo, o processo químico usado nas aldeias da Lagoa do Peixe é distinto daquela química usada na região de Bojuru. Mesmo havendo micro-variações geológicas, a formação sedimentar quaternária é semelhante nas áreas estudadas, fazendo que os diversos tipos de matéria-prima estivessem à disposição dos grupos. No entanto, a química e a escolha dos produtos naturais são culturalmente direcionadas, fazendo com que o conjunto de fragmentos de uma aldeia seja diferente do conjunto de um sítio vizinho isolado ou híbrido.

A análise do material revelou um campo de previsibilidade entre fragmentos de uma mesma aldeia, pois se sabia previamente qual tipo de pasta, amassamento, mistura, queima e antiplásticos seriam encontrados no restante dos fragmentos, a partir de um conjunto de 10 peças. As texturas da pasta, tonalidades e localização do núcleo foram itens que variavam de fragmento para fragmento. No entanto, a quantidade relativa de antiplástico na pasta e na qualidade da mistura, indicavam uma espécie de "padrão" plástico. Nos fragmentos com pasta bem misturada, normalmente encontravam-se fraturas regulares, inclusive com impressão do positivo e negativo dos roletes, ao contrário dos misturados precariamente, onde a fratura, na maioria dos casos, é irregular.

O bom amassamento nem sempre é seguido de uma boa mistura. No sítio RS-LC-31: Barranco "A", 84,0% dos fragmentos apresenta boa qualidade de amassamento, sua mistura, porém, é composta de variada espécie de antiplástico, incluindo espículas calcárias e concha, bem como grãos espessos de cerâmica triturada. Mesmo com um bom amassamento, não foi possível obter uma boa mistura, principalmente pela variação no antiplástico. Já nos fragmentos com antiplástico arenoso fino, a química é notadamente otimizada, relacionando um forte amassamento com reação química bem definida, sendo, inclusive, possível notar uma homogeneização na mistura. Essa homogeneização é observada, com maior freqüência, nas aldeias e nos sítios isolados.

A pasta argilosa para a confecção das vasilhas pode ser encontrada nas proximidades do sítio, em afloramentos na Barreira III, na forma de "capas" argilosas que podem chegar a 3,0 m. Existe uma camada de areia sobre a argila depositada que pode variar de 0,30 até 20,0 m. Na soma das amostras verificadas, quase toda a população de fragmentos possuía sílica (SiO_2) no seu corpo plástico. Dois tipos principais de pasta, provavelmente de depósitos próximos aos sítios, foram classificados: *pasta sílto-arenosa e pasta argilosa*. A diferença pode ser observada diretamente na adição do antiplástico; freqüentemente a pasta argilosa vem associada a maior diversidade e grãos maiores, enquanto que na pasta sílto-arenosa, são adicionados apenas grãos finos de quartzo. A plasticidade dos compostos sílto-arenosos é maior, portanto perde em elasticidade, rachando e desagregando.

Para classificar o tipo de pasta, sua composição e qualidade de amassamento e mistura, foi triturado 01 (um) pequeno fragmento de cada sítio. Os resíduos foram observados na lupa binocular com aumento de até x12 (doze vezes). A química destes resíduos, bem como sua composição, foi comparada com fragmentos inteiros observados a partir do perfil. Estrias longitudinais e transversais oscilavam de acordo com a intensidade do amassamento outrora aplicado. A observação indicou que ocorre uma pequena oscilação química entre o amassamento e o tipo de pasta. As pastas sílto-arenosas não apresentavam boa qualidade de amassamento; enquanto que as argilosas, com antiplástico mais espesso indicam elementos e evidências de um melhor amassamento. As pastas argilosas tendem a ser, em relação às pastas sílto-arenosas, mais compactas, mais firmes, apresentar sinais de queima mais controlada. Em contrapartida, as pastas sílto-arenosas apresentaram mais homogeneidade na mistura, provavelmente, devido ao uso da areia que é facilmente misturada.

Essas informações foram observadas em uma experiência de três meses (jan, fev, mar – 2004) e poderiam surtir mais resultados a partir de maior tempo de análise. Pode-se entender que a química plástica utilizada foi culturalmente orientada, apresentando características semelhantes em um mesmo nicho, aldeia, por exemplo. Com relação à pasta, o grupo de pessoas que coletou a matéria-prima foi, provavelmente, o

mesmo grupo que elaborou e concluiu a confecção da cerâmica. Supõe-se que o grupo conhecia o solo e sabia onde poderia ser encontrada a matéria-prima, dependendo da região.

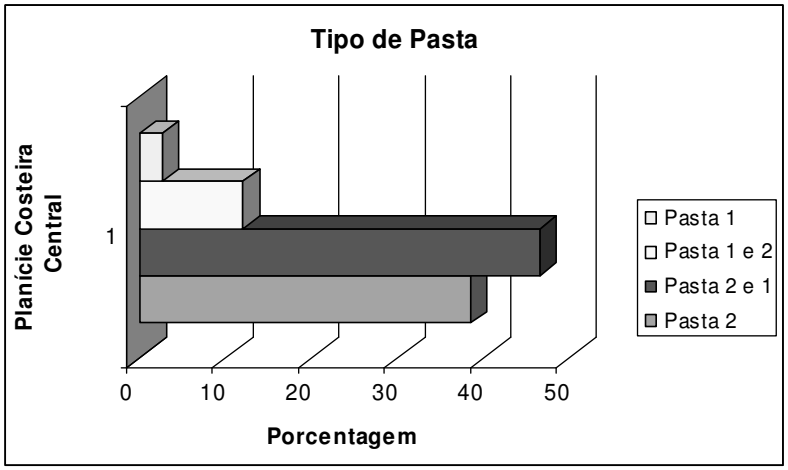


Figura 44. Gráfico I

No gráfico I: Pasta 1 = Sílto-arenosa e Pasta 2 = argilosa. Foi possível visualizar a predominância, nos sítios da planície, de pasta argilosa associada a alguns fragmentos com pasta arenosa. Observou-se, ainda, que os sítios espacialmente maiores, que possuíam maior concentração de material, tendiam a apresentar pasta argilosa na maioria dos fragmentos. Nos sítios isolados, menores, a probabilidade de apresentarem pasta arenosa foi bem maior do que nos sítios que caracterizam aldeias. Nos sítios híbridos, a pasta é mal amassada, e possui uma composição mineralógica diferente, normalmente formada por minerais arenosos, com menos concentração de quartzo e relativa presença de impureza orgânica.

Nos cerritos e sambaquis, a pasta é, freqüentemente, sílto-arenosa. Relativamente mal misturada, com impureza, desidratada irregularmente, causando fissuras na massa. Em alguns casos, como os sítios RS-LC-50: Antonio Bernardino Pereira, RS-LC-59: Sambaqui Capão da Areia, RS-LC-12: Chico Bóis "B", foram encontrados fragmentos que apresentavam excelentes composições e amassamentos, relativamente bem misturados, sugerindo, então, fragmentos de origem externa, isto é, não locais. Provavelmente originários de aldeias próximas que, em certo momento, trocaram vasilhas com os grupos das margens, tanto da Lagoa dos Patos, como da orla marinha.

Antiplástico

Existem três tipos básicos de antiplástico na planície costeira. Os *síltosos*, basicamente formados por grãos de quartzo, com oscilação granulométrica entre 0,01 e 0,3 cm, que podem ser divididos em areia fina, média e grossa. Os *misturados* são aqueles que reúnem uma variedade significativa de grãos, tais como os plagioclásios, os feldspatos, as espículas calcárias, os elementos fibrosos; nestes casos o quartzo é angular, provavelmente de depósito terrestre. Os *triturados*, que são caracterizados pelo reaproveitamento de cacos de cerâmica, moídos, e adicionados na composição junto com outros elementos moídos, tais como seixo de rio e outros minérios triturados, como a hematita e o minério de ferro. Nos triturados, normalmente se encontra uma variação granulométrica maior, oscilando entre 0,09 e 0,25 cm. Os triturados são melhor misturados na pasta, normalmente associados a aldeias.

O antiplástico de cerâmica triturada provavelmente foi usado nas aldeias porque, além de ser mais fácil de esmagar do que rochas, pode ser ali conseguido em abundância através dos fragmentos descartados. Somente nos sítios que caracterizam aldeias, como o RS-LC-54: Parna II, RS-LC-31: Barranco, RS-LC-55: Adolfo de Araújo e RS-LC-56: Estevaldino Luis Rodrigues, existiria a quantidade de fragmentos cerâmicos descartados necessários para confeccionar antiplástico suficiente para os potes produzidos. Em sítios menores e isolados a ocorrência é menor. Nos sítios RS-LC-31 ao 36: Barranco "A" a "E", notou-se uma relação ainda imprecisa[146] do antiplástico com a decoração; ou seja, 62,8% dos fragmentos pintados apresentavam antiplástico fino, composição fina até 0,05 cm, basicamente de quartzo; e em 71,4% dos fragmentos corrugados o antiplástico era do tipo triturado, com grãos espessos de cerâmica moída.

Nos sítios híbridos RS-LC-08: Passinho I, RS-LC-30: Areias Gordas, RS-LC-03: Capivaras e RS-LC-29: Antenor Paiva os elementos são mais confusos. O antiplástico utilizado não tem relação com a orientação

[146] Imprecisa por ter sido esta correlação decoração – antiplástico, observada num dos sítios e não testada nos outros.

cultural ou a química de confecção e, provavelmente foram adicionados como teste, pois freqüentemente não combinam com a pasta ou com a cultura do sítio. Alguns fragmentos híbridos analisados indicam que o antiplástico mineral triturado, com espessuras de até 0,35 cm, foi misturado distribuído homogeneamente na pasta que, previamente bem amassada, possuía decoração corrugada e furo de suspensão. Neste caso o antiplástico, composto de espessos grãos triturados de quartzo, não combina nem com a química nem com a tradição Tupiguarani. Cabe salientar que o procedimento químico, provavelmente experimental, da cerâmica híbrida, é relativamente bem sucedido, uma vez que a cerâmica ganha mais densidade com o calor, racha menos e aquece mais devido à distribuição de calor feita pelos cristais.

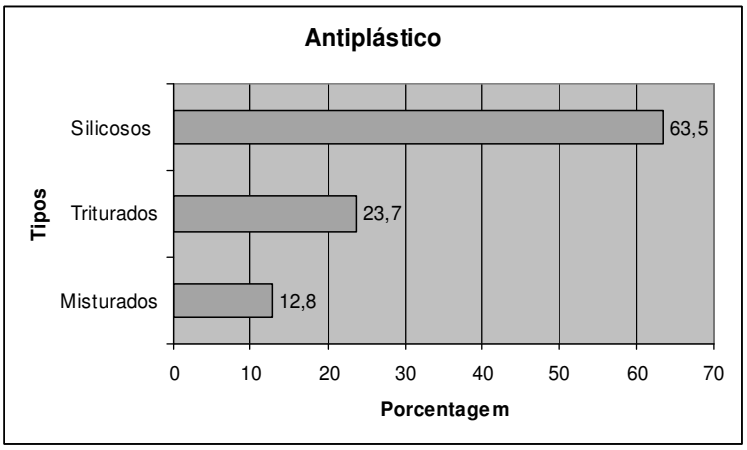


Figura 45. Gráfico J

Deve-se salientar que faltam rochas naturais na planície costeira central; portanto, outros elementos teriam motivado o uso da cerâmica triturada além da falta de rocha. Basta lembrar que nas aldeias o número de resíduos cerâmicos descartados provavelmente era maior, sendo o resultado de uma massa populacional relativamente grande e uniforme. As evidências indicam que o antiplástico com cerâmica triturada foi amplamente utilizado porque, além da falta de rocha, otimizava o processo químico em até, aproximadamente, 90%. A análise do antiplástico é outro elemento que, associado ao método de confecção, ao processo químico utilizado e à decoração, pode diferenciar um contingente cerâmico produzido na aldeia de outro produzido em sítios espacialmente menores e isolados.

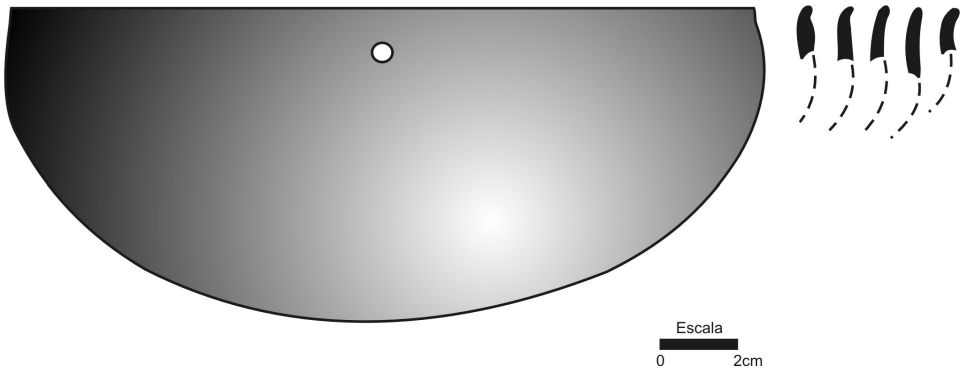


Figura 46. Vasilha reconstituída e bordas. Formas e furo de suspensão da tradição Vieira, decoração e antiplástico da tradição Tupiguarani, RS-LC-04: Capivaras II.

Materiais de diversas origens, que serviram de antiplástico, podem ser encontrados por toda a planície costeira central; no entanto, é a mistura entre os componentes que torna o resultado mais eficiente. Pode-se notar que a cerâmica dos sítios RS-LC-09: Manoel Mariano Machado, RS-LC-57: Sidnei da Silva Machado e RS-LC-58: Levi Farias dos Santos, apresenta uma rica composição de elementos orgânicos associados à pseudo-minerais e obteve uma cocção catalisada e homogênea, devido à distribuição da temperatura no corpo da peça. Para isso, a posição do vasilhame na hora da queima, seria essencial para não rachar e permitir espalhar o calor uniformemente. No sítio RS-LC-54: Parna II, cerca de 68,6% dos núcleos negros da cerâmica estão concentrados na metade interna da parede da vasilha, sugerindo que uma representativa quantidade de vasilhas foi emborcada no chão, posição de boca para baixo, durante o processo de cocção. Deste modo, o antiplástico funcionaria como uma espécie de aquecedor, mantendo a temperatura interna da vasilha elevada.

Foto 16. Vista da fratura do fragmento onde se observa a cor do núcleo e sua concentração da face interna.

Os antiplásticos arenosos, com textura e composição arenosa, são os mais abundantes, como se pode visualizar no gráfico J.

A composição química e pedológica da região se reflete na cerâmica, desse modo os sítios localizados no Parque Nacional da Lagoa do Peixe, possuem diferente composição mineralógica dos fragmentos cerâmicos e do antiplástico daqueles fragmentos ocorrentes nos sítios das proximidades da Vila do Bojuru, pois possuem cargas maiores de feldspatos e plagioclásios na composição.

Os antiplásticos podem ser classificados por nível de freqüência e campo de probabilidade. Neste caso, os resultados indicam que há maior probabilidade de encontrar cerâmica com antiplástico misturado em sítios reocupados e híbridos; já os triturados possuem probabilidade maior de serem encontrados nas aldeias, e os síltosos em sítios isolados. Este fenômeno foi observado para 03 aldeias (RS-LC-54: Parna II, RS-LC-31 ao 36: Barranco e RS-LC-56: Estevaldino Luis Rodrigues); 08 sítios isolados (RS-LC-26: Romeu Antonio da Costa, RS-LC-27: Dilmo Martins & José Érico Weber, RS-LC-09: Manoel Mariano Machado, RS-LC-57: Sidnei da Silva Machado, RS-LC-58: Levi Farias dos Santos, RS-LC-18: José Rosa da Silva, RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima e RS-LC-43 e 44: Ildefonso Braga "A" e "B"); 02 sítios híbridos (RS-LC-03: Capivaras e RS-LC-30: Areias Gordas) e 04 sítios reocupados (RS-LC-59: Sambaqui Capão da Areia, RS-LC-28: Dilmo Martins, RS-LC-14: Capão da Marca "A" e RS-LC-51: João Emílio V. de Sousa).

Foi analisado o antiplástico de 01 (um) fragmento para cada 10 fragmentos, em uma população total de fragmentos coletados (PTFC) no sítio. Observou-se, ainda, uma média ponderada (estabilidade) entre o tamanho dos grãos de um mesmo sítio ou conjunto de concentrações de material, segundo escala de Hargrave & Smith. Pressente-se que a mudança brusca na variação do tamanho do antiplástico se dá de um sítio relativamente pequeno, isolado, para um maior, aldeia. O gráfico K demonstra que a porcentagem de variação nas aldeias é maior do que nos sítios isolados e híbridos, ocorrendo mudança significativa na dimensão dos grãos de 0,08 a 0,1 cm até 0,1 a 0,3 cm como índice de variação.

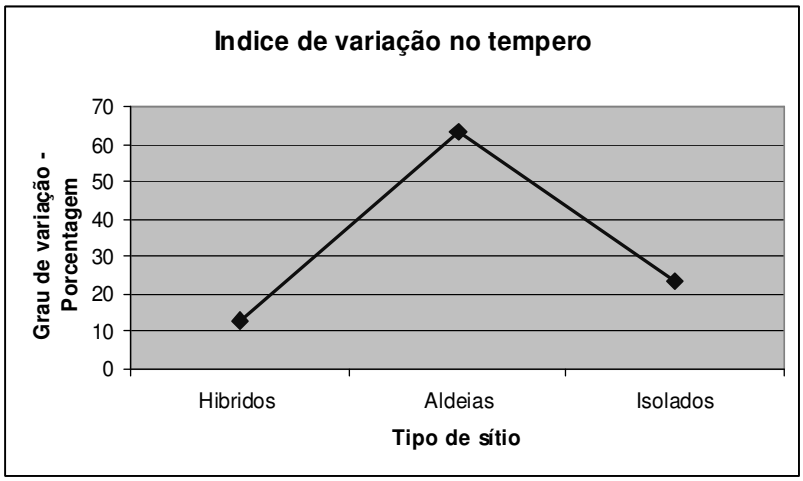


Figura 47. Gráfico K

Restam, ainda, muitos elementos com relação ao antiplástico que geraram dúvida na análise, por exemplo, qual seria a referência de medida na utilização de material não-plástico, ou seja, porque usavam tamanhos granulométricos diferentes em pastas semelhantes ou iguais. Seria o tipo de amassamento diferente para espécies de antiplásticos diferentes? Qual seria a relação dos elementos não-plásticos com decorações plásticas e pintadas? Na planície costeira central observou-se uma relação, direta e implícita, entre química usada, técnica de confecção e decoração, provavelmente guiada pela cultura. Outra dúvida surgiu durante a análise: Como e onde eram encontrados os depósitos de matéria-prima, grãos espessos e angulosos, para confeccionar um tempero de melhor qualidade? Entendeu-se então que se poderiam obter de duas maneiras: através da moagem de escassos seixos trazidos de outro lugar ou das margens de sangas de formação sedimentar. Areia encontra-se por todas as partes, em depósito terrestre ou de rio. Grãos arredondados e polidos de quartzo, não são freqüentes na região, mas quando ocorrem possuem dimensões de até 0,25 cm, freqüentemente encontrados no antiplástico de alguns fragmentos. Todavia, como se pode perceber no gráfico J, a grande maioria dos fragmentos é constituída de antiplástico de quartzo, composto basicamente de areia fina.

Forma e tamanho

As formas tipicamente Tupiguarani são, também, características na planície costeira central (São José do Norte, Tavares, Mostardas). A falta de grandes panelas, de grandes talhas pintadas externamente, de grandes urnas, com capacidades de até 100 litros indica, no plano geral, um decréscimo da população ou uma demografia menos densa. As formas, na sua maioria simples, de contornos inflectidos e bordas extrovertidas, estão representadas por panelas pintadas, panelas globulares corrugadas, pratos em meia-calota pintados na face interna, e tigelas em meia-calota corrugadas na face externa. Existem, também, formas complexas, mas são menos representativas.

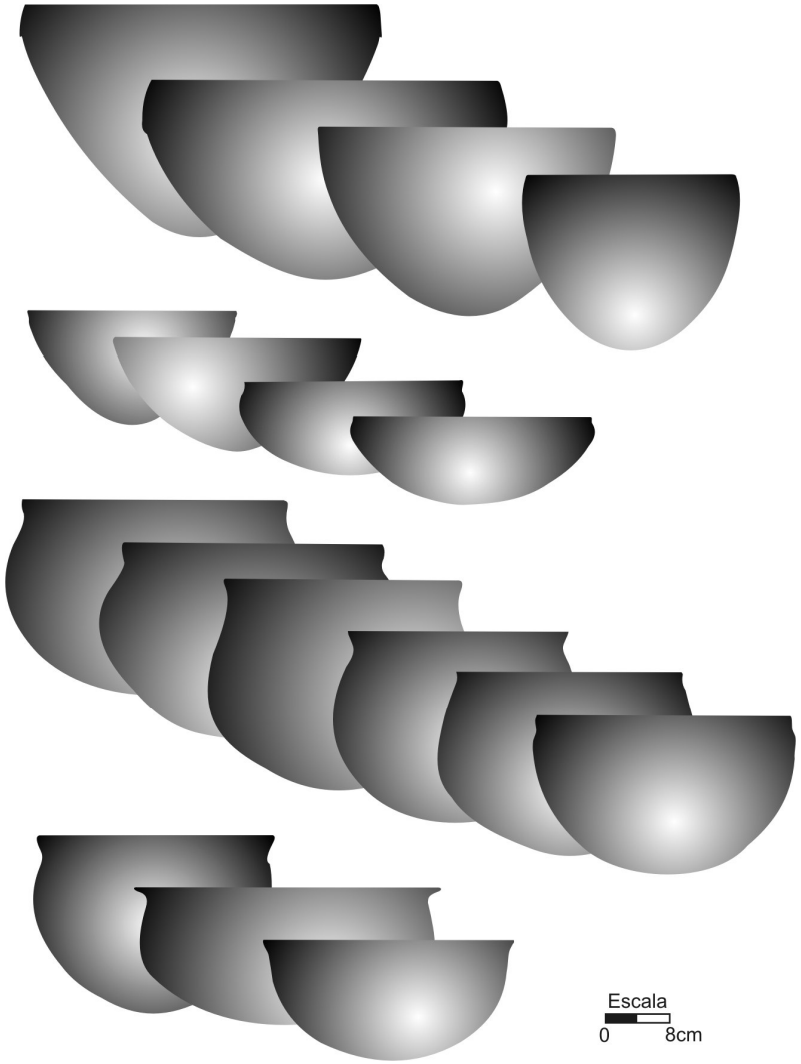


Figura 48. Formas das vasilhas corrugadas no Litoral Centro do Rio Grande do Sul.

Nas aldeias ocorre um número variado de formas, predominando as ovóides, esféricas, meia-calota e elipsóides. As maiores vasilhas, com aberturas de boca entre 34,0 a 48,0 cm, são esféricas e ovóides, corrugadas, enquanto as formas em meia-calota, na maioria dos casos, são pintadas na face interna. As vasilhas que apresentam formas complexas, carenadas e com reforço na borda são pintadas na face externa e possuem portes médios, variando a abertura da boca entre 18,0 a 32,0 cm. As bases predominantes são as arredondadas, ocorrendo também um número significante de bases cônicas. A quantidade relativa de cerâmica com formas complexas é maior nas aldeias do que nos sítios isolados, decaindo a freqüência nestes últimos.

No sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima ocorreram duas urnas corrugadas, cônicas, levemente carenadas, lábios arredondados e base arredondada. Foram, até o momento, as maiores panelas usadas para sepultamento na planície costeira central. As vasilhas usadas como urnas funerárias apresentam desgaste na borda, devido ao intenso uso anterior. As tampas, também corrugadas, estão conservadas apresentando leve carbonização interna. Os conjuntos funerários encontrados na planície costeira central indicam que a forma das vasilhas está provavelmente ligada à disponibilidade de material no momento da deposição, usando-se vasilhas disponíveis, fora de uso ou com defeitos.

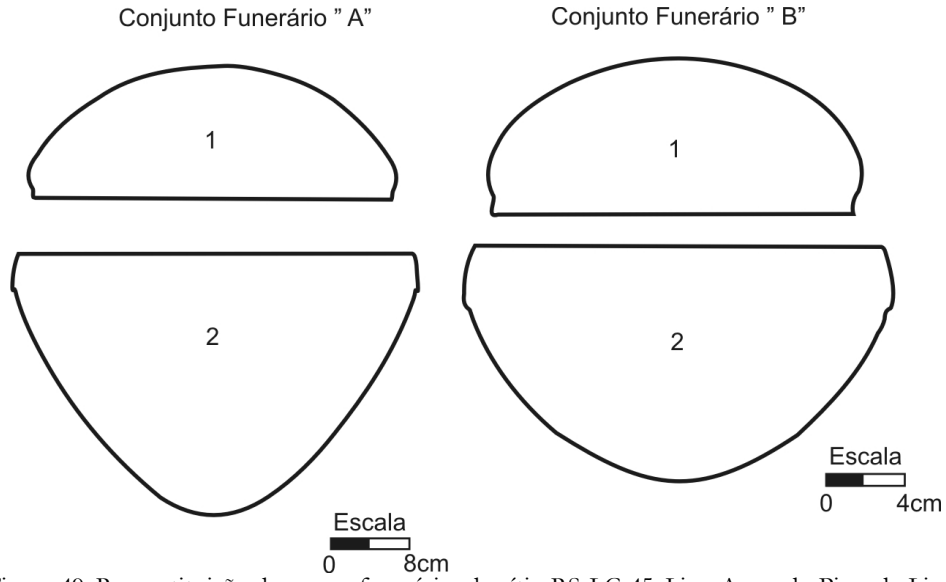


Figura 49. Reconstituição das urnas funerárias do sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima.

O desenho acima representa, esquematicamente, os conjuntos "A" e "B" encontrados na horta do Sr. Lino. O número 01 no desenho representa tampas em meia-calota e elipsóide; o número 02 representa as vasilhas, que continham os ossos em estado adiantado de decomposição; a primeira é cônica, a segunda em meia esfera. As tampas se apoiariam no lado interno do recipiente inferior.

Nos sítios isolados, nos limites internos da Barreira III, a forma predominante é a globular, com inflexão, junto à borda extrovertida. Os tamanhos de abertura da boca ocorrem entre 16,0 e 38,0 cm. As bases predominantes são arredondadas, ocorrendo um reduzido número de cônicas. Na reconstituição da cerâmica, mediante desenho gráfico, puderam ser visualizadas as formas típicas encontradas nas aldeias (primeira fileira de vasilhas, particularmente) e as encontradas nos outros tipos de sítios. Nas aldeias aparecem praticamente todas as formas; a diferença ocorre nos sítios menores que, em 89,6% dos casos, não apresentam vasilhas com aquelas proporções.

As vasilhas pintadas apresentam, em geral, medida entre pequena e média, com abertura de boca que oscila entre 14,0 e 28,0 cm. As formas das vasilhas pintadas que acompanhavam os conjuntos funerários, nas três ocorrências, são compostas, carenadas, inflectidas e com bordas extrovertidas reforçadas externamente.

Nos sepultamentos secundários, apenas do crânio, usava-se como tampa outra vasilha corrugada em 75,0% e pintada interna e externamente em 25,0%, ou seja, apenas uma tampa tinha decoração pintada e as outras duas corrugadas. A forma, nos enterramentos secundários do crânio, permitia que a tampa, emborcada, cobrisse toda a boca e se apoiasse do lado de fora.

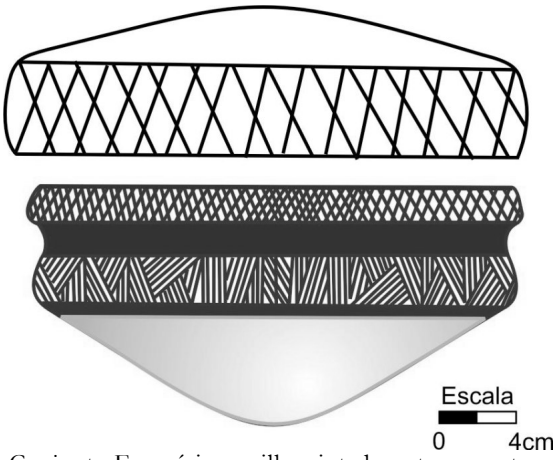


Figura 50. Modelo esquemático: Conjunto Funerário: vasilha pintada, enterramento secundário do crânio, hipótese de sepultamento no sítio Bacopari I.

Os sítios híbridos apresentaram alguns desvios estéticos em relação à forma e a existência de elementos "estranhos". Em 14,2% das vasilhas, ocorreram furos de suspensão, típicos da tradição Vieira; cerca de 20,0% das vasilhas desenhadas resultaram em formas semi-globulares, também, típicas da tradição Vieira. Os contornos predominantes são simples; as bases são arredondadas, ocorrendo aquelas "suavemente planas", com decoração corrugada. Os ângulos de inflexão são pequenos, entre 3,0 e 4,0 cm; alguns fragmentos apresentam reforço externo junto à borda.

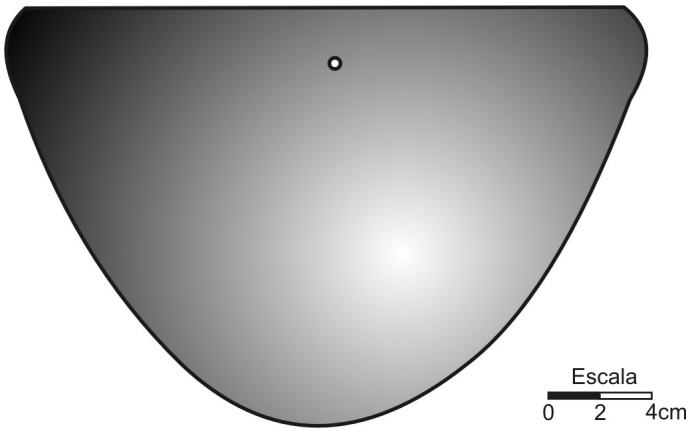


Figura 51. Reconstituição de vasilha híbrida, caracterizada por elementos da tradição Vieira (antiplástico e furo de suspensão) com aspectos da tradição Tupiguarani (forma, decoração e confecção).

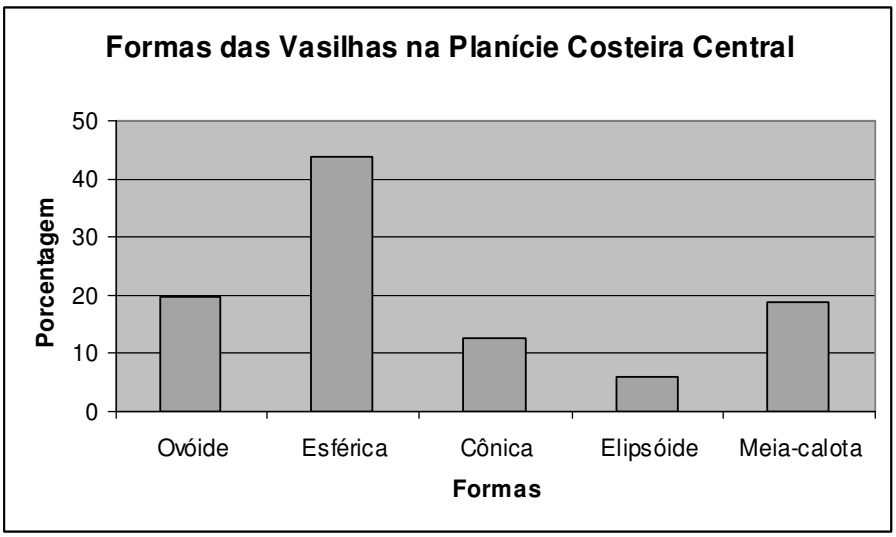


Figura 52. Gráfico L

Na maioria dos casos as formas são coerentes com o tamanho das vasilhas; no entanto, podem ser encontradas vasilhas com formas não características, ou decorações não condizentes com a forma. Estas ocorrências foram observadas nas coleções José Celso Colares e Vera Braga. Na primeira foi registrada uma vasilha pintada internamente, com pontos vermelhos aplicados com os dígitos dos dedos ao redor de uma mancha circular vermelha no fundo interno da vasilha (ver Fotos 17 e 18; Figura 40). Na segunda coleção, existe uma pequena vasilha, com 15,0 cm de abertura de boca, elipsóide, semelhante à metade de um ovo de páscoa, que, de acordo com tipologia deveria conter pintura vermelha sobre branco na face interna, porém, apresenta técnica associada, é corrugada externamente e possui engobe vermelho na face interna.

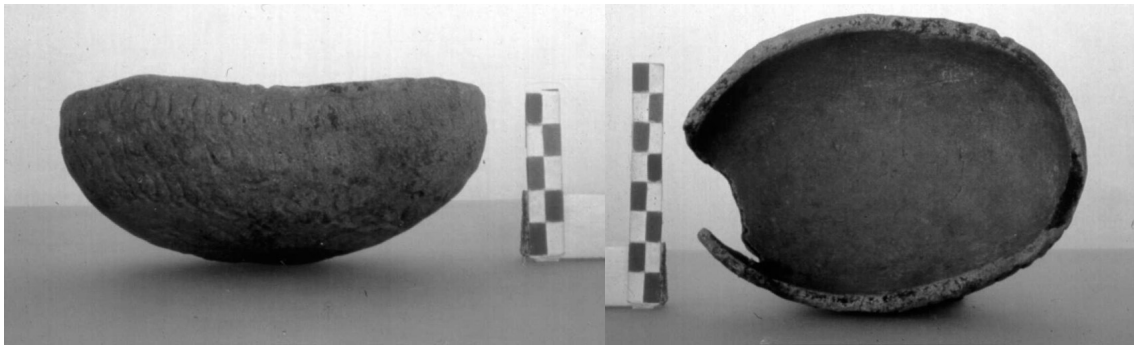


Foto 17 e 18. Vasilha da coleção Vera Braga apresentando técnica associada: corrugado externamente e engobe vermelho na face interna. Fotos: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1997.

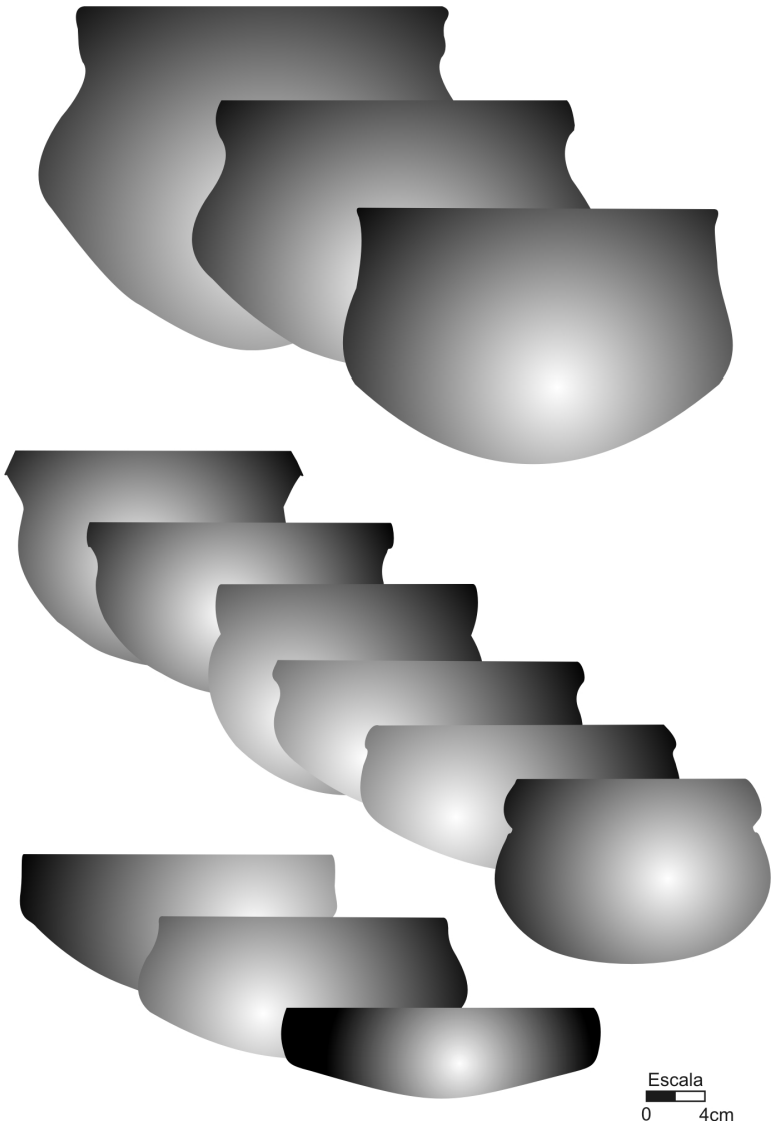


Figura 53. Formas das vasilhas pintadas de vermelho sobre branco na face externa.

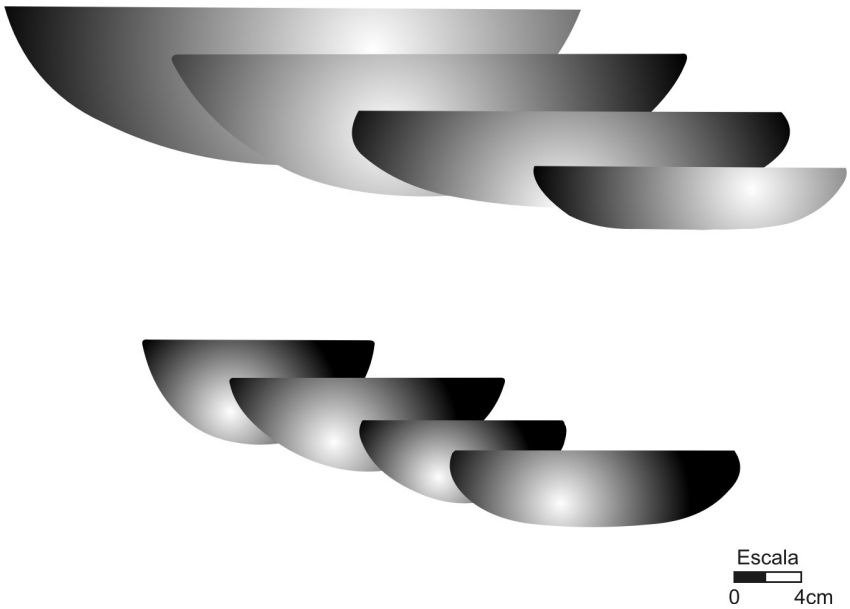


Figura 54. Formas das vasilhas pintadas de vermelho sobre branco na face interna.

Aspectos gerais do material lítico

As peças líticas são escassas na porção central da planície costeira. Isso se dá por não existirem reservas naturais de material rochoso na margem leste da Lagoa dos Patos. A formação de origem Quaternária resultou em solo arenoso, sedimentar composto de quartzo fino. A estrutura pedológica é relativamente simples, composta de dois horizontes bem definidos na Barreira III e de três na Barreira IV. Ocorre, na beira da praia, já na zona de arrebentação, um material denominado popularmente de "arenito marinho" que é uma concreção arenosa formada pela pressão marinha em períodos mais recuados. O arenito marinho, porém, não foi utilizado como matéria prima para confecção de instrumentos. São freqüentes os gastrólitos na zona da praia e das dunas.

Até o momento não foram encontrados tembetás e, raramente, ocorreram placas peitorais líticas polidas. As peças descritas a seguir pertencem ao contexto de sítios Tupiguarani. Todavia, foram encontrados artefatos associados a outras tradições nas proximidades dos sítios.

Material / Sítio	Lasca	Polidor-alisador	Afiador-em-canaleta	Lâmina de machado	Matéria corante	Peso de Rede
Aldeia						
Barranco "A" a "F"[147]	08	05	07	02	25	02
Bojuru Velho "A" e "B"[148]	41	-	07	-	05	-
Tavares I – ELR* I	-	-	-	-	-	-
Tavares II – ELR* II	01	-	01	-	03	-
Lagoa do Peixe – PARNA II "A" a "F"[149]	03	02	29	-	-	02
Mostardas – Adolfo de Araújo "A" a "D"	03	-	05	-	04	-
Monocultura/Isolado						
Romeu A. da Costa	-	-	-	-	02	-
Dilmo Martins e José Érico Weber	-	02	-	02	16	02
Manoel M. Machado	-	02	-	-	-	-
Levi Farias do Santos	-	-	-	-	05	-
José Rosa da Silva	-	01	-	-	-	-
Lino A. Pires de Lima[150]	12	10	-	-	-	-
Ildefonso B. "A" e "B"[151]	04	03	03	01	01	-
PARNA VI	-	-	-	-	01	-
Híbridos						
Capivaras I[152]	-	-	-	-	01	-

[147] Coletado na concentração "C", uma placa peitoral e um "quebra-coquinho".
[148] Foram coletados 12 seixos ou matérias primas sem sinais de utilização.
[149] Foram coletados na ocasião: uma pedra com depressão semi-esférica polida, "quebra-coquinho"; um raspador e uma bola de boleadeira.
[150] O proprietário encontrou nas proximidades do sítio 02 bolas de boleadeira.
[151] Foram coletados sistematicamente 04 "quebra-coquinhos" no sítio Ildefonso Braga "A".

Antenor Paiva[153]	-	04	-	01	-	-
Areias Gordas "A"	01	-	-	-	-	-
Passinho I[154]	01	-	-	-	-	-
Passinho II "A" e "B"[155]	12	-	-	-	01	-
Passinho III[156]	02	-	-	-	-	-
Sermi Machado Miguel	02	-	-	-	02	-
Mário Boeira Martins[157]	12	10	-	-	-	-
Reocupados/Invadidos						
Dilmo Martins[158]	01	03	-	-	-	-
Sambaqui Chico Bóis "A" e "B"	07	36	-	03	01	-
Total	110	78	52	09	67	06

* Sítios Estevaldino Luis Rodrigues I e II.

Tabela 48. Distribuição do material lítico da tradição Tupiguarani.

Afiador-em-canaleta

O material lítico mais freqüente nos sítios da tradição Tupiguarani na planície costeira central são os afiadores-em-canaleta. Ocorre em placas de arenito de coloração amarelada, tipo palha de formas quadradas, retangulares e trapezoidais, normalmente com a face ativa polida e a oposta, bruta. As peças possuem em média 6,0 cm de comprimento, 8,5 cm de largura e 1,8 cm de espessura. Com canaletas transversais e longitudinais, com profundidades de 0,3 e 0,8 cm, predominando 0,5 cm e largura entre 0,5 e 0,7 cm, o comprimento da canaleta varia de acordo com o tamanho da peça. Em uma população de 10 sítios arqueológicos da tradição Tupiguarani, a probabilidade é de 80,0% de aparecerem afiadores-em-canaleta, em ao menos, 04 deles. É pertinente lembrar que estes instrumentos também foram amplamente confeccionados sobre fragmentos de cerâmica que, quantitativamente, são mais expressivos.

Alisador

Seixo polido, confeccionado em quartzo ou calcedônia, com 8,2 cm de comprimento, 4,3 cm de largura e 2,4 cm de espessura, com secção plano-convexa, córtex avermelhado, peso de 125 g. Outros alisadores foram encontrados, mas não foram medidos. Provavelmente serviam como instrumentos para alisar a superfície da cerâmica e outros objetos.

Batedor – Moedor

Entre as peças associadas ao material cerâmico Tupiguarani existem almofarizes, mós, pedras-martelo e pedras-bigorna, todas pertencentes às duas maiores coleções da planície costeira, ou seja, coleção Vera Braga e coleção José Celso Colares[159]. As matérias-primas mais utilizadas são os basaltos cinza, mas também ocorrem, mais raramente, seixos de quartzo.

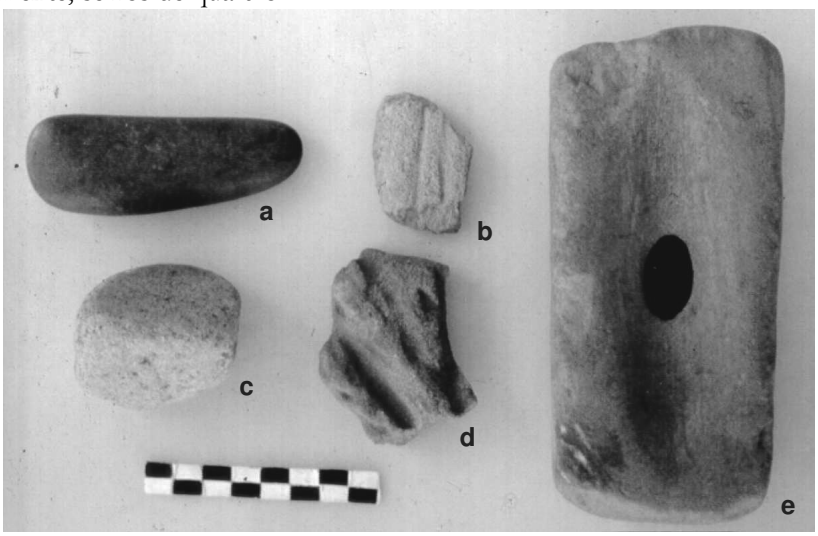


Foto 19. Batedor em basalto negro (a), afiadores-em-canaleta em arenito (b, d), alisador em granito rosa (c), moedor gasto em basalto (perfuração) devido ao uso (e). Ildefonso Braga "A" e "B". Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro.

---

[152] Foram encontrados mais dois seixos sem sinais de uso.
[153] Foi encontrada uma a ponta-de-projétil nas proximidades do sítio.
[154] Foi encontrada uma ponta-de-projétil nas proximidades.
[155] Na ocasião foram coletados 40 seixos ou matérias-primas.
[156] Uma ponta-de-projétil foi encontrada nas proximidades do sítio.
[157] Foram coletadas duas bolas de boleadeira junto ao sítio.
[158] Na coleta sistemática, foram registradas, nos arredores do sítio, 02 bolas de boleadeira e 01 ponta-de-projétil.
[159] As coleções estão no Laboratório de Ensino e Pesquisas em Antropologia e Arqueologia – LEPAN, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Lâmina de Machado

Foram encontradas, nas coletas sistemáticas, nove lâminas de machado em basalto cinza, entre 14,0 e 18,0 cm de comprimento, 6,0 a 9,0 cm de largura e 4,1 a 5,5 cm de espessura, petalóides, secção biconvexa, gume ativo entre 75° e 80°, pesos entre 240 e 400 g, sem entalhe ou com um entalhe largo, de cerca de 3,4 cm, para preensão do cabo. Outras foram registradas nas coleções particulares da Sra. Vera Braga e Sr. José Celso Colares, juntamente com lâminas de machado com características da tradição Vieira. As lâminas de machado das coleções, que reconhecidamente foram coletadas em sítios da tradição Tupiguarani, apresentavam as mesmas características gerais daquelas encontradas em atividade de pesquisa. Algumas ocorrências de lâminas de machado não apresentavam o entalhe para preensão. As angulações do gume ocorrem entre 60° e 90°, predominando 75°. Pesam entre 200 a 500 g, predominando 350 g.

Foto 20. Lâminas de machado: de sítios do município de Mostardas e da coleção José Celso Colares, Mostardas. Foto: MENTZ RIBEIRO, 2004, p 26.

Lasca

As lascas são, em geral, de calcedônia, algumas de ágata e raramente de quartzo. As lascas foram separadas segundo utilização; neste caso as que possuem pequenos lascamentos no bordo ativo foram separadas das outras. A quase totalidade das peças apresenta planos e bulbos de percussão pouco definidos. Foram observadas apenas marcas de percussão direta; nenhum dos fragmentos analisados apresentava indícios de lascamento por pressão. Formam uma média de 8,9 lascas por sítio, sendo que em alguns sítios não foram encontradas lascas e outros as tinham em abundância. O tamanho oscila entre 0,8 e 5,1 cm de comprimento, 0,7 a 2,1 cm de largura e 0,28 a 0,51 cm de espessura. A coloração é amarelo-avermelhado, nas peças em calcedônia, acinzentado nas ágatas; as de quartzo são translúcidas.

Cabe lembrar que as lascas pertencentes à tradição Umbu são diferentes em todos os aspectos das lascas da tradição Tupiguarani. Apresentam lascamento por pressão, e em outras matérias primas como o ônix e o sílex, são menos espessas e algumas se caracterizam como micro-lascas.

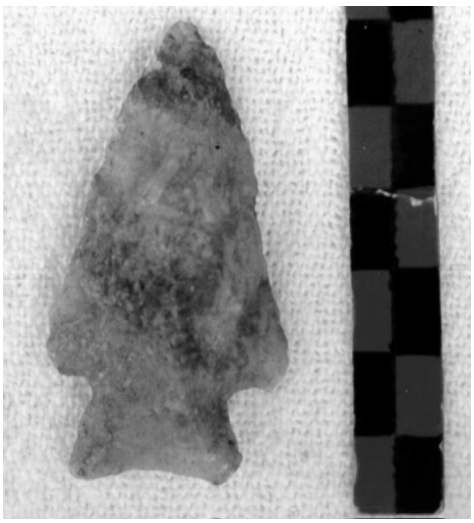


Foto 21. Ponta-de-projétil encontrada próxima ao sítio Dilmo Martins. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1998.

Matéria corante

Resíduos granulosos de hematita são facilmente encontrados na superfície argilo-arenosa dos sítios. Algumas concreções de hematita apresentam trabalho, como raspagem, polimento ou atrito com objeto pontiagudo, etc. O pigmento vermelho, resultante da raspagem do material, provavelmente foi utilizado na pintura do corpo, da cerâmica e de outros utensílios. As dimensões das peças oscilam entre 2,6 a 7,5 cm de diâmetro. Os canais formados com a raspagem possuem em média 3,1 mm de largura e 0,4 mm de profundidade. Em alguns sítios é possível observar que o solo é ferruginoso e existe uma presença marcante de grânulos de óxido de ferro no local, confundidos, com freqüência, com matéria corante.

Foto 22. Matéria corante dos sítios Ildefonso Braga "A" e "B". Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1998.

Placa peitoral

Adorno em basalto cinza, polido, encontrado no sítio Barranco "C"; tem 4,3 cm de comprimento, 3,2 cm de largura e 0,4 cm de espessura. Possui entalhe na extremidade proximal com 1,4 cm de largura, provavelmente para prender ao cordão que o levava ao pescoço. Esta é a única placa encontrada em contexto. Nas coleções existem alguns pingentes piriformes, em quartzo leitoso.

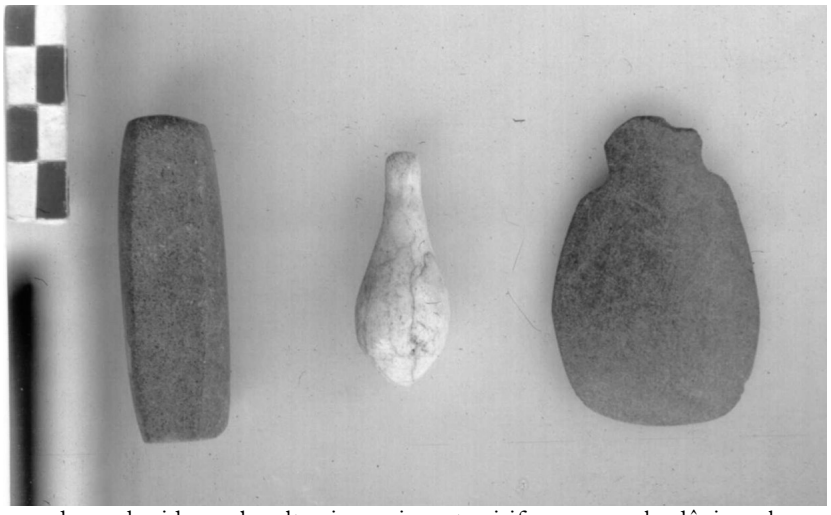


Foto 23. Objeto de uso desconhecido em basalto cinza, pingente piriforme em calcedônia e placa peitoral em basalto cinza. Foto: MENTZ RIBEIRO, 2004, p. 21.

Polidor

Foram registrados alguns polidores em arenito, cor palha. Possui, em 84,0% dos casos, uma superfície côncava, com estrias microscópicas de alisamento na face superior. São placas de arenito, geralmente de pequenas proporções, entre 5,0 e 15cm de comprimento, 8,0 e 12,0 cm de largura e 3,8 e 4,5 cm de espessura. Não foram pesadas. Estas peças são muito raras e a probabilidade de encontrá-las nas aldeias é maior.

"Quebra-coquinho"

Nas proximidades dos sítios da tradição Tupiguarani, era comum a ocorrência de blocos com depressões semi-esféricas polidas. As peças foram confeccionadas em calcedônia, na maioria das vezes, no entanto existem casos de basalto, arenito, granito e hematita, nesta ordem de freqüência.

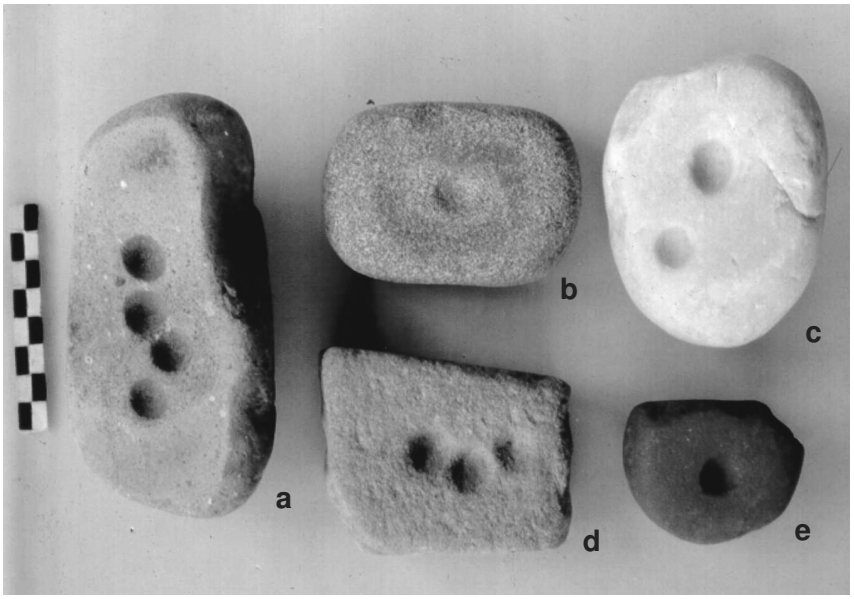


Foto 24. Blocos com depressão semi-esférica polida (a-e), que apresentam picoteamento junto à borda das covinhas (b, c), que possuem manchas de fumaça e fuligem (a, d), bloco de hematita com polimento nas extremidades (e). Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1997.

As dimensões ocorrem entre 8,0 e 15,0 cm de comprimento, 7,5 a 10,0 cm de largura e 5,0 a 8,0 cm de espessura. As covinhas ou depressões polidas da superfície dos quebra-coquinhos apresentam profundidades que oscilam entre 0,3 a 0,9 cm, predominando 0,5 cm, de diâmetro possuem em média 1,0 cm. Em alguns casos, aparecem sinais de picoteamento na borda da depressão, indicando impacto, sinal da utilização como "quebra-coquinho" e, ainda, em outro caso, sinais de polimento nas extremidades do bloco, evidência que significaria que a pedra foi usada para sovar o couro, ou algo parecido.

Os blocos com depressão semi-esférica polida foram utilizados para três tarefas distintas: 1. pedra bigorna para quebrar sementes (*Butia capitata*, *Syagrus romanzoffiana*); 2. pedra de sovar couro (acréscimo de gordura animal nas covinhas).

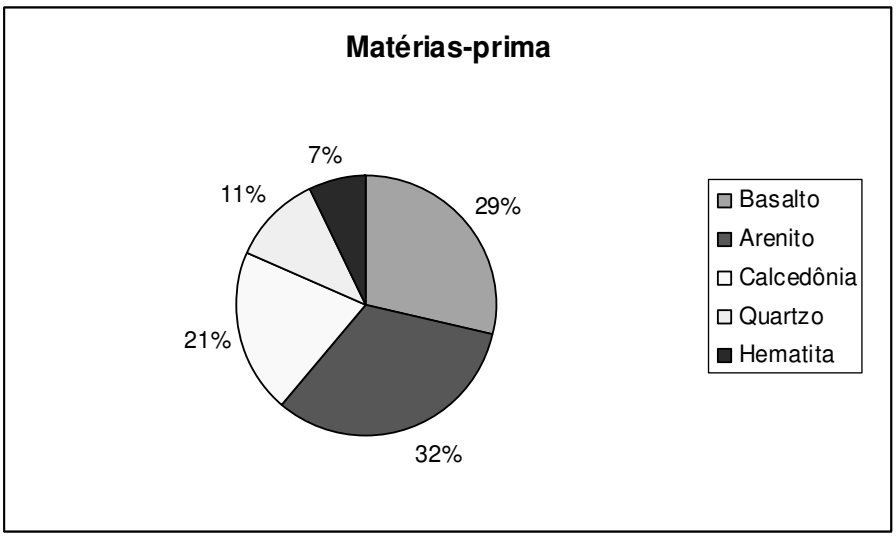


Figura 55. Gráfico M

O gráfico M permite a visualização das matérias-prima ocorrentes nos sítios da tradição Tupiguarani. A mais significativa é o arenito, encontrado nos afiadores-em-canaleta, polidores e moedores. A hematita ocorre em abundância nos sítios; no entanto, fragmentos de matéria corante, com sinais evidentes de

utilização são raros. As lâminas de machado e as lascas de basalto ocorrem em uma probabilidade de, em média, 40,0%, enquanto que as lascas de quartzo ocorrem dentro dos 60,0%, sendo presença constante nas coletas iniciais.

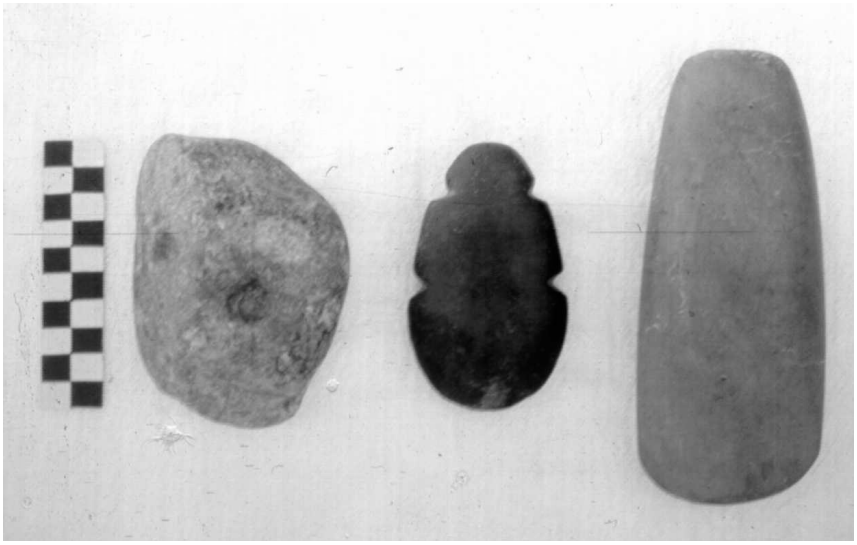


Foto 25. Quebra-coquinho (esquerda), lâmina de machado com entalhes para preensão da tradição Umbu/Vieira (centro), lâmina de machado da tradição Tupiguarani (direita). Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1997.

A técnica de confecção mais utilizada pela tradição Tupiguarani, em materiais líticos na planície costeira central, foi o polimento, representado nos machados, placas, alisadores, afiadores e polidores, mós e almofarizes. As lascas representam menos de 20,0% do total. Quando ocorrem, na maioria são unipolares. Nas lascas analisadas não havia sinais de lascamento por pressão ou de micro lascamentos. Foram encontrados núcleos de quartzo nas proximidades dos sítios, num total de 02 peças no total, no entanto não foi possível determinar a qual cultura as peças pertenciam.

Por serem maiores em espaço, foi nas aldeias que se registrou maior quantidade de fragmentos e peças líticas. Em alguns sítios híbridos, como o RS-LC-29: Antenor Paiva, RS-LC-08: Passinho I e RS-LC-05: Mário Boeira Martins, foram encontradas pontas-de-projétil, quebra-coquinhos, bolas de boleadeira. Ainda por sobre as dunas, em distâncias que variam entre 300 a 2000 m, foram registrados sítios arqueológicos da tradição Umbu com pouca estratigrafia. É possível que estes sítios sejam mais antigos que os da tradição Tupiguarani que encontrou e utilizou o material lítico e as peças dos sítios anteriores.

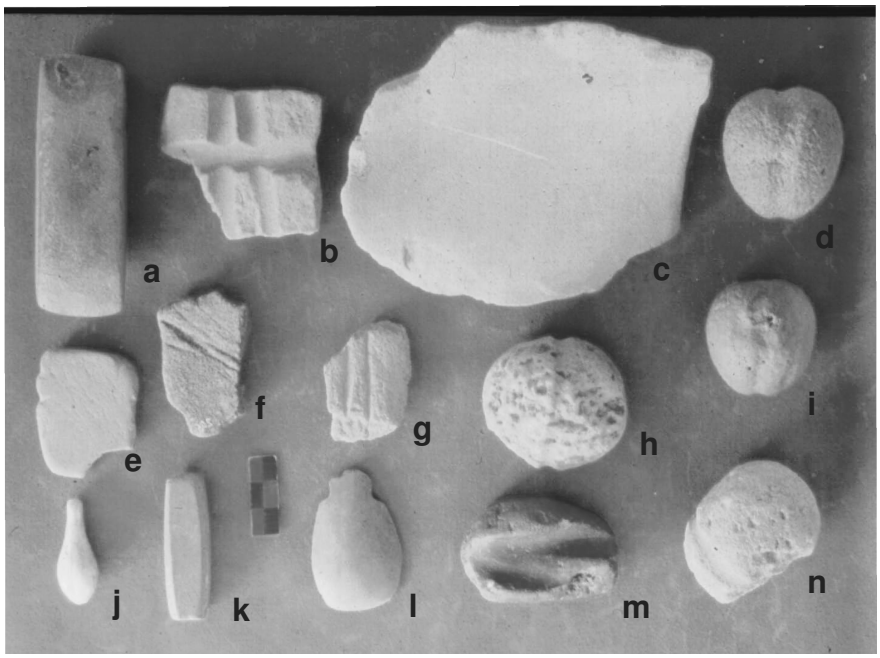


Foto 26. Peça de uso desconhecido (lâmina de machado? polidor?) (a, e), afiador-em-canaleta (b, f, g), placa de arenito (polidor-almofariz) (c), bolas de boleadeira (d,h, i, n), pingente piriforme (j), peça de uso desconhecido (polidor?) (k), placa peitoral (l), matéria corante (m). Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1997.

Aspectos gerais do material ósseo

Pontas de osso

O material ósseo, mais representativo, são as pontas de projétil, 13 no total, fora o das coleções; são seguidas pelas contas-de-colar: 02 peças provenientes de coleções. Segundo o biólogo Vinícius Mendes Ruas, que analisou as pontas, são ossos de mamíferos de médio porte, porém seu estado de polimento e erosão não permite dizer mais. Em geral as pontas apresentam um sulco ou canaleta, paralelo ao eixo principal; são brancas e amareladas; quebradas perpendicularmente ao eixo na extremidade proximal. As dimensões vão de 3,5 a 7,6 cm de comprimento; 0,5 a 1,2 cm de largura e de 0,5 e 0,8 cm de espessura (Foto 27a, c, e, g). Apresentam estrias de polimento na extremidade distal e no meio das peças, no sulco medular, não foram observadas alterações.

Contas-de-colar

Foram analisadas duas contas de osso, provenientes da coleção José Celso Colares. Segundo o Sr. Celso, elas procedem do mesmo local onde foram encontrados os fragmentos de potes pintados de cerâmica Tupiguarani. Uma tem 2,1 cm de diâmetro, 1,5 cm de largura e 0,35 cm de espessura; assemelha-se a um "anel", existe uma perfuração na parede. A outra tem 2,6 cm de diâmetro, 2,1 cm de largura e 0,5 cm de espessura da parede; tem a mesma característica da anterior, mas sem perfuração, apenas com o vão próprio do osso. Suspeita-se que as duas peças sejam de ossos humanos.

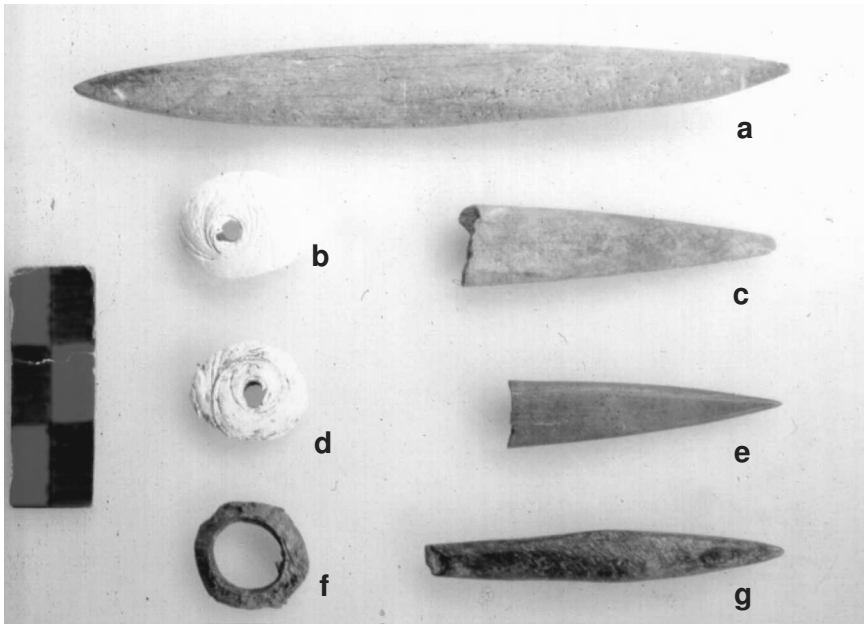


Foto 27. Ponta dupla de osso (a), pontas-de-osso fragmentadas na extremidade proximal (c, e, g), contas-de-colar em concha (b, d), conta-de-colar em vértebra de peixe (f). O material é proveniente de cerritos, tradição Vieira, com sobreposição da tradição Tupiguarani. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1998.

Restos de alimentação

Do material coletado, poucos fragmentos pertencem a esta categoria. As zonas úmidas e relativamente quentes decompuseram os descartes de fauna. Nos sítios RS-LC-54: Parna II e RS-LC-66: Parna V restavam ainda blocos testemunhos, nos quais foram identificados fragmentos de fauna identificados como vértebras de peixe, correspondentes a corvina, bagre, linguado, cascudo, traíra e jundiá, canelas de aves pernaltas, falanges e ossos de mamíferos terrestres (porco do mato? veado?). Os ossos possuíam sinais de fraturas antigas, quebras e esmagamento nas articulações. Não foram encontradas marcas de material perfurante ou cortante. Alguns deles, cerca de 16,8%, estavam calcinados ou apresentavam alguns sinal de incineração intencional.

Aspectos gerais do material conchífero

As conchas utilizadas, fora da alimentação, pela tradição Tupiguarani parecem ter sido as univalves, moluscos gastrópodes da zona de rebentação praieira. Ao contrário dos mariscos, estas conchas, além de possivelmente servirem para alimentação, foram usadas também para confecção de adornos, particularmente a *Adelomelon brasiliana*. Os mariscos marinhos, representados pelos bivalves *Mesodesma mactroides* teriam sido

coletados para alimentação. Sobre a superfície dos sítios foram observados vestígios e carapaças (valvas) do molusco bivalve lacustre *Erodona mactroides*, bem como do gastrópode terrestre *Megalobullimus* sp.

Foi comum, nas coletas sistemáticas, a presença de columelas de conchas marinhas, ou seja, a espiral interna das bivalves *Adelomelon sp.* Dos sítios que apresentaram cerâmica Tupiguarani, três são mais representativos neste tipo de material: RS-LC-11 e 12: sambaqui Chico Bois "A" e "B", RS-LC-14: Capão da Marca "A" e Sambaqui RS-LC-59: Capão da Areia. Estes aglomerados de conchas, de ocupação humana, são formados basicamente por restos de valvas, carapaças e conchas. No sambaqui RS-LC-59: Capão da Areia foi encontrado um pingente, polido, inconcluso de concha, carapaça externa da *Adelomelon* sp. Talvez o conjunto mais interessante de artefatos em concha esteja fora de um sambaqui. No sítio RS-LC-09: Manuel Mariano Machado, já mencionado em outro capítulo, associado ao enterramento de um indivíduo, foi encontrado um colar de 36 contas de conchas polidas confeccionadas em univalves marinhos, cada conta representando um *Adelomelon* sp. As contas são brancas, têm quatro faces planas e seu tamanho oscila entre 3,0 e 4,0 cm de comprimento, 0,6 e 0,8 cm de largura e 0,3 e 0,5 cm de espessura; possuem uma perfuração circular na extremidade proximal, mais ou menos regular.

Capítulo VIII. AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS

Foram registrados 46 sítios erodidos sobre dunas na planície costeira central, apenas quatro locais apresentaram sepultamentos[160]. Os sítios são RS-LC-45 e RS-LC-09, o primeiro denominado Lino Azevedo Pires de Lima com quatro sepultamentos e Manoel Mariano Machado com dois. Foram registrados outros achados isolados, um pertencente à coleção da casa de cultura e outro de colecionador. A área dos sepultamentos compreende os municípios de Mostardas e Tavares, ambos no litoral centro, representando o núcleo de povoamento da tradição Tupiguarani.

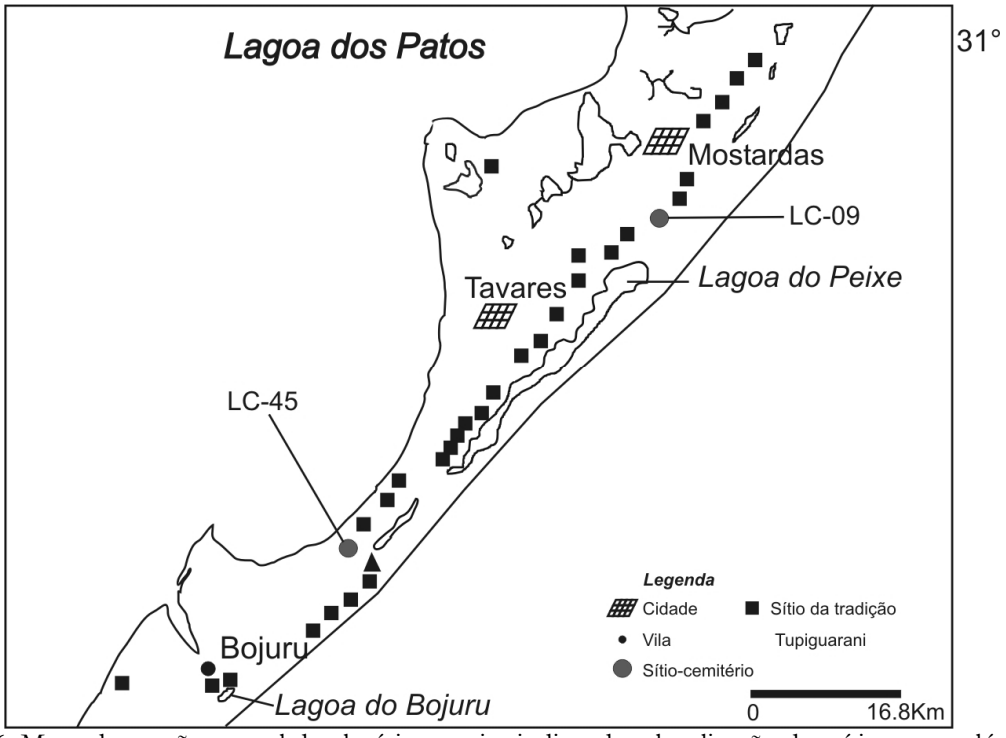


Figura 56. Mapa da porção central da planície costeira indicando a localização dos sítios arqueológicos RS-LC-09: Manoel Mariano Machado e RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima.

RS-LC-09: Manoel Mariano Machado

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-09 são 31°26'9,94"S e 51°10'34,42"W. Situa-se a 18,0 km de Tavares em direção a São José do Norte, na localidade denominada de Capão Comprido. As terras são do Sr. Manoel Mariano Machado e do Sr. Sidnei. A 80,0 m da casa dos proprietários, existe um curral para o gado.

A superfície continha uma camada espessa de esterco. O sepultamento foi encontrado pelo proprietário quando este retirava o esterco com um trator, para adubar a horta. O IBAMA avisado pelo proprietário chamou a equipe do LEPAN-FURG, que buscou caracterizar o achado. Ao efetuar a escavação,

[160] MENTZ RIBEIRO & CALIPPO, 2000.

depois de limpar o local, foi constatado que se tratava de um sepultamento primário (S1), ou seja, de um indivíduo depositado diretamente no solo em pequena profundidade; apenas a calota craniana fora recolhida numa vasilha, colocada na proximidade. Na mesma limpeza do terreno, a cerca de 1,5 m de distância deste primeiro, foi encontrado um outro sepultamento (S2), desta vez em urna.

S1 – O esqueleto encontrava-se estendido, em decúbito dorsal, a porção superior do corpo estava voltada para o oceano que dista 4,0 km e os pés em direção à Lagoa dos Patos distante aproximadamente 6,5 km.

Foto 28. Enterramento direto no solo. O crânio foi retirado e sepultado separadamente dentro de urna funerária. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1993 In: MENTZ RIBEIRO & CALIPPO, 2000, p. 30.

O corpo estava bastante decomposto, contudo percebia-se bem a forma de deposição. A coluna vertebral parecia estar inteira. Da cabeça estavam presentes a mandíbula e alguns dentes soltos do maxilar superior. Do tronco foram observadas, além do esterno, quatro costelas do lado esquerdo e três do lado direito. Era possível observar as duas clavículas e o respectivo lugar das articulações. Os braços estavam estendidos ao longo do corpo; dos antebraços havia uma parte do esquerdo, do direito nada apareceu. Os ossos longos das pernas estavam presentes, estendidos paralelamente com uma separação de 20,0 cm. Foram recolhidas poucas falanges tanto das mãos quanto dos pés.

Foto 29. Enterramento S1, direto no solo. Pode-se visualizar a urna no espaço onde se encontraria o crânio. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1995.

Os dentes, em geral bem encorpados, apresentavam pouca abrasão, o canino sofreu desgaste, as coroas dos incisivos encontram-se bem preservadas. O mento é pouco pronunciado, o ramo ascendente é estreito e mais delicado. A implantação do músculo é arredondada, típico de mulher. Apresentava indícios paleopatológicos de bico de papagaio. O esqueleto ocupava 124 x 34,0 cm de largura na altura da clavícula e provavelmente representa um indivíduo adulto do sexo feminino que, de acordo com as suturas não-fusionadas, teria entre 20 e 25 anos de idade.

Foto 30. Detalhe dos dentes encontrados junto à mandíbula e no interior da urna funerária.

Foto 31. Detalhe do sepultamento S1, do sítio RS-LC-09: Manoel Mariano Machado. Alguns dentes do maxilar estavam sobre a mandíbula. É possível observar o colar de conchas ao redor do pescoço. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1993 In: MENTZ RIBEIRO & CALIPPO, 2000, p. 30.

A calota craniana estava dentro de uma vasilha pintada com uma tampa corrugada, a pequena distância do que seria sua localização natural e numa profundidade um pouco menor do que o resto do corpo. Na calota craniana faltavam os dentes da arcada superior, que tinham ficado junto com a mandíbula, indicando que a manipulação da calota teria sido feita quando o corpo já estava decomposto ou em decomposição.

Quando a vasilha, que continha a calota, foi encontrada, não estava numa posição vertical, mas com uma inclinação de uns 45° em direção ao corpo. A tampa estava um pouco deslocada em diagonal com a borda do primeiro recipiente. O todo, um recipiente que continha a calota, mais a tampa que cobria a este, se constituía em um sepultamento secundário, complementar da deposição primária.

A vasilha que continha a calota craniana era um típico recipiente carenado, pintado de vermelho sobre branco na face externa[161], com motivos curvilíneos, formando círculos concêntricos, que cobriam a parte superior até a carena. Abaixo da carena a superfície é alisada e a base é arredondada.

	Tipo	Vasilhas	Distância da Casa	Ossos
Sepultamento 01	Secundário	Pintada + tampa corrugada	± 86 m	Crânio
Sepultamento 02	Primário	Corrugada + tampa corrugada	+/-88 m	Longos

Tabela 49. Tipos de sepultamento do sítio RS-LC-09: Manoel Mariano Machado.

Foto 32. Vasilha de cerâmica do S1, do sítio RS-LC-09. Havia em seu interior ossos do crânio.
Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1995 In: MENTZ RIBEIRO & CALIPPO, 2000, p. 26.

A abertura da boca é de 27,5 cm, o bojo de 31,5 cm, a altura de 12,5 cm e a espessura das paredes de 1,0 cm. A vasilha estava quebrada na parte mais saliente e conservada na parte apoiada no solo.

Foto 33. Detalhe do conjunto funerário de deposição secundária, isto é, apenas do crânio.

[161] MENTZ RIBEIRO & CALIPPO, 2000, p. 29.

Da que seria a tampa, corrugada, também quebrada, foi encontrado um fragmento grande disposto em diagonal com relação à borda do recipiente anterior e fragmentos diversos espalhados ao redor. A espessura média dos mesmos é 1,0 e 1,1 cm e correspondem a uma única tigela com o lábio arredondado e com uma abertura de boca de 32,0 cm. Estes cacos possuem aproximadamente 4,0 cm²; a cor da superfície é ocre pardacento e a do núcleo é cinza escuro; a dureza segundo a escala de Mohs é 4; o tipo de confecção é o roletado; o antiplástico é composto por areia fina com partículas de no máximo 0,01 cm; a queima é oxidante, no entanto, não foi possível observar manchas de fumaça.

A quebra das vasilhas deve ser atribuída ao manuseio do terreno antes de nossa chegada.

Ao redor do pescoço do S1 estavam dispostas paralelamente 36 pequenas barras feitas de conchas marinhas do gênero *Adelomelon* sp., um grande gastrópode, que vive na zona pré-abissal e cujas conchas vazias a maré joga na praia. As pequenas barras estão perfuradas numa extremidade e formavam um colar localizado abaixo da mandíbula, entre as duas clavículas e sobre as vértebras da coluna do morto.

Foto 34. Detalhe do colar com contas de concha marinha que estava ao redor do pescoço do indivíduo. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1993.

Segundo informação pessoal do biólogo Vinicius Mendes Ruas, cada uma dessas pequenas barras proviria de uma única concha, parte da columela. As pequenas barras são brancas, têm quatro faces planas e seu tamanho oscila entre 3,0 e 4,0 cm de comprimento; 0,6 e 0,8 cm de largura e 0,3 e 0,5 cm de espessura.

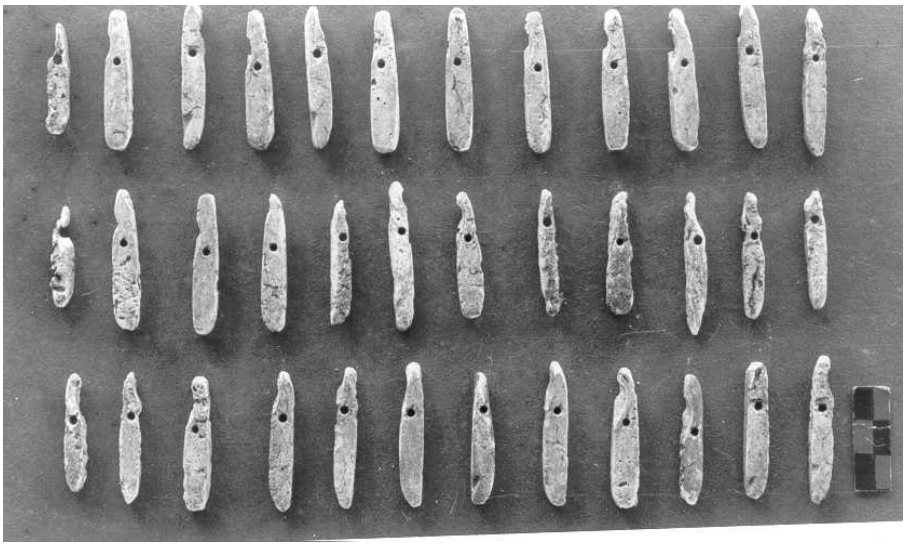


Foto 35. Contas de colar do sepultamento S1 do sítio RS-LC-09: Manoel Mariano Machado. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1995.

Estavam dispostas como se estivessem unidas por um cordão; algumas estavam juntas, e as outras estavam separadas em distâncias que variavam de 0,5 a 3,0 cm.

Nesse sepultamento não foi encontrada nenhuma oferenda funerária.

Todo o material recolhido está arquivado no LEPAN-FURG.

S2 – O sepultamento número 2, aproximadamente a 1,5 m, estava depositado numa pequena urna, pintada, com tampa corrugada. A perturbação observada no primeiro sepultamento também se observa no segundo.

Foto 36. Posição dos sepultamentos: o S2, em urna, encontra-se na direito em posição mais elevada que o S1. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1995.

O que os pesquisadores encontraram era a base de uma vasilha contendo ossos, além de fragmentos e ossos espalhados por uma área de 180 cm de comprimento por 40,0 cm de largura. Dentro da urna havia alguns ossos longos como fêmur, tíbia, perônios, rádio e, ainda, alguns dentes, que foram atribuídos a um indivíduo jovem que poderia ter entre 15 e 20 anos; os ossos ainda estavam em formação e os dentes apresentavam pouca abrasão dentária.

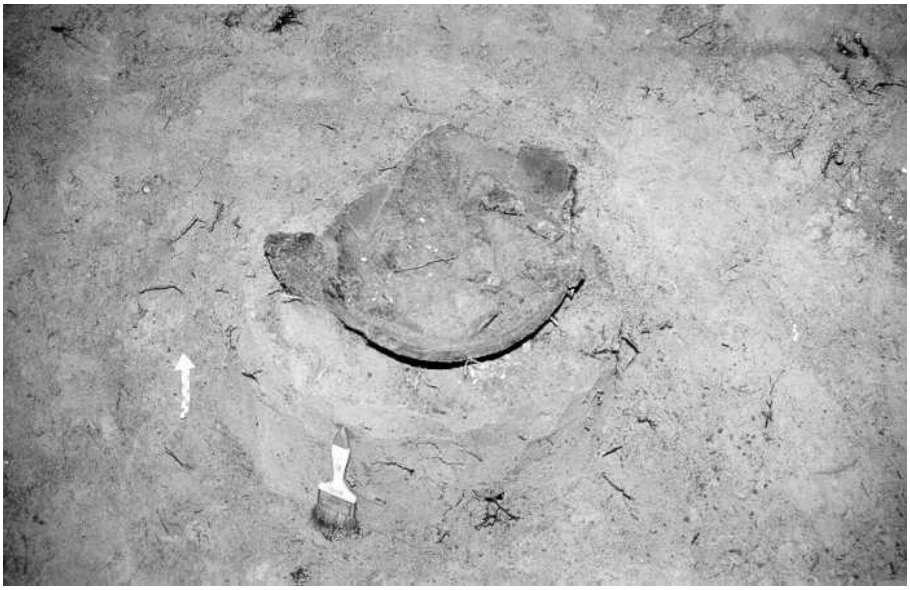


Foto 37. Sepultamento S2 do sítio RS-LC-09: Manoel Mariano Machado. Os pontos brancos são dentes que estavam em seu interior. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1995.

O recipiente que continha os ossos era uma panela pintada de vermelho sobre branco, de corpo globular, pequena inflexão na borda, extrovertida, lábio arredondado e base também arredondada. A abertura da boca é de 28,0 cm, o bojo e a profundidade de aproximadamente 36,0 cm; o antiplástico é fino, com

grânulos de quartzo de 0,02 cm e grãos de argila com até 0,1 cm; não foi possível perceber se havia ou não restos vegetais na mistura. A pasta é bem amassada não apresentando bolhas de ar; a cor das paredes é ocre-avermelhado e o núcleo é cinza escuro, centralizado e mede 0,6 cm; a queima é incompleta em atmosfera oxidante.

Foto 38. Fragmento da vasilha pintada de vermelho sobre branco pertencente ao S2.

Os fragmentos que resultaram da tampa apresentam as mesmas características gerais de confecção. A forma é de uma grande vasilha em meia-calota, de borda direta, lábio arredondado, base também arredondada. A abertura da boca é de 48,0 cm e a altura provável é de uns 20,0 cm.

Observando os fragmentos podia se notar que as vasilhas estariam inteiras quando foram usadas para o sepultamento. De fato em laboratório foi possível recompor as duas vasilhas.

Não foram encontrados vestígios de oferendas funerárias.

Observando a proximidade dos dois sepultamentos poder-se-ia especular se a deposição da calota craniana do primeiro enterro não estaria de alguma forma associada ao novo sepultamento, buscando completar um ritual funerário.

Além dos sepultamentos não se observaram outros materiais arqueológicos no local. Os sepultamentos estão em área de plataforma, correspondente a Barreira III com vegetação rasteira. O sítio mais próximo é o PARNA IV, de habitação, distante 800 m que está no cordão de dunas coberto por vegetação arbórea.

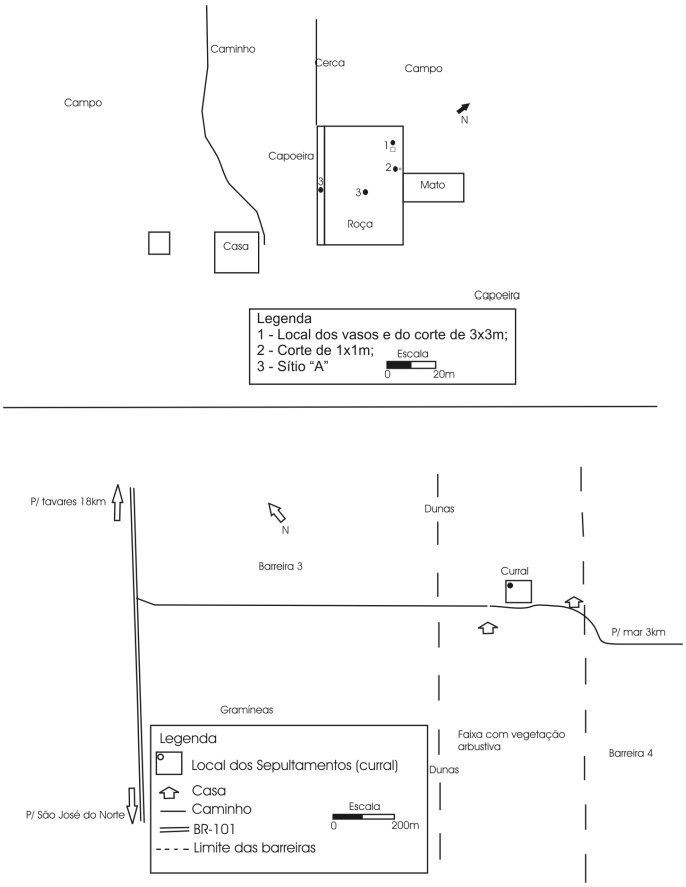


Figura 57. Croqui dos sítios RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima e RS-LC-09: Manoel Mariano Machado, indicando o local aonde foram encontrados os sepultamentos.

RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-45 são 30°08'33,95"S e 50°04'33,00"W e está localizado a 15,0 km de Mostardas em direção a Tavares, no Rincão do Cristóvão Pereira, na localidade denominada Costa de Cima, na propriedade do Sr. Lino A. Pires de Lima, distando 50,0 m da casa. Este sítio foi visitado a pedido do Instituto Brasileiro de Recursos Naturais Renováveis e Meio Ambiente – IBAMA/Mostardas, que tinha sido informado pelo proprietário das terras.

O local do achado está sobre solo arenoso e friável na plataforma da Barreira III e proximidade imediata da zona de dunas, que forma o limite com a Barreira IV. A altura sobre o nível do mar é de aproximadamente 10,0 m. Com uma área de 30,0 m de diâmetro encontra-se uma mancha de terra escura. O local estava arado e plantado.

Na mancha escura foram registrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani e lítico e na área lavrada foi possível observar indícios de fogueiras, restos de ossos de animais e conchas, indicando que se tratava de um sítio de habitação.

Do material de superfície foi feita coleta, recolhida ao LEPAN-FURG.

No canto norte apareceram as bordas de dois recipientes enterrados que deram motivo para a realização de dois cortes, o primeiro de 3,0 x 3,0 m e o outro de 1,0 x 1,0 m.

"B"

Por indicação do IBAMA de Mostardas, foram cadastradas outras concentrações de material nas proximidades do sítio RS-LC-56: Estevaldino Luís Rodrigues I, o qual denominou-se de "B". O local estava arado para o plantio. Nele foram registradas duas urnas funerárias Tupiguarani, com ossos humanos no interior (individuo jovem – criança, parte da calota craniana e dentes de "leite").

"C"

O material de dois cortes realizados no local recebeu a denominação de "C". Foram este os cortes responsáveis pela extração das urnas do solo, um com 3,0 x 3,0 m e o outro de 1,0 x 1,0 m. Resultado deste cortes foram fragmentos de cerâmica Tupiguarani, lítico, conchas e ossos. Abaixo está transcrito o item que descreve a classificação dos achados, bem como sua identificação e nomenclatura:

> Fomos ao local devido informação, pelo IBAMA de Mostardas, achado de vasilha(s) e ossos humanos nas terras do sr. Lino Azevedo Pires, Costa de Cima, Tavares. O sítio "A" é o da roça, cujo material foi obtido através de coletas superficiais sistemáticas e recebeu o número de catálogo 312. No mesmo sítio foram encontradas vasilhas (duas) com ossos e dentes humanos. [este] Recebeu a denominação de "B" e número de 313. O material proveniente dos dois cortes experimentais de 3x3m e 1x1m, receberam a denominação de "C" e número de catálogo 314. Os dois últimos locais estão ao norte do sítio. Os cortes foram realizados em função do achado pelo arrendatário (Sr. Sidnei Pereira da Silva) da(s) urna(s) funerária(s).[162]

No corte de 3,0 x 3,0 m foi encontrado um sepultamento em urna funerária de um indivíduo jovem. No corte de 1,0 x 1,0 m foi encontrado outro sepultamento de indivíduo não identificado quanto à idade.

O primeiro sepultamento consistia de uma grande panela carenada, corrugada, na qual se encontravam os ossos e, como tampa, uma tigela carenada, também corrugada.

Os ossos consistiam de um fragmento de calota craniana (0,3 cm de espessura x 3,2 cm de comprimento e 2,5 cm de largura).

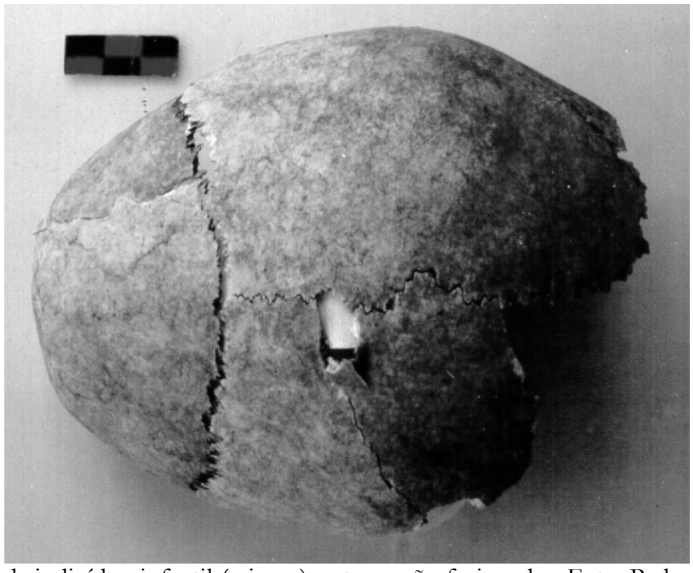


Foto 39. Calota craniana de indivíduo infantil (criança), suturas não-fusionadas. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1995.

[162] MENTZ RIBEIRO, P. A.; PEREIRA PENHA, M. A. Ficha de Sítio n. 45, Item 27 do Doc. 1 do Arq. do LEPAN, 1998.

Foram recolhidos também dentes avulsos, uma falange proximal do polegar, um fragmento do corpo da ulna, um corpo do rádio. Os dentes encontrados são: o segundo molar do lado direito e do lado esquerdo da mandíbula e o segundo molar do lado direito da maxila; eles possuem apenas a coroa e uma porção estreita do colo, sem, ainda, raízes, indicando que se trata de um indivíduo imaturo. Segundo a bióloga Cláucia Bentrano (com. pes.) seria uma criança com idade entre 6 e 10 anos. Nenhuma oferenda funerária foi encontrada junto com os ossos.

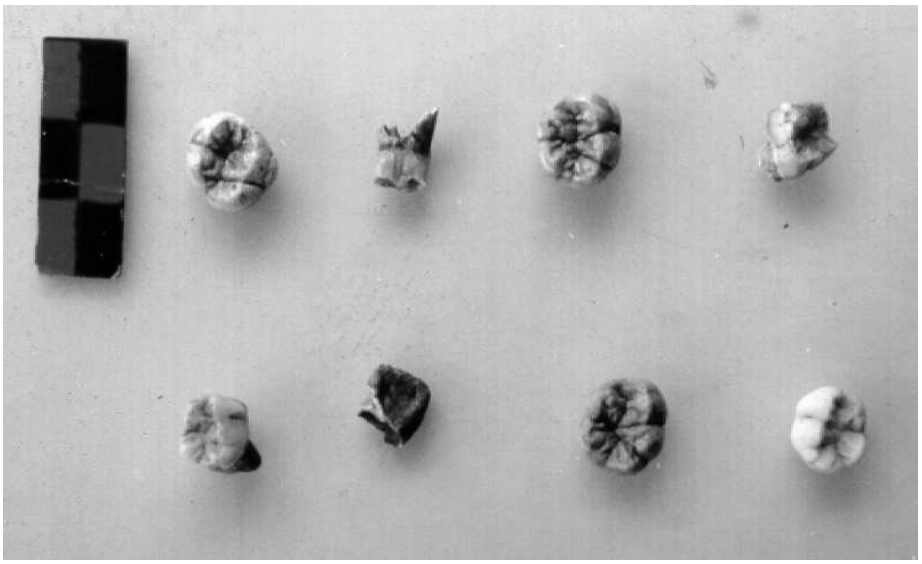


Foto 40. Dentes de leite (pouca ou nenhuma raiz) que estavam no interior da urna.
Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1995.

A primeira vasilha é uma grande panela inteira, com pequenos desgastes junto ao lábio. A parte inferior, até a carena, é cônica, a parte superior é um pouco convexa e termina numa pequena inflexão junto ao lábio arredondado. A boca mede 43,0 cm de diâmetro; o bojo, na altura da carena, 46,0 cm; a profundidade é de 29,0 cm. As paredes medem 1,0 cm de espessura, chegando a 1,2 cm na base e a coloração varia entre ocre-pardacento e ocre-escuro, com manchas negras na parede externa, indicando queima oxidante incompleta. A pasta é compacta e bem amassada, mas apresenta fissuras entre alguns roletes. O antiplástico varia de fino a médio, com grãos de quartzo de 0,01 a 0,03 cm e grãos de argila até 0,1 cm.

Foto 41. Urna funerária do sítio RS-LC-45. Em seu interior havia ossos longos e alguns dentes de leite, indicando se tratar de um enterramento de uma criança. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1995.

A tampa, também inteira, é uma grande tigela carenada, com 32,0 cm de boca, 31,0 cm de diâmetro na altura da carena, 12,0 cm de profundidade. A parte inferior à carena é cônica, a parte superior é levemente convexa, terminando num lábio arredondado. A espessura das paredes e de 1,1 cm; a superfície é ocre-pardacento-acinzentado. É possível ver grãos de cerâmica triturados usados como antiplástico.

Foto 42. Vasilha que servia como tampa da vasilha da urna funerária. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1995.

No corte de 1,0 x 1,0 m, distante 8,0 m do anterior, foi encontrado um segundo sepultamento, mais deteriorado, consistindo de cacos cerâmicos variados e fragmentos de ossos longos, provavelmente de um indivíduo humano adulto.

A partir dos fragmentos cerâmicos foi possível reconstituir, em laboratório, duas vasilhas corrugadas: a primeira é cônica, de contorno simples, com borda um pouco reforçada e introvertida terminando em um lábio arredondado. A boca mede 48,0 cm de diâmetro e a profundidade é de 28,0 cm.

Foto 43. Vasilha corrugada que continha ossos pertencente ao segundo conjunto funerário do sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima.

As paredes medem 1,2 cm e a coloração é ocre-pardacento. Algumas manchas escuras na parede externa indicam queima oxidante incompleta. A pasta é compacta, bem amassada com antiplástico formado por grãos de quartzo variando entre 0,01 e 0,03 cm e argila triturada com até 0,9 cm.

A segunda, provavelmente a tampa, apresenta a forma de meia calota, borda inflectida terminando num lábio apontado. A boca mede 40,0 cm de diâmetro e a profundidade é de 22,0 cm. A espessura das paredes é de 1,1 cm e a coloração é o ocre-pardacento; a extensão da queima é de 0,8 cm com um núcleo preto-acinzentado, indicando uma queima oxidante incompleta. A pasta é mal amassada, com bolhas de ar e o antiplástico é fino, grãos de quartzo que variam de 0,01 a 0,03 cm e grãos de argila triturada com até 0,1 cm.

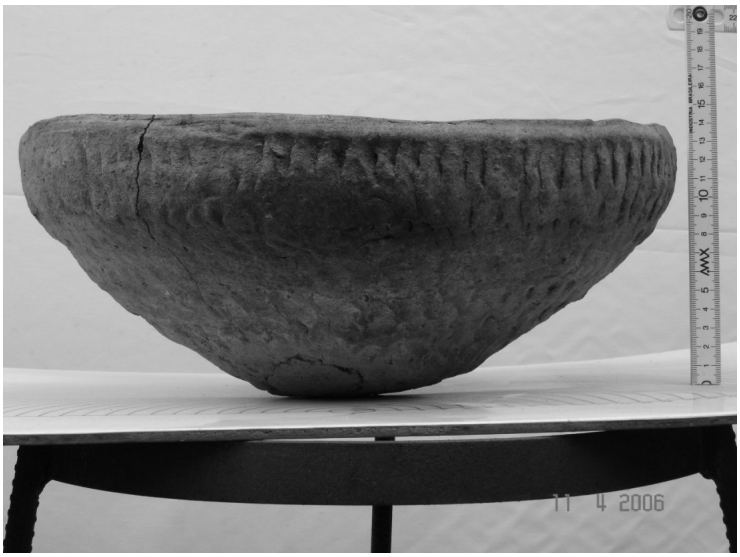


Foto 44. Vasilha corrugada que servia como tampa, do segundo conjunto funerário do sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima.

Provavelmente essas duas vasilhas comporiam o conjunto funerário. Na proximidade foram recuperados outros fragmentos de vasilhas menores pintadas ou corrugadas cuja ligação com os sepultamentos não pode ser estabelecida.

Embora localizadas a pequena distância da mancha escura na qual se encontra maior densidade de material, é provável que os sepultamentos sejam de pessoas que moravam no local.

Foto 45. Vasilha corrugada complexa, escavada nas proximidades dos enterramentos. Estava sem tampa e não continha ossos em seu interior.

No entanto, devido à ação do arado foram recolhidos apenas fragmentos relativamente grandes de cerâmica e ossos. Mentz Ribeiro descreve como "...um sítio habitação, onde foi realizado pelo menos um sepultamento de criança. Foi encontrada a urna e sua tampa, a primeira fragmentada e faltando partes de sua borda e, a segunda, inteira. A urna é cônica, inflectida e corrugada-ungulada; a tampa, com igual decoração é em meia-calota, direta, levemente introvertida."[163].

RS-LC-49: Bacopari I

As coordenadas geográficas do sítio RS-LC-49 são 30°32'12,80"S e 50°25'32,40"W. O sítio de Bacopari fica junto a um camping na estrada de terra entre Palmares e Mostardas, distando da praia cerca de 4,0 km. Está numa altitude de 25,0 m sobre o nível do mar. Como os demais sítios da tradição Tupiguarani dos municípios de Tavares, Mostardas e Palmares do Sul (Ver Schmitz editor 2006), ele está no lado ocidental

[163] MENTZ RIBEIRO & CALIPPO, 2000, p. 28.

do cordão de lagoas litorâneas, em área de floresta de restinga, na faixa de dunas vegetadas que formam o limite da Barreira III com a IV.

Os materiais arqueológicos são encontrados na estrada e nos barrancos da mesma, onde junto ao portão de acesso ao camping é visível, um estrato mais escuro com material arqueológico.[164] A lagoa de Bacopari dista aproximadamente 100 m.

A equipe de pesquisa chegou ao local, porque na Casa de Cultura de Mostardas viu em cima de uma mesa uma vasilha contendo um crânio, cuja proveniência foi indicada como do sítio de Bacopari. Visitando o sítio, em 1994, a equipe viu material cerâmico e ósseo espalhado na superfície e aparecendo nos perfis, material do qual fez uma coleta assistemática.

O Sr. Antônio Tadeu da Silva Martins, morador do local, informou ter encontrado o sepultamento ao abrir um buraco para colocação de um esteio, na proximidade da estrada.

O material recolhido na oportunidade consiste de uma vasilha pintada de vermelho sobre branco, na qual existia um crânio humano e fragmentos cerâmicos corrugados. Junto com este material também foram entregues conchas marinhas, cuja posição com relação ao sepultamento não foi explicitada.

O crânio completo, encontrado dentro da vasilha, corresponde a um indivíduo adulto de sexo masculino.

Foto 46. Crânio que estava no interior da urna. Na nuca é possível observar as depressões de inserção dos músculos. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1995.

Na sutura occipital notam-se pequenos ossos suplementares. Na arcada superior esquerda, na altura dos molares existem perfurações ósseas produzidas por abscesso(s), que podem ter resultado em perda dentária. Os dentes apresentam uma abrasão média. Não há informação de que tenha havido outros ossos dentro da vasilha.

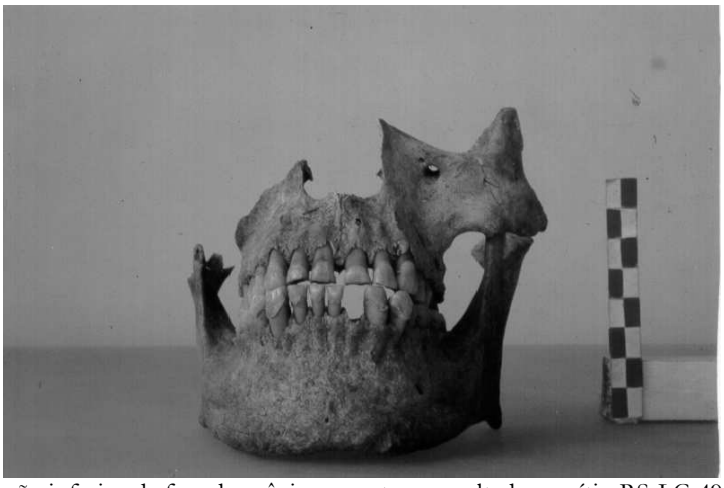


Foto 47. Mandíbula e porção inferior da face do crânio que estava sepultado no sítio RS-LC-49: Bacopari I. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1995.

[164] MENTZ RIBEIRO, P. A.; CALIPPO, Flávio Ricci; PEREIRA PENHA, M. A. Ficha de Sítio n. 49, Item 11, Doc. 1 do Arq. do LEPAN, 1998.

Mas teria havido fragmentos cerâmicos corrugados que se pode supor provenham da tampa que cobria a vasilha pintada.

Com isto podemos concluir que temos nova deposição de um crânio em vasilha pintada com uma tampa corrugada.

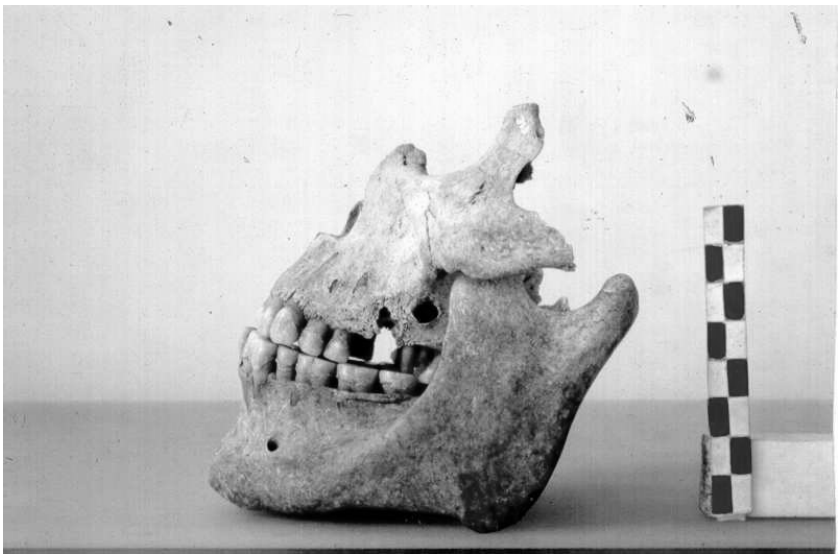


Foto 48. Vista lateral da mandíbula. No maxilar superior é possível observar uma infecção que provocou o rompimento do osso na altura da raiz do dente. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1995.

A vasilha, inteira, que continha o material, é um recipiente pintado e carenado, típico da tradição Tupiguarani. A abertura da boca é de 27,0 cm, o diâmetro do bojo na altura da carena é de 29,0 cm, a base é cônica, o lábio é arredondado, a espessura da parede é de 0,9 cm. A vasilha está pintada de vermelho sobre branco com motivos retilíneos na forma de triângulos opostos na parte do ombro e com uma rede de linhas cruzadas na parte da borda, separadas por uma faixa vermelha que também fecha a pintura na altura da carena. Numa separação de roletes perto da base permitiu ver que o antiplástico é composto de grãos de quartzo. A queima foi feita em atmosfera oxidante e não apresenta manchas de fuligem.

Foto 49. Vasilha usada como urna funerária no sítio RS-LC-49: Bacopari I. No seu interior estava depositado um crânio fragmentado. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1995.

Sepultamento Campo da Honra, Tavares.

Deste sepultamento existem poucos dados concretos. O sepultamento foi encontrado nas terras do Sr. Luis Aguinello, por um arrendatário ao trabalhar numa roça de milho. A vasilha, mais o crânio que estava em seu interior, foram incorporados à coleção que o proprietário mantém em sua loja de ferragem na cidade de Tavares. Não há informação sobre outros ossos que poderia ter havido na vasilha, e que indicassem o

sepultamento de um corpo. Nem de cerâmica, que poderia indicar uma tampa, que certamente existiu, considerada a boa conservação do crânio.

Foto 50. Crânio que estava no interior da urna da coleção do Sr. Luis Aguinello. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

O crânio, sem a mandíbula, está completo e bem conservado. Ele corresponde a uma mulher adulta, que tinha todos os dentes, inclusive os sisos.

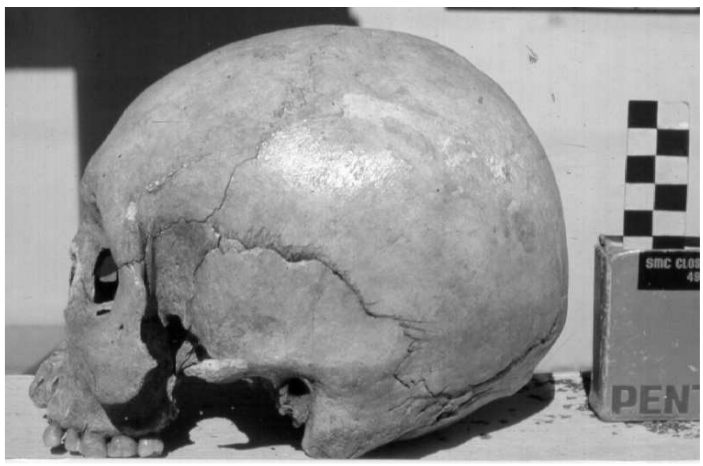


Foto 51. Crânio que estava no interior da urna da coleção do Sr. Luis Aguinello. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

O crânio em visão occipital se mostra suavemente tectiforme e tem um pequeno osso incaico. Os dentes apresentavam leve abrasão da coroa; nas mesmas não se observaram indícios de cárie ou abscesso. No crânio da coleção faltam dentes perdidos na manipulação.

Foto 52. Crânio que estava no interior da urna da coleção do Sr. Luis Aguinello. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

A vasilha que continha o crânio é uma típica panela carenada, pintada: a parte inferior à carena é suavemente cônica, a parte superior é suavemente inflectida, terminando numa borda reforçada externamente. A abertura de boca de 25,0 cm, o diâmetro máximo do bojo é de 31,0 cm e a profundidade é de 18,0 cm.

Foto 53. Vasilha pertencente à coleção do Sr. Luis Aguinello, Tavares, foi encontrada pelo proprietário com um crânio em seu interior. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

A parede tem 1,0 cm de espessura; o lábio é arredondado. A pintura do ombro é feita em duas faixas por figuras geométricas vermelhas sobre engobe branco, opostas de quadriláteros formados, em três lados, por uma seqüência de linhas paralelas e no quarto lado por uma banda vermelha. A borda reforçada está coberta por uma rede de linhas entrecruzadas limitadas por uma faixa vermelha que a separa do ombro e uma faixa vermelha no lábio arredondado.

Foto 54. Vasilha pertencente à coleção do Sr. Luis Aguinello, Tavares, foi encontrada pelo proprietário com um crânio em seu interior, na posição invertida para melhor visualização. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

Devido ao reduzido tamanho do recipiente pode-se supor que se trate da deposição apenas do crânio; no presente caso sem a mandíbula como também se observou no sítio Manoel Mariano Machado. No sítio do Bacopari o crânio foi sepultado junto com a mandíbula.

Esses três sepultamentos apresentam características *sui generis*: ao contrário dos sepultamentos em que existem corpos, que são enterrados em recipientes corrugados, estes são depositados em vasilhas pintadas, de tamanhos parecidos, com pinturas semelhantes.

Comparações

Para efeito de comparação foram utilizados alguns dados apresentados na tese de Klamt.[165] Na tese Klamt aparece, registrado pelo mesmo, o sítio Scapini que foi considerado como uma área de enterramento (sítio cemitério). Na época foram registradas cinco estruturas funerárias no sítio Scapini (A, B, C, D, E). Salvo a estrutura "A", as demais eram compostas de "duas vasilhas, tendo tigelas como tampas"[166]. O enterramento que apresenta maiores semelhanças é a urna n° "5" da estrutura "C". Esta mesma "estava enterrada a 1,50 m no sentido Leste da urna "4", apresentando também decoração plástica corrugada, com diâmetro de boca igual a 65,0 centímetros, profundidade de 58,0 centímetros, diâmetro máximo no bojo com 76,0 centímetros e volume aproximado de 180,0 litros. O conjunto estava coberto por uma camada de solo com 24,0 cm de espessura."[167] Muito parecido com o S2 do sítio RS-LC-09: Manuel Mariano Machado e com o S1 do sítio RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima, que apresentaram sepultamentos nas proximidades (oscilando entre 1,0 e 5,0 m) paralelos em relação ao mar (no caso de Klamt era o rio Jacuí) e compostos por vasilhas que apresentavam tamanho aproximado, a mesma decoração e tampas semelhantes.

Na estrutura "D" de Klamt foram registrados anexos funerários, ou seja, vasilhas pequenas de cerâmica e um tembetá acompanhando a urna n° "7"[168], nos enterramentos da planície central os anexos funerários estavam fora da urna e não dentro como no caso de Klamt, e foi representado apenas pelo colar do S1 do sítio Manuel Mariano Machado. Difere, ainda, por não se terem registrado na área do sítio Scapini, em Ibarama, enterramentos secundários semelhantes aos do litoral, ou seja, apenas do crânio em vasilha pintada.

Com base nos dados acima pode se dizer que o grupo portador da cultura material da tradição Tupiguarani praticava dois tipos de sepultamentos na planície costeira central: primeiro tipo, direto no solo, estendido com o crânio virado para o nascente. Esperavam o corpo se decompor e, em seguida, retiravam o crânio e o depositavam no interior de uma urna de pequenas proporções; esta, por sua vez, era colocada no local onde originalmente estaria o crânio.[169] O segundo tipo repete as práticas clássicas de sepultamento da tradição Tupiguarani, ou seja, alguns ossos (ou o corpo inteiro) eram depositados em urna e após era realizado o enterramento. As vasilhas em geral são de pequenas proporções. Nos enterramentos, as vasilhas com tampa eram depositadas próximas de outro enterramento, primário ou secundário[170]. Foram encontrados sepultamentos em sítios habitação e em sítio exclusivamente cemitério.

Capítulo IX. COMPARANDO OS SÍTIOS

> La Seriación es un método muy útil para revisar los sitios en que se han obtenido colecciones de superficie. También se utiliza para ordenar colecciones logradas por excavaciones, pero que no están relacionadas estratigraficamente.[171]

Seriação

No ano de 2002, no mês de setembro, foi realizado o I Seminário Internacional de Estudos do Método Quantitativo Para Estabelecimento de Seqüências Culturais em Arqueologia, no Núcleo Tocantinense de Arqueologia da Fundação Universidade do Tocantins. No seminário foram debatidas as aplicações do "Método Ford", sua função na pesquisa arqueológica e, por fim, suas perspectivas teóricas. Naquele momento, foi acordado que cada participante do evento utilizaria o método em seus respectivos projetos, pois estes seriam publicados posteriormente. Na ocasião, Mentz Ribeiro apresentou um texto no qual discute a seriação feita com os dados da pesquisa realizada na planície costeira central do Rio Grande do Sul, texto que permanece inédito.[172] Tendo revisado as seriações apresentadas por ele, nos definimos por sua aceitação e das denominações com que as identificou e no presente capítulo, usamos umas e outras confiadamente.

Os estudos da seriação da cerâmica da tradição Tupiguarani com os dados recolhidos na planície costeira central começaram a partir de 2001.

Os trabalhos nesta área foram coordenados pelo Prof. Pedro Augusto Mentz Ribeiro, auxiliado por bolsistas. Nos 64 sítios estudados na área, foram conseguidas apenas 25 amostras de cerâmica Tupiguarani que continham mais de 100 fragmentos cada uma, quantidade necessária para o estudo de seriação. Todas

---

[165] KLAMT, 2004.
[166] KLAMT, 2004, p. 197.
[167] KLAMT, 2004, p. 199.
[168] KLAMT, 2004, p. 201.
[169] MENTZ RIBEIRO & CALIPPO, 2000, p. 27 e 28.
[170] Os sepultamentos, com exceção dos que foram encontrados à parte, representam conjuntos de pares, isto é, foram depositados um ao lado do outro.
[171] FORD, 1962.
[172] MENTZ RIBEIRO, 2002.

estas amostras pertencem a contextos Tupiguarani de sítios erodidos sobre dunas. Essas 25 amostras não incluem, pois, material proveniente de sítios históricos, híbridos e da maioria dos sítios reocupados, mesmo quando tinham alguma cerâmica Tupiguarani.

Os tipos decorativos foram os critérios usados para a quantificação. Foram separados em 06 tipos de decoração e um simples, assim distribuídos: simples, corrugado, corrugado-ungulado, ungulado, escovado, engobe, pintado e inclassificável. A porcentagem dos inclassificáveis é relativamente significativa, pois o processo erosivo litorâneo dificulta a identificação da decoração plástica e pintada. Utilizou-se a decoração como referência, por dois motivos: as formas dos vasos não variaram intensamente devido à relativa pouca quantidade de bordas confiáveis para um desenho técnico e os antiplásticos eram, na maioria dos casos, homogêneos entre si, compostos de areia fina misturada com variados tipos de temperos. Por isso, a decoração foi o recurso usado para serem percebidas as tendências dos tipos decorativos.

Foram calculadas as porcentagens de cada tipo decorativo nas 25 amostras selecionadas. As porcentagens foram repassadas para folhas de papel milimetrado, em barras horizontais com indicação do número do sítio e do número de catálogo. As barras foram organizadas pelas semelhanças das porcentagens de cada um dos tipos, para formarem seqüências contínuas crescentes e/ou decrescentes, em gráficos como serão apresentados abaixo. Não foi possível interdigitar todas as amostras em uma série única, resultando três gráficos de porcentagens, que representam séries, denominadas de Capororoca, Capivaras e Bacopari, nomes correspondentes a topônimos da planície costeira central.

Série Capororoca

A série Capororoca é composta por 08 (oito) sítios, descritos no Capítulo III. São eles: RS-LC-18: José Rosa da Silva, RS-LC-64: Estevaldino Luis Rodrigues II, RS-LC-56: Estevaldino Luis Rodrigues I, RS-LC-55: A. Adolfo de Araújo, RS-LC-54: Parna II, RS-LC-58: Levi Farias dos Santos, RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima, RS-LC-27: Dilmo Martins & José Érico Weber. Destes, foram descritos como aldeias: 64, 56, 55, 54; como sítios isolados puros, os demais. Nesta série não existe nenhum sítio reocupado ou híbrido. Observando a distribuição dos sítios no espaço, percebe-se que estão concentrados na margem ocidental da Lagoa do Peixe e em sua proximidade, em uma área com extensão de 75,0 km.

MAPA DA PORÇÃO CENTRAL COSTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL,
ASSINALANDO OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA FASE CAPOROROCA.

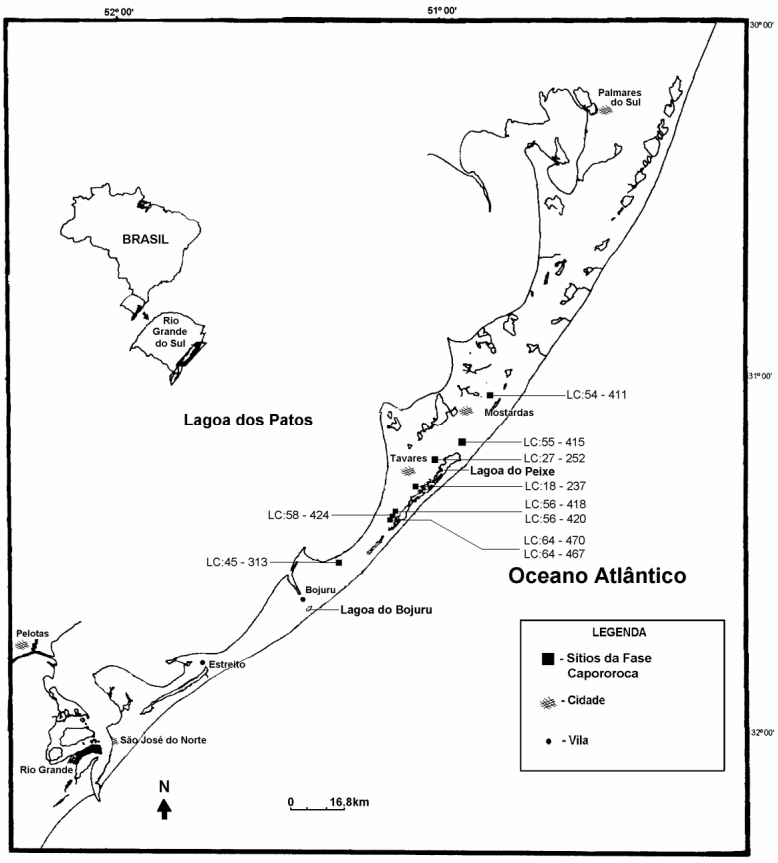


Figura 58. Mapa com a distribuição dos sítios da série Capororoca.

A organização das amostras no gráfico se baseia no fato de que, normalmente, nas seriações organizadas em diversas áreas do Estado, o corrugado-ungulado cresce nos períodos mais recentes da ocupação Tupiguarani[173].

O gráfico da seriação, assim organizado, mostra um decréscimo regular do tipo simples, um crescimento regular seguido de decréscimo regular do tipo corrugado e crescimento regular do tipo corrugado-ungulado. Os demais tipos de decoração não apresentam tendências diagnósticas.

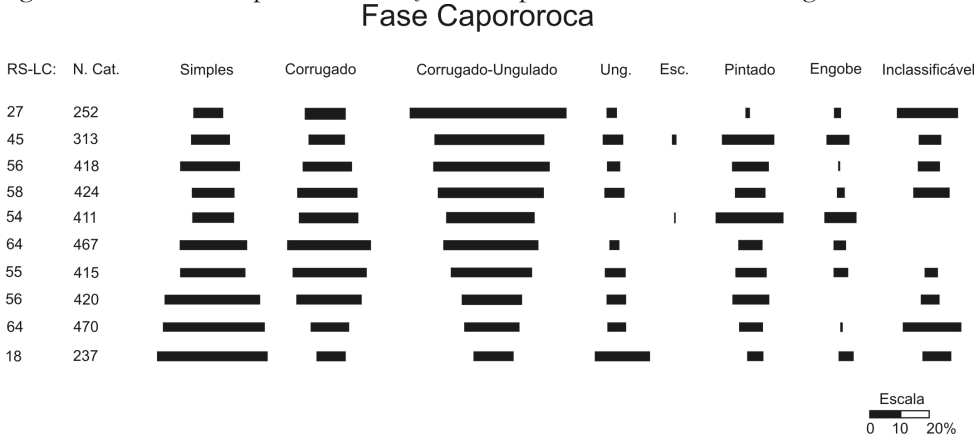


Figura 59. Gráfico de seriação da série Caporoca.

No gráfico se observa que amostras atribuídas a manchas diferentes de uma mesma aldeia podem apresentar posições mais ou menos diferenciadas na seriação, por exemplo, as amostras do sítio RS-LC-64 e RS-LC-56 aparecem em duas posições no gráfico.

O gráfico pode ser interpretado de duas maneiras: na suposição de que se tratasse de uma só aldeia (ver figura abaixo), que se movimenta no espaço, teríamos a oscilação entre uma área central na margem da lagoa e duas ocupações em sua periferia; a outra interpretação é de que se tratasse de mais de uma aldeia, como descritas no Capítulo III, com ocupações satélites.

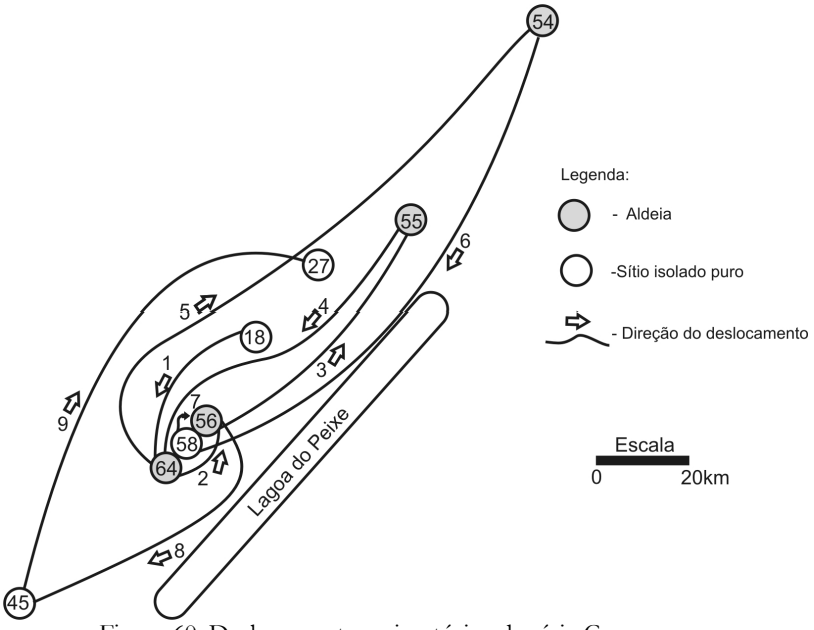


Figura 60. Deslocamentos migratórios da série Caporoca.

Série Capivaras

A série Capivaras é representada pelos sítios: RS-LC-26: Romeu Antônio da Costa, RS-LC-66: Parna V, RS-LC-44: Ildefonso Braga "B", RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima, RS-LC-67: Parna VI, RS-LC-56: Estevaldino Luís Rodrigues I, RS-LC-54: Parna II, RS-LC-38: Bojuru Velho "B", RS-LC-31: Barranco "A". Destes, foram descritos como aldeias: 56, 54 e 38, sendo que os dois primeiros também aparecem na série

[173] SCHMITZ, 1985.

anterior; como sítios isolados puros, os demais. Os sítios estendem-se por uma área de aproximadamente 90,0 km de extensão.

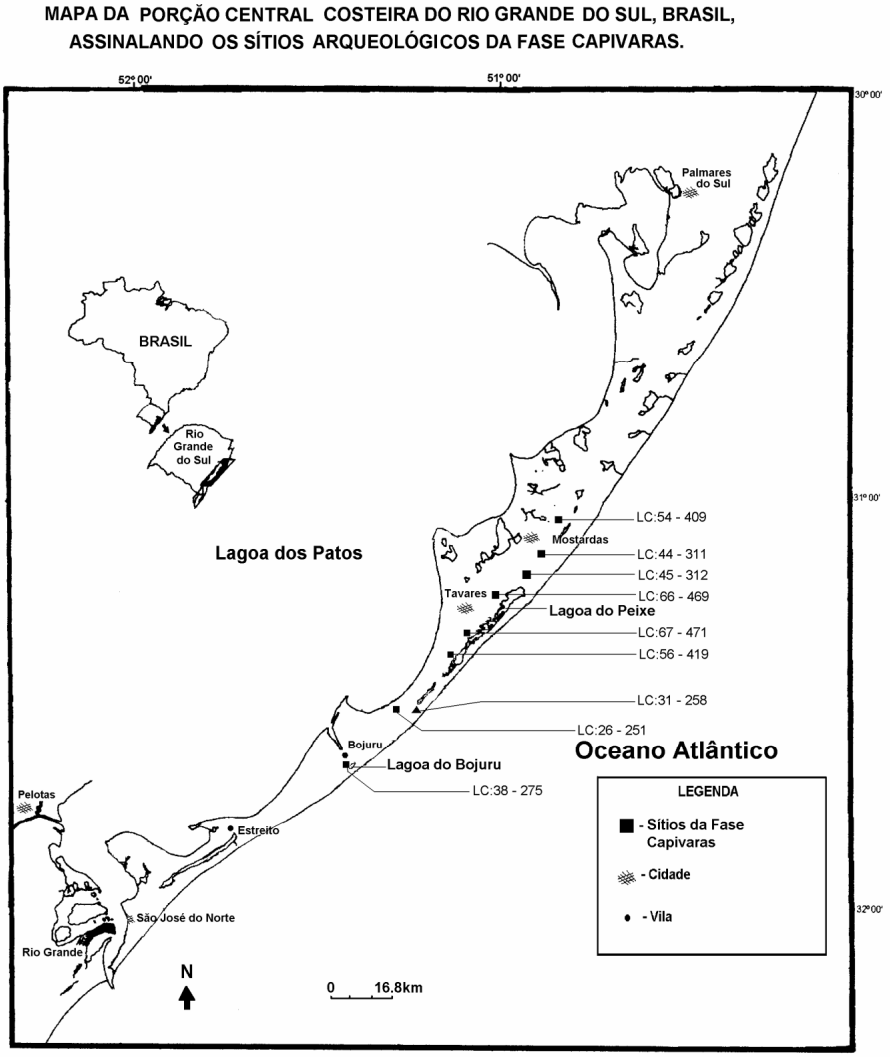


Figura 61. Mapa com a distribuição dos sítios da série Capivaras.

A seriação foi construída sobre o mesmo princípio da série anterior, isto é, o crescimento do corrugado-ungulado. As tendências gerais então são as mesmas, mas com porcentagens diferentes, que não permitem a interdigitação. Aparecem tendências definidas: o simples decresce regularmente, o corrugado-ungulado cresce regularmente, o ungulado decresce e o pintado cresce.

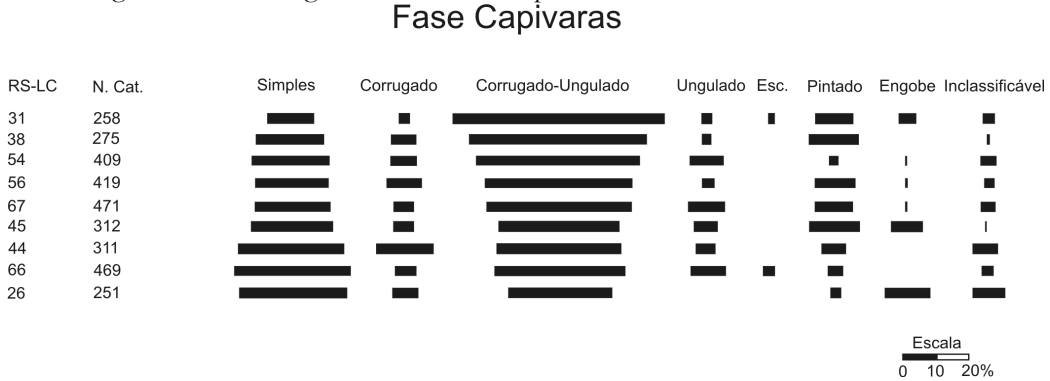


Figura 62. Gráfico de seriação da série Capivaras.

Esta série pode representar a continuidade da série anterior, ocupando então áreas mais periféricas, não ocupadas. A observação das mesmas tendências, o crescimento maior do corrugado-ungulado e a ocupação das áreas periféricas, sugerem que se trata de um desdobramento populacional, a partir da primeira.

O gráfico pode, da mesma forma que o anterior, ser interpretado de duas maneiras: na suposição de que a série represente uma só aldeia (ver figura abaixo) que se movimenta no espaço, ela circularia na periferia não ou pouco ocupada, de um extremo da mata de restinga ao outro, partindo de uma ocupação mais ao sul (RS-LC-26) e indo para o norte além da Lagoa do Peixe; seus últimos sítios (RS-LC-54 e 38) estão nas extremidades da mata, tanto ao norte como no sul e na beira da praia (RS-LC-31), onde foram explorados recursos marinhos. A outra suposição é de que poderia ter havido mais do que um desdobramento, um no norte e outro no sul da área, com uma movimentação menor dentro de cada área.

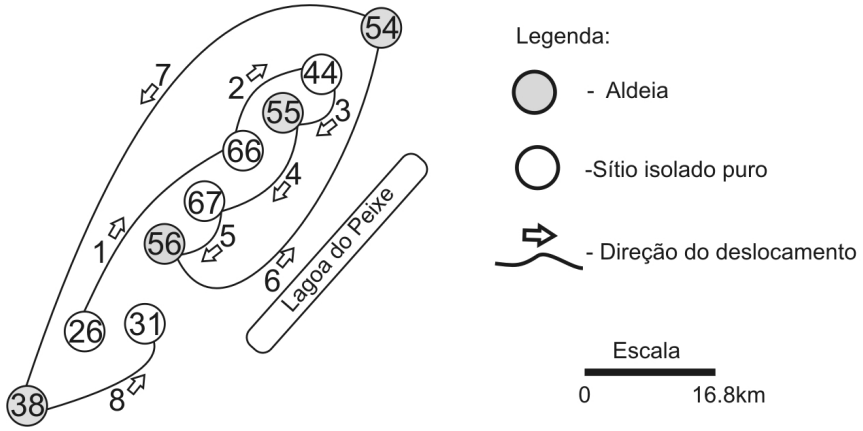


Figura 63. Deslocamentos migratórios da série Capivaras.

Série Bacopari

A série Bacopari é formada por quatro sítios: RS-LC-05: Mário Boeira Martins, RS-LC-54: Parna II, RS-LC-37: Bojuru Velho "A" e RS-LC-55: A. Adolfo de Araújo. Em nosso capítulo sobre os sítios, o primeiro tinha sido classificado como híbrido, os três últimos como aldeias. Os sítios da série Bacopari ocupam áreas periféricas, ao norte e ao sul, das séries anteriores.

O gráfico representativo desta série é formado por oito colunas, cada uma representando uma decoração. O gráfico foi construído sobre a observação de que o corrugado-ungulado cresce regularmente e o ungulado decresce. Os outros tipos não apresentam tendências claramente definidas.

O gráfico se distingue dos dois anteriores pela forte presença do tipo corrugado, não permitindo nenhuma interdigitação com as outras séries. Excluindo o sítio RS-LC-05, observamos tendências definidas no tipo simples e corrugado-ungulado, que crescem e no corrugado, ungulado e pintado/engobado, que decrescem.

Para a interpretação do gráfico, temos duas suposições: uma só aldeia que se movimenta no espaço, ocupando as duas extremidades da área de povoamento; a outra é de que seria de uma aldeia que se movimenta no norte e outra aldeia no sul.

A pergunta que fica, devido à diferença dessa série com relação às duas anteriores, é se temos condições de pleitear seu surgimento a partir da série anterior ou se precisamos pensar numa população que vem de fora da área. A primeira alternativa seria mais econômica, mas a segunda também é difícil de excluir, pensando que poderia ter havido uma migração do norte (a partir do sítio RS-LC-05) para o sul, ao longo da mata de restinga.

As séries Caporoca, Capivaras e Bacopari representam o núcleo principal da ocupação Tupiguarani, localizada em terrenos altos e secos, com mata de restinga, na margem ocidental do cordão de lagoas litorâneas, onde se destaca a longa Lagoa do Peixe. Este espaço é limitado por áreas pantanosas, campos e dunas ativas do litoral atlântico, ambientes que foram ocupados por populações caçadoras e coletoras pré-cerâmicas e pelos ceramistas da Tradição Vieira. Eventualmente o grupo Tupiguarani acampou em cima destes sítios, quando abandonados (sítios reocupados) ou ainda ocupados, fazendo contatos com estas populações (sítios híbridos).

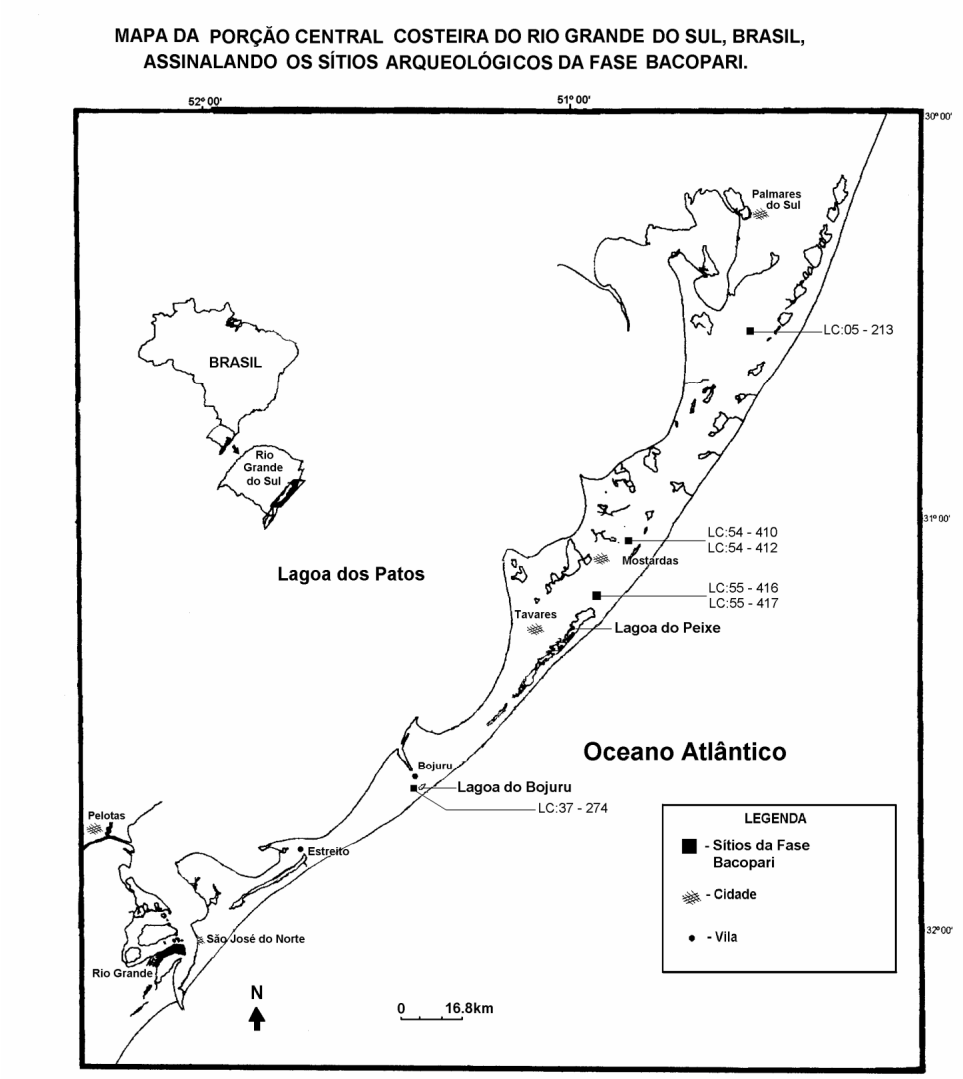


Figura 64. Mapa com a distribuição dos sítios da série Bacopari.

Figura 65. Gráfico de seriação da série Bacopari.

As séries representam momentos sucessivos de ocupação da área pelos grupos Tupiguarani, mas a relação entre eles é desconhecida, como também não aparece nenhum indicador do tempo em que esse povoamento foi realizado. Mentz Ribeiro (2002)[174] fala de que estes povoamentos teriam ocorrido em um período recente, posterior a 1.100 d.C.

As séries não abrangem todos os assentamentos dessa população, porque alguns não tinham elementos suficientes para este exercício estatístico. Assim, não são abrangidos os sítios históricos, os híbridos e a maioria dos reocupados.

[174] MENTZ RIBEIRO, 2002,

Nas três séries as amostras representam concentrações que, umas vezes, foram descritas como sítios isolados puros e outras vezes como aldeias. Neste último caso, provavelmente a impressão de que um conjunto próximo de concentrações teriam sido casas de uma mesma aldeia pode ser ilusória e o conjunto representaria, então, reocupações de um mesmo espaço, por oferecer maior quantidade de recursos ou vantagens estratégicas. É o caso dos sítios RS-LC-54, 55, 56 e 64.

A paisagem da área apresentava parcialmente as características ambientais buscadas pela Tradição Tupiguarani: havia florestas de restinga relativamente grandes, solos passíveis de cultivos e uma grande lagoa com ligação com o mar.

Este povoamento apresenta semelhanças e diferenças com ocupações Tupiguarani do interior.

Este espaço delimitado e isolado entre o Oceano, a Lagoa dos Patos e grandes banhados, talvez seja uma oportunidade única para demonstrar como seria um *tekohá*, isto é, quais são os tipos de instalações, como elas se distribuem no espaço para aproveitamento dos recursos disponíveis, como a sociedade se organiza no espaço, como as aldeias se desdobram em novos assentamentos, buscando o aproveitamento de bens anteriormente não incorporados e como o grupo se relaciona com as populações vizinhas, ocupantes dos espaços que delimitam seu território. Para completar o quadro nos faltam datas que ajudem a relacionar as seqüências estatísticas organizadas a partir da tipologia cerâmica e que serviriam para dar tanto o começo da ocupação, quanto a eventual sucessão das populações.

No interior do Rio Grande do Sul, na região dos vales dos rios Jacuí e Pardo foram realizadas pesquisas sistemáticas para identificar as formas de assentamento e as diferenças regionais. Duas fases da tradição Tupiguarani, Botucaraí e Trombudo, representam o último povoamento pré-colonial do vale do rio Pardo[175]. A fase Botucaraí é procedente do médio Jacuí, efetuando deslocamentos migratórios e alcançando os vales do rio Pardo e Pardinho. A característica da ocupação dos grandes rios do interior, Jacuí e Pardo, é a abundância de grandes florestas nas várzeas úmidas dos rios. "*Os assentamentos se instalaram sobre coxilhas nas várzeas bastante largas, ou nas encostas planas dos morros, em conjuntos de duas ou mais casas, umas bem próximas das outras.*"[176] Além das várzeas existia a predisposição a ocupar áreas espaçosas, altas e planas e, de preferência, nas proximidades do rio.

No vale do rio Pardo, com a constatação de movimentos migratórios através da seriação, foi possível perceber que ocorreram "*não somente movimentos migratórios de um grupo, mas um verdadeiro processo de colonização de um vale, no sentido de povoar, cultivar e, provavelmente, conquistar a terra.*"[177]

A perspectiva de povoamento dos vales e áreas contíguas foi observado também por Schmitz[178], como é o caso da aldeia de Candelária, nas proximidades do rio Tibiri, onde foram localizados dois sítios. De acordo com Schmitz a aldeia "*também não seria uma instalação permanente, tendo os mais velhos provavelmente já morado em outras aldeias semelhantes, no mesmo vale, abandonadas, quando as condições do ambiente ou da aldeia estivessem de tal maneira degradadas que a transferência para um lugar intacto ou regenerado compensasse o esforço de começar tudo de novo.*"[179]

Os sítios da depressão central e dos vales dos rios Pardo e Jacuí são diferentes dos da planície costeira central, pois apresentam densidades maiores de material arqueológico, condizendo com o tamanho dos assentamentos que, na maioria dos casos, é maior do que o do litoral centro. A lógica de povoamento é aparentemente a mesma, ou seja, ocupação da várzea de grandes cursos ou concentrações d'água onde está a vegetação arbórea mais densa. Ao contrário dos grandes rios da encosta do planalto, os portadores da tradição Tupiguarani, na planície costeira central optaram pela Lagoa do Peixe para a instalação de suas aldeias, encontrando ali um ambiente favorável à horticultura e locomoção.

O material arqueológico de nossa pesquisa, mesmo pertencendo à subtradição Corrugada, oferece porcentagens distintas daquelas do centro do Estado. Enquanto as grandes vasilhas pintadas são comuns na encosta do planalto e nos vales dos grandes rios, indicando uma ocupação mais intensa e completa, elas são inexistentes no litoral centro, indicando uma realização menos completa ou menos estável da ocupação. O mesmo é indicado pela menor quantidade e variedade de formas e motivos de decoração e menores tamanhos.

No vale do rio Pardo, Rogge[180] identifica áreas de povoamento Tupiguarani sendo que "*o elemento fundamental, determinante do sucesso adaptativo da Tradição Tupiguarani nas áreas subtropicais, é o modo como estas populações se organizam a fim de ocupar e colonizar novas terras, reproduzindo um modelo cuja base foi gerada a partir de uma bem sucedida adaptação em um sistema ecológico complexo e que permite garantir, nestas novas colônias, a perfeita reprodução física e cultural.*"[181] Nas duas áreas, vale do rio Pardo e Médio Jacuí, foram constatadas áreas de domínio

[175] MENTZ RIBEIRO, 1981.
[176] KLAMT, 2004. p. 260
[177] MENTZ RIBEIRO, 1981, p. 143.
[178] SCHMITZ, *et. al.*, 1990.
[179] SCHMITZ, *et al.,* 1990, p. 123.
[180] ROGGE, 1996.
[181] ROGGE, J. H. 1996, p. 139. (com grifo no original).

pertencentes à tradição Tupiguarani, onde foi observado o movimento de uma ou duas aldeias em um espaço determinado, em relação à floresta estacional decidual[182].

No Médio Jacuí, os trabalhos de Schmitz[183] precedidos por José P. Brochado, demonstram que mais 100 sítios fazem parte de um grande povoamento Tupiguarani do vale, com ocupações antigas e recentes segundo a seriação:

> A densidade e antiguidade dos sítios Tupiguarani mostra que o vale era bem adequado para o desenvolvimento de horticultores. O povoamento parece ter-se dado a partir do espaço onde a várzea era mais bem drenada [...] O excesso da população do vale teria tido a necessidade de buscar ambientes menos ricos, mas ainda adequados para a produção do sistema, embora com realização mais pobre [...] O povoamento dos horticultores de tradição Tupiguarani deve ter durado, sem maiores interferências, até o começo do século XVI, quando, a partir do litoral atlântico, inicia a preia de índios Guarani por escravagistas de São Paulo.[184]

Os resultados, assim como os nossos, foram alcançados através de agrupamentos em áreas reconhecidas como "territórios de domínio" a partir da seriação. Identificamos, assim como no Médio jacuí, um primeiro povoamento de caçadores e coletores, seguidos milênios após pelos horticultores da tradição Tupiguarani. Segundo Schmitz, o povoamento do vale teria sido denso e antigo, o que pode ser representado pela quantidade, variedade e formas das vasilhas pintadas e corrugadas: "*o que [...] se percebe claramente é que o povoamento é mais antigo, mais denso e continuo junto à calha do rio [...] onde o ambiente era mais favorável a seu padrão de instalação, e é mais recente e menos denso em terrenos de menor aptidão.*"[185] Constatamos, igualmente, uma área mais apta, com ambiente mais favorável e zonas de ocupação menos densa e periférica em relação ao centro de povoamento.

Posteriormente, em 1996, Mentz Ribeiro chegou a conclusões semelhantes sobre o povoamento do Médio e Alto Jacuí.[186]

O material lítico na porção central do litoral é escasso, levando à reutilização de fragmentos de cerâmica para produzir afiadores-em-canaleta, que nos sítios do interior são feitos em arenito. No centro do Estado são abundantes os blocos utilizados, os batedores, moedores e lâminas de machado, que são raros na planície costeira.

No centro do Estado, os restos de alimentos preservados nos permitem conhecer a apropriação de proteínas através da caça, o que é impossível nos sítios estudados nessa dissertação, pela não preservação ou recuperação desses restos.

[182] ROGGE, J. H. 1996, p. 140.
[183] SCHMITZ, ROGGE & ARNT, 2000.
[184] SCHMITZ, ROGGE & ARNT, 2000, p. 119-120.
[185] SCHMITZ, ROGGE & ARNT, 2000, p. 119.
[186] MENTZ RIBEIRO, 1996. p. 38-39.

CONCLUSÃO

O POVOAMENTO PRÉ-HISTÓRICO DA ÁREA

A planície costeira central foi ocupada inicialmente por grupos da Tradição Umbu, em acampamentos sobre a Barreira III, em locais altos cobertos por campo e, mais tarde, em áreas mais baixas e alagadiças da Barreira IV.

"*Os locais das suas antigas moradias estão em áreas de relativamente pequenas dimensões, isto é, entre 10,0 m de diâmetro ou até 40,0 x 70,0 m. Isto significa pequenas populações, ou seja, grupos de 20 a 30 indivíduos.*"[187] Caracterizam estas ocupações os materiais superficiais, compostos de instrumentos líticos lascados: pontas-de-projétil triangulares pedunculadas e com aletas, raspadores, facas, lascas preparadas, microlascas; pedra polida: bolas de boleadeira, "quebra-coquinho", batedor e moedor, lâminas de machados com entalhes laterais, pingentes, peso de rede e seixos.

Foto 55. Pontas-de-projétil da planície costeira central, sítios da península de Areias Gordas, Capivaras e Passinhos. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1998.

Por volta do nascimento de Cristo, a tradição Umbu é substituída pela tradição cerâmica Vieira.

Os sítios da tradição cerâmica Vieira encontram-se em locais baixos, particularmente nas margens dos banhados e lagoas. Raramente acompanham o curso de rios. Dos "cerritos" RS-LC-42: Nilton Dutra, RS-LC-21: Ondina Brasil e RS-LC-39: José Pereira Leandro, dois acompanham a margem da Lagoa dos Patos e um está em banhado, todos implantados na Barreira IV. Os cerritos não formam conjuntos e são relativamente isolados em áreas onde a extensão transversal da Barreira IV é reduzida, isto é, inferior a 2,0 km.

Foram observados fragmentos de cerâmica Vieira (Foto 56a-e) em superfície no interior das matas de restinga, no limite entre as Barreiras; nas margens da Lagoa dos Patos acompanhados de lascas de calcedônia e quartzo, entre as dunas, afastadas entre 500 a 1000 m do oceano. Este fenômeno só ocorre entre São José do Norte e proximidades de Bojuru, cessando a partir daí, recomeçando depois no município de Mostardas.

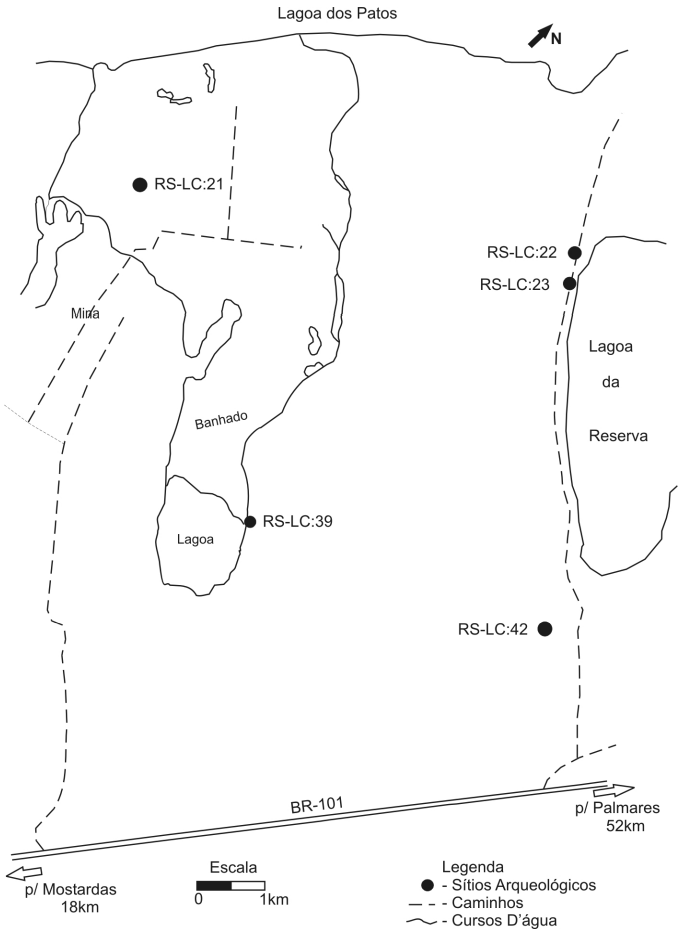


Figura 66. Croqui dos "cerritos" nas zonas de banhado.

[187] MENTZ RIBEIRO, P. A. & CALIPPO, F. R., 2004, p. 17.

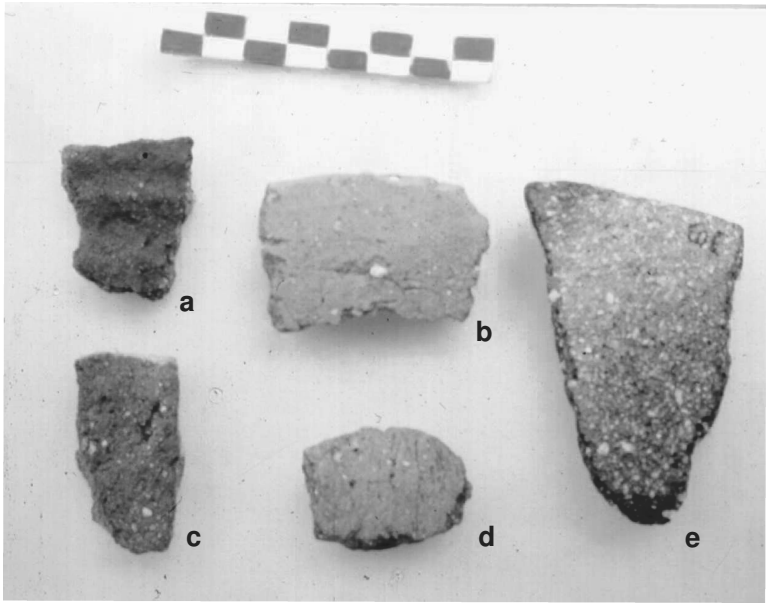


Foto 56. Cerâmica da tradição Vieira, fase Bojuru, Passinhos I e II. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1998.

Dos 08 "sambaquis" lacustres, compostos basicamente de valvas de moluscos de água doce, 06 apresentam cerâmica da tradição Vieira e destes, 04 apresentam também cerâmica da tradição Tupiguarani, mas não cerâmica aculturada.

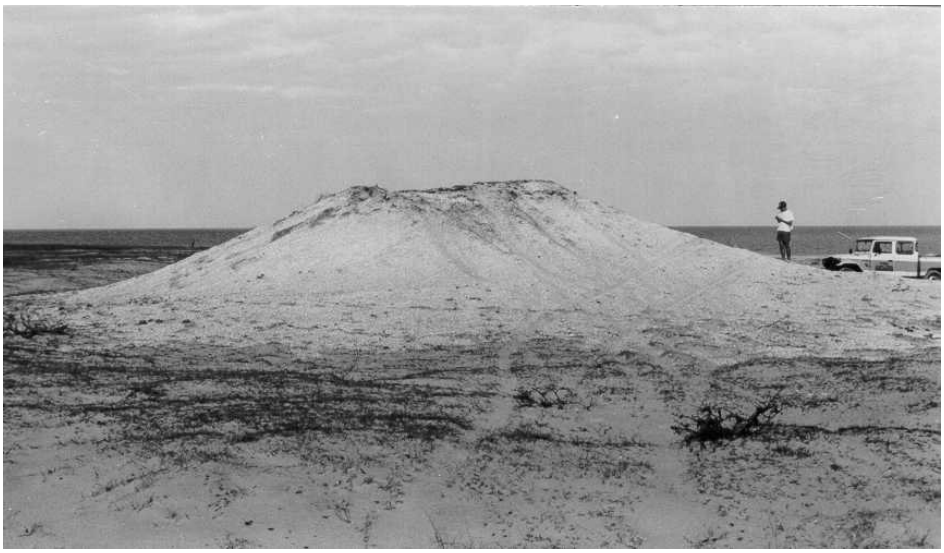


Foto 57. Sambaqui lacustre Campo da Honra "A". Identifica-se na superfície a marca das rodas dos Jeep's que destruíram quase totalmente o monte de conchas (*Erodona mactroides*). Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

Os sítios apresentam escasso material lítico, sempre polido. Possuem um instrumental baseado no osso trabalhado e polido, tais como agulhas, pontas-de-projétil, contas-de-colar, anzóis, fisgas de arpão além de peças de uso desconhecido. Em geral o material lítico, ósseo e cerâmico em "sambaquis" lacustres da planície costeira central é bastante escasso. Distam da Lagoa entre 100 e 400 m.

Foram registrados 03 "sambaquis", formados por valvas de moluscos marinhos. O RS-LC-31: Barranco "A", foi classificado como Tupiguarani e é o último sítio da série Capivaras. Os chamados "sambaquis" marinhos estão localizados em áreas baixas, sobre dunas naturais, com no máximo 3,0 m acima do nível do mar; distam da água entre 0,5 a 2,0 km (ver Foto 09).

O sítio RS-LC-42: Nilton Dutra, na localidade de São Simão, Mostardas, apresenta características de três culturas: na base se assemelha a um "sambaqui" lacustre, na parte mediana tem características de um "cerrito" da tradição Vieira e na superfície tem cerâmica Tupiguarani. Na parte de cima do cerrito, foram encontradas concentrações de carapaças do gastrópode terrestre *Megalobullimus* sp. em lentes com 15,0 x 15,0 cm.

Os sítios Tupiguarani foram descritos com detalhes no decorrer desta dissertação.

A partir das informações sobre as diferentes culturas presentes na área em estudo, é possível distinguir três áreas, com relação à sua ocupação: uma área meridional (Área I), uma central (Área II) e uma setentrional (Área III).

Figura 67. Mapa da Planície Costeira Central indicando a área do núcleo de povoamento (Área II) e as híbridas (Áreas I e III), ocupadas pela tradição Vieira.

Área I

Estende-se na primeira área, mais meridional, um grande ambiente de campos planos e baixos. A vegetação típica nessa área é constituída por gramíneas e pequenos arbustos. Entre as altas dunas que se distribuem nas proximidades do estuário lagunar são encontradas com freqüência concentrações de cerâmica da tradição Vieira em sítios erodidos. Na porção superior desta área predominam as estreitas faixas de terra, sem matas ou banhados, entre o mar e a lagoa, onde predominam os principais centros luso-coloniais: Aldeia Nossa Senhora do Estreito, Estância Real do Bojuru e Forte São Caetano.

Contíguas às mesmas áreas, ao sul, situam-se grandes banhados e macegais que, por vezes, são margeados por cerritos. Na margem oposta do estuário foram identificados inúmeros sítios da tradição

Vieira[188], predominantes naquela região. A região é característica por apresentar estreitas faixas de terra agriculturável e amplas áreas para atividades de pesca.

A primeira ocupação meridional estende-se entre o pontal da Barra do município de São José do Norte, a partir da região do Cocuruto, em um sítio sobre dunas da tradição Vieira, passando pelas localidades de Areias Gordas, Capivaras, Retiro, Passinhos, Estreito até a Vila de Bojuru. Nesta porção de terra, os sítios arqueológicos registrados apresentam invariavelmente contato cultural entre si. As características físicas e ambientais são mistas, a cerâmica e os sítios apresentam características híbridas, mescladas e misturadas. O material lítico pode ser identificado em contextos da tradição Umbu, Vieira e Tupiguarani.

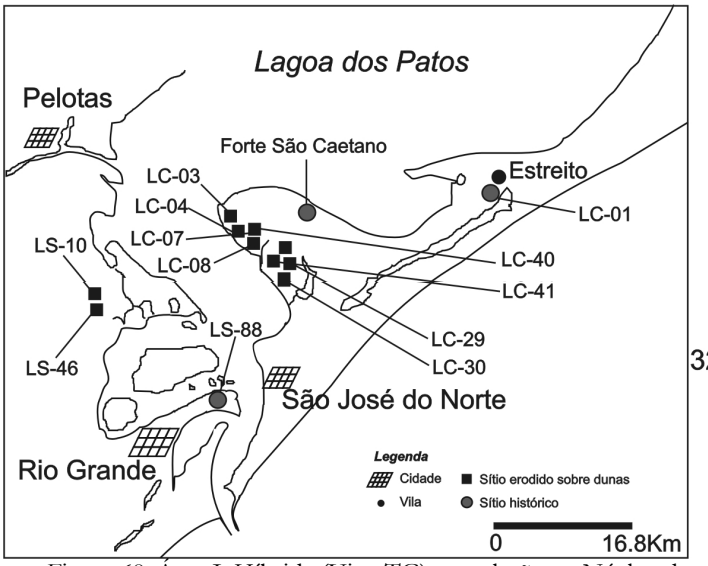


Figura 68. Área I: Híbrida (Vi + TG) em relação ao Núcleo de Povoamento, domínio e controle do estuário.

Os ocupantes da aldeia do Barro Vermelho (RS-LS-46: José Pedro Lagermann) no município de Rio Grande, efetuaram deslocamentos e, provavelmente, atravessaram o canal de Rio Grande – São José do Norte, na direção de Areias Gordas, pois a região é de fácil visualização a partir do Barro Vermelho. Por este motivo as pequenas concentrações de material Tupiguarani estão freqüentemente presentes em sítios da tradição Vieira. Poderia se dizer que a ocupação Tupiguarani da península de Areias Gordas e pontal da Barra se fizeram do sul para o norte.

Área II

A segunda área, mais ao centro da planície costeira central, é referente ao núcleo de povoamento da tradição Tupiguarani. A paisagem é caracterizada pela ausência de banhados e charcos, pouca extensão de campo, e uma mata de restinga que nasce sobre as dunas, nas bordas da Lagoa dos Patos e estende-se até a Lagoa do Peixe onde se torna mais densa. É preferencialmente uma área de escolha da tradição Tupiguarani por existirem estratos de terra fértil para a plantação, expandidas matas de restinga e abundância de água. A Lagoa do Peixe fornecia, através de seu rico bioma, alimentos, áreas de caça, de pesca e coleta. A forma estreita, comprida e alongada da Lagoa do Peixe, semelhante a um rio, auxiliava o transporte dos grupos, especialmente para as áreas de plantio, facilitando a locomoção.

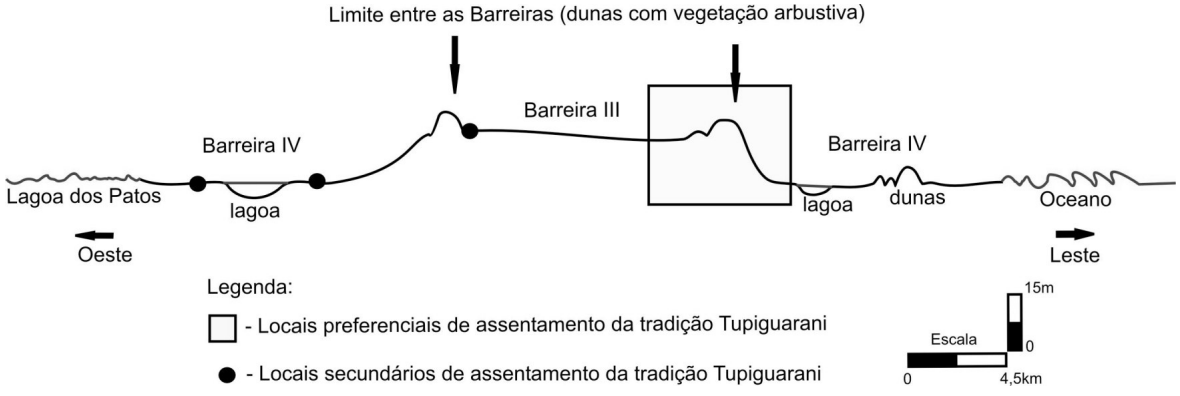


Figura 69. Perfil esquemático da planície costeira central indicando os locais preferenciais da tradição Tupiguarani para estabelecer e fixar assentamento.

[188] SCHMITZ, 1976.

O núcleo de povoamento da tradição Tupiguarani estende-se a partir da Vila de Bojuru, território do município de Tavares até aproximadamente o limite norte do município de Mostardas. Neste território encontraram pouca concorrência étnica e um ambiente que sustentaria núcleos densos de população propiciando, através da horticultura, condições para uma relativa fixação. O grupo étnico portador da tradição Tupiguarani estabelecia relações de territorialidade entre as etnias que ocupavam aquele espaço, realizando periodicamente deslocamentos. Os deslocamentos serviriam para permitir a renovação do ambiente esgotado pelo plantio e pela caça além de renovar os laços com outros grupos da tradição Tupiguarani que ocupavam os arredores do núcleo de povoamento. As reocupações indicam uma exploração sistemática do ambiente, de acordo com a regeneração e épocas do ano, permitindo que outros subgrupos da mesma tradição ocupem e se revezem por lugares privilegiados. A Lagoa do Peixe, mais rasa, é inundada na primavera e verão com larvas de crustáceos e moluscos, bem como peixes de raso e de marés quentes. Os peixes são abundantes facilitando a pesca e captura que pode ser realizada com fisga, rede, armadilha e linha. Os ocupantes do núcleo de povoamento das proximidades da Lagoa do Peixe, observaram o fenômeno, explorando a variedade de peixes que entravam com a salinização da água da lagoa.

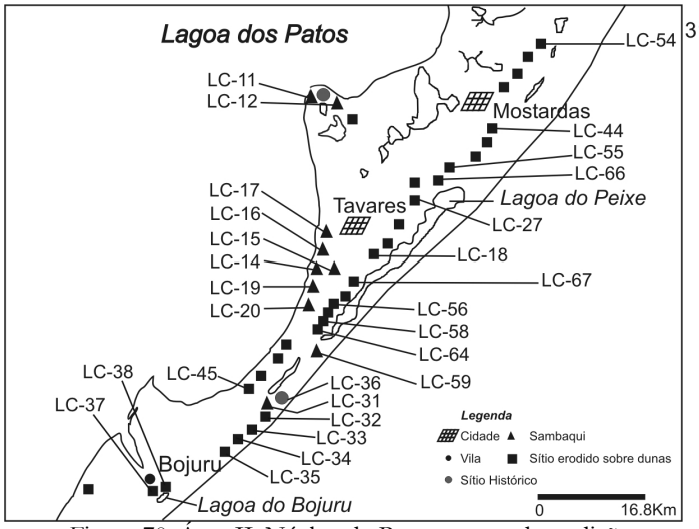


Figura 70. Área II: Núcleo de Povoamento da tradição Tupiguarani

Estando concentrado no ecossistema da Lagoa do Peixe, o núcleo de povoamento da tradição Tupiguarani, sofria pouca concorrência étnica, ao contrário das áreas híbridas I e III, que foram ocupadas preferencialmente pelas tradições que chegaram anteriormente, a Umbu e Vieira. A concentração da tradição Tupiguarani num ambiente propício para a instalação das aldeias provavelmente gerou o abandono dos outros grupos da tradição Vieira[189], incapaz de concorrer com a territorialidade da tradição Tupiguarani. A segunda área foi identificada como um espaço onde proliferaram os sítios isolados, as aldeias e as reocupações da tradição Tupiguarani. Pouco ou quase nenhum elemento significativo da tradição Vieira é associado aos sítios.

Os sítios da região são abundantes em material cerâmico e escassos em material lítico devido à falta de ambientes para captação de recursos nas proximidades. São comuns os afiadores-em-canaleta sobre fragmentos reutilizados de cerâmica e, nas aldeias, aparecem em arenito raramente associados a mós e almofarizes. Houve maior ocorrência de lâminas de machado no interior do núcleo de povoamento. As únicas concentrações com blocos testemunhos, que apresentavam algum resto de alimentação, estavam nas proximidades das aldeias ou nas próprias.

A diversidade ambiental provavelmente proporcionava recursos de diferentes espécies, possibilitando a exploração de dois ou mais ecossistemas.

Área III

A terceira área, mais ao norte da restinga da Lagoa dos Patos, estende-se do limite norte de Mostardas, a partir das localidades de São Simão, Mina e Casca até o município de Palmares do Sul.

O ambiente deste espaço é caracterizado pelo fim das extensas matas de restinga da Área II e começo de intrincados banhados, em cujas bordas foram identificados cerritos da tradição Vieira. Observa-se uma proliferação dos campos abertos cobertos de gramíneas e pequenos arbustos, onde destacam-se os sítios da tradição Umbu, junto a pequenas lagoas.

O sítio Tupiguarani mais setentrional, relacionado a esta área, é o RS-LC-05: Mário Boeira Martins, com significativa quantidade de cerâmica da tradição Vieira. A paisagem é diferente daquela que ocorre no núcleo de povoamento.

O ambiente passa a ser característico daquele preferencial da tradição Vieira, impedindo a ocupação da tradição Tupiguarani nos campos abertos, o que resultou em incursões mal sucedidas nas áreas de banhado, reocupando esporadicamente os cerritos.

[189] MENTZ RIBEIRO & CALIPPO, 2004, p. 38.

Os portadores da tradição Tupiguarani reocuparam o cerrito RS-LC-51: João Emílio V. de Souza, onde foram encontrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani, bem como uma mancha de terra escura nas proximidades. Faltaram os fragmentos de cerâmica híbrida para observar se houve ou não contato.

O maior número de cerritos foi identificado na área III, indicando uma ocupação efetiva daquele território (ver Figura 66). A ocupação das áreas híbridas I e III por grupos da tradição Vieira, juntamente com o ambiente desfavorável para a tradição Tupiguarani, impediu o avanço destes últimos grupos para as extremidades da planície costeira central.

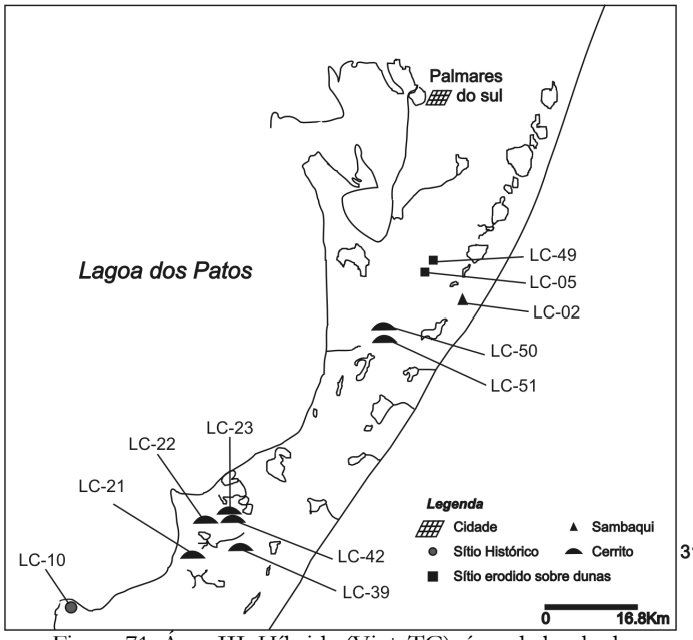


Figura 71. Área III: Híbrida (Vi + TG), área de banhados e "cerritos".

O comportamento de interação cultural foi observado em espaços distintos na porção central da planície litorânea e são mais evidentes na área I e III. As áreas com indícios de interação cultural, que segundo Rogge[190] seriam zonas de fronteira, espaços que proporcionaram a interação cultural entre grupos portadores das tradições cerâmicas Tupi, Vieira e Taquara, na planície costeira central, foram caracterizadas como zonas híbridas ou espaços de formação mestiça. As zonas de fronteira, incluindo os fenômenos observados por Rogge ocorrem com mais freqüência nas extremidades sul e norte do núcleo de povoamento da planície costeira central que está ao redor da Lagoa do Peixe, onde ocorre o maior número de sítios "mistos" ou híbridos. Observou-se também a predisposição à territorialidade dos grupos, povoando espaços com características ambientais distintas, que representam a preferência e escolha do grupo, ocasionando, contudo incursões de ambas as tradições Tupiguarani e Vieira, em áreas contíguas àquelas do núcleo de povoamento.

APÊNDICE - DOS SÍTIOS HISTÓRICOS

Bojuru – São José do Norte

RS-LC-36: Barranco "F"

As coordenadas do sítio RS-LC-36 são 31°35'37,62"S e 51°18'57,14"W e localiza-se na mesma linha de dunas dos sítios anteriores, ou seja, sobre a Barreira III, distante uns 20,0 m a nordeste do sítio RS-LC-31: Barranco "A" e distante 500 m do sítio RS-LC-34: Barranco "D".

Devido à proximidade com o mar, os 06 sítios estão sob a jurisdição da Marinha do Brasil. A lente de ocupação do Barranco "F" apresenta as mesmas características dos anteriores, diferenciando-se apenas por seu material, que é composto por artefatos históricos associados com cerâmica Tupiguarani. Em uma área de 15,0 m de diâmetro encontram-se moedas, louça, balas de chumbo, cartucho de bala e peças de metal de uso desconhecido[191]. Entremeado a este material estão presentes fragmentos de cerâmica Tupiguarani.

Material Arqueológico

Cerâmica Tupiguarani e material histórico.

Em função da proximidade com a concentração "A" foram encontrados 15 fragmentos de cerâmica Tupiguarani, junto com peças de origem européia.

A faiança fina inglesa, *Shell edged*, indica período estendido durante o século XIX. O vidro associado, segundo tipologia e uso do *Lipping tool*, pertence à segunda metade do século XIX. Entre os achados estavam ainda moedas que indicavam o período de 1901 e 1906. Além destes restos estavam na superfície balas de chumbo para fuzil de retrocarga A4, Arcabuz ou Bacamarte, com diâmetro de 1,6 cm, além de cartucho em estanho.

[190] ROGGE, 2004.
[191] MENTZ RIBEIRO, P. A.; GOMES MENESTRINO, E. H. Ficha de Sítio n. 36, Doc. 1 e 2 do Arq. do LEPAN, 1995.

Entre os fragmentos de cerâmica, 02 tinham características de contato pré-colonial, ou seja, decoração Tupiguarani com antiplástico característico da cerâmica Vieira e outros 02 apresentavam elementos Iberoindígenas, tais como queima completa em atmosfera redutora, base aplanada e estrias formando decoração escovada.

Estreito - São José do Norte

RS-LC-01: Aldeia Nossa Senhora da Conceição do Estreito

O sítio RS-LC-01 encontra-se erodido sobre dunas, nas proximidades da Vila do Estreito. Suas coordenadas geográficas são 31°49'42"S e 51°49'51"W. O proprietário das terras é o Sr. Inió Ferreira Jardim, morador da zona rural, que fica a cerca de 35,0 km ao norte de São José do Norte. A antiga Vila de Nossa Senhora da Conceição do Estreito situava-se a menos de 300 m da atual vila e a 650 m da BR-101.

O sítio é caracterizado por manchas de terra escura com 5,0 m de diâmetro, nas lentes de ocupação, com a altura de 1,60 m acima do terreno circundante. Sobre elas estão dispostos, em superfície, cacos relativamente pequenos de cerâmica (Tupiguarani e Iberoindígena; cerâmica colonial vidrada (sem vidrado, vidrado interno, externo e em ambas as faces); louças (faiança portuguesa, faiança fina inglesa, *salt glazed*); metais (cravos, tampa de lampião, moeda e placas identificadoras); ossos (bovino, suíno e peixes); vidros (de vidraça e remédio); pedras (seixos, amolador em arenito) e conchas (*Adellomelon sp.* e *Megalobulimus sp*). Em profundidade a camada de ocupação chegou a 0,40 m de espessura. Parte da antiga vila serve hoje ao cultivo de cebola e outra parte está coberta por gramíneas. Conforme foi levantado por Mentz Ribeiro em 1996, a área de cultivo seria o local das residências e da praça e na parte gramada estaria a igreja, de acordo com a tradição local[192] e o que foi encontrado nas pesquisas arqueológicas.

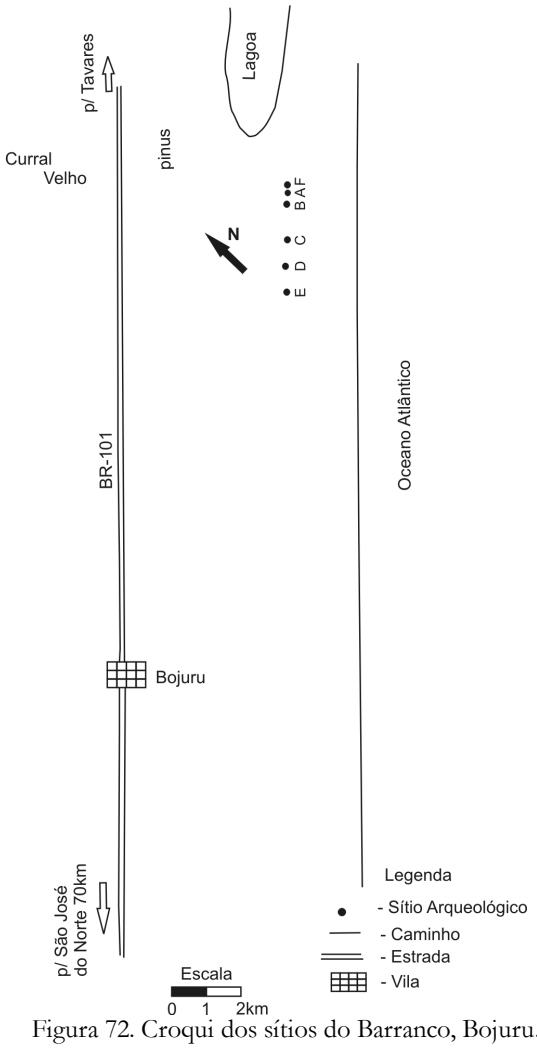


Figura 72. Croqui dos sítios do Barranco, Bojuru.

Foto 58. Vista do barranco onde estão as casas da aldeia Nossa Senhora da Conceição do Estreito, São José do Norte. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

[192] MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; GOMES MENETRINO, Eunice Helena. Ficha de Sítio número 1, Doc. 2. Arq. LEPAN– FURG, 1996.

Foram registrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani em profundidade e em superfície. As concentrações foram separadas em setores leste (A1, A2), sul (C), norte (E, F), oeste (D), sudeste (B) e nordeste (G). Na concentração "G" foi realizado um corte (Teste A) de 3,0 (norte-sul) x 1,5 m, escavado em níveis artificiais de 10 cm, alcançando a profundidade de 0,40 m. A partir dos 0,36 m de profundidade, começou a aparecer o material histórico, com alguns fragmentos de cerâmica Tupiguarani. Os tijolos estavam associados aos fragmentos de telha e argamassa e, próximos a eles, encontravam-se fragmentos de vidro do século XVIII. No sedimento que foi peneirado (em malha de 0,3 cm) apareceram fragmentos de metal (cravo), material lítico (fragmentos de pedra de pederneira em calcedônia), fragmentos de telha e de tijolos e carvão.

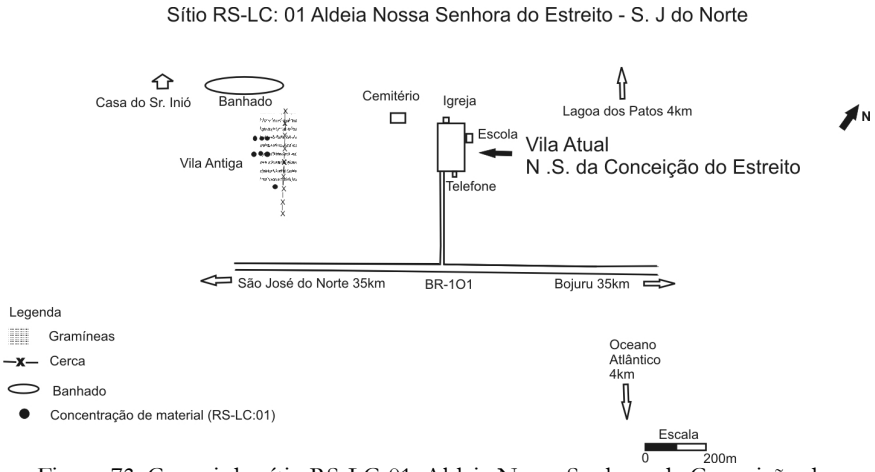


Figura 73. Croqui do sítio RS-LC-01: Aldeia Nossa Senhora da Conceição do Estreito.

Os fatores causadores de erosão mais comuns são o cultivo e a chuva.

Nos documentos históricos, particularmente os relatórios paroquiais da Diocese de Rio Grande, há indicações de que naquele local teriam sido aldeados e batizados índios Tape[193].

Material Arqueológico

O material que será descrito a seguir é proveniente da escavação do Teste "A", feito na concentração "G":

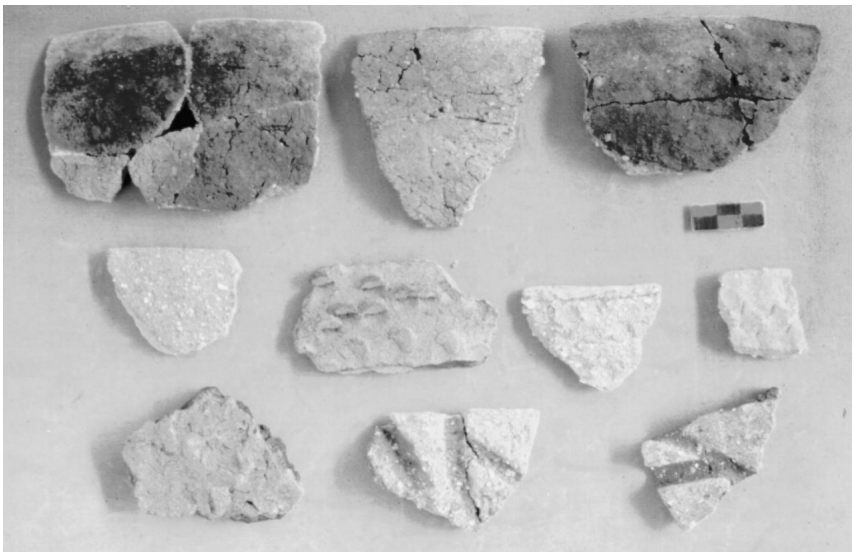


Foto 59. Fragmentos de cerâmica Tupiguarani, casa "G", teste "A".
Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1997.

Nível 0-10

Cerâmica: foram registrados 27 fragmentos de tijolos, com queima incompleta e antiplástico granuloso, 08 fragmentos de telha, tipo capa-canal ou meia-cana, com queima também incompleta. Entre os fragmentos de recipientes foram registrados 04 fragmentos de cerâmica colonial vidrada externa, com queima completa e espessura da parede de 0,6 cm e 01 fragmento de *salt-glazed*. Apareceram 08 fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani, 03 com decoração corrugada, 01 simples e 02 pintados externamente. E, ainda, um fragmento de cerâmica Iberoindígena, associado com faiança fina.

[193] NEIS, 1975.

Vidro: foram encontrados 24 fragmentos, entre eles os de colorações verde, preto e âmbar. O gargalo e o fundo das garrafas condizem com aquelas típicas do final do século XVIII.

Metal: além de um fragmento de cobre, apareceram cravos associados a um pedaço de madeira, fragmentado em 04 partes.

Lítico: entre o material lítico foram encontrados 03 fragmentos de pequenas placas de arenito e 08 fragmentos de óxido de ferro (matéria corante?).

Orgânico: 01 osso e 04 dentes de animais, provavelmente bovinos.

Nível 10-20

Cerâmica: entre os fragmentos de cerâmica ocorreram 04 fragmentos de tijolos, com queima incompleta, 02 fragmentos de telha capa-canal, 04 fragmentos de cerâmica colonial vidrada interna e 02 fragmentos de cerâmica Tupiguarani com a decoração simples. Apenas 06 fragmentos de louça histórica apareceram neste nível.

Vidro: 22 fragmentos, com as mesmas características daqueles encontrados no nível anterior.

Metal: 01 crucifixo fragmentado, 02 fragmentos de ferro, um deles pertencente a um cravo e o outro não foi possível identificar.

Lítico: 05 fragmentos em arenito, associados a 23 fragmentos de matéria corante, aparentemente sem uso humano.

Foto 60. Aspecto das escavações: casa "G", teste "A", nível 0-10 cm.Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

Figura 74. Planta baixa da distribuição do material arqueológico no sítio RS-LC-01, concentração "G", Nível 10-20 cm.

Nível 20-30

Cerâmica: 06 fragmentos, sendo 01 fragmento de telha, 01 de tijolo, 02 fragmentos de louça e 01 fragmento de cerâmica colonial vidrada interna e 01 de cerâmica Tupiguarani simples.

Metal: 01 fragmento de ferro.

Lítico: 13 fragmentos, sendo 03 de arenito e 10 de matéria corante.

Orgânico: 11 fragmentos de ossos de animais. Neste nível registrou-se, também, um fragmento de carvão e uma concha de bivalve.

Nível 30-40

Cerâmica: entre os fragmentos estava 01 fragmento de telha, 01 de louça e 02 de cerâmica colonial vidrada interna e externa.

Lítico: 10 fragmentos de arenito e 36 fragmentos de óxido de ferro.

Deste nível foi possível recolher também 02 cravos e 04 fragmentos de carvão.

Nível 40-50

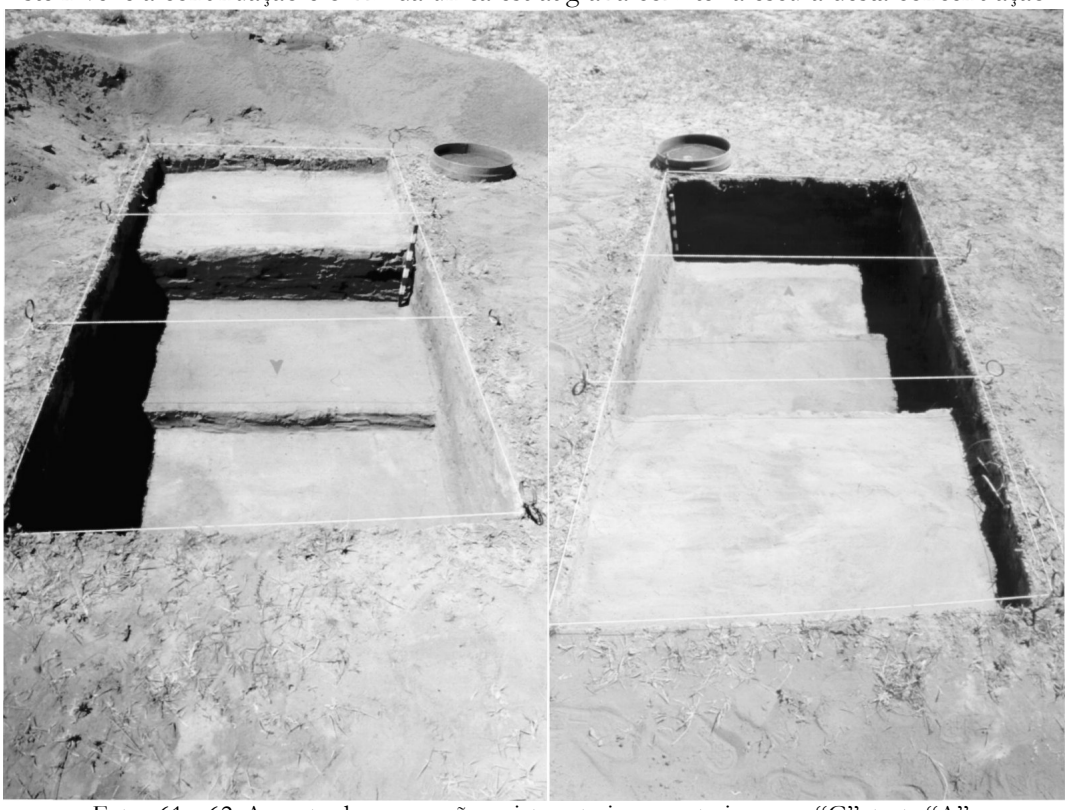
Cerâmica: 01 fragmento de telha.

Vidro: 02 fragmentos.

Lítico: 03 fragmentos de óxido de ferro.

Orgânico: 01 dente faringiano de peixe.

Este nível é a continuação e o fim da única estratigrafia com terra escura desta concentração



Fotos 61 e 62. Aspecto das escavações, vista anterior e posterior: casa "G", teste "A", nível 40-50 cm. Fotos: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

O material arqueológico recuperado, mesmo escavado em contexto, representa uma mistura de diversos períodos e origens, isto é, tempos diferentes e origens diferentes que podem estar juntos ao mesmo tempo no local. O material misturado é o resultado de três séculos de ocupação sucessiva da aldeia e posteriormente da vila do Estreito.

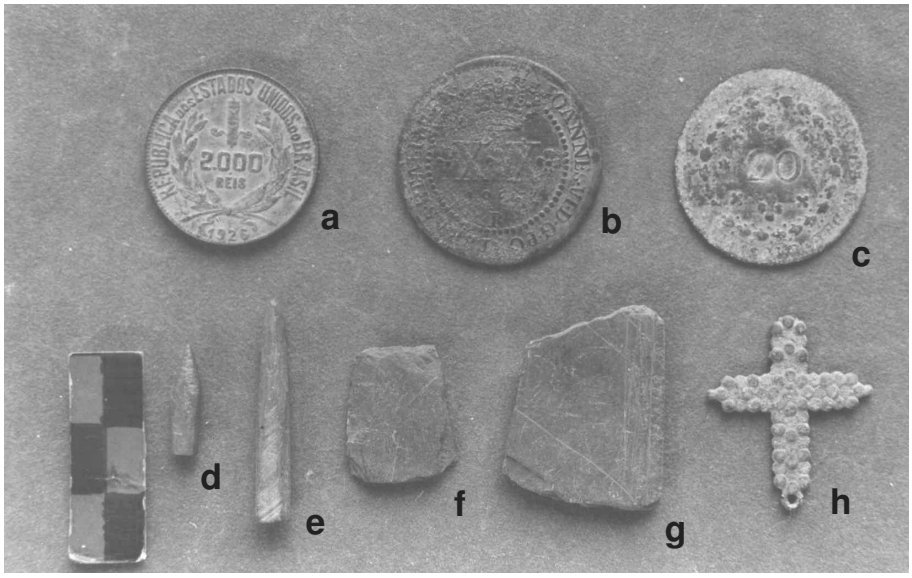


Foto 63. Aldeia Nossa Senhora da Conceição do Estreito: moedas (a – c), ponteiras escreventes em ardósia (d, e), lousa (f, g) e crucifixo (h). Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

Associado a este material ocorreram 09 fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani, que apresentavam características típicas, como a decoração corrugada e a queima incompleta. Outros fragmentos cerâmicos encontrados estão relacionados à tradição Iberoindígena, pois apresentavam uma ou mais características da cerâmica européia misturada aos elementos de tradição indígena.

Através dos dados levantados, pode-se dizer que se trataria inicialmente da Aldeia de Nossa Senhora da Conceição do Estreito, posteriormente vila e ocupada até hoje. O material está misturado e mostra ocupação constante em diferentes períodos.

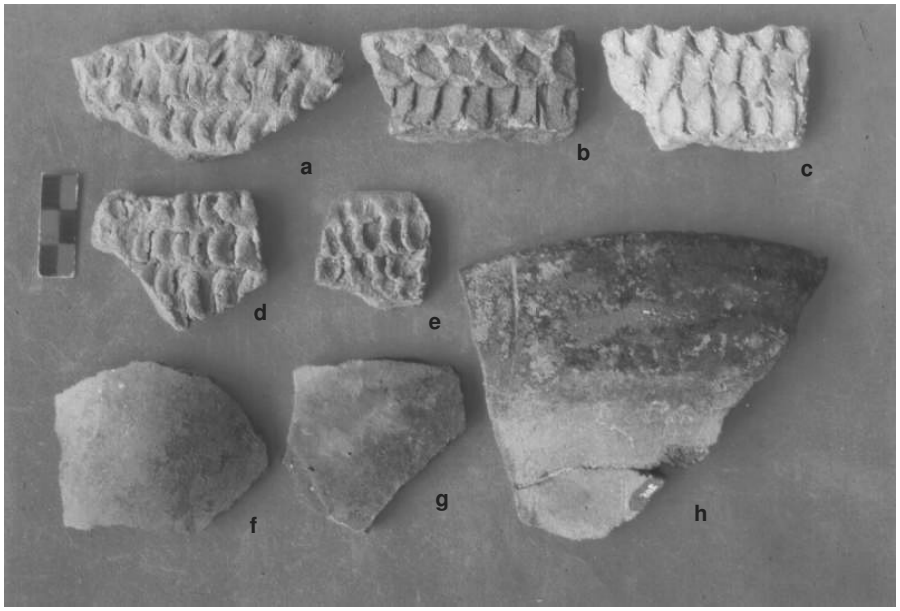


Foto 64. Fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani, aldeia Nossa Senhora da Conceição do Estreito, São José do Norte: corrugada-ungulada (a – c), corrugada (d, e) e simples (f – h). Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

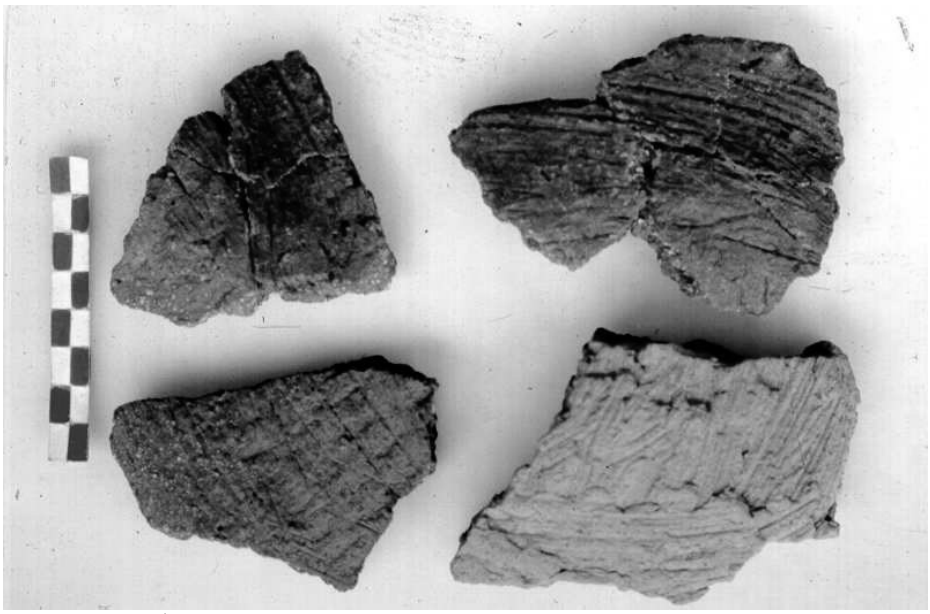


Foto 65. Fragmentos de cerâmica da tradição Iberoindígena, aldeia Nossa Senhora da Conceição do Estreito. Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1997.

A comparação entre dois sítios históricos: aldeia Nossa Senhora da Conceição do Estreito e a redução jesuítica de Jesus, Maria em Candelária, indicam uma diferença de, no mínimo, um século entre as peças de origem européia. Contudo, a cerâmica da tradição Tupiguarani exibe alguns aspectos semelhantes entre os sítios, são eles a predominância da cerâmica escovada, bases relativamente planas, mudança nas técnicas de confecção e cocção, além da mínima presença de fragmentos pintados. Também apareceram aqueles fragmentos de transição entre a tradição Tupiguarani e Neobrasileira[194]. Observou-se também a presença do vidro, metal e louça e a ausência do lítico lascado e polido. As peças históricas diferenciam-se no marco temporal, os fragmentos da tradição Tupiguarani se mantém semelhantes, porém a quantidade relativa de material observado da redução é maior e mais significativa, ao contrário da aldeia.

História da Aldeia Nossa Senhora da Conceição do Estreito

Segundo Torres[195] "a criação do aldeamento motivou-se na necessidade em disciplinar a presença de indígenas nas proximidades da Vila do Rio Grande de São Pedro, presença que causava apreensão aos moradores."[196] Denominada inicialmente de Nossa Senhora das Cadeias, a aldeia foi edificada em 1753 e dirigida pelos sacerdotes jesuítas Caetano Dias, Bernardo Lopes da Silva e Francisco Bernardes para fornecer assistência espiritual e abrigar índios Tape[197], provindos das missões jesuíticas do Prata, localizando-se a 35,0 km do município de São José do Norte.

Foto 66. Vista do barranco onde estão as casas da aldeia Nossa Senhora da Conceição do Estreito, São José do Norte.
Foto: Pedro Augusto Mentz Ribeiro, 1996.

O aldeamento exerceu atividades de reunião de índios por aproximadamente dez anos, sendo transformado em Vila do Estreito no ano de 1763, pelas políticas pombalinas.

[194] MENTZ RIBEIRO, *et al.*, 1976.
[195] TORRES, 2000.
[196] TORRES, 2000, p. 45.
[197] NEIS, 1975, p. 128.

A aldeia Nossa Senhora da Conceição do Estreito "[...] dos índios Tape, funcionou 10 anos. O Pe. Francisco Bernardes em 1758 foi transferido para Rio Pardo, onde chegou aos 6 de junho, para cuidar dos índios Guarani fugidos das missões."[198] Com a expulsão dos jesuítas de Portugal e das resoluções da política indígena colonial, somando-se ao fato do comprometimento da aldeia em tornar-se Vila, dá-se em 1763, com a invasão espanhola, a incorporação das terras para aproveitamento do aparelho de Estado português. Neste período reuniram-se baterias militares portuguesas, sendo a principal delas o forte São Caetano, nas barrancas do Estreito, em 1764, com o objetivo de combater os espanhóis. Os elementos militares, civis e religiosos agruparam-se no Estreito formando um forte centro de colonização portuguesa.

O século XIX foi marcado pelo desenrolar e efetivação da ocupação lusa. A freguesia do Estreito foi visitada, nas primeiras décadas no século XIX, pelos viajantes John Luccock, August Saint-Hilaire e Nicolau Dreys[199]. Os viajantes observaram vários aspectos da paisagem e da cultura popular, maneiras de plantio e a batalha interminável contra a areia. Descreveram as situações de pesca na Lagoa dos Patos e do Peixe, além dos tipos de alimentação e as bebidas mais populares. Segundo os informantes a economia era basicamente agropecuária, com algumas produções incipientes de pomares, hortas, granjas e chiqueiros. O período oitocentista é representado pela ausência de ação política do Estado, aparentando certo esquecimento da vila, pelas constantes tempestades de areia que ocasionaram a mudança da vila para outros locais por três vezes e pela dependência do transporte de gado para o norte, no entreposto da antiga vacaria.

Agradecimentos: agradeço de coração ao meu pai Oilsomar Wailla Pestana e minha mãe Mariza Borges Pestana; meu orientador Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz; meu eterno mestre Prof. Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro que permitiu o uso das fotos, dos desenhos e da seriação; à Profa. Dra. Betty J. Meggers pela revisão da seqüência seriada; ao Prof. Dr. Ondemar Fereira Dias Jr pelas valiosas críticas e sugestões necessárias que foram usadas criteriosamente na maior parte do trabalho; meus amigos Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge e Ms. André Osório Rosa; aos irmãos de sangue e amizade Marcos Luiz Borges Pestana, Vinícios Mendes Ruas e Osvaldo André de Oliveira. Agradeço também a paciência e o amor da minha companheira Camila Sandrin e o amor da minha avó Venina Godinho Borges.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Marcos. Subsídios ao estudo arqueológico dos primeiros contatos entre os portugueses e os indígenas da Tradição Tupiguarani no Nordeste do Brasil. In: *Clio, Revista do Curso do Curso de Pós-Graduação em História.* n. 5, Recife: UFPE, 1982. pp. 105-116.

BROCHADO, José J. J. P. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. In: *Clio n. 3,* Universidade Federal de Pernambuco, 1980. pp. 47-60.

CALIPPO, Flávio Ricci. Análise da ocorrência de otólitos de bagres da Família Ariidae (Teleostei), *Micropogoanias furnieri* e *Pogonias cromis* (Teleostei: Sciaenidae) em sítios arqueológicos da restinga da Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil. Rio Grande: FURG - Curso de Oceanologia, 2000. (Trabalho de Conclusão de Curso).

DELANEY, Patrick J. V. *Fisionomia e Geologia de Superfície da Planície Costeira do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul, 1965. 105 pg.

FERRARI, Jussara L. Sítios arqueológicos costeiros, litoral norte do RS, Brasil. In: *Boletim do Marsul*, Taquara, 1985. pp. 86-90.

FERREIRA COSTA, Érico Brasil. *Assentamentos dos Grupos Tupiguarani e Vieira no Sudeste do Rio Grande do Sul: Santa Vitória do Palmar, Rio Grande e Camaquã.* São Leopoldo, IAP/UNISINOS, 1997. 291 pg. (Dissertação de Mestrado).

FOLEY, Robert. Space and energy: a method for analyzing habitat value and utilization in relation to archaeological sites. In: CLARK, David. *Spatial Archaeology.* London: Academic Press Inc., 1977. pp. 163-186.

FORD, James A. *Método cuantitativo para establecer cronologías culturales.* Washington: Unión Panamericana, 1962. 122 pg.

HAIMOVICI, Manuel; MENDONÇA, Jocemar T. Descarte da fauna acompanhante na pesca de arrasto de tangones dirigida a linguados e camarões na Plataforma Continental do Sul do Brasil. In: *Atlântica.* Rio Grande: Editora da FURG, v. 18, 1996. pp. 161-176.

HEIZER, R. F. & GRAHAM, J. A. *A guide to field methods in Archaeology.* California: The National Press, 1968.

KERN, Arno Alvarez. Escavações em sambaquis do Rio Grande do Sul. In: *Estudos Leopoldenses.* n. 15. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1970.

KLAMT, Sérgio Célio. *Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da tradição ceramista Tupiguarani.* Porto Alegre: PUCRS, 2004. 267 pg. (Tese de Doutorado).

MABESOONE, Jannes Markus. *Sedimentologia.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1983. 475 pg.

[198] NEIS, 1975, p. 129.
[199] TORRES, 2000, p. 48-49.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. *Manual de Introdução a Arqueologia*. Porto Alegre: Sulina, 1977. 63 pg.

MENTZ RIBEIRO, P. A. *O Tupiguarani no vale do rio Pardo e a Redução de Jesuítica de Jesus Maria*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1981. 225 pg. (Dissertação de Mestrado).

MENTZ RIBEIRO, P. A. Levantamentos Arqueológicos no Médio e Alto Jacuí, RS, Brasil. In: *Biblos* n. 8, Rio Grande: Editora da FURG, 1996. pp. 9-42.

MENTZ RIBEIRO. P. A. Arqueologia da Região de Rio Grande, RS. In: MENTZ RIBEIRO, P. A. & IAHNKE NUNES, C. O. Escritos sobre Arqueologia. *Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense*. Rio Grande: Editora da FURG, 2001. pp. 11-22.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Sítios arqueológicos do Saco da Mangueira, Rio Grande, RS. In: MENTZ RIBEIRO, P. A. & IAHNKE NUNES, C. O. Escritos sobre Arqueologia. *Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense*. Rio Grande: Editora da FURG, 2001. pp. 23-31.

MENTZ RIBEIRO, P. A. *A ocupação da planície costeira central do Rio Grande do Sul por fases da Tradição Tupiguarani*. Rio Grande: manuscrito não publicado, 2002. 16 pg.

MENTZ RIBEIRO, P. A. Metodologia da Pesquisa Arqueológica. In: MENTZ RIBEIRO, P. A. *Arqueologia na cidade do Rio Grande*. Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense, n. 26, Rio Grande: Editora da FURG, 2004. pp. 7-44.

MENTZ RIBEIRO, Pedro A.; MARTIN, Hardy E.; STEINHAUS, Roberto; HEUSER, Lothar; BAUMHARDT, Gastão. A redução Jesuítica de Jesus, Maria, Candelária, Rio Grande do Sul – Nota Prévia. In: *Revista do CEPA*, n. 4, Santa Cruz do Sul: Museu do Colégio Mauá, 1976. pp. 1-60.

MENTZ RIBEIRO, Pedro A.; RIBEIRO, Catharina T. & SILVEIRA Ítela. Arqueologia e História da aldeia de São Nicolau do Rio Pardo, RS, Brasil. Santa Cruz do Sul: Gráfica Universitária da APESC, n. 18, 1988. pp. 5-92.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto & VANZ, Argeu. Sobre uma ponta-de-projétil no Litoral Sul do Rio Grande do Sul. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). *Rio Grande do Sul: história, historiografia e memória*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. pp. 47-55.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; CALIPPO, Flávio Ricci. Arqueologia e História Pré-Colonial. In: TAGLIANI, Paulo Roberto; MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; TORRES, Luiz Henrique; ALVES, Francisco das Neves. *Arqueologia, História e Socioeconomia da Restinga da Lagoa dos Patos: Uma contribuição para o conhecimento e manejo da reserva da biosfera*. Rio Grande: Editora da FURG, 2000. pp. 13-40.

MILLER, Eurico T. Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul. In: *Publicações avulsas Museu Paraense Emílio Goeldi*. Resultados Preliminares II ano, 1965-66, Belém: PRONAPA, n. 6, 1967. pp. 15-38.

MORAES, Daniela; MONDIN, Cláudio A. Florística e Fitossociologia do estrato arbóreo em mata arenosa no Balneário do Quintão, Palmares do Sul, Rio Grande do Sul. In: *Revista Pesquisas – Botânica* n° 51 São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2001. pp. 87-100.

MORETTO, Fabiane; MONDIN, Cláudio A. Levantamento quali-quantitativo do componente lenhoso do sub-bosque de uma mata arenosa de restinga no Balneário Quintão, Palmares do Sul, Rio Grande do Sul. In: *Revista Pesquisas – Botânica*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2002. pp. 111-123.

NAUE, Guilherme. Dados sobre o estudo de cerritos da área meridional da Lagoa dos Patos, Rio Grande, RS. In: *Veritas*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do RS, n. 71-73, 1973. pp. 1-24.

NAUE, Guilherme, SCHMITZ, Pedro Ignácio & BASILE BECKER, Ítala Irene. *Sítios arqueológicos no município de Rio Grande*. In: *Pesquisas-Antropologia* n. 18, Anais do II Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1968. pp. 141-152.

NAUE, Guilherme, SCHMITZ, Pedro Ignácio, VALENTE, Wander, BASILE BECKER, Ítala Irene, LA SALVIA, Fernando & SCHORR, Maria Helena Abraão. Novas perspectivas sobre a arqueologia de Rio Grande, RS. In: *O homem antigo na América*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Pré-história, 1971. pp. 91-122.

NEIS, Ruben. A aldeia de Nossa Senhora da Conceição do Estreito. In: *O Índio no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Comissão Executiva de Homenagem ao Índio, 1975. pp. 125-130.

NIMER, E. Clima. In: IBGE – *Geografia do Brasil, Região Sul*. Rio de Janeiro: SERGRAF/IBGE, 1977. pp. 35-79.

NOELLI, Francisco Silva. *Sem tekohá não há tekó. Em busca de uma Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação à uma área de domínio do delta do Jacuí-RS*. Porto Alegre: PUCRS, 1993. 488 pg. (Dissertação de Mestrado).

PAIM, Paulo S.; LONG, Thierry; ASMUS, Haroldo E. Aspectos Geológicos e Geomorfológicos da Região Estuarina da Lagoa dos Patos. In: *Anais do 1° Congresso da Associação Brasileira de Estudos sobre o Quaternário – ABEQUA*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1987. pp. 249-261.

PEREIRA, Luiz E. RAMOS, Lisiane A.; PONTES, Selma X. Lista comentada dos peixes e crustáceos decápodos do estuário do Arroio Chuí e região costeira adjacente. In: *Atlântica*. Rio Grande: Editora da FURG, v. 20, 1998. pp. 165-172.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UNB, 1992. 605 pg.

RAMBO, Balduíno. *A fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de monografia natural*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1956. 456 pg.

RENFREW, Colin & BAHN, Paul. *Archaeology: theories, methods and practice*. New York: Thames and Hudson, 1991. 543 pg.

ROGGE, Jairo H. Adaptação na Floresta Tropical: a Tradição Tupiguarani no Médio Jacuí e no Rio Pardo. In: *Documentos 6*. São Leopoldo: IAP. 1996. 164 pg.

ROGGE, Jairo Henrique. *Fenômenos de Fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: UNISINOS, 2004. 241 pg. (Tese de Doutorado).

ROGGE, Jairo H. Fenômenos de Fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. In: *Pesquisas Antropologia*, n. 62, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2005. 124 pg.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. *Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1976. 231 pg. (Tese de Livre Docência).

SCHMITZ, P. I. "Territórios de Domínio" em Grupos Tupiguarani: considerações sobre o Médio e Alto Jacuí, RS. In: *Boletim do Marsul*, n. 3, Taquara: Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, 1985. pp. 45-52.

SCHMITZ, P. I. Migrantes da Amazônia: a tradição Tupiguarani. In: KERN, Arno (Org.) *Pré-História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. pp. 295-230.

SCHMITZ, P. I. A ocupação pré-histórica do litoral meridional do Brasil. *Pesquisas Antropologia*. n. 63. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2006. 364 pg.

SCHMITZ, Pedro Ignácio & BASILE BECKER, Ítala Irene. Aterros em áreas alagadiças do sudeste do Rio Grande do Sul e nordeste do Uruguai. In: *Anais do Museu de Antropologia,* Universidade Federal de Santa Catarina, n. 3, 1970.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. ARTUSI, L. JACOBUS, A. L. GAZZANEO, M. ROGGE, J. MARTIN, H. E. BAUMHARDT, G. Uma aldeia Tupiguarani: projeto Candelária, RS. In: Arqueologia do Rio Grande do Sul, *Documento 04*, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1990. 135 pg.

SCHMITZ, Pedro Ignácio, NAUE, Guilherme & BASILE BECKER, Ítala Irene. Os aterros dos campos do sul: a tradição Vieira. In: KERN, Arno (Org.) *Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1991. pp. 221-250

SCHMITZ, Pedro Ignácio. GIRELLI, Maribel; ROSA, André Osório. Pesquisas Arqueológicas em Santa Vitória do Palmar, RS. In: *Documento 07 – Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS, 1997. 95 pg.

SCHMITZ, Pedro I.; ROGGE, Jairo H.; ARNT, Fúlvio V. Sítios Arqueológicos do Médio Jacuí, RS. In: *Documentos 08*, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2000. 238 pg.

SCHWANEBEGER. *Farben Führer*. 23 auflace, Guide Colour, München, 12, 1963.

SEMINÁRIO DE ENSINO E PESQUISAS EM SÍTIOS CERÂMICOS: Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Manuais de Arqueologia* 1 e 2. Curitiba: CEPA, 1966. 22 pg.

SEMINÁRIO DE ENSINO E PESQUISAS EM SÍTIOS CERÂMICOS: Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cadernos de Arqueologia*. Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, UFPR, n. 1, 1976. pp. 119-148.

TOMAZELLI, Luiz J.; VILWOCK, Jorge A.; LOSS, Eloy L.; DEHNHARDT, Ely A. Aspectos da Geomorfologia costeira da região de Osório-Tramandaí, Rio Grande do Sul. In: *Anais do 1° Congresso da Associação Brasileira de Estudos sobre o Quaternário – ABEQUA*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1987, pp. 133-139.

TORRES, Luiz Henrique. Da colônia ao império: um panorama histórico da região. In: TAGLIANI, Paulo Roberto; MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; TORRES, Luiz Henrique; ALVES, Francisco das. *Arqueologia, História e socioeconomia da Restinga da Lagoa dos Patos – Uma contribuição para o conhecimento e manejo da reserva da biosfera*. Rio Grande; Editora da FURG, 2000. pp. 41-63.

WAECHTER, Jorge Luiz. Comunidades vegetais das restingas do Rio Grande do Sul. In: *Simpósio de ecossistemas da costa sul e sudeste brasileira*, n. 2, Águas de Lindóia, Estrutura, Função e Manejo. São Paulo: ACIESP, v. 3, 1990. pp. 228-248.

WAGNER, Gustavo Peretti. *Ceramistas Pré-coloniais do Litoral Norte*. Porto Alegre: PUCRS, 2004. 320 pg. (Dissertação de Mestrado).

WILLEY, Gordon R.; PHILLIPS, Philip. *Method and Theory in American Archaeology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1958. 269 pg.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo